MAINA MATTOS



Amor Real

DESPERTAR

Amor Real

MAINA MATTOS

LIVRO 1
– DESPERTAR –

REVISÃO:
Clys Oliveira

DIAGRAMAÇÃO:
Clys Oliveira e Lilás Design

DESIGN DA CAPA:
Lilás Design

IMAGEM DA CAPA:
Esta capa foi projetada usando recursos da Freepik.com

CATEGORIA:
Ficção cristã

1ª EDIÇÃO:
maio 2019

Copyright © 2019 por
Ivina Rosana M. C. Maiolo

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por quaisquer meios sem permissão por escrito dos editores, salvo em breves citações, com indicação da fonte.

M444a MATTOS, Maina

Amor Real Despertar/ Maina Mattos – Caeté, 2019.
Esta é uma obra independente.
365 p. - 1. ed
1. Romance – Brasil 2. Literatura Brasileira
1. Título

Índice para catálogo sistemático:

1. Romance – Brasil CDD869.3
2. Literatura Brasileira CDDB869.34



COLETÂNEA AMOR E FÉ

A Coletânea Amor & Fé nasceu quando, no coração de três amigas autoras, cresceu a vontade de levar para mais e mais pessoas uma mensagem do amor de Deus. Com o passar do tempo, mais duas autoras agregaram positivamente no crescimento do projeto.

A primeira edição da Coletânea é composta por cinco romances cristãos, que vão além da ambientação de igrejas ou definição de religião. As histórias retratam mais que rotinas e costumes, mostram o agir de Deus na vida dos personagens, que da mesma forma acontece na vida real.

Com abordagens de temas diversos, mas com um único foco, o objetivo da coletânea é disseminar, para os mais diversos públicos leitores, mensagens de amor e fé que possam engrandecer, de alguma forma, suas vidas.

À todas as solteiras esperando no Senhor;

Às minhas futuras noras, por quem eu já oro e espero que sejam mulheres virtuosas, caso o casamento seja a vontade de Deus para meus filhos;

E ao meu marido Francisco, que me considera a melhor escritora do mundo, mesmo sem nunca ter lido um livro meu.

“Eu sei, ó Senhor,
que não cabe ao homem determinar o seu caminho,
nem ao que caminha o dirigir os seus passos”.
Jeremias 10:23

“Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor,
estes três, mas o maior destes é o amor.”
1 Coríntios 13:13

Nota da autora

A publicação deste livro, mesmo que de maneira independente, é um marco importante na minha trajetória no mundo da escrita, que não se pode considerar muito longa até este momento. Apesar disso, consegui conquistar um número razoável de leitores que vêm acompanhando meu trabalho e crescimento na plataforma Wattpad. Esta nota inicial é voltada, portanto, em especial para os leitores que estão tendo o primeiro contato com alguma obra minha.

De fato, existem alguns pontos que faço questão de deixar bastante claro antes que a leitura do livro seja iniciada. Em primeiro lugar, quero deixar você, leitor, ciente de que esta é uma obra com conceitos conservadores e cristãos, trazendo em seu cerne aquilo em que creio. Outro ponto que preciso deixar bem salientado a todos é que este livro é uma ficção, ou seja, os personagens, locais e acontecimentos são fictícios, de criação puramente minha.

Tenho em minha escrita muitas características que são compatíveis com as obras do período Romancista, sobressaindo-se o idealismo, ou seja, escrevo de acordo com as ideias e ideais que me inspiram, no que acredito ser o mais certo, o melhor para a humanidade. Em outras palavras, eu escrevi aquilo que eu desejo que existisse: todos com seus finais felizes, uma sociedade bastante aceitável e o desejo da existência de cristãos em busca de responder ao chamado de Cristo na Cruz. Por esse motivo, o mundo retratado em meu livro é utópico, a começar por Cibele, o país fictício onde todo o enredo se desenvolve.

Entretanto, isso não significa que se trata de uma história vazia, pelo contrário, há uma mensagem significativa e relevante que permeia todos os livros.

Isso nos leva a mais uma informação importante: a história que você está prestes a iniciar, foi dividida em três partes, ou seja, em três livros. Este é o primeiro deles, no qual apresentarei o espaço e tempo em que se desenvolve o enredo, bem como os personagens principais, que atuarão em todos os livros. Introduzirei, também neste livro, a trama que se desenvolverá no decorrer dos demais volumes.

Jane Austen é uma das minhas autoras preferidas e uma das minhas maiores inspirações, principalmente pela maneira como ela abordava, em seus livros, o romance entre um homem e uma mulher. Uma das características da grande autora com a qual me identifico, é o fato de suas heroínas possuírem um final feliz no amor, mesmo tendo que passar por muitas dificuldades antes. A descrição que Jane Austen faz do amor, que vai muito além da atração física, também me encanta sobremaneira e me inspira a seguir adiante, ciente de que é, sim, possível escrever um romance cujos sentimentos são explorados de modo alheio a beijos e contatos físicos.

Eu não sou uma autora que busca versatilidade, pois minhas obras são direcionadas. Há uma convicção pela qual vivo, e escrevo por trás de meus personagens, tendo em mente, é claro, que outras pessoas têm experiências diferentes da minha. Todavia, como já mencionei anteriormente, minhas obras tratam de ficção, e não devem, de maneira nenhuma, serem encaradas como fórmula, principalmente por levar-se em consideração as peculiaridades de cada personalidade e a individualidade das pessoas.

"Como posso falar de alguns beijos imprudentes para uma geração que cresceu sendo ensinada que quase todo mundo vai pra cama com todo mundo? Daqueles que vagueiam no mar da permissividade e dos excessos, será que existe alguém que ainda olhe para o céu em busca do farol da pureza? Se eu não acreditasse que existe alguém assim, sequer me importaria em escrever." — Elisabeth Elliot

"Se o seu objetivo é a pureza de coração, esteja preparado para ser visto como alguém muito estranho." — Elisabeth Elliot

Leia a obra de coração aberto, divirta-se, dê risada e se emocione. Deixe essa ficção tocar seu coração!

Obrigada pela leitura!

Maina Mattos.

Nem todas as falas e contextos dessa obra significam ser o meu ponto de vista nem se trata de uma verdade absoluta. Tanto eu, a autora, quanto os personagens, são humanos e muito suscetíveis a falhas. Minha intenção não é, de maneira nenhuma, trazer uma nova revelação a cerca de Deus ou de Sua vontade, mas levar entretenimento a você, leitor, que poderá apreciar o conteúdo e se divertir com nossos queridos protagonistas. Claro, há também uma mensagem envolvendo essa história fictícia e ela tem embasamento cristão. Entretanto, não absorva nada como verdade absoluta, exceto as citações Bíblicas, que são nossa regra de fé e prática.

Amor Real Despertar - Segunda edição: Outubro de 2020

Prefácio

É fantástico testemunhar a criação de algo!

Tive a imensa honra de acompanhar Amor Real desde as primeiras frases rascunhadas até o último ponto ser sentenciado. Criei laços com os personagens cativantes e vivenciei, na própria pele, os acontecimentos cuidadosamente narrados, sem floreios ou exageros, deixando tudo o mais próximo possível da realidade, para que, assim, eu me sentisse fazendo parte da história. Isso facilitou para que eu absorvesse e refletisse sobre as mensagens que encontrei no decorrer das linhas, dando sentido e emoção ao que eu estava lendo.

Essa é minha consideração acerca da obra em si, porém, um livro não se escreve sozinho, não é mesmo?

Não acompanhei apenas o desenvolvimento de ótimo Romance Cristão, mas fui testemunha do exponencial crescimento de uma escritora talentosa. Era palpável o amor que a Maina sentia pelo que fazia, a dedicação que ela tinha denunciava isso, sem mencionar a empolgação e o foco, que foram primordiais para que a história fosse fluida e memorável. Posso dizer, sem medo ou dúvida, que existe, em cada linha que compõe este livro, um pouco da essência do ser humano incrível que é a Maina Mattos. Toda a história é um reflexo da mulher virtuosa e temente que ela é!

Amor Real é um daqueles livros que edificam, que nos acrescenta algo de bom, que nos ajuda a encontrar o caminho por onde devemos seguir. É um livro que veio reafirmar que a coisa Certa deve ser feita, por mais que isso nos traga consequências; serve também para reforçar a importância da oração e do direcionamento divino em nossas vidas.

O saldo da experiência de ler e acompanhar todo o processo criativo, tanto do livro quanto da autora, foi mais que positivo, pois pude notar que também cresci, em diversos aspectos e âmbitos, durante esse período. Senti Deus agindo através das atitudes dos personagens e das palavras carinhosamente escolhidas para que tocassem meu coração.

Desejo ao leitor que está dando uma chance a este livro, muitas experiências magníficas e engrandecedoras, assim como as que eu tive!

Que Deus os abençoe!
Clys Oliveira



Utilize esse mapa como auxílio para compreensão do território do universo de Amor Real.

Hawis é uma ilha fictícia, composta por dois países, Cibele e Susan. O primeiro é uma monarquia e o segundo, uma nação democrática. Ambos os países possuem acordos de livre acesso e comércio entre seus cidadãos. A ilha era, a princípio, uma colônia do Reino Integrado, país Europeu, igualmente fictício, tendo sua independência conquistada anos depois do início de sua colonização.



REINO INTEGRADO, EUROPA
ANO DE 1703

Era uma noite fria. Havia nuvens no céu encobrindo a lua e as estrelas. O vento soprava uivante e o ar gélido tocava a pele dos guardas em ronda, fazendo-os estremecer. A situação era favorável para o que estava prestes a acontecer. Em breve o palácio real do Reino Integrado não seria mais o mesmo.

— Majestade, está na hora — a voz firme de Lies ecoou por toda a sala, despertando de suas orações o homem cuja coroa pesava sobre a cabeça. Sentado em seu trono, mantinha o corpo inclinado com a testa apoiada em uma de suas mãos.

— Obrigado, Lies! — O rei levantou o olhar e fitou o homem à sua frente, que se mantinha ereto, com uma das mãos segurando firme sua espada embainhada.

O monarca sentiu o peso de sua decisão vir de encontro a seus ombros no instante em que se levantou, pronto para seguir para o destino misterioso e incerto que o aguardava

— Tem certeza de que está tudo dentro do planejado?

— Sim, Majestade! — Lies fez uma pequena mesura antes de prosseguir. — É preciso que partam imediatamente!

Rei Charles Hawis desceu os três degraus que elevavam seu trono e parou quando seu pé direito tocou o chão, que o deixava na mesma altura de

seu mais fiel conselheiro. Quando o pé esquerdo se uniu ao primeiro, ouviu-se o suspiro alto e longo que saiu das narinas do rei.

— Vamos!

Charles olhou mais uma vez ao redor da sala do trono, iluminada por algumas poucas velas acesas. Viu a longa cortina vermelha cobrindo a janela ao leste, escondendo a vista do jardim tão amado por sua querida esposa. Seu coração se apertou e logo andou a passos rápidos, seguindo Lies.

— As Altezas Cibele e Susan já estão embarcadas — as palavras proferidas por Lies tranquilizaram o rei. — Não podemos perder tempo — determinou enquanto deslocava a pesada porta que dava acesso a um extenso corredor silencioso e escuro no subterrâneo.

Após uma prolongada caminhada pelo percurso secreto, os dois homens atravessaram outra porta que mantinha o acesso a uma das entradas secundárias do palácio. Havia uma carruagem com quatro cavalos na pequena estrada de terra à espera do rei.

— Você tem sido um homem fiel e amigo, querido Lies. Conto com você como instrumento nas mãos do Senhor para evitarmos uma tragédia ainda maior! — Rei Charles deu um breve abraço no homem de sua maior confiança em todo o Reino Integrado. Por causa dele a vida do monarca e de suas herdeiras não seriam sucumbidas na revolta que anunciava a tragédia vindoura. — Não esquecerei de sua fidelidade.

— Majestade! — Lies apressou uma reverência, ainda segurando sua espada, e em seguida, vendo a carruagem partir em direção ao mar, fez uma breve oração.

“Senhor, proteja-os! Seja nossa Salvação!”

“Elevo os meus olhos para os montes; de onde me vem o socorro?
O meu socorro vem do Senhor, que fez os céus e a terra.
Não deixará vacilar o teu pé; aquele que te guarda não dormitará.
Eis que não dormitará nem dormirá aquele que guarda a Israel.
O Senhor é quem te guarda; o Senhor é a tua sombra à tua mão direita.
De dia o sol não te ferirá, nem a lua de noite.
O Senhor te guardará de todo o mal; ele guardará a tua vida.

O Senhor guardará a tua saída e a tua entrada, desde agora e para sempre.”

Salmos 121



CIBELE, ILHA HAWIS - ANO DE 2014

Nosso cérebro armazena inúmeras lembranças. Quando ativado por um estímulo externo, como um aroma, o cérebro desencadeia uma reação neurológica na memória associando tal cheiro a fatos importantes da nossa vida. Basta sentir um cheiro familiar para que uma cena do passado venha para nossa memória com uma incrível riqueza de detalhes. Pode ser o aroma de um alimento, o exalar de uma flor ou o perfume de uma pessoa.

No meu caso, são os cheiros dos livros.

Desde que me entendo por gente, os livros fizeram parte da minha vida e sempre estiveram acompanhados de gestos de carinho e amor. Livros, para mim, são sinônimos de Mamãe e Papai.

Talvez seja por isso que a primeira coisa que faço quando seguro um livro em minhas mãos é cheirá-lo e tocar suas páginas suavemente. É como se esse gesto fosse capaz de trazê-los para mim novamente, como se eu pudesse sentir a presença deles.

Mas, infelizmente, são apenas lembranças.

Além das doces recordações, meus pais me deixaram nossa casa, uma livraria e Oliver, meu irmão adolescente, que ficou sob meus cuidados quando ainda era uma criança. E foi por causa dele, e de seus atos inconsequentes, que minha vida deu uma reviravolta de 180 graus.

— Bom dia! — Sorri para a mulher de cabelos encaracolados que entrou na livraria, fazendo a campainha soar quando atravessou a porta de vidro. — Posso te ajudar em alguma coisa?

— Ah, oi! — A jovem retribuiu com um sorriso inseguro. — Eu estou em busca de um livro*: A Bela e a* Fera. — Seus olhos vasculharam uma das inúmeras prateleiras que estavam a sua frente.

— Está por aqui. — Dei a volta no balcão de madeira e caminhei até o local onde os livros sobre histórias de princesas se sobressaíam aos outros. Meus olhos correram pelos títulos até encontrá-lo. — *A Bela e a Fera*! Um clássico da literatura!

— Amo essa história! — A mulher pegou o livro de minhas mãos o segurou como se fosse algo precioso. — Sempre me imaginei sendo a Bela em seu vestido amarelo. Aliás, que menina não sonha com isso?

— Eu! — Ergui o dedo indicador, declarando-me culpada. — Eu nunca quis ser princesa. Imagino que a vida delas vai muito além do romance com o príncipe e não deve ser nada fácil. Tantas regras, tanta burocracia! Parece tudo tão... Frio!

— Então, você é a primeira mulher que eu conheço que não sonha em viver um conto de fadas. Eu cresci, mas a fantasia ainda está bem viva aqui dentro. — A jovem levou a mão ao coração e me entregou de volta o livro. — Vou levar!

— Sabia que existem inúmeras versões desta história? — Caminhei em direção à bancada com o livro na mão, expressando minha empolgação que era devolvida na mesma intensidade pela minha cliente sonhadora. — Na versão de *Beaumont*, por exemplo, Bela se ofereceu para ficar no lugar do pai e seguiu até o palácio, acreditando que a Fera a devoraria. Mas, ao invés de devorá-la, a Fera foi se mostrando, aos poucos, um ser sensível e amável fazendo todas as vontades dela e tratando-a como uma princesa. Quando Bela partiu, a Fera quase morreu por não se alimentar direito, pensando ter perdido sua amada. Mas, no fim, todas as versões falam sobre a mesma coisa: alguém que era muito mais do que aparentava ser!

— E é isso que faz todas, ou quase todas — ela corrigiu ao encarar meu rosto sorridente —, sonharem em viver um conto de fadas assim!

Enquanto eu embalava o livro, olhei discretamente para o relógio na parede à minha frente. Os ponteiros indicavam que Oliver já deveria ter voltado há meia hora. Ele nunca se atrasava, fato que gerou em mim o princípio de um estado de alerta.

— Está quase na Hora Familiar. — A cliente tirou-me das minhas preocupações ao notar meu olhar em direção ao relógio. — Eu não vejo

motivo para continuarmos com essa regra boba! Nosso país insiste em preservar essas leis conservadoras e desnecessárias.

— Bom, sou suspeita para discutir sobre isso. — Comprimi os lábios sem ter certeza se expressava minha defesa. — Eu amo essa hora do dia, sempre tivemos bons momentos em família! É uma excelente oportunidade para estar em comunhão.

— Isso é verdade. — Ela ponderou ao ouvir meu ponto de vista. — Entretanto, não deveria ser obrigatório, pois nem todo mundo concorda com isso. Acho um pouco de exagero impor a todos os estabelecimentos a fecharem suas portas. Mas, leis são leis, não é verdade? Devemos segui-las, ainda que não concordemos!

Eu afirmei que sim com a cabeça, estendendo a sacola com o livro, já cuidadosamente embalado. A moça pagou pelo produto, agradeceu e, quando ela estava atravessando a porta, falei animada:

— Não desista de ter esperanças, afinal, estamos em Cibele!

— E temos dois príncipes solteiros – ela completou, partindo com o sorriso iluminado.

Segui até a entrada da livraria com as mãos na cintura, sinal de minha preocupação. Saí para a calçada, vasculhando pela rua em busca de algum sinal de Oliver, mas tudo que vi foi a movimentação de pessoas apressadas, tentando resolver seus compromissos nos últimos minutos restantes antes do comércio fechar. Logo a quietude que acompanhava a hora seguinte tomaria conta de toda Cibele.

Ele passou dos limites hoje! — O pensamento se misturou às mil ideias de como castigá-lo, lembrando-me de como eu era uma irmã má quando queria ou precisava.

Votei para a mesa e me deparei com as diversas contas para pagar se destacando, me levando às recordações de que eu precisava de um verdadeiro milagre de Deus para conseguir honrar com todas elas naquele mês. As vendas sempre diminuíam nos meses que antecediam a festa da Independência e eu sabia que teríamos que enxugar os gastos.

A situação me trouxe Oliver à memória. E, quando o barulho da campainha indicou que alguém atravessava a porta, meus olhos subiram na expectativa de ver meu querido e único parente ali na minha frente. Mas, me decepcionei.

— Senhorita Anne Davies? — Um enorme ‘*guarda-roupa*’ vestindo o uniforme vermelho da guarda real adentrava na livraria com sua postura

imponente, fazendo-me estremecer ao ouvir sua voz autoritária.

— Sou eu — hesitei em responder, criando diversos motivos reais ou irreais para que meu nome estivesse na boca daquele ser temível.

— Sua alteza requer sua presença imediatamente — a pronúncia rouca e firme preencheu todo o local.

— E...Eu? — gaguejei. — O que o príncipe quer comigo? Você deve estar enganado!

— Agora, senhorita! – O homem não me deu espaço para mais perguntas.



Eu estava dentro de um carro oficial de Cibele a caminho do Palácio Real de Kent. Além do motorista, faziam-me companhia dois guardas carrancudos, demonstrando nitidamente não terem a mínima questão de me dar maiores explicações. Havia um silêncio perturbador que me deixava a cada segundo mais nervosa. E quando eu fico nervosa, desato a falar!

— O que o *Sua alteza real* deseja com essa intimação? — perguntei já imaginando que não receberia uma resposta. Não consegui sequer um olhar em minha direção. — Vocês são proibidos de conversar ou são mudos?

Avaliei novamente a expressão do homem ao meu lado. Seus olhos continuavam fixos na rua e mantinha os braços cruzados em frente ao corpo.

— Certo, já que isso tudo deve significar um grande engano, vou ficar por aqui mesmo. — Levei a minha mão cuidadosamente até a maçaneta do carro, mas congelei quando ouvi a voz ao meu lado.

— Fique onde está, senhorita!

— Perdão! Foi só uma brincadeira. — Impaciente, encostei-me no banco, repousando minhas mãos suadas em minhas pernas enquanto observava as ruas vazias de Cibele, me recordando de que era hora do almoço. Eu não tinha comido nada e isso significava uma leve piora no meu humor.

O palácio real de Kent não era o palácio principal do nosso país. A família real morava em Hawis de Cibele, onde o majestoso castelo se destacava das demais moradias locais. Enquanto a casa principal era esplendorosa, o palácio de Kent possuía uma arquitetura mais antiga e romântica. Fora uma das primeiras moradias do Rei Charles e das princesas

Cibele e Susan, e, apesar de ele estar a doze quilômetros de distância da minha humilde moradia, eu nunca havia estado lá.

A primeira coisa que reparei quando desci do carro foi o imenso jardim se estendendo por toda a propriedade, terminando em algo semelhante a um bosque fechado atrás do prédio principal. Todavia, não tive tempo suficiente para admirar o local, uma vez que o grande homem de uniforme vermelho fez um gesto intimidador, me obrigando a seguir em frente.

Uma criminosa. Foi como me senti à medida que andávamos a passos rápidos em direção a sabe-se lá aonde. Funcionários cruzavam nosso caminho ignorando nossa presença por completo. Entrei em uma porta pelo que parecia o lado leste do castelo e seguimos em um extenso corredor onde inúmeras pinturas desempenhavam o papel de revestir suas paredes.

Os dois homens que me escoltavam pararam em frente à uma porta de madeira com um cordeiro, símbolo de nosso amado país, cravado no centro. Haviam outros dois guardas reais trajando suas reluzentes fardas vermelhas olhando para o além. Um deles bateu na porta e soube prontamente que o que mais faltava naquele palácio era humor.

Quando a porta se abriu fazendo um leve ruído, vislumbrei imediatamente uma figura extremamente bela, vestido em um elegante terno, sentado em uma cadeira, com o olhar perdido na janela que dava para os jardins.

—Uau! — soltei de uma só vez e, quando dei por mim, ele me encarava, as sobrancelhas unidas, o olhar altivo e confuso, talvez buscando entender minha atitude totalmente inusitada. — Uau, que sala maravilhosa! — Desviei o olhar do homem e movimentei minha cabeça fingindo admirar toda a extensão do local, torcendo para que minhas bochechas não estivessem vermelhas, denunciando meu embaraço.

Obedeci a ordem do príncipe que, com um gesto também intimidador, fez eu me aproximar de sua mesa. Eu estava mais perdida que cega em tiroteio quando ouvi um pigarro ao meu lado. Olhei subitamente em direção ao som e alguém insinuava uma reverência.

— Vossa alteza! — Despertei dos meus devaneios e fiz a reverência mais desajeitada que uma pobre pessoa poderia fazer. Enquanto eu avaliava mentalmente meu estado geral, cheguei à conclusão de que não estava nada apresentável para estar diante do príncipe de Cibele.

— Senhorita Davies? Anne Davies? — Senti um arrepio ao ouvir meu nome ser pronunciado pela terceira pessoa mais poderosa do meu país. Eu deveria estar muito encrencada! Assenti que sim, apenas com um meneio de cabeça, temendo que minha voz saísse estridente. — Sente-se, por favor.

O pedido de um príncipe nunca deve ser encarado como uma sugestão. Era uma ordem e eu o obedeci no mesmo instante em que meu cérebro conseguiu captar a mensagem, ainda olhando em direção à mão estendida indicando a cadeira na qual eu deveria me assentar.

— A senhorita tem um irmão chamado Oliver? — O príncipe se ajeitou aproximando-se mais da mesa onde havia alguns papéis e um aparelho de telefone que eu reconheci na mesma hora.

— Ai, meu Deus! O que aconteceu com meu irmão? — Naquela altura já havia esquecido até mesmo onde eu estava, tanto quanto das boas maneiras exigidas ao estar em frente ao Príncipe.

— Por favor, chame-o! — Novamente seu pedido foi compreendido como uma ordem pelo homem ao seu lado, que partiu por uma porta lateral sem hesitar.

Minutos depois Oliver entrou. Sua cabeça estava baixa, enfiada no capuz de sua blusa e, assim como eu, ele também se esqueceu de fazer uma reverência, sentando-se ao meu lado.

— Senhorita Davies, devo informá-la das realizações do senhor Oliver. Ontem, na parte da noite, invadiu o palácio e entrou em um dos cômodos, deixando sua marca registrada na parede do respectivo lugar. Ele fez uma enorme cruz e escreveu os seguintes dizeres… — O príncipe fez uma pausa e me encarou com o dedo indicador no ar, como se fosse apontar para algum lugar. Tombou a cabeça antes de continuar. — É melhor eu não comentar sobre isso. Apenas para deixar bem claro, é o meu quarto que está, neste momento, danificado pelos vestígios do vandalismo de seu irmão.

— Me desculpe, Alteza, mas creio estar havendo algum engano. Oliver é um menino bom e de família, não faria isso — saí em defesa de meu irmão, mas quando olhei para o lado e o avistei de cabeça baixa senti que havia algo muito errado naquilo tudo e ele não era tão inocente quanto parecia.

Encarei o príncipe à minha frente que, sem mudar a expressão séria, estendeu o aparelho celular de Oliver em minha direção. Meus olhos quase

saltaram pelas órbitas ao ver as imagens de um quarto enorme totalmente revirado. Mas a pior besteira que meu irmão pode fazer, foi ter a audácia de registrar em fotografia o seu rosto no meio daquela bagunça.

— Oliver! – repreendi-o e ele foi incapaz de esboçar qualquer reação em sua defesa, se é que merecia *alguma* defesa. – Eu não acredito nisso! Você é burro?

— Devo admitir que seu irmão foi bastante esperto ao conseguir burlar o esquema de segurança, senhorita Davies. – O príncipe me trouxe de volta ao mundo real. — Mas, felizmente, existem dispositivos de monitoramento no palácio e parece que ele não se atentou a isso. Seu rosto aparece em várias imagens do nosso sistema. Não foi difícil identificá-lo!

— Oliver! — Cutuquei o garoto do meu lado ainda sem esboçar reação.

— Entretanto, o mais engraçado é que quando confrontado, Oliver assegurou não ter medo de mim. — O todo poderoso deu um sorriso sarcástico. — Mesmo sabendo da minha fama *de impiedoso e orgulhoso*.

— Oliver! — chamei sua atenção pela terceira vez enquanto minha mão encontrava sua nuca. — Quantas vezes já lhe disse que existem coisas que devemos guardar só para a gente? Você não pode sair por aí expondo sua opinião, principalmente para o príncipe!

Deixei o telefone na mesa e engoli em seco, tomando coragem para me humilhar e fazer o que fosse preciso para livrar meu irmão da prisão.

— Alteza, veja bem — ajeitei meus óculos e coloquei as duas mãos sobre a mesa tentando parecer mais adulta —, eu concordo que seus atos foram inadmissíveis, mas... Nós perdemos nossos pais há pouco tempo, ele é um bom menino, apenas está passando por um momento difícil. Foi uma atitude inconsequente...

— Exatamente! Ele não estava preocupado com as consequências dos feitos dele — o príncipe discursou com firmeza. Imediatamente me lembrei da imagem do meu pai.

Então algo inusitado aconteceu. Por um momento o príncipe se calou. Ele parecia refletir sobre algo quando pediu para que Oliver e todos os presentes se retirassem, com exceção da minha pessoa, que já vislumbrava um futuro triste e obscuro no qual eu visitava a única criatura restante da minha vida todos os dias na prisão.

Quando não havia mais ninguém no recinto, aquele homem poderoso e lindo — porque ele era lindíssimo, diga-se de passagem — deu

um longo suspiro antes de continuar.

— Senhorita Davies, fui informado da situação de sua família. — O príncipe esfregava os dedos em cima da mesa com os olhos fixados na porta atrás de mim. — Porém, seu irmão não pode ser imune aos seus atos inconsequentes ou nunca entenderá o efeito e o peso da responsabilidade de suas decisões. — Ele me mirou com aqueles olhos castanhos, tão claros, que me deixaram atordoada. — Todavia, não é do meu desejo a repercussão dessa história e não quero ter que lidar com as implicações da notícia sobre como um adolescente conseguiu invadir meus aposentos. Já tenho problemas o suficiente com o responsável da guarda e segurança do palácio. Por esse motivo, eu vou aplicar uma pena mais branda para o jovem em questão, desde que esse assunto morra exatamente nesta sala.

O príncipe examinou meu rosto esperando uma resposta e, atordoada, apenas consegui assentir com a cabeça. Ele remexeu em alguns papéis sobre a mesa procurando alguma coisa e quando encontrou o que buscava, empurrou delicadamente uma folha e uma caneta em minha direção.

— Seu irmão deve permanecer no palácio pelo próximo mês, não podendo sair em nenhuma hora do dia. Ele deverá limpar toda a desordem que gerou e em seguida trabalhará nos serviços gerais e demais necessidades do castelo. Haverá alguém para instrui-lo. — Apontou para a folha a minha frente antes de continuar. — Você deverá assinar esse termo de responsabilidade, comprometendo-se com o seu silêncio.

Minhas mãos trêmulas seguraram a caneta e meus olhos passearam pelo papel. Um contrato, literalmente. Seguindo o conselho antigo de meu pai, passei a ler cada palavra naquelas linhas escrita em termos formais que eu mal conseguia entender o conteúdo. Quando finalizei, temendo um castigo pior, deixei minha rubrica na folha, assinando uma sentença da qual ainda não tinha me dado conta do que representaria para a minha vida.

Deixei a caneta sobre o papel e não recebi nenhuma instrução a seguir.

— Posso ir agora, Alteza? — indaguei um pouco constrangida, sem saber como lidar com a presença dele tão próxima.

— Sim. — Aqueles belos olhos encontraram meu sorriso nervoso. – Vocês têm duas horas para buscarem suas coisas e retornarem ao palácio.

— Vocês? — minha voz saiu mais alto do que eu gostaria no mesmo instante em que meus olhos se arregalavam.

— Sim! Eu não tenho tempo de servir de babá para um adolescente rebelde. Tenho muitas ocupações por aqui para me dar ao luxo de vigiar os passos de Oliver. — Havia um tom de deboche em sua voz. — Você, como responsável legal, deverá permanecer com ele durante esse tempo. Pode partir, senhorita Davies! — Dispensou-me com uma de suas mãos, voltando seus olhos para os papéis que havia em sua mesa. — Vocês têm duas horas.

Capítulo 3

— Oliver, Oliver! Onde você estava com a cabeça? — Minha voz saiu grave, diferente do meu habitual tom carinhoso, enquanto minhas roupas eram jogadas na mala, sem o mínimo cuidado, demonstrando o estado de irritação em que me encontrava. — O que nossos pais pensariam disso? Que espécie de cristão você se tornou? Se eu acreditasse nessas coisas, diria que eles estão se remexendo no túmulo neste momento.

— Quanto exagero! — Oliver estava encostado no marco da porta de meu quarto com a cabeça coberta pelo capuz de sua blusa, escondendo parcialmente seu rosto das minhas vistas.

— Exagero? — gritei e me aproximei, arrancando o capuz que envolvia sua cabeça. Toda a minha paciência havia se esgotado. — Você poderia estar preso agora, nesse instante! Você... Pelo amor de Deus, você invadiu o castelo! — Gesticulava as mãos com força enquanto ele me olhava com a expressão serena. — Você estragou o quarto do príncipe Edwin. E se te pegassem lá? Não gosto nem de pensar o que poderia acontecer.

— Eles não me pegariam! Eu sei que há falha na segurança quando o príncipe não está presente no palácio. Sei os passos de todos os guardas preguiçosos cuja única função exercida é cochilar no posto. Não havia chance para erros. — Oliver deitou em minha cama, mantendo a mesma postura despreocupada, com se estivesse alheio aos acontecimentos recentes e suas consequências para as nossas vidas.

— Como você pode ser tão burro? Não pensou na imensa possibilidade de ser flagrado pelo sistema de monitoramento? — Olhei para meu irmão tentando pensar nas palavras pertinentes para dizer a ele, enquanto enfiava mais um vestido dentro da mala. — Oliver, não é questão de ser pego ou não. O que você fez foi muito errado. Muito errado! Não só

pelo seu ato, mas também pela sentença deixada na parede. “Morte à monarquia!”. — Balancei a cabeça em desaprovação. — Eu estou muito decepcionada com você. Eu não cuidei de você todos esses anos para você...

— Mas é por isso! — Oliver me interrompeu sentando-se na cama. Agora a voz não era mais tão suave e sua expressão se transformou em uma incógnita para mim. — Eu estava com problemas, tudo bem?

— Problemas? — Aquela simples palavra despertou em mim meu instinto protetor. Eu e Oliver havíamos criado um laço forte de cumplicidade desde quando ficamos sós, restando apenas um para o outro. — O que houve? — Aproximei-me e me sentei ao seu lado enquanto minha mão tocava seus ombros gentilmente. — Por que não me disse?

— Porque você sempre resolve tudo para mim! Eu estou cansado de ser um peso para você, Anne!

— Você não é um peso para mim. — Senti a dor causada por aquelas palavras ao atingir meu peito, como uma flecha envenenada. — Eu o amo, você é tudo o que tenho. Mesmo fazendo essa besteira, mesmo se estivesse sido preso, não deixaria de visitá-lo todos os dias na prisão se assim fosse necessário.

— Não é isso. — Oliver respirou profundamente e me encarou, os olhos contendo uma tristeza que eu ainda não havia conseguido desvendar. — Eu não queria ter invadido o palácio. Perdoe-me!

— Então, por que o fez, Oliver? Explique-me o porquê disso tudo! — Procurei seu olhar e, soube aliviada, que nossa cumplicidade ainda estava lá.

— Eu fui ameaçado. — A alegação dita de uma só vez pesou sobre meus ombros. Quem ameaçaria meu irmão, que até então era incapaz de fazer mal a uma mosca? — Tem uns *caras* lá na escola. Eles pegam no meu pé justamente por eu ser cristão. Eu não estava suportando mais... Eu estava evitando eles, mas me ameaçaram. Eles me queriam dentro do jogo porque sabiam que eu seria pego se invadisse o castelo. As fotos no meu celular eram para confirmar a execução das exigências deles.

— Você poderia ter me comunicado! Poderia ter reagido a isso! Faz parte de nossas escolhas sermos perseguidos, lembre-se de nossos pais. — Minhas duas mãos envolveram a face de meu irmão tentando passar para ele algum conforto.

— Eu sei, eu sei! — Ele desviou de minhas mãos. — Mas eles disseram que queimariam a livraria e a machucariam, Anne. Eu não podia permitir isso. — Oliver tinha os olhos umedecidos, estava claramente travando uma intensa batalha interna para conseguir manter-se sobre controle.

— Você deveria ter me procurado. Eu daria um jeito nisso! — Meus braços envolveram-no trazendo-o para mais perto, enquanto eu mesma tentava ser forte por meu irmão.

— Esse é o problema, Anne. Você sempre fez tudo! Eu cansei de ser um peso em suas costas. Pensa que não sei das suas dificuldades para cuidar de mim nesses últimos quatro anos? Eu só queria tentar fazer alguma coisa com minhas próprias mãos.

— Ah, claro! E destruir o quarto do príncipe foi uma excelente ideia! — Consegui provocar um sorriso naquele rosto que estava ainda molhado pela única lágrima não contida.

— Anne, eu não quero voltar para aquela escola! Por favor, eu não quero. – Oliver suplicou e era uma petição verdadeira e urgente.

— A princípio você está um mês preso no palácio. — Levantei-me voltando a minha tarefa de encher minhas malas. — Nesse tempo vamos encontrar uma saída. Vamos dar um jeito! Agora arrume suas coisas, temos pouco tempo!

Oliver se retirou com seu típico andar de pés arrastados e, quando sumiu do meu campo de visão, me permiti chorar. Eu enfrentava um enorme peso para conseguir manter nossas despesas e lidar com as crises características de um adolescente de 16 anos, além da dor da morte de nossos pais, ainda bem viva em ambos os corações. Lembrei-me das contas que precisavam ser pagas, do pouco dinheiro da nossa reserva financeira no banco e no mês que nossa livraria ficaria fechada, sem entrar nenhum capital. Enxuguei as lágrimas que desciam pelas minhas bochechas e fechei meus olhos.

— Mês que vem estaremos em apuros. Oh, Deus, ajude-me! Seja a minha força e direção!

Fiz uma oração silenciosa, tentando afastar de minha mente as ideias mirabolantes surgindo na medida em que eu pensava no nosso futuro. A imagem de nós dois na praça, vestidos com trapos e sem ter comida para preencher o estômago era uma delas. Se Deus não interviesse, eu estaria com sérios problemas.



O salão da entrada principal do palácio era encantador. As enormes paredes sustentavam imensas janelas que mais se pareciam com portas. Havia detalhes dourados em todas as paredes creme. O piso refletia nossa imagem, revelando o extremo zelo com a limpeza do local. Era tudo esplendoroso demais, não me deixando esquecer que eu estava realmente longe de casa.

— Senhor Davies, por aqui! — Uma mulher de cabelos loiros, presos em um coque justo, nariz avantajado, trajando um vestido azul marinho muito bem alinhado, apontou na direção de algumas portas do nosso lado direito.

Oliver carregava sua mochila. Segurou uma de minhas malas e eu o segui, mas a mesma mulher travou meus passos no chão, barrando meu corpo com uma mão.

— A senhorita não, por favor. — Ela olhou para um homem que permanecia em pé logo à frente, esperando as ordens. — Acompanhe o senhor Davies até seus aposentos – ordenou ela.

Oliver deixou minha mala no chão, deu-me um beijo na bochecha e seguindo o homem, deixou-me confusa.

— Senhorita Davies, tenho ordens expressas para acomodá-la na ala dos hóspedes. — Com um gesto, a mulher instruiu a um criado para carregar as malas que ainda estavam no chão. Ela começou a sua caminhada e eu entendi que deveria acompanhá-la. — A propósito, me chamo Helena. Fui designada por Sua Majestade, Rainha Margareth, para cuidar dos interesses do palácio real de Kent quando não estão presentes.

— O príncipe Edwin não mora aqui? — indaguei e logo após me arrependi de tê-lo feito. A mulher não parecia dada a conversas, nem muito satisfeita em me conduzir.

— Sim, ele mora aqui. — Começamos a subir uma longa escadaria. Observei o toque suave de Helena sobre o corrimão. Seu andar era delicado e elegante, diferente do meu. — A princípio, suas refeições serão servidas em seus aposentos. Café da manhã, almoço, chá das quatro e o jantar. Caso precise mudar algo nesse horário, devo ser informada. – O movimento da cabeça de Helena em minha direção me fez concentrar em seu discurso.

— Não, para mim está ótimo! Obrigada.

— Você não deve incomodar o príncipe Edwin em nenhuma hipótese — continuou. —Tudo que quiser deve pedir a algum de nossos funcionários, aptos para instrui-la em suas necessidades. — Fez uma pausa quando deixamos as escadas. — Chegamos ao segundo andar, onde estão os quartos de hóspedes. Você não deve subir ao terceiro pavimento sem ser solicitada.

— O que tem lá?

— São os aposentos reais. É vedado o acesso sem autorização! — Os passos rápidos de Helena me conduziram pelos corredores. Enquanto ouvia o estalar dos saltos altos dela sobre o piso, notei que não havia memorizado o caminho feito até ali. — Sua próxima refeição será daqui uma hora. Uma criada será responsável por você durante esse tempo e ela é quem servirá seu chá.

— Tudo bem! — Eu deveria estar empolgada com todo aquele encantamento do palácio? Talvez. Mas, tudo que minha cabeça pensava no momento era na comida disponível, pronta para preencher o vazio existente no meu ser.

— Chegamos! — Helena abriu uma porta cor de creme, revelando um quarto digno de um castelo. Ela entrou primeiro, com toda a elegância que dispunha, abrindo as janelas do local. A antessala era maior que todos os aposentos da minha casa.

— Que quarto perfeito! — Meus olhos brilharam ao avistar bem no centro do dormitório uma cama com dossel. O chão era de carpete e toda a decoração digna de um aposento de princesa. Aproximei-me das janelas e avistei o bosque responsável por me encantar horas antes, ao fundo.

— Banheiro, closet. — Ela apontou para as portas dos respectivos cômodos. — Você pode se instalar. Caso precise de alguma ajuda, sua criada a servirá.

— Obrigada, Helena.

A mulher fez uma pequena reverência e se retirou, deixando-me fascinada com todo aquele luxo. Joguei-me na cama e senti o toque macio dos lençóis, tendo a certeza de que nunca havia me deitado em algo tão confortável. Segui vasculhando o lugar e minha boca se abriu ao constatar a existência de uma banheira convidativa no toalete. Sem pensar duas vezes, fechei a porta e tomei o banho mais demorado da minha vida, esquecendo-me de tudo e de todos, inclusive de Oliver.

Eu ainda estava me deleitando na banheira quando ouvi um barulho vindo do quarto.

— Senhorita Davies? — Uma voz feminina me chamou.

— Estou aqui — gritei e me arrependi ao constatar que não fazia ideia de quem era a voz. — Eu estou saindo do banho — completei, deixando a água morna e me enxugando com a toalha mais macia do mundo. Constrangida por precisar me retirar enrolada na toalha, cobri o máximo de pele exposta do meu corpo e abri a porta lentamente.

— Ah, a senhorita está aí! — Uma senhora de cabelos brancos e sorriso simpático, vestida em um uniforme que a deixava ainda mais fofa, sorriu para mim. — Trouxe seu chá e vim ajudá-la a se organizar. Sou madame Samovier, a seus serviços.

— Obrigada. — Olhei em direção a minha mala e Samovier pareceu ler meus pensamentos. Em instantes a mala estava aberta em cima de um pequeno móvel e eu retirava uma peça de roupa lá de dentro. — Vou me trocar e já me sento para comer.

Com um vestido em mãos, desloquei-me até o banheiro. Saí de lá vestida, enxugando meus cabelos e atentei para a eficiência da senhora, visto que quase todas as minhas roupas já estavam ocupando um pequeno espaço no enorme closet destinado a mim.

— É tão bom quando temos visitas no palácio. Aqui é sempre tão parado! Gosto quando tenho alguém para receber — ela comentou sorrindo, me encaminhando para a mesa onde deliciosos quitutes me aguardavam.

— Eu não sou bem uma visita. — Sentei-me enquanto ela servia café em uma linda xícara de porcelana. — Eu estou aqui porque meu irmão...

— Sei quem é seu irmão! Um menino muito bonito, com certeza. Sua atitude foi muito errada, mas pelo que soube, foi apenas um ato infantil e impensado.

— Ele é um bom menino. De verdade. O que aconteceu foi imprudente, mas não o julgo. — Lembrei-me então de Oliver e comecei a me indagar sobre sua situação. — Você sabe onde ele está?

— Ele está na ala dos criados. — Madame Samovier parou do meu lado com as duas mãos cruzadas à frente e a postura ereta. – Não se preocupe, ele será bem cuidado. Está com meu filho, Zac. Acredito que serão uma boa companhia um para o outro.

— Graças a Deus! — Suspirei aliviada, bebendo um gole do café em seguida. — A senhora pode ficar de olho nele por mim?

— Claro, senhorita Davies!

— Anne! Por favor, meu nome é Anne.

A mulher sorriu e se retirou, deixando que devorasse aquelas delícias tão convidativas na bandeja à minha frente. Quando findei o trabalho de comer quase tudo, deitei-me na minha cama resolvida em passar o fim do dia me dando o luxo de descansar.

Então, me lembrei de Oliver.

"Oliver, você está aí? Está tudo bem?" – Digitei a mensagem no celular e envie em seguida.

"Oi, Anne! Sim, está tudo bem! Eu estou em um quarto na ala dos empregados, muito confortável. Meu companheiro é muito engraçado. Não se preocupe comigo, eu estou bem! E você?"

"Estou me sentindo uma princesa!"

"Céus, vão deixar você mal acostumada! Me informaram que amanhã pela manhã iniciarei o serviço no quarto do príncipe."

"Avise-me quando você for. Vou junto para te ajudar!"

"Tudo bem! Até amanhã, Anne!"

"Eu amo você, Oliver!"

Aproveitei o celular em mãos e, usando a internet, postei nas redes sociais da livraria:

Estamos temporariamente fechados.
Voltaremos em breve!



Na manhã seguinte, após ingerir uma boa quantidade das iguarias oferecidas como refeição no palácio, cheguei à conclusão de que adquiriria alguns — muitos — quilos se continuasse me alimentando com toda aquela comida sem nenhum escrúpulo. Era tudo tão apetitoso e divino que, com efeito, eu me via obrigada a saborear, enquanto ainda aguentasse alguma coisa – diz-se: quase estourando de tanto comer.

Oliver me informou quando estava subindo para os aposentos do príncipe para iniciar seu trabalho. Vesti-me com um casaquinho leve por cima do meu vestido azul e saí do quarto para encontrá-lo. Ao chegar ao fim do corredor, cruzei com dois guardas, ambos mantinham o semblante fechado e a pose de vigilância.

— Bom dia — cumprimentei sem receber uma resposta.

Diverti-me ao ver a postura imóvel dos dois e continuei meu caminho rumo às escadas. Subi os degraus depressa e alcancei o terceiro andar, mas logo me dei conta de que não fazia a mínima ideia para qual lado ficavam os aposentos reais.

Leste ou oeste? Pensa Anne, pensa!

Enquanto tentava definir qual caminho tomar, vi uma pequena movimentação no lado leste e me decidi por aquele rumo. Passei por um enorme corredor, cujo um dos lados havia uma exorbitância de pinturas de todos os monarcas, reis, rainhas e príncipes de Cibele pendurados na parede. Desde o rei Charles Hawis, nosso primeiro rei, até a figura do mais novo, o príncipe Esra Hawis.

Eu estava entretida, andando pelo corredor, identificando os rostos dos monarcas que eu conhecia bem: Charles, Greent, Goody, Bryer e assim por diante. Quando dei por mim, ouvi a voz de Oliver no quarto ao lado.

— Sim, senhora! Compreendi tudo! – Ouvi-o dizer no momento em que atravessei a porta do quarto. — Anne? — Meu irmão me encarou surpreso.

— Bom dia – eu respondi, voltando minha atenção à Helena, em pé na outra ponta do quarto com uma prancheta em mãos, observando a forma carinhosa em que eu e Oliver nos abraçamos em seguida. — Vim ajudá-lo!

— Desculpe-me, senhorita Davies, mas seu irmão deverá realizar esse trabalho sozinho. – A voz de Helena interrompeu nossos olhares.

— Ele é quem fará tudo, quero apenas ajudá-lo. Creio que isso não trará grandes problemas. — Dei dois passos à frente, enquanto Oliver caminhou até alguns produtos de limpeza dispostos no chão.

— Senhorita! – O tom de Helena soou imperativo. – Você não pode...

— Qual o problema? Meu Deus, eu sou a irmã dele!

— Sinto muito, mas são as ordens do príncipe Edwin – finalizou, aplicando-se em me convencer em renunciar a minha intenção.

— Eu não vou sair daqui! Desculpe-me, mas não há nada que me faça mudar de ideia. — Cruzei os braços e encarei Helena, que pareceu perplexa com tamanha afronta.

— Senhorita Davies, é das diretrizes de Sua Alteza, o Príncipe, que estamos falando. É melhor a senhorita acatar as ordens...

— Se não o quê? — interrompi Helena ainda indignada. — Acha que eu tenho medo *da Sua Alteza Real*, *o Príncipe*, só porque ele é autoritário, orgulhoso, prepotente, insensível e... — Oliver mudou de semblante subitamente e ficou branco como um fantasma. — Ele está atrás de mim, não é? — constatei antes mesmo de meu irmão assentir.

Virei-me consecutivamente e encontrei-o parado próximo à porta, tão chocado com o que ouviu quanto Oliver e Helena.

— Alteza, eu não estava falando do senhor. — Fiz uma reverência ridícula, enquanto tentava encontrar uma saída para o desespero e vergonha que me atingiram. — É que eu amo ler e tem um príncipe em um dos meus livros e ele era tudo isso que eu estava descrevendo, mas, sabe, lá no fundo, bem lá no fundinho ele até era um pouco bom! — Dei alguns passos de lado, rumo à porta, tentando permanecer ao máximo afastada dele. — Eu não queria atrapalhar. Com licença, retornarei aos meus aposentos.

E me enfiar em um buraco de preferência, pensei.

Fiz uma pequena mesura sob o olhar inexpressivo do príncipe Edwin e me retirei. Meus passos eram tão acelerados como minha respiração.

Anne, sua louca! Como você pode afrontar o príncipe? Meu subconsciente me acusou assim que consegui fugir dali.

— Senhorita Davies? — Ouvi sua voz me chamando ao fundo e apressei os passos, fingindo não ouvi-lo. — Senhorita, pare aí agora mesmo! — o Príncipe ordenou.

Será que a prisão é muito fria durante a noite? Ponderei, ao fantasiar meus dias solitários em algum calabouço escuro e cheio de ratos, à medida em que ouvia, ainda de costas, os passos dele se aproximando enquanto meus pés se enraizaram no chão de mármore.

— Senhorita Davies, devo-lhe informar...

— Alteza! — Virei-me, já inclinando meu corpo. — Me perdoe, não foi minha intenção. — Encarei aqueles olhos castanhos novamente e minha voz morreu.

Meu Deus, por que ele precisava ser tão bonito?

Em contrapartida, sua pose autoritária com as mãos cruzadas nas costas me intimidou antes mesmo que as palavras ditas alcançassem meus ouvidos.

— Senhorita, eu devo informá-la que não tem permissão para entrar em meu quarto. Da mesma forma, seu irmão deverá assumir toda a responsabilidade da limpeza e da reforma em meus aposentos sem nenhuma ajuda.

— Tudo bem Príncipe, Alteza! — Meu raciocínio não funcionava sob pressão. — Eu acatarei as suas ordens — disse resistindo à vontade de bater uma continência.

Os lábios do príncipe tremeram e eu podia jurar que um sorriso queria escapulir dali.

— Posso me retirar agora? Eu tenho coisas muito importantes para fazer. Acho melhor não me atrasar para... para... para meus compromissos *muito* importantes. — Fiz questão de frisar o “muito”.

Ele assentiu com a cabeça e, mesmo com a curiosidade de decifrar sua expressão me dominando, girei sobre os calcanhares e segui apressada até o fim do corredor, onde iniciavam as escadas, olhando duas vezes para trás e me arrependendo em seguida, já que ele ainda estava parado me observando.

Quando eu estava longe o suficiente de suas vistas, enfim respirei. Um misto de alívio e desespero tomou conta de cada pedaço do meu corpo. Passei as mãos em meus cabelos, ajeitando os longos fios ondulados de forma que permanecessem comportados, recordando o quanto eu podia me tornar “o bobo da corte” na frente do príncipe ou de qualquer pessoa importante.

Depois de algum tempo caminhando, percebi o óbvio: eu estava perdida. Não tinha certeza em qual corredor realmente me encontrava. Mas não me desesperei, afinal, haviam milhares de guardas e funcionários transitando por todo o castelo o tempo inteiro.

Guiada pela minha curiosidade, continuei caminhando sem rumo pelos corredores, observando a minimalista decoração que não se fazia necessária, visto que as paredes cor de creme e os detalhes em dourados e vermelhos, junto às imensas janelas eram suficientes para me deixar realmente impressionada e encantada com tanta beleza, luxo e magnificência.

Então eu a avistei. Linda, perfeita, esplendorosa! E ela me chamou, convidando-me a entrar!



Sem sombra de dúvidas, aquela era a maior e a mais linda biblioteca que eu já tinha visto em toda a minha vida. E, preciso ressaltar, visitar bibliotecas e livrarias era meu passatempo favorito nos horários vagos e em nossas viagens para os poucos lugares do nosso país que conheci.

Entrei admirada, sem deixar nenhum detalhe passar despercebido. O local estava pouco iluminado e as pesadas cortinas vermelhas permaneciam fechadas, mas era possível vislumbrar as altas prateleiras, espalhadas por setores, repletas de todos os mais diversos tipos de literatura.

— Meu Deus, eu estou no paraíso!

Hesitante, abri uma das cortinas deixando adentrar alguns raios de sol no cômodo escuro. Depois de passear pelo espaço reservado para leitura, organizado com diversas poltronas acolchoadas, garantindo conforto suficiente para quem estivesse disposto a enfrentar uma verdadeira maratona lendo, meus olhos se depararam com o primeiro setor logo a minha frente, se destacando dos demais.

Aproximei-me de uma das estantes dali e comecei a percorrer os olhos pelos títulos. Minha alegria não poderia ser maior quando me deparei com diversos livros de literatura clássica, repleto de romances. Peguei um livro muito antigo e passeei meus dedos sobre as folhas amareladas, sentindo o cheiro de guardado que emanava dele.

Como sempre, meu *TOC** não me deixou em paz ao observar que não havia o mínimo de organização entre as literaturas espalhadas nas estantes. Não havia disposição por ordem alfabética, nem por série, nem mesmo por autor. Alguém simplesmente os colocou lá, e assim permaneceram.

De forma automática, comecei a trocar alguns livros de lugar, tentando estabelecer um mínimo arranjo entre eles. Vinte livros já estavam em novas posições quando me dei conta onde eu estava: a biblioteca do palácio real. Sendo assim, deveria existir um motivo, seja ele qual fosse, para que aquela verdadeira desordem existisse.

Voltei, a contragosto, os livros para os lugares anteriores e continuei, por mais alguns bons minutos, a observar aquela riqueza a minha frente. Depois de me decidir por alguns títulos, inseri na minha mente um lembrete para pedir uma autorização que me permitisse pegá-los emprestado durante minha estadia no palácio.

Retornei ao meu quarto após pedir auxílio a algum bondoso funcionário que transitava pelos corredores onde eu me encontrava. Não fazia ideia em como preencher meu tempo ocioso sem acabar cometendo alguma besteira, ou me esbarrando com o Príncipe por algum lugar, o que também seria uma besteira, e das grandes.

Deitei na minha confortável cama e liguei a TV. Para a minha decepção, descobri que apenas o Canal Real sintonizava por ali. Deixei o controle de lado e passei a apreciar as imagens mostradas nas cenas que se seguiram na tela da televisão em cima do aparador.

— Com licença, senhorita Davies. – Madame Samovier entrou logo após três batidas ecoarem na porta. – Ah, vejo que está assistindo o Canal Real. Oh, nossa querida Rainha!

— Você a conhece? — questionei enquanto imaginava o que havia no carrinho logo atrás, exalando o delicioso cheiro do meu almoço.

— Sim. Ela é uma mulher maravilhosa, não só na beleza, mas também no caráter — respondeu já arrumando a mesa para que eu pudesse fazer minha refeição.

— A senhora conhece todos eles? — Desci da cama e assentei-me à mesa aguardando ser servida.

— Sim, sim. Sirvo no palácio desde antes do menino Elliot nascer. Eu morava em Hawis de Cibele, mas depois que o falecido senhor Samovier partiu, Sua Majestade enviou-me para cá. — Madame sorriu antes de continuar. — Fui mandada para cuidar do Príncipe Edwin.

— Oh, céus! Não me fale do Príncipe! — Tampei o rosto com as duas mãos ao lembrar-me do nosso terrível encontro horas antes. — Eu admito que nasci para fazer papel de boba. Não sei como ele ainda não enviou toda minha família para a prisão.

— Ora, não se cobre tanto menina. Edwin pode parecer frio, mas ele não é um homem mau. — Samovier voltou a sua posição ao meu lado enquanto eu saboreava meu delicioso almoço.

— Você conhece todos? Intimamente?

— Sim. Eu acompanhei todo o crescimento de Suas Altezas. Elliot é um homem maravilhoso. Ele possui uma fachada mais despojada, porém não se engane com sua aparência. Ele está totalmente preparado para assumir o reinado quando for a hora. Edwin já é mais centrado, mais sério no que faz. Ele pensa muito antes de agir.

— É disso que eu tenho medo nele – interrompi, sorrindo junto com Samovier. — E quanto ao mais novo?

— Esra, o menino Esra. Deixa a rainha com os cabelos em pé, literalmente! Não há um dia sequer que o jovem não esteja sorrindo. Ele é extremamente simpático. Sempre provocando Edwin! Eles são muito unidos, já que a idade é tão próxima. — A expressão da madame tornou-se nostálgica antes dela continuar. — Ele apronta e faz Edwin livrá-lo de todos os problemas em que ele se mete, desde criança, sempre foi assim.

— Acho que entendo. Acabei de fazer o mesmo pelo meu irmão caçula. — Diverti-me ao me lembrar do motivo por eu estar comendo aquelas delícias graças ao mau comportamento de Oliver. — A senhora aparenta ser bem íntimas deles.

— Oh, me perdoe, senhorita. Eu me esqueço de que não devo referir-me a eles pelo nome. — Por um momento a mulher pareceu arrependida, embora ela tenha sorrido antes de continuar. — Mas são muitos queridos para mim. Meu filho, Zac, cresceu no meio de Suas Altezas.

— E o rei? — Aproveitei da boa vontade da mulher para matar toda a minha curiosidade sobre minhas autoridades.

— Sua Majestade é um homem sábio. Não é um cargo fácil de sustentar, com certeza não. A posição exige muito dele. É cheia de encargos, cobranças, incumbências e exigências, é muito mais pesado do que qualquer um possa imaginar.

— Não tenho dúvidas — disse e permaneci em silêncio meditando nas palavras expostas anteriormente.

— A senhorita precisa de alguma coisa? — Madame questionou ao perceber minha quietude.

— Na verdade, gostaria de saber se eu poderia pegar alguns livros na biblioteca para ler durante meu tempo aqui. Será que é permitido? — Não tinha certeza se fazia a pergunta para a pessoa certa, porém, não procuraria incomodar o Príncipe para isso.

— Claro! Ninguém usa aquela biblioteca mesmo. Há anos não vejo um livro sair de lá. Além do mais, a senhorita poderá usufruir de tudo no castelo. Como convidada, tem livre acesso aos entretenimentos do palácio. — Sua resposta soou firme e decidida, sem apresentar a necessidade de maiores questionamentos.

Meu coração bateu mais forte enquanto eu arquitetava inúmeros planos para aproveitar meus dias confinada naquele lugar maravilhoso, até me recordar do meu encontro desastroso com o Príncipe. Foquei na comida a minha frente, outro dos muitos privilégios desfrutado como prisioneira.

— Se quiser, posso guiá-la em um passeio pelo castelo — madame Samovier sugeriu contente.

— Claro! Seria maravilhoso! Hoje creio que me dedicarei à leitura — *Não quero ousar cruzar com Sua Alteza por aí* —, mas amanhã à tarde seria do meu agrado um tour pelo Palácio Real de Kent!

— Então, amanhã você terá um guia. — A senhora concluiu satisfeita.

— Não vejo a hora!

**TOC - Transtorno obsessivo compulsivo.*



Eu demorei a dormir à noite. Depois da minha agradável conversa com Madame Samovier no dia anterior, consegui dar uma escapulida do meu quarto para surrupiar alguns livros da biblioteca do palácio, passando o resto da tarde apreciando e me deleitando com a leitura. Muitas obras das quais tive acesso eram verdadeiras riquezas, raras e difíceis de serem encontradas em bibliotecas comuns. Resultado: demorei a conseguir me afastar deles e acabei deitando muito mais tarde do que deveria.

Fui surpreendida pela entrada de uma funcionária diferente, uma jovem aparentando ter a minha idade, trazendo meu café da manhã e um sorriso simpático no rosto. Enquanto a minha xícara era cheia de chá, já à mesa, fui informada sobre o motivo da ausência da senhora que já havia conquistado meu afeto. Era o dia de folga de Madame Samovier.

Ao término do café da manhã, tão completo e bem servido como nos dias anteriores, resolvi ir ao lugar onde eu mais tarde me arrependeria de ter ido. Subi depressa as escadas rumo ao terceiro andar e confiando na minha fraca memória, rumei pelo corredor leste onde os rostos dos monarcas ainda estavam lá, estampando a parede.

Apreensiva e com cautela me aproximei da porta do quarto do Príncipe Edwin. Avistei Oliver com um rolo de pintura em mãos, trabalhando na parede, completamente absorto pelo serviço cuidadosamente executado.

— Mamãe e papai ficariam orgulhosos em ver essa cena, sem dúvidas — expressei desvanecida sem colocar meus pés para dentro do aposento, recebendo um olhar terno em troca.

— Você não deveria estar aqui, Anne — Oliver me repreendeu, mas sorriu em seguida. — Sinto falta deles.

— Eu também! Como eu nunca imaginei que um dia sentiria. — Encostei-me ao marco da porta e me atrevi a olhar ao redor do quarto do Príncipe, agora devidamente limpo e arrumado, sem me dar conta da invasão de privacidade que eu cometia ao reparar nos detalhes do cômodo luxuoso e decorado com cores típicas masculinas. Só então me dei conta das duas figuras em pé, em frente à parede, ao lado da porta. — Bom dia!

— Eles não responderão você! — Oliver me informou, sem desviar sua atenção do rolo deslizando pela parede, cobrindo com tinta o estrago da pichação.

— Eu sei. Eles não respondem, mas não são surdos. Isso não me impede de ser simpática com eles. E então, como está se sentindo sendo um legítimo trabalhador do palácio real de Kent?

— Se eu disser a você o quanto estou apreciando isso, acreditaria em mim? — Oliver olhou-me de relance e seus ombros caíram. — Você não pode ficar aqui, ainda que seja da minha vontade tê-la por perto.

— O Príncipe me proibiu de entrar no quarto dele e eu não vou transpor seu limite — Meu corpo deslizou pela madeira, encontrando o chão frio. Coloquei minhas mãos sobre os joelhos e respirei fundo, fitando-as. — Não estou aqui para atrapalhá-lo. No entanto, eu também preciso de sua companhia, conversar com você é fundamental para meu bem estar.

— Você não trouxe o senhor Steve? — Oliver questionou com o ar zombeteiro, como sempre fazia ao se referir ao senhor em questão. — Por isso está assim, conversando com os guardas que não a respondem.

— É verdade. Sinto falta do Steve. Ele é a melhor e mais fofa cenoura do mundo! — Olhei em direção aos dois homens que mantinham a mesma postura rígida e inflexível de sempre. — Steve é meu companheiro cenoura, laranja e fofo de pelúcia. Ouso nomeá-lo como meu melhor amigo. Acredito que passar muito tempo em companhia apenas de meu irmão e de muitos livros tenha me tornado uma menina esquisita, eu sei.

— Você não é esquisita. — Oliver declarou sem esconder a diversão, ainda lá dentro do quarto.

— Depende de *como* você define *esquisita* — repliquei meu irmão e voltei minha atenção aos guardas. — Eu gosto muito de conversar com as pessoas e na falta delas eu posso usar meios pouco convencionais para me aliviar das necessidades sociais. — Dobrei meus joelhos, elevando-os enquanto meus pés firmavam na outra ponta do marco de madeira da porta.

— Você pode muito bem sair de casa, encontrar amigas e conversar com pessoas de verdade. *Nada* a impede disso! — Oliver estava se compadecendo da minha confidência aos dois estranhos, sabendo que grande parte da minha vida antissocial devia-se ao fato de ter abandonado tudo, inclusive minhas amizades, quando tinha dezoito anos para me dedicar aos cuidados para com ele.

— Posso fazer muitas coisas, eu sei. Porém, no fim, tudo continuará como sempre! Eu e você, Oliver!

Inclinei minha cabeça em direção ao interior do quarto, observando meu irmão enquanto trabalhava com esforço para corrigir a grande estupidez que havia cometido, mas amadurecendo em virtude de seus atos.

Então senti a presença de algo — ou alguém — atrás de mim. Voltei-me a tempo de me deparar com o Príncipe Edwin em pé, tão próximo que fiquei atordoada. Eu olhei para cima, em direção ao seu rosto e pude perceber em seus lábios um... Sorriso?

Estava me preparando para levantar, quando os pés dele atravessaram sobre mim, literalmente ultrapassando o obstáculo que o impedia de entrar no próprio quarto: eu. No momento em que ele moveu-se por cima de mim e caminhou em direção a Oliver, levantei-me depressa e desajeitada, temendo um vexame ainda maior.

— Muito bem, senhor Davies. Tem feito um excelente trabalho. Não acha, senhorita? — Quando o Príncipe voltou-se a mim, eu já estava de pé. Por um instante não consegui respondê-lo, tomada pelo misto de sensações, a intensa vergonha dominando cada pontinha do meu corpo, misturada à surpresa de vê-lo com a expressão branda, aguardando pacientemente minha resposta.

— Sim, Alteza.

— Prosseguindo dessa maneira, o quarto ficará melhor do que anteriormente. Continue assim, rapaz. — Senti-me aliviada quando ele desviou sua atenção completamente para meu irmão.

— Obrigado, Alteza. Eu confesso, estou gostando muito desse serviço. Sou grato por me dar a oportunidade de corrigir meus erros. — Oliver abaixou a cabeça para logo após dizer: — Perdoe-me pelo ocorrido e por minha conduta imprópria.

As emoções surgiram subitamente dentro de mim, enquanto via meu irmão se humilhando. Minha vontade era abraçá-lo, sabendo pelo que ele

havia passado. Apenas uma ordem imposta pelo Príncipe a minha frente me impedia de prosseguir com meu desejo de consolá-lo.

— O arrependimento e o perdão são coisas nobres, Oliver. — Príncipe Edwin colocou uma das mãos sobre o ombro de meu irmão e sua voz era firme. — Eu o perdoo e estou contente de que isso tudo tenha servido para acrescentar alguma coisa para seu futuro.

Se algo mais foi dito, eu não ouvi. Retirei-me apressada dali, apertando os olhos com força, tentando em vão impedir as lágrimas de descerem. Enquanto caminhava sentia a conhecida dor da saudade, aquela que assolava meus dias tristes tanto quanto os felizes. Ela me revivia a falta que duas pessoas importantes faziam em minha vida.

Caminhei em direção à porta principal do castelo e percorri o caminho para os jardins. Sentindo o sol tocar minha pele branca, andei alguns passos rumo ao bosque que outrora havia chamado minha atenção. Eu precisava encontrá-Lo. Precisava revelar como meu coração estava e como eu precisava urgente de Seu auxílio.

Quando as primeiras árvores surgiram, notei que o acesso para o bosque estava fechado e que havia alguns guardas em ronda no local. Continuei andando até conseguir um lugar onde poderia ficar a sós com meu Pai. À sombra de uma árvore, a uma distância considerável do prédio principal me pareceu um lugar perfeito. Então me ajoelhei e orei. Orei e chorei minhas dores. Eu precisava daquele tempo para mim e ele era precioso demais para eu desperdiçar apressando-me.

Capítulo 8

Não sei quanto tempo permaneci ali, orando naquele cantinho aconchegante, mas foi um tempo precioso, suficiente para dar-me novas forças e me ajudar a seguir adiante sem ficar louca com todas aquelas emoções se misturando dentro de mim. Apesar de amar folhear as páginas da minha Bíblia, aproveitei o celular no bolso para meu momento de meditação diário, buscando Nele e em Sua Palavra o meu auxílio.

Depois de renovada, fiquei de pé, limpei da minha saia os vestígios do tempo que passei sentada sobre a terra e tomei um caminho diferente do que havia me levado até ali. Passei por uma enorme horta, cultivada com visível zelo, revelando uma extensão verde com diversas verduras frescas crescendo sobre a terra. Havia homens e mulheres trabalhando com esmero sob o sol. Senti algumas gotas de água provenientes do sistema de irrigação tocar minha pele proporcionando um frescor imediato.

— Bom dia! — Acenei para um grupo curioso com minha presença e recebi em troca sorrisos e respostas doces.

— Creio que já seja *boa tarde*, senhorita! — Ouvi uma voz próxima e me virei em direção a ela, encontrando um homem bem vestido em um jeans, projetado ao meu lado. — Sou Zac. Você deve ser Anne, irmã de Oliver.

— Prazer, Zac. Sou eu mesma. — Fiz uma pequena reverência, enquanto observava o rapaz. Ele aparentava ter minha idade, tinha os cabelos castanhos claros presos em um rabo de cavalo, revelando os fios longos, incomuns para um homem. Seu rosto era muito bonito, precisava admitir. As sobrancelhas grossas e o nariz notório formavam um conjunto perfeito para o rosto, contudo, era o sorriso o responsável por tornar o rapaz tão belo que eu mal consegui parar de encará-lo.

— A senhorita está perdida? — Ele sorriu novamente, impedindo meus olhos de se desviarem daquele brilho emanando de seu rosto.

— Na verdade, não. Eu estava dando uma volta, conhecendo o castelo. — Cruzei minhas mãos em frente ao meu corpo e também arrisquei sorrir, tentando ser simpática com o jovem.

— Engraçado, minha mãe me pediu para guiá-la hoje à tarde para um tour. Suponho que não desejou esperar por mim. — Zac apertou os olhos, desconfiado.

— Claro! Você é o filho da Madame Samovier. — Concluí o óbvio, levantando as minhas mãos em sua direção. — Na realidade, saí sem planejar e acabei passando mais tempo do que deveria por aqui. Presumo que perdi o horário do meu almoço!

— Sem dúvidas! — Zac olhou no relógio e forçou uma careta antes de me encarar novamente. — Quem está servindo a senhorita deve estar um pouco preocupada sem saber em que parte desse palácio você se meteu. Mas, se desejar, eu posso acompanhá-la até a cozinha, onde sei que deve haver diversas delícias esperando para serem saboreadas. — O sorriso divertido escapuliu dos lábios dele de novo e eu não resisti à sua agradável companhia.

— Aceitarei sua proposta, obrigada. — Fiz uma pequena reverência e segui ao seu lado. — Então, Zac, meu irmão está se comportando?

— Oliver é um excelente companheiro. Acredite, estamos nos dando muito bem. E minha mãe está de olho nele, não se preocupe quanto a isso. Engraçado — Zac continuava olhando para frente, mas eu pude ver em sua expressão certo divertimento —, parece que eu já a conheço, senhorita, devido à intensidade com que seu irmão fala sobre você! E se não bastasse, você caiu nas graças da minha mãe. *A Anne isso, a senhorita Davies aquilo*. Eu estava ansioso para conhecê-la pessoalmente.

— O que Oliver tanto fala de mim? — Senti minhas bochechas arderem e imaginei o quão vermelhas elas deveriam estar.

— Ele me contou como cuidou dele sozinha. Afirmou que é uma mulher forte e sábia, além de simpática e amorosa com todos. — Zac fez uma pausa, olhou para mim sorrindo, mas voltou a olhar para frente antes de prosseguir. — E minha mãe não mentiu quando me assegurou de que era também muito bonita.

— Talvez tenham exagerado um pouco. De toda forma, fico feliz em descobrir que meu irmão me olha com admiração, mesmo depois que

assumi a responsabilidade de castigá-lo tantas e tantas vezes — brinquei, enquanto mantinha os olhos no caminho, temendo tropeçar em alguma pedra e aumentar meu constrangimento.

— Imagino como deve ter sido difícil. Para os dois! — Zac me encarou por um breve momento e já não havia o mesmo sorriso de outrora.

— Foi mesmo. Quando meus pais se foram, eu senti um enorme desespero por ficar sozinha de repente. — Terminei a frase e me assustei. Pela primeira vez havia me aberto para alguém sobre isso, além é claro, do senhor Steve, minha cenoura. E, constatei, para uma pessoa que eu havia acabado de conhecer.

— Eu sinto muito. — Zac parecia compreender de alguma forma a minha dor e demonstrou estar realmente lamentoso quando expressou suas condolências. — Deus tem propósitos que não compreendemos. Ele age de formas misteriosas e não entendemos o porquê, por muitas e muitas vezes. Mas eu sei de uma coisa: Ele é soberano e está no controle de tudo!

— Nossa! — Parei imediatamente, obrigando-o a me acompanhar. — Muito obrigada, Zac. De verdade! Suas palavras vieram na hora certa. Eu realmente estava precisando ouvir isso. — Vi seu rosto ter a expressão transformada de surpresa para um belo e aberto sorriso, quando compreendeu o que eu havia dito. — E estou muito aliviada agora em poder me assegurar que Oliver tem por perto alguém capaz de levar palavras assim a ele.

— Senhorita Davies...

— Anne! — cortei sua fala e não escondi como estava um pouco impaciente. — Por favor, Anne. Não suporto que me chamem de senhorita Davies. E isso me dói mais ainda por me lembrar de minha mãe.

— Anne — ele esperou minha aprovação e continuou —, acho melhor nos apressarmos ou realmente perderá seu almoço.

Eu assenti e continuei seguindo-o, agora nossos passos mais apressados. Algo em Zac me fez confiar instantaneamente nele. Nós mal havíamos nos apresentado e, em uma das minhas primeiras falas, disse algo que durante quatro anos não havia nem sequer mencionado para alguém. Eu revelei, ainda que superficialmente, sobre um dos meus sentimentos ocasionado pela perda de meus pais, o desespero guardado bem no fundinho do meu coração, não trazido à tona por nada nesse mundo. Eu não falava sobre eles, só entregava-o a Deus.

Zac me conduziu direto para a cozinha. Percebi como ele era querido por lá no momento em que o local se tornou agitado, um pequeno alvoroço surgindo com a entrada dele.

— Chefe Harris, parece que nossa hóspede está com fome — Zac comunicou ao homem e sorriu satisfeito em estar agradando, não apenas a mim, mas a todos os presentes.

— Claro, senhorita, sente-se aqui. — Um homem de meia idade, cujos cabelos estavam parcialmente escondidos embaixo de um *Toque Blanche**, e de barba grisalha, puxou uma cadeira para que eu pudesse me assentar na bancada da enorme cozinha. Sua voz era grave e ele parecia muito animado em ter serviço extra naquela tarde.

—Anne. — Zac o corrigiu, sentando-se ao meu lado. — Senhorita não, apenas Anne.

— Obrigada! — Correspondi o sorriso sincero de Zac, sentindo-me imensamente afortunada por estar conhecendo pessoas tão agradáveis como ele. Voltei ao chefe — Então é ao senhor a quem devo retribuir com gratidão pelas delícias que sobem para meu quarto? Porque, se for, devo agradecer, mas também comunicar que o senhor está sendo o responsável por me presentear com alguns quilos a mais. Quando voltar para casa, não sei se passarei pela porta!

— É uma honra servi-la, Anne. — O chefe fez uma mesura carregada antes de me adular com a voz firme e alta. — Não seja tão exagerada. A senhorita está em ótima forma.

O homem sorriu de forma paternal. Logo após, colocou a cozinha inteira para se mover sob as suas ordens, a fim de me servir muitos pratos, deixando-me à vontade para comer toda a comida disponível, enfiando a minha frente cada vez mais opções para provar. Quando percebi, estava rindo alto naquela cozinha, com vários empregados a minha volta, das brincadeiras e piadas contadas por Zac.

Estranhamente, um sentimento tomou conta de mim. Eu me senti em casa e protegida, como há tempos não me sentia. Desde o último abraço de minha mãe e o beijo de meu pai, não me sentia tão aconchegada como me senti naquela cozinha durante as quase três horas que passei por lá. Era como se algo me envolvesse de alguma forma, me garantindo estar tudo bem.

— Espero repetir a dose — avisei Zac assim que chegamos juntos à ponta da escada. — Foi uma tarde incrível e muito agradável. Obrigada por

isso!

— Estou às ordens! Quando precisar ou desejar, pode chamar. — Ele olhou para os dois lados, inclinou seu corpo em minha direção, aproximando-se para contar um segredo. — Sempre arrumo uma forma de fazer coisas legais e divertidas por aqui.

— Me inclua nessa sua programação pelos próximos 27 dias — orientei usando o mesmo tom que ele.

Zac fez uma pequena reverência e saiu, deixando-me parada, pensando naquele sentimento misterioso que havia tomado conta de meu coração. Subi para meu quarto mais leve e, naquela noite, eu adormeci ainda envolvida naquele aconchego e naquela sensação de proteção.

** Toque Blanche – Chapéu de cozinheiro.*

Capítulo 9

— Bom dia, Anne. — Ouvi a voz de Madame Samovier, carinhosa e gentil, chamando-me da antessala. Dois toques se seguiram antes que a porta do quarto se abrisse e revelasse a doce senhora irradiando alegria. Observei a semelhança do sorriso com o do filho, destacando-se no rosto marcado com os sinais do tempo e os cabelos acinzentados, mas em nada prejudicando a beleza feminina da amável mulher.

— Bom dia! Senti sua falta ontem! — Sentei-me na cama vendo-a entrar com uma enorme bandeja nas mãos.

— Eu já soube como deixou sua criada desesperada atrás da senhorita! Não faça mais isso com a coitadinha — ela tentou me repreender sendo firme, mas falhou quando uma risadinha escapou de sua boca.

— Eu juro que não foi proposital. — Encolhi minhas pernas apoiando minha cabeça em meus joelhos, ainda sobre a cama, enquanto me recordava do dia anterior. — Zac me salvou de passar o dia todo com fome.

— Soube disso também. Aliás, na cozinha, a sua visita é o assunto mais comentado do dia. O chefe não para de elogiar sua simpatia e já a considerou como hóspede favorita. — Atentei em como ela falava serena enquanto o café era despejado sobre a xícara e o cheiro invadiu o quarto.

— Amo esse aroma! Traz-me doces lembranças de mamãe coando o café na cozinha e meu pai sentado na sala, esperando ela gritar, avisando-o que estava pronta para juntar-se a ele para a primeira refeição do dia. — Fechei os olhos, trazendo a tona aquela cena de imediato. — E nada melhor que café e um bom livro.

— Venha, então, antes que esfrie.

Aceitei de prontidão o conselho da mulher e me sentei. Mas, dessa vez, eu não estava tão ansiosa para atacar a comida, mesmo os biscoitinhos de leite estando com uma aparência deliciosa. Eu estava curiosa, tentando

desvendar todos os acontecimentos repentinos do dia anterior. Meu encontro com Zac ainda gerava em mim diversas dúvidas não solucionadas.

— Madame, posso lhe fazer uma pergunta pessoal? — arrisquei fazer a pergunta por fim, depois de beber um gole do café quente.

— Claro, minha querida! Fique à vontade para perguntar o que desejar. — A mulher entrelaçou os dedos das duas mãos e manteve à frente de sua barriga, esperando minha vez de falar.

— A senhora e seu filho — fiz uma pausa tentando pensar na melhor forma de questionar aquilo —, vocês dois são cristãos?

— Que pergunta estranha, Anne, querida. Quase toda a população cibeliana é cristã.

— Não, quer dizer, eu sei disso. — Pausei a xícara sobre o pires e a encarei. — Só que existe uma diferença entre *ser* cristão e *ter* o título de cristão. Não sei se consegue me compreender. Zac me disse algo ontem e eu de fato acredito que veio na hora certa, era como se Deus quisesse me mostrar algo. Eu só... — interrompi minha fala e torci o nariz pensando em quanta confusão eu deveria estar fazendo na cabeça de Somovier.

— Se quer saber se realmente cremos naquilo que dizemos crer, sim, nós cremos. E Zac é realmente um homem incrível, um cristão verdadeiro, e eu não tenho dúvidas de que ele estivesse mesmo sensível a dizer a coisa certa na hora certa. E não é só porque ele é meu filho que estou dizendo isso!

— Eu sei. Eu passei uma tarde incrível ontem ao lado dele e sinto que Deus está querendo apontar para algo, só não sei para o quê ainda. — Eu estava tão absorta naquele assunto que mal toquei na comida, e nem ao menos percebi o fato.

— Anne, minha querida, quando não entendemos o que Deus quer de nós propriamente, entregamos o nosso caminho a Ele, confiamos que Ele tem o melhor e simplesmente esperamos Nele*. Não precisamos entender, nem medir as consequências. Precisamos obedecer, apenas isso.

— Você acaba de responder minha pergunta. — Levantei-me alegre e beijei a face da senhora que se assustou com meu ato carinhoso e inesperado. — Vocês são cristãos. Posso considerá-los da minha família! Obrigada pelas palavras. E pelo café.

— Mas quase não comeu nada, menina. Por favor, volte e come direito! – ordenou enquanto me assistia sentar na cama, empenhando-me em calçar as sandálias com agilidade.

— Estou satisfeita! Muito satisfeita!

Antes mesmo que ela pudesse protestar, saí em disparada do quarto. Desci alguns degraus, mas parei bruscamente. Lembrei-me de que deveria *subir* para encontrar meu irmão. Cheguei ao terceiro andar ofegante, com o coração disparado, devido à rapidez dos meus passos durante o meu percurso. Ao chegar ao quarto do príncipe encontrei a porta fechada. Hesitei, mas chamei pelo nome de meu irmão e ninguém respondeu.

Depois de esperar por um breve tempo, desci as escadas na expectativa de encontrá-lo. Uma funcionária simpática me informou que ele e Zac estavam trabalhando no jardim e corri para lá. Avistei os dois ainda de longe, ambos com um chapéu de palha na cabeça, Oliver abaixado arrancando algumas ervas daninhas no meio do canteiro de flores amarelas e laranjas.

— Deixaram-me de fora da diversão? — Fiz os dois me encararem quando estava próxima o suficiente. Zac, apesar de surpreso, ofereceu-me um sorriso despreocupado e compassivo. Oliver apertou os olhos em repreensão. — Vim ajudar!

— Anne! — Meu irmão revirou os olhos, jogando a cabeça para trás e abrindo a boca, desacreditado. Os cabelos rebeldes e desalinhados davam a ele um ar tão juvenil, tornando impossível levar em consideração sua reprovação. — Será necessário que o Príncipe Edwin desenhe para você entender? Você não pode ajudar! — ele disse a última frase pausando entre as palavras, dando bastante ênfase no ‘não’.

— Respondendo sua pergunta, ele me proibiu de ajudar a limpar a bagunça que você fez. Nada me impede de ser útil aqui no palácio enquanto passo meus dias. Ou prefere que fique presa no meu quarto assistindo ao Canal Real? — Estreitei os olhos, enquanto usava todo o meu talento como uma dama indefesa.

— Oliver, não me avisou que Anne poderia ser tão dramática. — Zac rompeu nossos olhares desafiadores com uma gargalhada exagerada.

— Você não deveria estar terminando o quarto? — perguntei sem dar importância para a brincadeira de Zac ou para os braços cruzados de Oliver.

— O príncipe me dispensou. Eu estava quase acabando. Ele me mandou ajudar Zac a partir de então. Embora eu acredite que ele está com medo de sua aparição repentina por lá hoje novamente. Aliás, onde a senhorita se meteu ontem? Quando olhei para a porta, você não estava mais

lá. — Tudo em Oliver questionava minha conduta inexplicável do dia anterior. A testa franzida, os braços cruzados e o olhar inquisidor.

— Fui dar um passeio. — Dei de ombros, indisposta a dar maiores satisfações.

— Sabe, o príncipe deve estar pensando em como você é louca! — Oliver provocou uma risada alta, ecoando por todo o jardim e ela fluía da boca de Zac, cujo corpo se contorcia e balançava tamanha a euforia em que ele se encontrava.

— Vamos trabalhar que é o melhor a se fazer neste instante. — Peguei um rastelo no chão e passei a varrer a grama com um entusiasmo além do esperado. Eu não admitira, obviamente, mas eu ria internamente pensando em como Oliver estava certo. Todos os meus encontros com o Príncipe foram desastrosos e, sem dúvidas, ele deveria ter formado uma péssima impressão ao meu respeito.

Oliver e Zac voltaram ao trabalho de aparar a grama, embora ainda se ouvisse uma ou outra risadinha, além de comentários divertidos sobre a minha situação diante de Sua Alteza. Em pouco tempo, estávamos entrosados e eu novamente podia reconhecer aquela impressão de aconchego, de que estava no meu lugar. Era estranho pensar assim, mas aquecia de alguma forma o meu coração. Eu não compreendia, mas era real.

Depois do exaustivo serviço, e de intervalos para recuperar o fôlego com um copo de limonada para nos hidratar, nós terminamos as obrigações da manhã. Recolhendo as ferramentas, uma ideia me ocorreu e temi pelos meus atos.

— Zac, você não vai se colocar em encrencas por permitir que eu ajude? — questionei temendo afetá-lo de alguma forma. Ele estava ao meu lado, atento, ainda sem compreender a minha pergunta. — O Príncipe Edwin não te repreenderá?

— Se ele disser alguma coisa, eu me defendo confirmando que você é realmente louca e não pude impedi-la — respondeu caçoando de minha pessoa. — Mas, não se preocupe, eu não estarei encrencado. — Zac acenou com uma das mãos, garantindo-me a verdade de suas palavras, tentando me tranquilizar. Depois de um tempo caminhando, ele o rompeu o silêncio. — No entanto, o príncipe Edwin é um homem misterioso. Ele é cheio de segredos. Se fosse você, não o provocaria!

Eu o ouvi sem ter certeza se deveria confiar nas palavras pronunciadas num tom sutil, ou se Zac estava novamente usando a minha

inocência para se divertir às minhas custas. Então, optei por ignorar aquele alerta e nada disse, mantendo-me junto aos dois, almoçando na companhia deles na cozinha.

** Salmos 37:5 – "Entrega o teu caminho ao Senhor; confia nele, e ele o fará. "*



— Criança — Madame Samovier atravessou a porta que separava meu quarto da antessala em um total estado de ansiedade e euforia, as mãos unidas e o olhar brilhando —, eu tenho uma notícia para você!

— O que aconteceu? — Levantei do sofá no qual eu estava sentada, curiosa ao constatar como ela estava de fato empolgada.

— O Príncipe Edwin convidou a senhorita para acompanhá-lo hoje no jantar! — Seus olhos brilharam diante da menção do evento, suas mãos se moveram em aplausos contidos e o sorriso cresceu em seu rosto.

Em contrapartida, meu estômago se revirou.

— Eu? Por que eu? Eu estou tão bem comendo aqui! — Dei dois passos para trás, como se assim pudesse me afastar daquela cilada.

— É a convidada dele e como tal deve fazer companhia ao seu anfitrião. O que você vai vestir? — indagou já a caminho do closet, avaliando entre as opções de roupas disponíveis qual seria a mais adequada para a ocasião.

— Madame Samovier! — exclamei ainda tentando digerir suas palavras, apoiada no encosto de uma das cadeiras. — Eu não posso jantar com o príncipe! Não é uma opção! Isso seria, no mínimo, desastroso. Não, não, não! — repeti diversas vezes, tentando me convencer de que aquilo *não* estava acontecendo.

— Anne, você não pode negar esse convite. Primeiro, porque ele é o príncipe; segundo porque você está na casa dele como hóspede. Seria uma total afronta à hospitalidade que ele lhe oferece. Qual prefere? — A mulher voltou-se a mim com dois vestidos em mãos, um preto e um azul, aguardando meu parecer, ignorando meus protestos anteriores àquele convite.

— O azul. — Apontei para o primeiro que vi sem refletir sobre a escolha. — Quando será esse jantar?

— Daqui a meia hora! Vamos, depressa, deve se arrumar! Precisa de ajuda com os cabelos? — Samovier caminhou até o centro do quarto, deixando o vestido e um par de sapatos sobre a cama.

— Não, Madame, pode descer. Vou tomar um banho e me resolvo aqui sozinha. Tudo bem? — A empurrei para fora do quarto mesmo sob muita insistência sua em permanecer e protestos por eu não a permitir me ajudar. — Boa noite! — Fechei a porta e passei a tranca.

O desespero me sobreveio como a rajada de um vento violento, um furacão que surge estragando tudo o que toca. Certo, sou um pouco exagerada. Não era tão mal assim. Ou era?

Sentei-me na cama e comecei a planejar todos os pretextos que poderia utilizar para negar aquele jantar. Eu não sabia me portar na presença do príncipe e estar diante dele em uma mesa, comendo, não era uma opção discutível.

Eu não poderia comparecer e nenhum argumento me convenceria do contrário.

Depois de ponderar muito sobre diversas possibilidades de como escapulir do infortúnio proposto, decidi simplesmente não descer. Certamente o príncipe não notaria minha ausência e a vida seguiria adiante sem maiores intercorrências.

No entanto, eu não poderia estar mais enganada.

Um pouco depois da hora em que eu deveria ter me apresentado, ouvi algumas batidas suaves na porta. Considerei algumas alternativas para não abrir, mas todas as ideias pareciam muito mirabolantes. Eu precisava inventar uma desculpa rapidamente para enviarem para ele, concluí enquanto caminhava até a porta.

— Senhorita Davies?

Oh, meu Deus! É ele! O príncipe Edwin em pessoa, batendo na minha porta. Pensa Anne, pensa!

— Alteza? — Minha voz saiu em um fiapo de som, devido ao estado alarmado e descrente em que me encontrava.

— A senhorita está atrasada para o jantar! Vim buscá-la! — Seu tom de voz era sereno e eu pude imaginar sua expressão de cara na porta. Alguém ousava deixar o príncipe plantado falando com *uma porta*?

— Eu... Eu não poderei... Eu não vou jantar, Alteza. — *Pensa Anne, pensa! Preciso ganhar tempo!*

— Poderia abrir a porta, por gentileza? — Seu pedido era uma ordem, embora eu fosse louca o suficiente para negar.

— Não posso! — gritei sem nem ao menos perceber.

— E por que não? — Havia um pouco de impaciência em sua voz? Certamente.

— Estou sem roupa! — *Meu Deus, eu disse isso mesmo?* — Eu estou me trocando, eu estou sem meu vestido. Eu... — *Acabei de mentir e estou me sentindo péssima por isso.*

—Tudo bem, eu aguardo a senhorita terminar de se vestir.

— Alteza — dei quatro passos em direção à porta —, eu não posso jantar. Não estou me sentindo bem hoje. Estou indisposta, meu estômago não está nada bom!

Um silêncio se sucedeu e cruzei os dedos, torcendo para que ele acreditasse na desculpa esfarrapada que nem eu mesma acreditava.

— Nesse caso, darei ordens para não a incomodarem, assim a senhorita pode descansar. Se não houver melhora, peço que siga até a enfermaria do palácio. — Houve uma pausa e fiquei na expectativa do que viria a seguir. — Boa noite, senhorita.

— Obrigada, Alteza. Boa noite para o senhor também. Tenha um bom jantar! Espero que sua comida esteja gostosa e me perdoe por não poder desfrutar do seu convite. Foi uma honra ter sido chamada e é uma pena eu não poder descer e acompanhá-lo no jantar que certamente deve estar delicioso. — Depois que terminei meu discurso horroroso, percebi que já não havia ninguém na porta, para meu alívio, poupando-me assim de me expor ao ridículo novamente.

Deitei na cama e fitei o teto sentindo-me mal por ter mentido tão descaradamente. *Que espécie de cristã se tornou?* Questionaria papai, com toda a certeza. Quantos pecados cometi apenas nessa recusa? Eu realmente não estava refletindo o caráter de Cristo.

Eu era uma verdadeira covarde!

Depois de horas deitada na cama, sentindo-me uma inútil, compreendi que minha janta não chegaria. Já era tarde e a cozinha não funcionava naquele horário em dias convencionais. Estava disposta a permanecer no quarto até o dia posterior, mas meu estômago emitia roncos terríveis, clamando desesperadamente por alimento, algo que não fosse

balinhas de mel, único item comestível presente no quarto. Havia dezenas delas no jarro em cima da mesa central e eu já havia devorado ao menos metade.

Decidida a solucionar meus problemas, coloquei um casaco por cima do vestido, idealizando justificativas plausíveis caso encontrasse com o príncipe, e saí do quarto em busca de comida. Com a cozinha fechada, minha única alternativa era a ala dos criados.

Passei por algumas portas que dava acesso ao meu destino e quase desmaiei quando um homem musculoso, enrolado apenas em uma toalha na parte dos seus membros inferiores veio em minha direção, abanando os braços violentamente.

— Aqui não, senhorita! — ele me repreendeu áspero, enxotando-me como uma cadelinha. — Área restrita para homens. Saia já daqui!

— É o que eu mais quero! — disse cobrindo os meus olhos, desesperada para apagar a cena anterior do meu cérebro.

— Siga pela direita! — ordenou nervoso.

Fiz o que ele mandou e senti um enorme alívio ao ouvir vozes femininas ecoando por todos os corredores depois de atravessar mais uma porta.

— Com licença — parei uma das funcionárias que passavam por mim —, onde eu consigo comida?

— No refeitório! — Ela apontou para o final do corredor. — Siga em frente, vire à esquerda, segunda porta a direita!

— Obrigada!

Segui, repetindo, por diversas vezes, em minha mente, as instruções dela e consegui chegar ao meu objetivo. Um enorme salão cor de creme com mesas e cadeiras de madeiras — ocupadas por funcionários — dispostas por toda a área e uma cozinha ao fundo se revelou depois da curva. Lembrava-me o refeitório da minha antiga escola, porém um pouco mais luxuoso. Entrei tentando parecer distraída, como se já conhecesse o lugar, mas não funcionou. Atraí olhares de todos.

— Anne! — Ouvi uma voz conhecida e virei meu rosto na direção, avistando Zac ao fundo acenando freneticamente com as mãos. — Aqui!

Sorri gentilmente e fui ao seu encontro. Sentei-me ao seu lado, aliviada por encontrar alguém que eu conhecia, mas meu coração ainda estava apertado devido ao meu pecado descarado, cometido pelo simples fato de não desejar me expor. E de ser uma covarde.

— O que você está fazendo aqui? — Zac se demonstrou bastante curioso. Havia até certo tom brincalhão ao fazer a pergunta.

— Estou com fome! Não tive janta hoje no meu quarto e bem... Eu estou com fome. — Dei de ombros, tentando parecer indiferente e tranquila.

— Vou providenciar algo para você comer — informou piscando para mim, levantando-se e caminhando em direção a um grande Buffet que emanava um cheiro delicioso de comida quente.

Apoiei minhas mãos sobre a mesa e minha cabeça sobre elas, ainda sentindo-me mal por ter me colocado naquela situação. Levantei apenas quando senti a presença de Zac ao meu lado e ouvi o barulho do prato ao tocar a mesa. Uma deliciosa sopa de verduras e carne fez meu estômago se agitar em comemoração.

— Seu jantar! — Zac sorriu quando viu meus olhos vidrados no prato.

— Obrigada! Eu estou faminta e isso está com a cara muito boa.

Não sei se foi pela fome, pela agradável companhia ou pela situação que me encontrava, mas aquela comida estava realmente deliciosa. Zac ria dos meus comentários e gemidos de prazer a cada colherada, levando-me a rir com ele.

Um tempo depois, Oliver apareceu no refeitório e se juntou a nós, surpreendido e sem compreender o porquê de eu estar ali. Após eu dar algumas meias explicações, passamos algumas horas jogando conversa fora e nos divertindo juntos novamente.

E a mesma sensação me invadiu. A sensação de estar em casa.

Capítulo 11

Quando olhei o conteúdo na bandeja do meu café da manhã, pousado em cima da mesa do meu quarto, foi impossível esconder a graça da situação. Madame Samovier parecia um pouco desconfiada, tentando compreender o motivo pelo qual o Príncipe havia ordenado que me servissem um café da manhã *leve*, diferente de todos os outros recheados de delícias, servidos nos dias anteriores. Havia um bule com chá e um pequeno prato com biscoitinhos de sal.

— O que aconteceu? — Madame não conseguiu evitar me questionar quando eu me aproximei achando aquilo divertido.

— Eu não fui jantar com ele ontem. — Belisquei alguns dos biscoitos antes de me acomodar na cadeira e encarar o rosto da mulher, notoriamente confusa.

— E por que não? Gostaria de um bom motivo para justificar esse lamentável ocorrido. — Ela me repreendeu já sabendo de quem era a culpa, antes mesmo de ouvir meu relato.

— Eu não podia. — Dei de ombros e servi eu mesma meu chá. A mulher manteve-se parada ao meu lado, surpreendida com o fato de eu ter sido tão deselegante e mal percebeu que eu mesma estava realizando a tarefa dada a ela. — Eu não posso estar assim tão próxima dele, me desculpe. Seria uma catástrofe certa e eu temi terminar minha noite em uma cela gelada da prisão.

— Eu não compreendo. — Samovier balançou a cabeça avaliando meu rosto, tentando assimilar a minha decisão.

— Eu vou descer para a biblioteca agora. Terminei os livros que estão aqui comigo, vou em busca de outros. Talvez leia no jardim hoje, ainda não sei. — Engoli depressa o restante do líquido da xícara e me coloquei de pé. — Obrigada por sua preocupação, mas está tudo bem.

A expressão revelada no rosto da querida senhora me levou imediatamente a lembrar da minha mãe e suas repreensões silenciosas. Era impossível não ser atingida por uma onda de carinho ao constatar sua preocupação com meus atos e bem-estar. Há tempos ninguém me cobrava nada! Como fazia com mamãe, ignorei a queixa em sua fisionomia, deixando em seu rosto um beijo carinhoso antes de me retirar apressada do quarto.

Fiz o trajeto da biblioteca despreocupada. Caminhei pelos corredores observando os pequenos detalhes outrora despercebidos, como a presença do símbolo de Cibele pintado delicadamente a mão em cada uma das diversas pilastras de sustentação. Começava a me sentir menos intrusa e mais a vontade naquele lugar majestoso.

Adentrei *no paraíso* e abri as duas grossas cortinas, iluminando o primeiro setor e revelando as gloriosas e altas prateleiras lotadas de riquezas literárias. Subi os degraus de uma pequena escada para alcançar os títulos das estantes mais altas, que descobri se tratar dos lugares escondidos de alguns livros raros. Alcancei uma das prateleiras que desejava e retirei de lá três obras. Enfiei-as debaixo do braço e desci os degraus, bastante desajeitada, temendo uma queda.

Quando me virei, deixei cair os livros no chão, em um sobressalto, ao ver o príncipe Edwin tão de perto. Os braços estavam cruzados nas costas, a postura ereta e o terno negro ajudavam a deixá-lo ainda mais charmoso.

— Vejo que a senhorita está bem-disposta hoje. — O sorriso brincando no rosto tão lindamente desenhado denunciou o que eu suspeitava. Ele não acreditou na minha mentira esfarrapada.

— Verdade. Eu acordei renovada. Obrigada pela preocupação, Alteza. — Fiz a reverência que sempre esquecia tentando parecer séria e não transparecer os sentimentos internos gritando — desesperadamente — para fugir dali.

— Gosta de leitura? — Ele se abaixou e apanhou os livros caídos no piso, entregando-me em seguida. Eu olhei dentro daqueles olhos castanhos claros que contrastavam com o cabelo e as sobrancelhas de um castanho escuro e precisei controlar minha respiração para não demonstrar o quanto a presença dele me desestabilizava.

— Sim, amo! Eu tenho uma livraria, mas creio que o senhor já saiba. — Levei os livros ao peito e apertei-os contra o meu corpo,

abraçando-os, tentando, através daquele ato, me acalmar.

— E o que gosta de ler? — O Príncipe caminhou ao lado das estantes passo a passo, observando os livros antes de voltar-se para mim.

— De tudo! Sou eclética. Não, minto — *Minto sim, eu estava fazendo isso muito bem ultimamente* —, não me agrada terror e livros desta categoria. Também não leio livros inapropriados.

— Claro, claro. — Os olhos dele encontraram os meus, obrigando-me a desviar o olhar para os meus pés no mesmo instante. — Também gosto muito de literatura. Leio muito, mas confesso que há tempos não entrava aqui.

— O senhor gosta de ler, mas não vem à biblioteca? Como o senhor faz, então? — Será que eu seria considerada atrevida por perguntá-lo algo? Uma reles mortal como eu poderia se dirigir a uma autoridade como ele sem ser repreendida severamente?

O Príncipe não respondeu. Com um sorriso, continuou caminhando sem pressa até se aproximar de mim. Notei seus olhos tentando ler os títulos dos livros que eu apertava com força ainda contra meu peito.

— Gosta de jogos, senhorita? — Ele rompeu o silêncio, parecendo despreocupado em estar ali comigo, enquanto eu estava em estado de alerta.

— Jogos? Quais tipos de jogos, Alteza? — Comecei a tremer as pernas sem uma explicação plausível para tal.

— De adivinhação. — Ele fez uma pausa e fitou meu rosto. — Tenho uma proposta para a senhorita. Uma aposta, melhor dizendo. Se vencer, libero você e seu irmão das responsabilidades no palácio no mesmo dia. Poderão voltar para casa.

Mas quem disse que eu quero ir embora?

— Sim. E se eu perder? — Já estava em pânico com o que aconteceria comigo, sabendo que eu era péssima em atinar para o que acontecia a minha volta, quanto mais para adivinhações.

— Não haverá perda. Você apenas precisa tentar desvendar o mistério. Se conseguir, estarão livres! — Eu notei como ele estava se divertindo, talvez, por perceber minha ansiedade.

— Tudo bem, Príncipe Edwin, Sua Alteza real. — Nunca sabia como me referir a ele.

— Sua missão é: descobrir qual meu livro preferido — propôs com o semblante divertido, o sorriso contido e os olhos quase brilhando.

Diferente da posição anterior, ele cruzou os braços a frente e me encarou, num gesto de desafio.

— Me perdoe, Alteza. Mas isso é muito, muito difícil. É uma questão muito individual e eu não faço a mínima ideia dos interesses pessoais do senhor. — Meus dedos começaram a enrolar uma mecha de cabelo num movimento involuntário, tentando acalmar a pressão dele exercida em meu ser.

— Você pode procurar me conhecer melhor. Um jantar seria uma excelente oportunidade para isso. — Percebi nas entrelinhas o que ele realmente queria dizer. — Ou você pode se aplicar em descobrir com o que já sabe de mim. Acredito que tem uma opinião muito bem formada a meu respeito.

— Ah, não, senhor! Um jantar. Tudo bem. Sem problemas. Eu posso sobreviver a isso, eu acho. Eu falei isso alto mesmo? — O príncipe estava exultante, divertindo-se do meu total embaraço. — Desculpe-me!

— Aguardo a senhorita hoje às sete. Precisarei buscá-la em seus aposentos?

— Não! — gritei e levantei uma das mãos em sua direção, mas me recompus em seguida. — Não, eu estarei lá. Onde quer que seja esse *lá*.

— Na sala de jantar. Pedirei algum criado que a acompanhe. — Ele olhou no relógio, depois olhou para mim, dessa vez com a postura séria de sempre. — Tenho compromissos e estarei fora o dia todo. — *Isso! Graças a Deus!* — Portanto, preciso me retirar. Tenha uma boa tarde, senhorita Davies.

— Boa tarde, Alteza. — Fiz uma reverência. Poderia ficar calada, claro, mas precisava ser eu mesma. — Boa sorte nos seus compromissos, devem ser bem chatos e burocráticos e... É isso aí! — Meu polegar estava estendido para o alto, formando um “joia”.

O príncipe fez uma mesura com a cabeça, falhando miseravelmente na sua tentativa em manter a postura séria e autoritária, pressionando os lábios para evitar um sorriso e se retirou. Caí sentada na cadeira, sentindo minhas pernas moles e meu coração bater tão acelerado que temi ter um ataque cardíaco.

Fechei meus olhos e a imagem do Príncipe veio a minha mente. Ele era lindo, lindíssimo, um espetáculo de beleza para meus olhos. E eu agia igual uma demente na frente dele.

— Onde eu me enfiei? — perguntei a mim mesma incrédula por ter aceitado a aposta e o convite.



Apreensiva, caminhei pelos corredores silenciosos do palácio, atrás de um funcionário que estava ali unicamente para me guiar. Segui os conselhos de Madame Samovier e usei um vestido mídi rodado, com mangas românticas, de um azul bem escuro, julgando ser o mais apresentável para um jantar ao lado de alguém tão importante. Não usava salto há anos, então optei por uma das minhas rasteirinhas que havia trazido de casa. Madame trançou meus cabelos escuros pela lateral e, logo em seguida, parti para o meu destino cruel.

Apenas uma porta me separava da Sua Alteza. Consegui ouvir meu nome sendo anunciado na sala ao lado. Minhas mãos estavam suadas, minha boca seca e meu coração batia freneticamente. Fechei meus olhos e ouvi o ranger da porta de madeira se abrindo. Adentrei insegura e avistei o Príncipe Edwin em pé, na ponta de uma enorme e luxuosa mesa de madeira.

O salão de jantar secundário era grande, bem maior do que eu imaginava. Como todo o castelo, as paredes eram creme e os detalhes em dourados e vermelhos. A bandeira de Cibele estava visivelmente exposta ao fundo e alguns candelabros de ouro enfeitavam os poucos móveis adjacentes do lugar. Havia um jarro com flores recém colhidas do jardim ao centro da enorme mesa.

— Entre, senhorita — instruiu, a mesma voz que anunciou minha chegada.

Dei alguns passos repetindo em minha cabeça que deveria fazer uma reverência ao príncipe e fiz assim que me aproximei da cadeira demarcada para que me acomodasse, recebendo um pequeno aceno de cabeça em troca. Ele esperou que eu me assentasse para tomar o seu lugar a minha frente. Sentada à mesa com aquele ser magnífico, tudo ao redor pareceu ainda maior, mais silencioso e mais constrangedor.

Com apenas uma ordem, o jantar foi servido. Um prato sofisticado de salada de folhas foi colocado adiante, na mesa. Havia uma taça com água a direita, enquanto a outra taça foi cheia de vinho sem que eu o solicitasse. Olhei aterrorizada para os talheres, o guardanapo e aqueles inúmeros utensílios que eu não sabia as devidas funções. Eu tinha ciência das regras de como me portar à mesa e possuía certo conhecimento de etiqueta desenvolvido pela cobrança de minha mãe, porém, aquilo era demais para mim.

Meu plano era esperar o príncipe agir para tentar imitá-lo. Ele notou, pelas minhas expressões, o quão perdida eu estava e, com um tímido sorriso, levantou o talher, demonstrando qual deveria tomar em minhas mãos. Segui seu exemplo e comi devagar, morrendo aos poucos internamente por ter aceitado aquela proposta, colocando-me numa situação muito constrangedora.

— Então, senhorita Davies, como tem sido sua estadia por aqui? — A voz do Príncipe ecoou pela sala, levando-me a encará-lo, constatando como eu estava mais nervosa do que imaginava.

— Está tudo bem, obrigada. — Voltei a examinar meu prato, torcendo para não transparecer ao Príncipe minha total falta de jeito para tudo aquilo e diminuir um pouco o vexame.

A quietude se seguiu naquele ambiente. Nossos pratos foram retirados, sendo servido outro no lugar. Consegui murmurar um "*obrigada*" para o criado e esperei novamente ser instruída sobre como proceder. E assim se sucedeu nossa refeição. O silêncio era rompido apenas pelo ruído das trocas dos pratos, visto que nem eu nem o príncipe estávamos muitos a vontade para iniciar uma conversa. Quando a sobremesa foi servida, mal consegui sentir o prazer de desfrutar daquelas iguarias, já que eu pretendia levantar e sair dali o mais rápido possível.

Quando imaginei que a sessão tortura estava perto do fim, percebi o quanto eu estava enganada.

Completamente enganada.

— Alteza, onde deseja que o chá seja servido? — um dos empregados perguntou quando os últimos pratos foram levados.

— Na sala dourada, por favor — respondeu e se levantou, dando a volta na mesa, alcançando a minha direita.

Pisquei os olhos algumas vezes até me situar de que deveria me levantar também e acompanhá-lo. Coloquei-me de pé e fiquei em dúvida se

fazia ou não outra reverência.

— Por favor, senhorita. — Sua mão estendida mostrou-me o caminho que deveria tomar.

Fui em frente, ultrapassando duas portas de madeira e um pequeno corredor. Algo dentro de mim havia me perturbado durante todo o dia e eu não poderia mais fugir daquilo. Juntei todas as minhas forças, toda a minha coragem, e, quando entramos na sala, virei bruscamente em sua direção e disparei de uma só vez:

— Eu menti ontem para o senhor, me perdoe. Eu não estava me sentindo mal, quer dizer, com certeza eu me sentiria depois do jantar, mas, na verdade, eu usei uma desculpa para não comparecer. Perdoe-me. — Voltei a respirar normalmente apenas depois de tudo dito.

— Eu sou tão assustador assim, senhorita Davies? — Eu torci o nariz assim que ouvi seu gracejo. As mãos dele foram parar dentro do bolso e apesar de não sorrir, era possível perceber como ele estava de novo se divertindo às minhas custas.

— Eu respondo sua pergunta se me prometer algo! — Entrelacei meus dedos à frente do corpo, evitando encará-lo, envergonhada por precisar lidar com o assunto.

— Não posso me comprometer a prometer algo que não é de meu conhecimento, senhorita Davies — retrucou, retirando uma das mãos dentro do bolso de seu paletó.

— Anne. Meu nome é Anne. Não senhorita Davies. Sei que o senhor tem regras e pompas a seguir, mas, por favor, meus ouvidos doem sempre que me chamam de senhorita Davies. — Dei alguns passos em direção à mesa em que o chá seria servido, apreensiva pela minha ousadia. Eu não podia exigi-lo a me chamar pelo primeiro nome. Ou poderia?

— Anne. Farei o possível para chamá-la como deseja. — Ele caminhou até uma poltrona ao lado da mesa e sentou-se, oferecendo o assento adiante para me acomodar próxima a ele. — Por que não aceitou meu convite para jantar ontem?

— Por isto! — Minhas mãos giraram, tentando dizer por si só como tudo aquilo era assustador. — O senhor deve ter percebido que não sei me comportar como deveria. Por favor, não pense que estou faltando com respeito. Considero muito sua autoridade, e talvez por isso eu tema tanto estar aqui.

O príncipe me encarou, mas não falou nada. Ele coçou o queixo e parecia meditar na minha justificativa antes de quebrar o silêncio.

— É o preço a ser pago pelo título. — Sua expressão tornou-se uma verdadeira incógnita. A sentença dita sem entonação não me possibilitou decifrar o significado de suas palavras.

Ele mal terminou de falar, levantou-se, e caminhou até a entrada da sala. Eu o acompanhei com o olhar, confusa, pensando que seria abandonada de vez depois de abrir meu coração para ele. Entretanto, ele parou antes de chegar à saída e, um pouco inseguro, retirou o casaco do terno e a gravata deixando-os sobre um aparador. Bagunçou os cabelos com uma das mãos e voltou em minha direção com a aparência menos pomposa.

Já a minha frente, esticou uma das mãos pedindo a minha e, sorrindo, disse:

— Muito prazer. Edwin. Sou o filho do meio de uma família não muito convencional.

Um sorriso involuntário invadiu meu rosto, tamanha a gentileza com que me tratou, e não consegui resistir àquela brincadeira, oferecendo-lhe minha mão, recebendo um delicado beijo entre meus dedos de forma cavalheiresca.

Meu coração disparou ao sentir o toque dos lábios dele em minha pele. O príncipe era um homem perfeito. Nada parecia estar fora do lugar. Ele era bem mais alto do que eu e, sem o paletó, dava para perceber como era um homem forte, apesar de não ser possível ter a certeza do fato. O rosto era todo proporcional, como se o nariz, os olhos, a boca, a bochecha, a sobrancelha, tudo fosse milimetricamente projetado do tamanho ideal para conversarem entre si. A barba presente no rosto dava um aspecto ainda mais másculo a ele. Era impossível não qualificá-lo como a representação perfeita do belo.

E ele estava beijando minha mão.

— Anne. Sou a irmã mais velha de uma família pouco convencional também.

— Então, *Anne* — enfatizou meu nome e sentou-se na poltrona que outrora estava —, fale-me sobre você. Gosta de café ou chá?

— Os dois. Mas, depois das refeições, prefiro um café forte.

— Posso servi-la? — questionou já puxando a mesinha com o bule para perto de si.

— Isso seria muito estranho! — Pressionei os lábios enquanto o observa servir duas xícaras de café, entregando-me uma logo depois. — Obrigada. É muito gentil de sua parte, Alteza.

Dei o primeiro gole em meu café quente, começando a encarar aquilo de forma divertida. Talvez não fosse tão complicado assim conversar com o Príncipe. Ele estava me dando a oportunidade de conhecê-lo e aprender de seus interesses pessoais por causa de nossa aposta. Ainda sorrindo, ponderei até onde tinha liberdade de perguntar algo, mas antes de qualquer conclusão, fomos interrompidos.

— Alteza, perdoe-me perturbá-lo. — Um homem com o rosto aflito atravessou pela porta com um papel em suas mãos e, de imediato, entregou-o ao Príncipe.

Observei o papel ser aberto e lido pelo Príncipe. Ele dobrou novamente um tanto quanto decepcionado, apertando as têmporas por fim. Eu permaneci imóvel, perdida, sem saber como reagir diante do ocorrido.

— Senhorita Anne, perdoe-me, mas o dever me chama. Preciso interromper nosso jantar contra minha vontade. — Ele se levantou, obrigando-me a fazer o mesmo e, desastrada como sempre, quase derramei todo o café sobre minha roupa. — Prometo recompensá-la por minha falta de elegância assim que me for possível.

Antes de eu abrir a boca para responder, o Príncipe fez uma reverência curta e saiu atrás do homem incumbido de entregar-lhe o bilhete. Assisti-o saindo e a forma como o papel foi amassado com certa força em sua mão. Olhei ao redor sem saber como proceder, ali, solitária na enorme sala de visitas. Sentei-me novamente, mas tive que me levantar imediatamente, porque ele retornava para buscar a gravata e o paletó.

— Eu sinto muito. — Foi o que consegui murmurar antes de vê-lo partir novamente.

Encarei as paredes e a decoração daquela sala luxuosa assim que me encostei ao sofá. A sala era marcada pela cor dourada, revelando o luxo local. As poltronas de estampa clara também possuíam detalhes da cor do ouro. Com certeza era um espaço para receber pessoas importantes para tomarem chá na companhia de outras pessoas igualmente importantes.

Era, sem dúvidas, um espaço maravilhoso, mas vazio e silencioso demais. Talvez aquele lugar precisasse de um pouco mais de vida, e eu não estava pensando na mobília quando concluí.

Capítulo 13

Eu mirava o teto do quarto, desatenta aos pequenos detalhes, enquanto minha mente vagava para a noite anterior. A cena do Príncipe retirando o casaco e caminhando em minha direção com os cabelos desalinhados me levou a sorrir nostálgica, gostando da forma como ele lidou com meus anseios. Ele tinha senso de humor, afinal. Talvez eu tivesse o julgado de uma maneira errônea.

Girei na cama, ciente de ainda ser as primeiras horas da manhã, mas impedida pela minha mente inquieta a adormecer novamente. Recordava-me da aposta sugerida por ele e do convite para conhecê-lo melhor. As palavras de Zac, alertando-me sobre os segredos e mistérios que envolviam o "dono" do castelo, também se misturavam às minhas reflexões. Quem, afinal, era o príncipe do meio daquela família nada convencional?

Cansada de tentar, em vão, lutar contra o sono, resolvi me aprontar para o dia que me esperava. Talvez Deus quisesse me preparar para outras surpresas.

Estava tendo meu momento diário de meditação, encostada sobre os travesseiros na cama já arrumada, quando Madame Samovier entrou no quarto, cantarolando alguma melodia sem sentido.

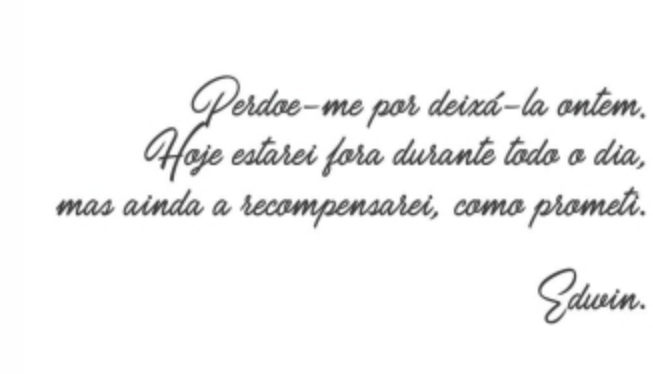
— Bom dia, Anne. — O carrinho que ela empurrava logo despertou minha atenção por conter algo que não era comum nas minhas refeições. Samovier percebeu meu olhar interessado e, animada, se apressou para desvendar minha curiosidade. — Ele enviou para a senhorita.

— Ele? Ele quem? — questionei enquanto ela trazia uma única e delicada flor amarela em sua mão.

— Tem um cartão também. — Ela me estendeu a flor e um envelope branco, ainda com um sorrisinho enfeitando o rosto sempre tão afável.

— Obrigada.

Abri com cuidado o envelope, retirando de lá um cartão feito com um papel luxuoso, apresentando os dizeres escritos à mão:



— Como foi o jantar ontem? — Samovier perguntou docemente, enquanto encarava meu sorriso, resposta imediata a reação despertada dentro de mim ao ler aquele bilhete.

— Um verdadeiro desastre! — Dei uma risadinha ao me recordar do meu fracasso. Eu só poderia achar graça diante das minhas atitudes. — Eu não sabia como agir! Devo ter ganhado o prêmio do ano de pior comportamento à mesa.

— Não deve ter sido tão ruim assim. Sem sombra de dúvidas, a senhorita está exagerando. — Samovier apontou para o objeto em minha mão. — Ele lhe enviou uma flor, está grato por sua companhia. — Ela piscou antes de iniciar seu trabalho de preparar a mesa do desjejum. Em Cibele, o ato de enviar uma única flor de cores claras simbolizava agradecimento por parte do remetente.

— Acredite, foi muito ruim *mesmo*. Mas, eu descobri uma coisa! O Príncipe Edwin tem um apurado senso de humor! — Caminhei até a mesa, sentando-me sobre os olhares da doce senhora. — E parece que ele não me considera louca, apesar de eu ter lhe dado inúmeros motivos para pensar as piores coisas sobre mim!

— Creio que a senhorita desfrutou de uma boa noite de sono devido a essa recente descoberta. Afinal, ele não a jogará no calabouço mais escuro e frio desse país. — Madame me estendeu a xícara, divertindo-se de meus antigos temores.

— O príncipe está ocupado hoje, bem distante do castelo, portanto, eu estou muito mais tranquila e disposta a rodar por aí. Sabe onde Zac e Oliver estarão hoje? — perguntei, ignorando as insinuações silenciosas da senhora que já havia conquistado minha afeição.

— Provavelmente, no jardim.

Samovier estava certa. Encontrei os dois na área externa do palácio, munidos de tesouras de jardinagem, próximos a uma fileira de arbustos, dispostos lado a lado, formando uma parede natural em volta do jardim de flores coloridas, impecavelmente cuidadas. Oliver observava atentamente as instruções sobre poda dadas por Zac, cujo sorriso se abriu assim que viu me aproximar deles.

— Bom dia! Estava esperando você! — Zac estendeu uma tesoura de podar em minha direção, como se realmente já previsse a minha chegada. O sorriso encantador do qual ele era dono estava aberto para mim, demonstrando a real satisfação de me ter por perto deles.

— Hoje tenho passe livre. — Coloquei a tesoura entre as pernas, deixando as mãos livres para prender meu cabelo em um rabo de cavalo. — O príncipe estará ausente o dia todo, estou pronta para ser útil no que precisar.

— Perfeito! Eu estava demonstrando a Oliver como fazer a poda dessa espécie de vegetação. O jardim é simétrico, todas as folhagens precisam ter o mesmo formato. Acha que consegue nos acompanhar?

— Você está falando com Anne Davies, Zac querido. — Sem esperar mais instruções e sentindo-me desafiada pelo rapaz, cortei o primeiro ramo que insistia em quebrar a simetria do jardim.

Nós nos dedicamos ao serviço, aprendendo tudo com afinco, mas sem desperdiçar a oportunidade de nos divertir, sempre que possível *pegando no pé* uns dos outros. Na hora do almoço, fiz questão de acompanhá-los, comendo com eles no refeitório da área dos criados, mesmo com os protestos de Madame Samovier, tentando me convencer de que não deveria permanecer por lá e deveria ser tratada como uma hóspede, aproveitando das delícias do cardápio do chefe Harris.

No final do dia, estava exausta, pelo trabalho e pela exposição ao sol. Constatei que tinha a pele avermelhada nos lugares do meu corpo onde a camisa e o chapéu, que Zac havia providenciado, não tinham feito a cobertura necessária. Jantei em meu quarto e deitei na cama, disposta a dormir cedo e pronta para repor o sono acumulado e renovar minhas energias.

Entretanto, algo curioso aconteceu. Mesmo tomada pelo extremo cansaço, eu não conseguia dormir. Eu estava inquieta, rolando de um lado ao outro da cama, sentindo uma grande agitação dentro do meu peito. Algo me incomodava de tal forma, que eu não conseguia repousar minha cabeça

no travesseiro em paz. Sentindo aquele incômodo estranho, decidi caminhar um pouco para tentar dissipar aquelas sensações inoportunas. Substituí minha camisola por vestes apropriadas e saí do quarto sem uma direção exata do rumo a tomar. Pensei em talvez seguir até a biblioteca. Livros sempre me acalmavam.

Os mesmos guardas com quem eu sempre conversava estavam em seus postos, no final do meu corredor.

— Boa noite. A noite está incrível, não? Observaram o céu, como está estrelado? — perguntei alegre, sem esperar resposta e continuei meu caminho, alcançando a escada.

Eu deveria descer os degraus, mas, ao contrário do desejável, meus pés me levaram para o pavimento superior. Sem planejar, deixei meu corpo ir adiante, sendo conduzida sem nenhum motivo ou argumento propício para alcançar a ala onde os quartos principais — e proibidos a visitantes como eu — encontravam-se. Passei por guardas fazendo ronda, e estes nada fizeram para me impedir de prosseguir. Andei pelos corredores e já estava próximo ao quarto do príncipe Edwin, quando uma porta entreaberta prendeu minha atenção.

Pé ante pé, aproximei-me com cautela, espionando pela fresta da porta de um cômodo mal iluminado. Para a minha surpresa, o príncipe Edwin encontrava-se sentado em uma poltrona no meio do quarto, de costas para mim. Havia apenas um abajur iluminando todo o ambiente, que aparentava ser um quarto antigo. Reparei em um enorme armário de madeira, cujas portas estavam fechadas bem a frente de onde o príncipe se encontrava com a cabeça abaixada.

Com alguns passos, alcancei a entrada da porta. Minha curiosidade não me permitiu pensar na ousadia de meus atos. Quando apenas a porta me separava do interior do cômodo, ouvi o príncipe murmurar alguma coisa, despertando-me para o enorme risco que corria por minha insensatez. Afastei-me subitamente e disparei pelo corredor, temendo ter sido descoberta por ele.

Apenas quando bati a porta dos meus aposentos e encostei-me a ela é que consegui perceber o quão irresponsável eu havia sido, desobedecendo às ordens e sendo uma verdadeira enxerida.

Mas a cena do Príncipe sentado naquele lugar mal iluminado despertou meu mais profundo instinto investigatório.

O príncipe Edwin é um homem misterioso. Ele é cheio de segredos. Se fosse você, não o provocaria!

— O que Zac quis dizer com isso?



Era hora do almoço e eu me encontrava sentada na companhia de Zac, Oliver e madame Samovier em uma das mesas do refeitório, entretanto, meus pensamentos estavam distantes. Passei a manhã toda divagando na cena que tinha presenciado na noite anterior, tentando entender o porquê de aquilo me incomodar tão intensamente, impedindo-me de dissipar da minha cabeça a imagem do príncipe sentado dentro daquele cômodo silencioso e escuro.

— Anne, o que houve? Não vai comer sua comida? Seu almoço vai esfriar! — Oliver estalou seus dedos na frente do meu rosto, despertando-me para a realidade.

— Eu vou. Estava só refletindo sobre algumas coisas — respondi com naturalidade, mas continuei sem tocar na refeição.

— Você está se sentindo bem? — Zac avaliou meus olhos, em busca de algum sinal de indisposição.

— Sim! Eu estou bem. — Forcei um sorriso tentando passar segurança a eles, e enfim levei um garfo de comida à boca. Depois de me certificar de que os convenci em relação ao meu bem-estar, resolvi colocar meu plano em ação, o qual passara a manhã toda planejando. — Eu estava andando outro dia pelo corredor da ala leste do terceiro pavimento e vi ao lado dos aposentos do príncipe Edwin uma porta entreaberta, parecia um quarto escuro...

— Você não entrou lá, entrou? — Madame Samovier interviu apreensiva. Mesmo depois de negar com a cabeça, sua expressão não mudou. — Nenhum funcionário tem permissão para entrar naquele quarto. Por favor, Anne, não suba para o terceiro andar. Lá é um lugar reservado, não é apropriado para passeios.

— Sim, me desculpe. Eu só estava... Não interessa, não subirei mais lá, tem minha palavra! — Olhei para meu prato em busca de uma saída. — Essa comida está perfeita! Há tempos não comia algo tão saboroso!

Voltei a minha tarefa de esconder minha curiosidade usando a comida e fui bem-sucedida. Logo o assunto se dissipou e estávamos rindo, enquanto Zac detalhava como Oliver tinha conseguido acertar a cabeça de um funcionário com um galho pela manhã. Assim que a senhora se levantou, atrasada para seus afazeres, deixando apenas eu, Oliver e Zac a mesa, não consegui me segurar.

— O que tem naquele quarto, Zac? Sei que você tem intimidade com o príncipe. Por favor, me conta? — Eu estava suplicando? É, acho que sim.

— Anne, Anne. Se eu fosse você, manteria distância de lá. — Ele olhou para os dois lados e se inclinou em minha direção, diminuindo a nossa distância. — Você deve ter visto um enorme armário!

— Sim, eu vi. Mas, estava fechado.

— O Príncipe Edwin tem um grande segredo — revelou em um sussurro misterioso. — Ele mata princesas e esconde dentro desse armário os vestidos que elas usavam no dia de sua morte.

— Meu Deus! E eu acreditando que você falaria algo sério! — Afastei-me dele e plantei um enorme bico em meu rosto ao som das exageradas gargalhadas de Zac e Oliver.

— Eu não estou brincando! — Zac tentou se concentrar e parecer sério novamente, fazendo um movimento com a mão, tentando me tranquilizar. — De toda forma, você não tem que o que temer, Anne. Ele só extermina princesas. Plebeias como você, principalmente sendo um tanto louca e atrevida, acredito que não desperta o interesse dele. Quer dizer — ele corrigiu e fingi não entender sua insinuação a seguir —, não para a morte.

Levantei-me, revirando os olhos para o discurso afetado de Zac. Deixei meu prato ainda com comida sobre a mesa, beijei a cabeça de meu irmão e saí da ala dos criados ouvindo as risadas deles ficando para trás. Minha escolha de cortar caminho pela cozinha havia sido uma sábia decisão, uma vez que me barraram, e só me dispensaram depois de degustar um pouco das sobremesas que estavam sendo preparadas para o jantar.

— Eu vou engordar, já disse! — Saí da cozinha ainda com um pedaço de torta de maçã dissolvendo dentro da minha boca.

Fechei meus olhos por um instante, sentindo o gosto inigualável daquela torta e trombei em uma parede, que na verdade não era parede, porque exalava um perfume delicioso e tinha dois braços que me seguravam com firmeza, evitando minha inevitável queda.

— Eu devo ser a pessoa mais desajeitada que o senhor conhece, Alteza — exprimi assim que me recompus e percebi quem era o dono dos braços sobre os meus.

— Sem dúvidas você é, Anne — o príncipe atestou sorrindo, enquanto soltava os braços de mim.

— Oh, meu Deus! — Tampei o rosto com as mãos, sentindo as bochechas queimarem de vergonha.

— Porventura, a senhorita sabe que é desaconselhável andar por aí com os olhos fechados? Poderia ter trombado em outra coisa e ser pior. Poderia ter caído.

— Não, nada seria pior do que trombar no senhor! Quer dizer, porque trombar no senhor é horrível. Não! Eu estou dizendo apenas que estou com muita vergonha de ter trombado no senhor, já que o senhor é quem é. Ai, meu Deus! Eu acho que tem alguém me chamando lá no jardim! Está ouvindo? — *Respira, Anne. Respira e cala essa sua boca!*

— Não, não estou ouvindo. Mas posso acompanhá-la até lá, para termos certeza se *realmente* ninguém a chamou. — Ele apenas me confirmou que possuía senso de humor e minhas desculpas eram incoerentes.

Olhei para ele sem ter certeza se ele estava falando sério sobre caminhar até o jardim. Mas quando ele enfim começou a andar, fui obrigada a segui-lo. Chegamos ao destino em silêncio. Ele olhou para os dois lados com gestos bem exagerados antes de me encarar.

— É, parece que você ouviu errado. — Ele estava se desfrutando de meu total embaraço e não parecia nem um pouco disposto a esconder o fato. — Ou era apenas uma desculpa para fugir do príncipe, como você diz mesmo? Ah, é, me lembrei! Autoritário, orgulhoso, prepotente e insensível. — Terminou me encarando, impedindo-me de fugir das palavras dele.

— Eu não estava falando do senhor! Tudo bem, eu estava falando sim. Mas era uma brincadeira, entende? — Senti-me derrotada com aquele belo par de olhos castanhos claros cravados em mim. — Perdoe-me Alteza. Devo minhas sinceras desculpas.

Fiz uma reverência acentuada e ele sorriu. E eu fiquei igual uma boba olhando aquele sorriso que o deixava ainda mais lindo.

Acorda Anne, ele é o Príncipe! A terceira maior autoridade do seu país!

— Por que o senhor insiste em conversar comigo? Eu o destratei de tantas formas, meu irmão fez coisas horríveis, e mesmo assim temos sidos recebidos com tanta amabilidade! Eu não compreendo.

— Talvez eu não seja tão autoritário, orgulhoso, prepotente e insensível como você pensa. — Abaixei a cabeça sentindo minha face enrubescer. Mas de alguma forma eu podia sentir que ele sorria. — E talvez eu goste do fato de você não me tratar como um ser perfeito e sublime. E ser você mesma perto de mim, sem se preocupar em me bajular para conseguir alguma vantagem com isso.

— O senhor não quer me jogar na prisão? Sei que desrespeitar sua autoridade conjura crime contra o país. — Dei de ombros, confessando meu delito.

— Eu não farei isso, Anne. Não se preocupe! — garantiu, cruzando as mãos por trás das costas, em sua conhecida pose de autoridade.

Respirei fundo, sentindo o alívio tornar meus músculos menos rígidos. Uma funcionária passou ao nosso lado, fazendo uma reverência a ele e murmurando um “Bom dia, Anne!” para mim. O príncipe me encarou, e eu supus que havia algo sendo planejado em sua mente enquanto ele tinha os olhos presos nos meus.

— Você será minha hóspede por alguns dias e todos por aqui estão contentes por termos convidados no palácio. Não é meu desejo que permaneça preocupada, temendo minha presença. E, bem, eu não costumo ter muitas pessoas disponíveis para conversar além do meu pequeno círculo social. Passar um tempo em sua companhia é algo que eu aprecio, Anne.

— O senhor não tem amigos? — Transpareci minha descrença no meu tom de voz. Como um homem como aquele poderia não viver rodeado de pessoas que desejavam o seu bem?

— Não é todo dia que me deparo com pessoas corajosas, dizendo o que realmente pensam de mim, mesmo temendo o calabouço. — Ele negou com a cabeça, assumindo uma postura mais séria antes de continuar. — Não tenho muitos amigos além da minha família e de alguns poucos íntimos. Sabe, um príncipe é impossibilitado de sair passeando por aí, conhecendo pessoas e criando vínculos de amizade.

— Não são apenas os príncipes que não conseguem fazer isso. Talvez as mulheres órfãs e solitárias possuam a mesma dificuldade!

O homem à minha frente, por um instante, perdeu toda a pose em que estava acostumado a manter. Ele sorriu tão abertamente, surgindo covinhas em seu rosto e algumas linhas se formaram no canto dos olhos, que pareciam sorrir junto com os lábios.

— Então, senhorita, jogamos no mesmo time. Não há nada a temer! Já garanti que não a condenarei ao cárcere por descortesia para com sua autoridade, podendo permanecer mais tranquila durante sua estadia. — Suas mãos foram parar em seus bolsos e senti-o abaixando a guarda por um momento.

— Obrigada. — Minhas mãos inquietas denunciavam o quão desconcertada eu estava com toda aquela aproximação.

— Hoje tenho um dia mais tranquilo, sem compromissos. Seria uma honra ter companhia para o jantar novamente. E é bem improvável sermos interrompidos dessa vez. — Percebi uma insegurança em sua voz ao fazer o convite, causando em mim uma estranha reação de confiança.

— Eu faço esse sacrifício, Alteza. — Eu realmente estava brincando com ele?

Nós dois rimos juntos do meu pequeno ato de ousadia. Era notória a impossibilidade de continuar uma conversa, então, voltando a sua postura tradicional, o príncipe se despediu, fez uma reverência e caminhou ao lado oposto ao que me encontrava. Ele estava quase ultrapassando a porta quando se virou em minha direção outra vez.

— Você está fazendo um excelente trabalho nos jardins! Mas use um bloqueador solar da próxima vez. Pedirei a Helena que providencie um para a senhorita. — Virou-se sorrindo e se foi, deixando-me sem fala.

Capítulo 15

Eu tinha total consciência de que minhas roupas não eram apropriadas para uma plebeia passar alguns dias no castelo, morando em um dos quartos luxuosos destinados a hóspedes importantes. Mas, vestir-me para jantar com o príncipe tornava a situação muito pior, quase desesperadora. Travei uma verdadeira batalha dentro do closet, indecisa sobre qual vestido usar.

Era certo que eu já havia jantado com ele antes, mas, desta vez, parecia diferente. Eu realmente desejava aquele momento. Não sabia bem o motivo, mas parecia que nossa trombada pela manhã e nossa conversa sincera, resultante do meu vexame anterior, haviam quebrado as barreiras erguidas em relação a ele dentro de mim.

— Anne, os três estão excelentes! Qualquer um atenderá bem as expectativas para seu compromisso. É apenas um jantar, tenho certeza de que sua vestimenta não será um problema para Edwin. Você está criando para si mesma uma falsa imagem do Príncipe. Ele não se importa com esses detalhes — Samovier insistia para eu aceitar uma das três opções de vestidos sobrepostos na enorme cama de meu quarto.

— Ele está sempre tão engomadinho e bem vestido. Como pode dizer que ele não se importa? — Apontei para o vestido preto cuja saia longa escorria pela lateral do colchão. — Esse. Vou colocá-lo antes que eu me arrependa de ter aceitado fazer papel de boba à mesa de novo. Pode ir descansar, Samovier. Eu termino de me arrumar.

Sob protestos e narizes tortos, a senhora me deixou. Eu precisava de um tempo sozinha para conseguir me acalmar, sem pressão. Além do mais, eu era capaz de me vestir sem ajuda.

Olhei no espelho e não podia reclamar do resultado. Eu não era a mais bonita das mulheres, mas, tinha um corpo aceitável, de medidas proporcionais e um quadril levemente avantajado, escondido atrás de

roupas modestas, escolhidas com a função de revelar apenas a beleza do meu rosto. Não era adepta a maquiagens e, sinceramente, não sentia necessidade de esconder quem eu era. Encarei meus lábios e me recordei de como mamãe sempre dizia como eles se pareciam um coração quando estavam relaxados. E o rosado do batom fazia a suposição dela fazer sentido.

Passei a mão pelos fios de meus cabelos soltos, formando ondas nas pontas e olhei para o relógio. Estava na hora. Não precisaria de um funcionário para me guiar daquela vez, já conhecia o caminho que me levaria a mais uma noite regada aos meus excessos de inconveniências.

Conferi no espelho uma última vez se tudo estava no lugar e caminhei até a porta, cheia de insegurança. Quando a abri, encontrei o príncipe com a mão fechada na altura da cabeça, gesto de quem estava pronto para bater na madeira, quase alcançando meu nariz no lugar.

— Desculpe-me, Anne. — Ele recolheu a mão e levou-a ao bolso. — Está pronta?

Pisquei quatro vezes seguidas até perceber que ele não trajava seu habitual terno alinhado. No lugar, vestia uma calça jeans e uma camiseta cinza. Nos pés, tênis. Uma figura totalmente diferente do que eu estava acostumada a ver nos últimos encontros.

— Você... Está... Diferente! — *E lindo, preciso admitir*.

— Pensei que talvez pudesse deixá-la mais à vontade vestido assim. — Pelo visto não era só eu que estava insegura.

— Acertou em cheio, Alteza. — Fiz uma reverência demorada antes de passar pela porta, tentando consertar minha falta de respeito de sempre.

— Eu constatei que a senhorita não se sentiu muito à vontade no nosso último jantar, então preparei algo diferente desta vez. — Meu coração quase saiu pela boca quando ele me ofereceu o braço para apoio. Eu estava andando apoiada pelo príncipe de Cibele? Sim, eu estava!

— Eu sou muito desajeitada, apenas isso — esclareci e sua expressão se abriu em um sorriso, antes de me guiar pelo corredor. Temi pelo meu coração, devido ao estado acelerado no qual se encontrava. Eu estava vivendo o sonho de milhares de mulheres de Cibele, um sonho que nunca tinha sido o meu.

Em silêncio, nós caminhamos. Descemos as escadas e o príncipe me conduziu para a varanda externa principal onde uma mesa estava disposta e um mordomo aguardava ao lado com sua postura irrepreensível. Enchi-me

de alegria ao ver aquela mesa menos pomposa, apesar do impecável forro de renda e do jarro com diversas flores coloridas ao centro. O homem fez uma reverência e o próprio príncipe puxou a cadeira, oferecendo-me o lugar para eu sentar.

Mas nada disso trouxe prazer maior do que ver apenas dois talheres posicionados ao lado do meu prato.

— Pode nos servir, Dominic — o Príncipe ordenou ao homem enquanto acomodava-se na cadeira a minha frente. — Guardanapo de pano: você desdobra e coloca no colo. Se estiver muito grande, deixe apenas uma dobra. — Demonstrou como eu deveria proceder, sorrindo por ter me deixado envergonhada.

— Minha mãe tinha diversos guardanapos, todos lindos, mas não permitia o uso com medo de estragarem. Ficavam guardados dentro do armário com outras muitas coisas lindas. Segundo ela, deveriam ser gastos apenas em ocasiões especiais. No fim, nunca foram usados. — Senti minha voz embargar quando me lembrei de que ela se foi e os guardanapos ficaram.

— Sinto muito! Não deve ter sido fácil para vocês! Sinto muito mesmo. — O príncipe estava comovido com meu pequeno e simples relato.

— Nunca é fácil. Principalmente quando se tem dezoito anos e se depara com grandes decisões a serem tomadas, sem ter o apoio de ninguém. — Falar sobre a perda de meus pais nunca havia sido simples para mim. Precisei me concentrar para não chorar enquanto expunha um pouco da minha dor.

— Você e Oliver não tem nenhum familiar? — questionou temeroso, preocupado em ultrapassar os limites que lhe cabiam.

— Não. Minha mãe era filha única. Apenas uma tia-avó era viva na época em que eles se foram, mas já estava com a idade bem avançada. Ela era viúva e não tinha filhos. Meu pai... Bem, ele não era de Cibele e não conhecemos nossa família paterna. — Esse era um assunto reprimido de ser abordado quando papai ainda era vivo e eu temia expô-lo, mesmo depois de sua morte, sem ter a certeza de que eu e Oliver não correríamos algum risco.

— Você não tem vontade de conhecer a família de seu pai? Eu posso tentar descobrir sobre eles, se desejar.

Antes de deixá-lo terminar sua fala, eu já negava com a cabeça, tão segura e certa de minha decisão, que o príncipe não conseguiu esconder sua

curiosidade com minha veemente recusa. Contudo, ele não prosseguiu com o assunto.

Eu não conseguia encarar o homem à minha frente por muito tempo. Por razões óbvias: ele era quem era, e era lindo! O Príncipe poderia ofuscar qualquer pessoa ao seu redor, com sua postura e sua beleza, sem precisar fazer qualquer esforço para tal feito. Busquei algo para fazer com minhas mãos, procurando saídas para não pensar e muito menos transparecer minha admiração por ele e fui salva pela comida que chegava. Quando o prato foi colocado diante de mim, Dominic, o mordomo, sorriu.

— Com os cumprimentos do chefe. — Senti a delicadeza do criado ao me dirigir aquelas palavras. Eu me diverti ao notar que despertei novamente o interesse do meu então companheiro de jantar.

— Os cumprimentos foram para a senhorita? — Príncipe Edwin questionou Dominic, quando ele o serviu.

— Sim, Alteza. — O homem fez uma reverência e parecia subitamente preocupado por trazer-me o recado.

— Obrigado, então, Dominic. Comeremos agora.

Meus olhos brilharam ao constatar a comida servida, sem dúvidas, dedicada a mim. Não consegui esconder meu sorriso de satisfação e a forma como me senti amada com aquele gesto vindo do chefe.

— Algum problema, Anne? — O príncipe interrompeu meu olhar fixo no prato, forçando-me encará-lo.

— Não, Alteza. É só que... Eu gosto muito de pato assado. Acho que o chefe sabia disso.

— E como ele poderia saber?

— Eu mesma contei. — Depois de informar me dei conta de como essa revelação poderia causar algum transtorno para os funcionários. — Eu almocei na cozinha. Eu fui lá com o Zac. Eu tinha perdido meu almoço. — Cada vez que abria a boca me arrependia em seguida, falando outra besteira para encobrir a anterior. Eu deveria ter me calado, mas sentia a necessidade de me justificar. — Eu acabei indo lá e fiquei por um tempo comendo e conversando. Quer dizer, só eu conversando, eles continuaram trabalhando... Quase todos, na verdade. Alguns pararam para me ouvir... Não importa. Eu amo esse prato. Deve estar uma delícia.

Peguei os talheres e comecei a beliscar a refeição com o olhar preso nela. Notei com o canto dos olhos que o príncipe orava em silêncio e eu comia numa rapidez deselegante.

Então o pior aconteceu. Eu comecei a chorar. Compulsivamente.



A expressão confusa, a boca entreaberta e a incapacidade de reagir ao meu choro totalmente inesperado, era como se encontrava o homem diante de mim.

— Perdoe-me, Alteza. — Levantei, forçando-o a se levantar também. — Posso me retirar ao toalete?

— Claro! — Era notório como o deixei mais confuso do que eu mesma me encontrava.

Saí apressada, amaldiçoando-me internamente por não estar com meus óculos, com a visão embaçada pela falta deles e pelas lágrimas que desciam. Não sabia bem qual rumo tomar e precisei ser guiada por uma funcionária preocupada, que me conduziu ao banheiro mais próximo.

Fechei a porta e desabei sobre o mármore frio da pia. Eu só poderia ser maluca, não poderia haver explicação para meu pico de humor alterado tão rapidamente. Lavei meu rosto na água fria, retirando o pouco de maquiagem que o envolvia.

Acalme-se, Anne! Está tudo bem. Está tudo bem! Não... Não está nada bem!

Eu sempre soube que reprimir meus sentimentos não seria uma boa ideia. Um dia eu colocaria tudo para fora e da pior forma possível. Mas não havia necessidade em ser assim, na frente do Príncipe!

Não foi premeditado, obviamente não. Tudo despertou em mim uma onda de emoções. A conversa em torno dos meus pais, a ansiedade para não cometer nenhuma gafe, somada àquele ato de carinho do chefe, demonstrando em como prestou bastante atenção quando contei o quanto amava a forma como mamãe preparava pato assado com um toque apimentado, replicando todos os detalhes que eu havia descrito no prato que me esperava naquele momento na mesa.

Eu precisava voltar.

Respirei fundo muitas vezes, acalmando-me lentamente enquanto encarava meu semblante no espelho. Ajeitei meus cabelos, forcei sorrisos e voltei para o príncipe, que me esperava ainda sem tocar na comida, provavelmente já fria.

— Perdoe-me — expressei-me de cabeça baixa assim que tomei meu lugar, tentando esconder meu constrangimento com minha ridícula condição.

— Eu disse algo ou fiz alguma coisa errada? — Ele estava apreensivo e eu não o culpava. Como entenderia minhas crises sem nexos? Eu mesma não compreendia como me deixei levar pela emoção, expondo-me descaradamente.

— Não — murmurei baixinho.

— Posso fazer algo por você? — questionou cortês.

— Não! — Tinha. Eu precisava de um abraço e consolo, mas nem morta pediria isso a ele. Talvez procurasse Oliver depois e ficaria por algum tempo abraçada ao meu irmão, esperando os sentimentos se acalmarem novamente e eu erguer minha parede ao redor da dor. — Eu estou bem. A comida deve estar fria, perdoe-me por isso.

Voltei a comer recitando mentalmente versos e versículos alegres, tentado levar minha mente cativa a pensamentos felizes para me distrair. Funcionou, mas o resultado foi um jantar silencioso. O príncipe não me dirigiu a palavra, nem eu a ele. Comemos na mesma quietude da refeição anterior.

Quando a sobremesa finalizou nosso jantar, eu não pude mais fugir. Precisava tentar desfazer as más impressões que meus atos poderiam ter causado ao Príncipe. Mesmo não sendo boa em puxar conversas, principalmente quando a pessoa adiante era uma autoridade, todo poderoso, eu realmente desejava mudar um pouquinho a visão dele sobre mim. Olhei ao redor buscando coragem, umedeci meus lábios e o encarei sorrindo.

— Então, suponho que eu tenho uma aposta para ganhar. — Não sei se minha animação repentina ajudou ou atrapalhou na minha imagem de *a minha hóspede maluca.*

— Já descobriu? — O príncipe arregalou os olhos, sem esconder a estranheza de minha súbita e sem precedente disposição.

— Na verdade, não. Mas estou aqui para isso, não é mesmo? — Ergui um dos meus ombros e pisquei algumas vezes, tentando manter a conversa

no rumo desejado.

— Tudo bem. Você quer fazer perguntas? — disse e dispensou Dominic após o homem recolher os utensílios da mesa. — Não prometo responder a todas elas, mas você pode tentar.

— O senhor gosta de romances, Alteza? — Provoquei um sorriso no meu companheiro, levando-me a crer na existência de uma boa disposição por parte dele em relação a mim.

— Depende. Existem os que me agradam, mas não é meu gênero de leitura preferido. Dificilmente você me encontrará com um romance em mãos.

— Certo, posso riscar romances da minha lista. — Fiz um gesto com as mãos, riscando uma linha imaginária a minha frente. — Suspense, terror? — Ele negou com a cabeça e eu fiz o gesto novamente. — Aventura, fantasia?

— Você não chegará a lugar nenhum com essas perguntas, eu garanto! — assegurou levando as duas mãos a mesa, inclinando o corpo para frente e me encarando com seriedade.

— Então preciso fazer perguntas pessoais? Não me leve a mal, mas não sei se tenho liberdade para fazê-las. — Dei de ombros.

— Estou dando-lhe a liberdade para fazê-las. Apenas não prometo responder a todas. — Ele se colocou de pé, convidando-me com a voz suave e a expressão aprazível — Quer dar uma volta?

— É possível recusar um pedido do príncipe? — Levantei-me, e me posicionei ao seu lado, esperando-o indicar a direção.

— Você já fez isso, se me recordo bem — atestou e estendeu o braço oferecendo-me seu apoio, enquanto ria das próprias palavras.

— Eu não sou normal, o senhor deve ter percebido isso. Mas — olhei nos olhos intensos que eu tanto admirava —, estou menos apreensiva por ter me garantido não levar isso em consideração para uma possível condenação ao cárcere. Meu comportamento impertinente não é proposital. — Segurei firme no braço estendido, enquanto ele me guiava em direção aos jardins. Nós caminhamos um pouco, admirando a noite, enquanto minha curiosidade era aguçada. — Por que o senhor mora aqui sozinho?

— Essa é uma boa questão! Quais motivos você pressupõe que me levaram a morar aqui sozinho? — Suas sobrancelhas se levantaram enquanto me olhava atento, aguardando minha réplica.

— Tenho minhas teorias! — afirmei convicta segurando uma risadinha dentro de mim. Eu já havia criado diversas teses para os comportamentos do Príncipe.

— Estou muito curioso para ouvir. Cuidado com o degrau! — alertou quando nos deparamos com uma pequena escada. Ele me auxiliou como um cavalheiro e eu aceitei de bom grado aquele gesto gracioso.

— Certo. — Fiquei empolgada quando vi a hipótese de narrar uma das diversas suposições que já havia criado em minha mente. — Meu primeiro palpite é que o senhor é muito, muito chato e ninguém na sua casa te suportava, enviando você para cá, mantendo-o bem longe de Hawis e do seu círculo familiar.

Nosso caminhar foi interrompido porque o Príncipe foi impedido de prosseguir. O corpo inclinado para frente, enquanto os ombros se agitavam, tomado por uma gargalhada espontânea e verdadeira. Ele ria incontrolavelmente da minha especulação e aquilo me relaxou instantaneamente, levando-me a rir com ele. Quando ele conseguiu recuperar o fôlego, olhou para mim, ainda tentando acreditar no meu discurso.

— Você pensa mesmo isso de mim? — Arqueou as sobrancelhas olhando dentro dos meus olhos, o sorriso ainda brincando nos lábios. O rosto estava ruborizado devido ao efeito da risada intensa e isso o deixava ainda mais bonito. — Não, não é por esse motivo. Meus pais, principalmente minha mãe, eles prefeririam minha presença em Hawis — confessou com os olhos úmidos de tanto rir.

— Então partirei para minha segunda teoria. — Nós voltamos a andar. Ele parecia estar mais curioso, talvez esperando mais motivos para se divertir. — O senhor não tem vestidos de princesas dentro de um armário em um cômodo escuro, né? — indaguei um pouco apreensiva.

— Zac! — protestou jogando a cabeça para trás animado. — Já disse a ele para parar de inventar essas histórias. Não, eu não tenho vestidos e não mato princesas. Não se preocupe com isso! — Seu rosto mantinha a expressão tão alegre e agradável que precisei evitar olhá-lo para não me perder em tamanha formosura.

— Minha terceira tese: o senhor é adotado e para as pessoas não descobrirem sobre isso, seus pais mandaram você para cá, para se esconder. — Eu também estava me divertindo com o nosso pequeno momento de companheirismo.

— Senhorita, Anne, não sei se já percebeu a incrível semelhança entre mim e meu irmão Esra. — O príncipe ria sobremaneira que se tornou difícil continuar com sua defesa. — Eu sou filho biológico do rei e da rainha — assegurou-me. — Não é permitida adoção de crianças para os monarcas de nosso país, a senhorita deveria saber disso.

— Eu sei! Mas nunca se sabe, não é? Poderia haver um grande escândalo escondido por debaixo dos tapetes do palácio. — Dei de ombros, sabendo como era uma possibilidade improvável, mas eu estava gostando de me aventurar naquela brincadeira, divertindo-o com minhas ideias malucas. — Certo, minha última teoria. O senhor tem um segredo, um segredo muito secreto — sussurrei como se estivesse fazendo uma confidência num tom misterioso —, e ninguém pode saber, por isso se esconde neste castelo e atrás de sua pose de superior, frio e autoritário, atributos que não fazem justiça a quem o senhor é, já que notei como possui excelente senso de humor.

— E qual seria esse grande segredo? — ele sussurrou de volta no mesmo tom.

— Eu não sei. Isso eu espero que o senhor me conte! — tentei induzi-lo a revelar com meu sorriso ingênuo e olhos semicerrados.

— Em partes — manifestou pausadamente, desviando seu rosto do meu —, você está certa. Quem sabe, se descobrir meu livro preferido descubra também meu segredo.

— Meu Deus! — exclamei mais alto do que deveria, levando uma mão até a cabeça. — Agora eu não vou ser capaz de dormir dominada pela curiosidade! Por favor, conte-me! — implorei apertando delicadamente o braço que me dava apoio.

— Não posso fazer isso! Se lhe contar, precisarei matá-la posteriormente — gracejou sem interromper nossa caminhada. — Mas talvez, se continuar nesse caminho, a senhorita mesmo desvendará o segredo.

— O senhor é tão misterioso, Alteza. — Dei-me por vencida, aproveitando a deixa para fazer menção de seus atos reservados.

Chegamos a um jardim ainda não descoberto por mim em minhas caminhadas. Havia um pequeno chafariz no centro de um pátio, cuja calçada era de pedra, fazendo ser ouvido um delicioso barulho de água, combinando perfeitamente com a noite estrelada, as folhas se agitando

levemente ao toque do vento suave da noite e de toda a esplêndida visão do local onde me encontrava.

— Amo estar ao ar livre, observar as estrelas, experimentar o ar fresco tocar minha pele. — Fechei os olhos, soltando-me dele, tentando sentir o misto de aromas que exalavam do jardim. Adiantei-me até o chafariz e toquei a água gelada. — Só existe um lugar mais especial, para mim, do que estar ao ar livre. — Encontrei os olhos do príncipe atentos em meus movimentos.

— E qual seria? — indagou juntando as duas mãos a frente do corpo.

— Bibliotecas. — Ri baixinho, girando-me em direção ao castelo cujas luzes refletidas produziam um efeito maravilhoso. — E isso me lembra de algo. Por que a biblioteca de um lugar lindo como esse é tão desorganizada?

— Ela é desorganizada? — Reconheci sua presença aproximando-se, posicionando-se ao meu lado.

— Uma bagunça! Sem ordem, sem sentido. Ao menos o setor principal. Como se encontra algum livro naquele lugar? — Levei as mãos à cintura, enquanto enfim fazia a pergunta que tanto me incomodava desde meu primeiro contato com a biblioteca.

— Qual seria a sugestão da senhorita para resolver essa situação? — Era uma indireta, tive certeza ao constatar o semblante animado do Príncipe ao me garantir toda a sua atenção.

Meus olhinhos brilharam, como quando um cachorrinho encontra comida farta ao seu alcance.

— Se permitir, eu posso organizá-la. Seria uma honra, Alteza. — Virei-me em direção a ele, encontrando-o se divertindo com a empolgação entonada em minha voz.

— Fique à vontade! Faça como desejar. Tem minha permissão, se é o que esperava.

Não percebi que dava saltinhos enquanto minhas mãos eram unidas em comemoração. Se fosse Oliver em minha frente, estaria recebendo abraços calorosos, como eu gostava de dar quando estava muito contente. Só notei que estava fazendo bobagem novamente quando vi o príncipe rindo da minha cena ridícula.

— Quantos anos você tem, Anne? — Ele cruzou os braços em frente ao peito, aguardando uma resposta, porém, eu sabia, ele estava gozando de mim.

— O senhor não descobriu isso quando fez a investigação sobre mim e Oliver? — retruquei no mesmo tom, cruzando os braços, mantendo a mesma postura do nobre a minha frente.

— Só queria confirmar se eu não estava enganado. Porque me parece que erraram a contagem de seus 22 anos!

— Você está zombando de mim! — reagi de imediato. — O senhor — corrigi ao perceber como havia me referido a ele —, o senhor está zombando de mim. Desculpe-me, não era minha intenção destratá-lo.

— Você faz isso com mais frequência do que supõe. — Afastou-se um pouco, sem temer expor seu contentamento. — Mas, eu não me importo. — Ele parou e com um aceno de cabeça me instruiu. — Vamos voltar? Está tarde e amanhã tenho um dia difícil me esperando.

— Claro! Está tarde! — Corri para alcançá-lo.



Na manhã seguinte, eu me encontrava bem mais disposta. Minha noite anterior agregou saldos positivos à minha percepção de quem era o Príncipe Edwin. E, apesar dos meus excessos de vexames, no fim, eu havia gostado mesmo de estar com ele. Com certeza eu vivia uma experiência única e inusitada em minha vida e estava disposta a aproveitá-la ao máximo possível.

Na ocasião de mais um agradável café na companhia de Madame Samovier, fui obrigada a descrever minuciosamente todos os detalhes do meu jantar com o Príncipe, provocando risos histéricos da senhora quando ouviu sobre meu choro compulsivo à mesa. Nós rimos até nossas barrigas doerem e precisei admitir a ela minha total falta de noção sobre comportamento, sobretudo diante da realeza. Contudo, Samovier me garantiu que eu apenas estava levando mais alegria à vida da Sua Alteza, cujo excesso de compromissos o deixava sério até demais.

Desci, satisfeita com meu avanço, em direção a Biblioteca, pronta para meus novos afazeres: organizar aquela bagunça chamada *biblioteca do palácio*. Eu não poderia estar mais empolgada com um serviço!

Passei pelo corredor rindo descontraída, lembrando-me das teorias malucas que eu tive a coragem de expor ao Príncipe. Cumprimentei, como de costume, os dois homens de guarda e continuei andando, ainda falando sozinha até meu destino.

Adentrei na biblioteca e, para minha surpresa, deparei-me com o Príncipe Edwin sentado num dos sofás em uma posição mais informal. Nas mãos carregava algum papel, cujo lhe tomava toda a atenção. Parei de súbito e o observei por uns instantes antes de denunciar minha presença.

— Alteza? — chamei-o sem ter certeza se deveria interrompê-lo, tamanha era sua concentração depositada na leitura.

— Ah, sim. Anne, entre, por favor. — Gentilmente e igualmente surpreendido com minha presença, instruiu-me a seguir adiante. — Espero não se importar em ter minha companhia. Eu preciso ler com urgência toda essa papelada e não tenho um minuto de tranquilidade sequer em meu escritório. Não me recordava da quietude da biblioteca até você se referir a ela ontem, e confesso ter encontrado um lugar sossegado por aqui.

— Eu não me incomodo. Quero dizer, se desejar posso me retirar e retornar em outra hora. Não quero atrapalhá-lo — respondi um pouco frustrada com a possibilidade de precisar fazer outra coisa depois de colocar todas as minhas expectativas no que havia planejado para o dia.

— Não, de maneira nenhuma. Eu já sabia que a senhorita estaria aqui. Não precisa modificar seus planos — respondeu sereno voltando à sua leitura.

Cautelosa, aproximei-me das prateleiras para colocar em prática minha intenção de organização, pretendendo ser o mais silenciosa possível. Falhei logo na minha primeira tentativa de retirar os livros da prateleira. O barulho de alguns objetos se espatifando no chão chamou a atenção do Príncipe.

— Precisa de ajuda?

— Não, obrigada, estou bem. Como disse, sou apenas muito desastrada. O senhor pode voltar para sua leitura — respondi nervosa e só então me dei conta de como minhas palavras soaram como uma ordem.

Voltei minha atenção ao meu serviço e tentei em vão esquecer a presença do Príncipe no mesmo aposento onde eu me encontrava. Enquanto eu organizava a primeira prateleira, dispondo os livros de acordo com a temática e o autor, vez ou outra o olhava de soslaio. Ele parecia cansado e se esforçando muito para manter sua atenção ao documento.

Eu não conseguia me concentrar, tamanha a curiosidade em decifrar o que havia escrito ali que parecia incomodá-lo tanto. Meu lado Anne falou mais alto, impedindo-me de raciocinar. Aproximei-me e, condoída, me direcionei a ele.

— Assuntos difíceis? — Quando percebi ter conseguido alcançar meu objetivo de chamar sua atenção, continuei. — Me desculpe a intromissão, mas parece que o senhor está um pouco entediado.

— Você está certa — afirmou inquieto, deixando os papéis de lado por um instante, esfregando as têmporas. — Isto é uma chatice e está tomando todo o meu tempo.

— Posso me atrever a perguntar o que está tirando sua paz dessa maneira? — Sentei na beirada de um dos sofás me controlando para permanecer com a postura ereta.

— O quanto você conhece de suas autoridades, Anne? — indagou, deixando de vez os papéis que ainda estavam ao seu alcance.

— Como assim? Não sei se compreendi sua pergunta.

— Quanto você sabe sobre seu rei, sua rainha e seus príncipes? Você sabe qual nossa função? — interrogou manifestando seu divertimento pela minha lentidão em compreendê-lo.

— O senhor faz gracejo com minhas dificuldades, Alteza? Eu não sou tão burra como aparento ser. Eu gosto muito de conhecer histórias, principalmente a do nosso país. Era minha matéria preferida na escola. — Cruzei minhas mãos demonstrando uma falsa indignação.

— Não, não! — exclamou negando com a cabeça, preocupado em ter me magoado de alguma forma. — Não foi essa minha intenção. Eu cresci ouvindo o motivo de minha existência. E ela é *unicamente para servir meu povo*. — Ele me fez rir da forma como pronunciou as últimas palavras, como meu pai fazia quando queria dar alguma lição de moral.

— Isso deve ser um pouco pesado de lidar.

— Elliot será o próximo rei. E ele sofreu a pressão com mais intensidade, talvez. Entretanto, ele possui uma personalidade forte. Em partes, isso é bom, em partes, me preocupa. Meu pai espera que eu e Esra estejamos ao lado do nosso irmão quando ele assumir o trono, assim como meus tios estiveram junto ao rei.

— Claro, em quem confiariam mais do que no próprio sangue? — interrompi, me deixando levar pela conversa, esquecendo inclusive de manter minha postura.

— Então, Elliot é um excelente político. Ele entende tudo sobre relações diplomáticas e acordos. Eu me impressiono com sua sabedoria para lidar com o conselho. — Sua cabeça tombou para trás, demonstrando sua total impaciência com o tal do *conselho.* Levei a mão à boca, segurando o riso ao vê-lo tão descontraído. — O que foi?

— Você... O senhor! Desculpe-me, mas perdeu sua compostura. — Ajeitei meu corpo na poltrona, apoiando minhas costas sobre o encosto, procurando uma posição mais confortável. — Esse conselho é tão ruim assim?

— Deus! Daria tudo para mandá-los todos para casa e nunca mais vê-los — confessou e riu das próprias palavras. — Mas, Elliot sabe lidar com eles. Como disse, ele mantém sua posição firme e é excelente em acordos.

— Dizem que o casamento dele foi um acordo também — comentei desatenta, mas me corrigi a tempo. — Eu ouvi por aí, não significa ser real, pode ser só um boato.

— Em partes há um fundo de verdade nisso. — Ele cruzou os braços em frente ao corpo enquanto falava. — Você deve saber que minha mãe era uma plebeia. Meu pai se apaixonou e não mediu esforços para se casarem. Por esse motivo, nunca impuseram para nós três casamentos forçados ou baseados em negociações políticas. Mas, isso não significa que não deem suas recomendações e indiquem relacionamentos vantajosos para o país. E numa dessas sugestões, Elliot se agradou de Cloe e satisfez o desejo do meu pai e fortaleceu as relações com o Reino Integrado — explicou com toda a paciência disponível em seu belo ser.

— Interessante. A Princesa Cloe, ela parece ser... Legal. — Não achei palavra melhor para descrever o que realmente pensava da mulher que ditava a moda atual de Cibele sem me comprometer.

— Legal! — exclamou, fazendo graça de minha palavra que não fazia jus aos meus pensamentos. — Ela cresceu, assim como nós, sendo preparada para assumir um cargo de responsabilidade. Deveria ter mais respeito por sua futura rainha, Anne.

— Oh, não! Não lhe falto com respeito. Eu... — calei-me, sem ter como continuar quando percebi que o Príncipe desfrutava com divertimento de meu embaraço. Cruzei meus braços e encarei os papéis. — O senhor não respondeu sobre o conteúdo de sua leitura.

— Tem a ver com a minha função. — o Príncipe fez uma pausa, notoriamente tentando se controlar do seu ânimo repentino. — Esra é a parte popular da nossa família. Ele quem faz as relações públicas com a imprensa. Nosso garoto propaganda. Ele é muito extrovertido e simpático. Vocês se dariam bem, tenho certeza disso.

— Eu sempre o acompanho na TV e na internet. — Sorri ao me lembrar de vê-lo com frequência no canal real nos últimos dias. — Ele é lin... — interrompi antes de continuar a revelar como eu admirava a beleza estonteante do irmão mais novo do Príncipe Edwin. — Ele parece ser muito legal também.

— Ah, sim, claro. Ele é muito legal. — Tudo bem, eu estava falando besteira, mas ao menos consegui vencer na minha empreitada de distrair o Príncipe de seu estresse, já que agora ele ria descontroladamente, deixando-o muito lindo também.

— Qual a sua função, Alteza? — questionei embaraçada tentando mudar o foco de nosso assunto quando ele conseguiu se controlar novamente, apesar do sorriso ainda estar lá, nos lábios e nos olhos claros.

— Eu fiquei com a parte chata. Aparentemente, meu pai decidiu depositar toda a burocracia em cima das minhas costas. — O Príncipe se encostou na poltrona e apoiou as mãos nos joelhos.

— Algo me diz que isso tem alguma relação com seu segredo — sussurrei misteriosa.

— Eu preciso revisar todos os projetos e sugestões para alguma mudança da lei, conferindo se não fere, de alguma forma, nossa constituição — disse desprezando minha insinuação anterior.

— Mas não existem assessores para isso? O senhor poderia distribuir essa função. — Como se ele não soubesse disso!

— Posso, mas não confio nas pessoas que meu pai indicou. Então, prefiro eu mesmo fazer esse trabalho, não tenho escolhas. — Deu de ombros, sem ter outro caminho a seguir a não ser cumprir com seu dever.

Minha mente se iluminou com o pensamento que me ocorreu.

— Se quiser, posso ajudá-lo. Eu gosto muito de leitura. Posso fazer uma revisão do assunto tratado. — *Ok, ele está surpreso com minha ideia ridícula*! — Quer dizer, eu não sei se sou apta a isso. Talvez seja melhor voltar para meu serviço aqui na biblioteca.

Levantei olhando para o chão, não acreditando na minha ousada sugestão. Caminhei até a prateleira onde outrora eu estava trabalhando.

Ajudá-lo! Anne, ele acabou de expressar sua desconfiança em seus assessores. Meu Deus, eu preciso ser menos atrevida.

Ainda de costas senti algo tocando meu ombro. Virei-me para conferir do que se tratava e avistei uma pilha de papéis nas mãos do Príncipe.

— Vamos ver como você se sai. Vem, você lê esse enquanto eu me dedico a outros.

Peguei os documentos, ainda incrédula com o meu avanço. Sentei ao seu lado e ouvi aplicadamente a explicação sobre os pontos em que deveria me atentar. Para minha sorte eu conhecia bem a constituição de

Cibele, toda ela baseada nos princípios cristãos dos quais eu tinha instrução. Não seria tão difícil, eu imaginei.

Ou seria.

Qual o motivo de tantas palavras formais e complicadas? Dava para substituir “Excelentíssima Majestade, é indubitável a relevância da anuência proposta de lei para a nação, sendo essa uma maneira de assegurar direitos...” por “Ei, você que manda, preciso que ouça minha proposta...”. As pessoas gostavam de complicar as coisas com tamanha formalidade.

Pressionei meu cérebro e o forcei a compreender tudo e aos poucos fui me acostumando e apreciando o meu novo serviço. Logo no primeiro parágrafo percebi a intenção do projeto que tinha em poder das minhas mãos. Era uma clara e descarada tentativa de uma pequena parcela de agricultores em ganhar vantagens em cima do restante da população.

— Quem escreve essas propostas? O conselho? — questionei, recebendo a atenção do Príncipe, que levantou seus olhos até os meus.

— Estes aqui — indicou a pilha de documentos —, são todas solicitações da população. A maioria não faz sentido, mas é de grande importância ouvi-los. É o povo quem passa pelas lutas diárias neste país, e já encontramos muitas propostas consideráveis lendo esses projetos — respondeu sereno.

Expliquei a ele do que se tratava o documento, as ideias sem coerência ali expostas, e ele riu, concordando comigo, oferecendo-me outra pilha de papéis.

Duas horas depois, estava deitada no sofá me sentindo a vontade, o Príncipe já não vestia o paletó de seu terno e nós dois ríamos sem parar das sugestões daqueles documentos. Não havia entre eles nenhum que valesse a pena levar a sério, entretendo-nos de alguma forma com as colocações absurdas mencionadas nos papéis.

— Anne? — Zac entrou ofegante pela biblioteca dando a entender que estava correndo. Ele avistou a cena entre nós e petrificou desconcertado logo após atravessar a porta. — Alteza, me perdoe.

— Não, Zac, entre, fique à vontade. — Príncipe Edwin não modificou sua postura e com um gesto informal chamou o jovem para mais perto. — O que foi?

— Nada importante. Na verdade, eu apenas vim chamar a Anne para o almoço, mas não sabia que ela estava acompanhada. Não quero atrapalhá-

los, parecem ocupados. — Seus olhos se repousaram sobre os muitos papéis espalhados a nossa volta.

— Por favor, Zac, leve-a. — Eu ouvi aquilo me ajeitando no sofá, um pouco arredia. — Já tomei tempo suficiente da senhorita. Ela precisa de descanso também.

— Não, eu estou bem, Alteza. Não se preocupe. Ainda temos alguns para terminar...

— Você me ajudou bastante. Por favor, vá descansar. Já sabemos que não há nada de importante neles, eu termino esses aqui. — Sorriu e se levantou, juntando os papéis espalhados. Comecei a ajudá-lo com as folhas, mas ele me olhou sério, repreendendo-me. — Vá, Anne! Zac a está esperando.

— Sim, senhor.

Levantei e, sem olhar para trás, acompanhei Zac, cujo sorriso provocativo brincava em seu rosto. Sem dizer nenhuma palavra e desviando meu olhar para todas as direções contrárias ao meu amigo, fomos até o refeitório, onde almocei na companhia das pessoas que se tornavam cada vez mais queridas para mim.



Logo após o almoço, corri para a biblioteca na esperança de encontrar o Príncipe, mas me deparei com o assento vazio no cômodo escuro. Senti uma pontada de decepção e isso me fez refletir em como eu estava gostando da companhia dele. Ele era uma pessoa agradável, divertida, gentil, inteligente, lindo, interessante... Mas era o meu Príncipe, naquele momento, o segundo na linha de sucessão ao trono. Era ridículo eu ficar preocupada com minha admiração e desejo de sua companhia. Não era?

Retomei meu trabalho de organização dos livros e prossegui com empenho pelo restante da tarde, esquecendo-me de tudo a minha volta. Quando estava envolvida com livros, eu embarcava em outros mundos, lugares onde eu poderia ser quem eu quisesse, sem medos, sem perdas, sem despedidas. Era a fuga perfeita para uma jovem sonhadora como eu.

Somente na hora do chá me ausentei da minha labuta, mas retornei tão logo quanto pude, permanecendo por lá até o sol se pôr. Zac apareceu acompanhado de Oliver um pouco mais tarde, ajudando-me a terminar de organizar algumas prateleiras.

— Você pretende arrumar todas as prateleiras da biblioteca? Esse lugar é imenso! — Oliver concluiu girando a mão em todas as direções, percebendo a realidade do que eu tinha me proposto a fazer.

— Claro que não, Oliver! Apesar de já ter dado uma volta e apreciado todas as sessões da biblioteca, principalmente aquela com livros e arquivos da história de Cibele — apontei na direção do local onde eu havia passado algumas horas admirando as riquezas históricas presentes ali —, apenas esta está desorganizada. Provavelmente existiu uma pessoa neste palácio que, além de amar literatura clássica, era extremamente desorganizada. Esta sessão — indiquei uma dúzia de prateleiras a nossa frente —, estavam todos disposto de forma indiscriminada.

— Há muito tempo ninguém entra neste lugar. Nunca vi essa biblioteca ser usada desde a minha chegada a Kent — Zac afirmou me entregando alguns livros.

— Há quanto tempo vive aqui, Zac? — questionei interrompendo meu serviço para dar-lhe atenção.

— Nos mudamos definitivamente há quatro anos. Mas eu sempre estive presente em Kent. Mamãe acompanhava a família real e eu sempre estava no meio. Passei a infância brincando com os *meninos* pelo castelo. — Zac sorriu, nostálgico, parecendo se lembrar de uma época na qual Suas Altezas eram apenas crianças se divertindo ao seu lado.

— Você conhece o Príncipe Edwin intimamente, então. — Tentei não transparecer a relevância do meu interesse sobre ele, mas eu realmente estava entusiasmada em saber mais sobre os segredos por trás do homem agradável que ele era.

— Sim, muito. Apesar de me dar melhor com Esra. Nós dois temos a personalidade parecida. Já aprontamos muito juntos. — Zac gargalhou alto, atiçando a curiosidade de Oliver.

— Está vendo, Anne? Não sou apenas eu que apronto! Se até o Príncipe o faz, você deveria me dar um desconto. — Oliver se aproximou, deixando um beijo na minha bochecha enquanto ria da minha cara insatisfeita para ele. — Você deveria tentar ser menos minha mãe, ao menos de vez em quando.

— Eu estou fazendo isso. Estou há uma semana, praticamente, de férias, tirando um tempo só para mim. — Voltei a arrumar os últimos livros, sentindo o prazer que aquelas palavras provocaram em mim. Eu realmente estava desfrutando da nossa estadia forçada. — Porém, quando esse conto de fadas acabar, nós dois estaremos encrencados.

— E por que você diz isso? — Zac questionou, o tom de voz denotando interesse, percebendo minha repentina inquietação ao tocar naquele assunto.

— Nossa renda vem da livraria. E ela está fechada durante todo esse tempo em que estamos aqui. — Oliver respondeu, sabendo do motivo da minha preocupação e demonstrando a mesma apreensão que eu.

— Olha! — exclamei admirada, chamando a atenção dos dois homens presentes. — Esse tempo por aqui está fazendo algo bom a você, meu irmão. Está aprendendo a ter senso de responsabilidade.

— E responsabilidade me recorda de que tenho um compromisso. Prometi ajudar Avryl com o computador novo dele, e não irei me atrasar. Até amanhã, minha irmã linda. — Oliver me abraçou por trás antes de se retirar.

Vi meu irmão saindo pela porta, disparado pelo corredor e sorri orgulhosa de sua inteligência e beleza. Zac nos observava pensativo.

— Vocês dois tem uma ligação diferente. São muito unidos e possuem uma forma... não muito convencional de se relacionar. Ao menos para mim, que não estou acostumado com esse tipo de interação.

— Está falando dos abraços e beijos? — perguntei sabendo que muitas vezes as pessoas estranhavam nossa cumplicidade e ele assentiu. — Meus pais, eles eram extremamente carinhosos e sempre agiram assim com a gente. Acabamos crescendo dessa forma, e depois que meus pais se foram, não só mantivemos nosso vínculo, como ele se tornou ainda mais forte entre nós. Não há nada melhor do que um abraço de carinho e amor. É reconfortante. Você deveria experimentar. — Incentivei-o enquanto guardava a última pilha de livros ainda fora de seu lugar.

— Talvez um dia, quando tiver a minha família, eu possa usar o exemplo de vocês e fazer o mesmo.

Olhei para o sorriso sincero de Zac e meu coração deu uma leve disparada. Senti minhas faces querendo enrubescer. Estava envergonhada com aquele comentário dele e precisava mudar de questão para as coisas não se complicarem mais. Então fui para outro assunto mais atraente.

Príncipe Edwin.

— Zac, você sabe qual o livro preferido do Príncipe? — Bati as minhas duas mãos retirando a poeira, fazendo de tudo para não parecer novamente curiosa.

— Do Edwin? Não, não faço ideia. Não sou um grande apreciador da leitura e nunca tivemos uma conversa desse tipo. Não faço a mínima ideia.

— Mas, deve conhecer os gostos dele. — Andei até o outro lado da biblioteca, pegando um livro caído sobre o chão.

— Por que a senhorita está tão interessada no Príncipe? — Ele cruzou os braços na frente do corpo me pressionando a responder.

— Eu não estou interessada em ninguém! — Meus olhos se encontraram com o de Zac, deixando-me indefesa e sem saída. — Tudo bem, talvez um pouco interessada. Mas não quer dizer nada, apenas

curiosidade. Só porque estou fazendo perguntas sobre ele não quer dizer que eu esteja interessada nele, não como você está pensando. Diversos interesses podem surgir quando alguém quer saber alguma coisa. — Parei de falar me dando conta das idiotices saindo da minha boca. — Não é nada — finalizei.

— Bom, se está tão *interessada*, deveria dirigir as perguntas a ele e não a mim. Apenas sugiro manter distância do cômodo secreto ou você pode ser a próxima vítima — advertiu com seriedade.

— Você é sempre engraçadinho assim, Zac?

— Sempre! Gosto de fazer as pessoas sorrirem.

— E consegue. — Sorri em resposta a ele, encantada com seu constante jeito de agir. — Por hoje é só. Podemos ir jantar. Já está na hora? — iniciei minha caminhada esperando que ele me acompanhasse.

Zac me ultrapassou, provocando-me. Quando dei por mim estávamos apostando corrida pelos corredores do palácio, descendo as escadas em disparada, quase caindo de cara no chão. Já no primeiro andar, avistamos Helena de longe e precisamos frear imediatamente. Ofegantes e tentando manter nossa postura séria passamos pela mulher, voltando a correr longe de suas vistas. Precisei usar minha arma secreta para garantir a vitória.

— Ai! Meu pé. — Parei tomando fôlego, expressando em alto e bom som a minha falsa dor. Zac se aproximou preocupado e quando se posicionou ao meu lado, voltei a correr alcançando o refeitório primeiro.

— Não vale! Isso foi trapaça — protestou esbaforido enquanto empurrava a porta para me dar passagem.

— Você é infinitamente mais rápido do que eu. Não tenho como vencê-lo, Zac senão usando minhas táticas secretas — provoquei novamente, dando um soco de leve em seus ombros.

— Não vou nem comentar de suas gracinhas. — Zac me guiou até a mesa onde o jantar estava servido, entregando-me um prato. — Você e Oliver tem muita sorte de terem um ao outro. Sempre quis ter um irmão. Ser filho único não é uma boa coisa. Quando me casar, terei a casa cheia de crianças. No mínimo cinco pirralhinhos correndo pelos cômodos.

— No que depender de mim também terei muitos filhos. Sempre fomos apenas nós quatro lá em casa e sinto um pouquinho de inveja quando vejo uma família grande e unida. Quero ter muitos filhos para meus netos

terem muitos primos. — Encarei Zac que me olhava atônito, absorvido por minhas palavras. — O que foi?

— Nada. Ocorreu-me uma ideia nesse momento, mas não é nada importante — respondeu voltando a se concentrar em servir seu prato, mas permanecendo alegre.

— Meu Deus! Eu sou a pessoa mais curiosa dessa terra e vocês me deixam assim, cheia de expectativas no ar. Que ideia ocorreu nessa sua mente, senhor Zac? — Cutuquei seu braço, tentando, em vão, fazê-lo falar.

Com os pratos servidos, nos sentamos lado a lado. Depois de muita insistência, desisti de interrogá-lo e nossa conversa tomou outro rumo. Nós dois criamos uma conexão incrível, compartilhando nossos gostos e ideias. Zac era muito parecido comigo em diversos aspectos e eu me sentia livre ao estar perto dele. Eu ficava tão à vontade, talvez até mais do que quando estava na companhia de Oliver.

Mesmo depois de terminada nossa refeição, permanecemos sentados, trocando informações de nossas vidas e interesses. Ele me fazia rir e ao seu lado as horas passavam sem eu me dar conta.

Ele era, sem dúvidas, uma das pessoas mais especiais que eu conhecia.

— Precisa de companhia até seu quarto? Posso levá-la até a porta — Zac se ofereceu sem deixar de lado seu bom humor.

— Eu amarei ter você por perto. Porém, sem corridas dessa vez.

— Uma dama não pode andar por aí desacompanhada numa hora dessas.

Zac ofereceu o braço e eu o segurei. Era incrível como ele me transmitia uma inexplicável segurança. Caminhamos juntos até o meu quarto e eu não pude evitar de me lembrar da noite anterior, na ocasião da qual fiz o mesmo trajeto, mas nos braços do Príncipe, que me acompanhou até o quarto depois de nosso jantar e passeio pelos jardins. Não consegui esconder o sorriso bobo surgindo quando pensei naquilo.

— Pensando no Edwin? — Zac quase me fez pular de susto.

— Oi? Eu? O quê? Não sei do que está falando. Você lê pensamentos agora? — *Deve ler sim, pois acertou na mosca!*

— Anne, você já parou para pensar que exista um motivo específico, um propósito para seus dias aqui no palácio? — ele questionou parando em frente a porta do meu quarto.

— Claro! Eu penso nisso toda hora e tenho orado a Deus, pedindo a Sua direção e sabedoria. Seja para qual for o propósito, quero fazer a vontade Dele. — Retirei meu braço de dentro do de Zac, virando-me para ele.

— Você não tem nenhuma ideia? Nada passou pela sua cabeça? Nada? — Pela primeira vez vi um Zac sério e compenetrado, tentando ler meu olhar, analisando minhas reações.

— Sim! Quero dizer, eu acho — respondi pensativa, buscando na memória as situações que me fizeram identificar aspectos positivos da nossa estadia. — Você reparou a diferença na vida de Oliver? Em uma semana ele já tem demonstrado um crescimento muito grande. E ele está mais feliz. Há tempos não o vejo assim.

— Anne! — ele exclamou antes de revirar os olhos, completamente impaciente com minha lerdeza. — Você não percebe? Pare de pensar nas pessoas a sua volta e concentre em você mesma!

— Em mim mesma? — indaguei confusa. — Não estou entendendo você, Zac.

— Anne, minha querida, preste atenção! A resposta pode estar bem embaixo do seu nariz. — Olhei para o chão na mesma hora, tentando entender o que estava lá embaixo. Mas só encontrei meus pés e nenhuma resposta. — Abra seu coração e seus olhos, Anne. E, bem, você tem mais três semanas por aqui para entender. Boa noite!

Zac fez uma reverência e, ainda sério, retirou-se, deixando-me perdidamente desestabilizada. Fechei a porta e me joguei na enorme e macia cama, ainda tentando assimilar suas palavras. Coloquei uma almofada sobre o meu rosto, fazendo um enorme esforço para tentar juntar as peças daquele quebra cabeça, até então, sem uma lógica para mim.

Deus, qual seria o propósito disso tudo? O que Zac queria dizer? Dê-me sabedoria para enxergar se o Senhor quer me ensinar algo.

Orei por um tempo e tentei trazer a minha mente avoada qualquer indício de algo referente a algum propósito de Deus, mas nada parecia fazer sentido. Disposta a esquecer momentaneamente aquele assunto, liguei a TV para acompanhar o tradicional Canal Real, meu companheiro de todas as noites.

A Princesa Cloe surgiu na tela, cumprindo suas obrigações. Ela não andava, ela desfilava, tamanho era o seu estilo e beleza. Parecia flutuar em

cima daqueles saltos, como uma verdadeira princesa. Eu ri, ao me imaginar andando assim. Seria trágico.

Em seguida algumas notícias sobre Cibele, de como os índices de desenvolvimento aumentaram no último mês, sobre a safra daquela época, dando ênfase ao fato da estação ter contribuído muito com a abundância da colheita, trazendo esperança econômica após a última e recente crise do país com a agricultura, fato que abalara nossa nação. Depois de acompanhar as maravilhas de minha querida terra natal, o tradicional hino de Cibele se iniciou. E então meu coração palpitou.

A família real surgiu em peso na tela. Todos estavam lá, vestidos em suas roupas tradicionais e com as cabeças sustentando suas coroas. Nosso rei e nossa rainha. O Príncipe Elliot do lado direito de seu pai, acompanhado da Princesa Cloe. Esra, ao lado da mãe, e à sua direita o Príncipe Edwin. Ah, Edwin. Nunca havia reparado em seus trajes reais e como ele ficava absurdamente magnífico em sua pose de Príncipe. A boca acompanhando o hino, parecendo sincero quando cantava “Deus, que Sua graça e misericórdia abundem sobre a nossa nação!”.

Fiquei frustrada quando a câmera exibiu os lindos olhos do Príncipe Esra e me repreendi por abrir a boca para reclamar com a TV por ter mudado o foco.

Meu Deus! Anne, você está louca! Sim, ontem você estava jantando com ele, mas ele é seu Príncipe. Acorda! Ele é seu Príncipe... E lindo, gentil, engraçado, de fato digno do adjetivo ‘príncipe’.

Suspirei ao me lembrar da imagem dele ali na TV um pouco antes. E, sem pensar, dei um tapa no meu próprio rosto.

— Ai! Tudo bem, eu precisava disso. Foco, Anne. Foco!

Apertei o botão de desligar no controle remoto e me lembrei de como o Príncipe havia me dispensado quando Zac me chamou. Tudo bem, ele havia aceitado minha ajuda mesmo depois de dizer que não confiava em ninguém para tal. E passamos algumas horas nos divertindo juntos. Mas, depois ele me despachou, fato esse que demonstrava com clareza: ele não desejava minha amizade como eu a dele, e isso só poderia ser um sinal para eu me afastar e parar de sonhar acordada.



Na manhã seguinte, eu esqueci todas as decisões tomadas em prol da minha dignidade. Perdi o foco enquanto caminhava rumo ao lugar onde eu desejava muito estar, mesmo ciente da minha terrível intromissão com aquela atitude.

Porém, como legítima Anne Davies, não costumava medir as consequências dos meus atos imprudentes. Ao menos, não antes de cometê-los.

— Senhorita, precisa de alguma coisa? — Um guarda me barrou no corredor já próximo do meu destino.

— Sim, o Príncipe... Ele quer falar comigo. — *Tenho certeza que quer. Ou não.*

O homem me olhou hesitante, mas minha determinação lhe passou segurança, permitindo-me prosseguir no caminho. Continuei o trajeto e repeti a frase ainda mais resoluta para outros dois guardas fazendo sua ronda. Com todos, a minha resposta convicta foi o suficiente para convencê-los de que o Príncipe de fato me esperava.

Quando cheguei ao meu destino, a imagem do cordeiro cravado na porta me trouxe boas recordações. Eu sorri ao me lembrar do dia em que entrei pela primeira vez ali e vi o Príncipe sentado com sua pose autoritária. A minha primeira impressão obtida não condizia com a personalidade dele, demonstrada em seus atos nos dias anteriores, quando disponibilizou um pouco do seu precioso tempo comigo.

Suspirei e alisei a minha saia, tomando a coragem necessária para continuar com o plano, antes de anunciar a um dos homens parados ao lado:

— O Príncipe deseja falar comigo. Senhorita Davies, por favor — informei-lhe, segura de mim, sem pensar nas consequências da minha intrepidez.

Um pouco desconfiado, um deles deu dois toque na madeira. Alguém abriu e ele transmitiu meu recado. Dois minutos depois a porta do escritório do Príncipe Edwin foi aberta e eu fui anunciada. Avistei-o sentado, as mãos entrelaçadas, fitando-me preocupado, sem entender o motivo de eu estar ali.

— Mandou me chamar, Alteza? — perguntei séria, enquanto entrava na sala e dava alguns passos em direção de sua mesa.

— Mandei? — indagou ainda mais surpreso. Dei um tímido sorriso e afirmei com a cabeça, tentando transmitir meu recado nas entrelinhas. — Mandei! Eu acho. — Ele olhou para os lados, parecendo analisar algo, depois se voltou para mim. — Por favor, podem me dar licença, gostaria de conversar com a senhorita Davies a sós — pediu às pessoas presentes no cômodo.

Em questão de segundos, a sala se esvaziou e ele ainda me olhava perplexo, esperando eu revelar o motivo de interrompê-lo em seu serviço.

— Desculpe-me aparecer assim — comecei a dizer, enquanto esfregava minhas mãos na barra da minha saia. — Bem, eu considerei que talvez o senhor pudesse precisar de ajuda e estivesse sem graça de solicitá-la. Então, vim oferecer meus serviços. Eu estou à disposição, Alteza.

— Você veio aqui... — Ele me olhou incrédulo e depois soltou uma risada longa e alta. — Anne, você quase me matou do coração agora. Pensei que havia acontecido algo muito sério. Você teve a coragem de vir aqui para me oferecer auxílio?

— Fiz errado? — Apertei minhas mãos com força, começando a ficar envergonhada e tomar ciência da minha atitude ousada.

— Depende. — O Príncipe levou uma das mãos até o queixo, reflexivo. — Aliás, como conseguiu chegar até aqui? Ninguém te barrou?

— Eu passei tranquilamente por todos dizendo... — *Senhor, como explicaria o que eu disse?* — Não tive problemas para chegar até aqui.

— Meu Deus! — O Príncipe levou a mão à testa, admirado com meu feito. — É ótimo saber que estou em total segurança, já que minha guarda não é capaz de impedir nem mesmo uma senhorita de se aproximar de mim. Preciso pôr ordem nesse lugar com urgência.

Não consegui deixar de exprimir minha alegria e satisfação diante da forma brincalhona com que ele se dirigiu a mim. Ele sorria enquanto unia as mãos, ainda incrédulo com minha presença a sua frente.

— Não era a minha intenção deixar ninguém em má situação, Alteza. Tenho certeza de que permitiram minha passagem por estarem ciente de minha presença como hóspede no castelo. Todavia, se não é do seu desejo minha permanência eu me retirarei imediatamente. — Abaixei a cabeça, sem conseguir encará-lo.

Por favor, não me mande embora!

Eu vivi aquele momento tenso no qual segundos pareceram horas. Ele estava absorto em seus pensamentos e eu, imóvel aguardando a resposta. Não houve nenhuma fala antes dele apontar para a cadeira adiante, se colocando de pé em seguida.

— Sente-se, Anne, por favor.

Meu coração se agitou, mas eu respirei aliviada. Eu estava feliz de poder permanecer ali. Quando me sentei, ele fez o mesmo, ainda sem esconder a surpresa com aquela situação um tanto embaraçosa.

— Não há propostas para trabalharmos nelas hoje. Sua ajuda me poupou bastante tempo, eu confesso. Consegui adiantar meus serviços e por esse motivo não há nada em que você possa ser útil em meu auxílio. Mas, fico feliz por sua gentileza. Sinto-me honrado pela preocupação com meus encargos. — Meu peito inflou de felicidade, sentindo-me profundamente orgulhosa ao ouvir como eu fui útil de alguma forma.

— Eu faço qualquer coisa necessária pelo senhor. — Duplo sentido. — Digo, eu não me importo com o serviço imposto, eu estou feliz em ser útil, Alteza... Príncipe Edwin. — Engoli em seco, desconcertada, percebendo minha afobação ao me dirigir a ele.

— Anne — sua voz suave me fez fitar seu rosto moldado em um lindo e sincero sorriso —, eu sei que você tem suas regras e pompas a seguir — brincou utilizando as mesmas palavras que outrora eu havia usado com ele —, mas, é do meu desejo que me chame de Edwin, se não se importar, quando estivermos a sós. Prefiro ser chamado com menos formalidade. Você constantemente se sente oprimida por ser necessário me tratar com reverência.

— Ai, meu Deus! — Dei um tapa estalado na testa, assustando o homem. — Perdão, Alteza. Eu esqueci de fazer a reverência. — Levantei-me, desajeitada, e fiz uma pequena mesura. — Não é minha intenção destratá-lo, como já havia dito.

— Sente-se, senhorita! — ordenou indicando a cadeira, mas seu sorriso e tom de voz denunciavam sua brandura ao se dirigir a mim. —

Acabei de lhe dizer que não há necessidade de se preocupar com as formalidades. Está tudo bem!

— Eu não sei se posso... Bem, tratá-lo pelo nome. Eu não tenho intimidade e seria muito estranho, afinal, você é o Príncipe, não é?

— Você não compreendeu, estou ordenando que me chame de Edwin! — exclamou convicto e depois ficou pensativo, observando minha expressão que provavelmente denunciava minha futura desobediência, algo recorrente quando se tratava de Anne acatando ordens reais. — Aliás, se não cumprir minha ordem, voltarei a chamá-la de senhorita Davies.

— Tudo bem, tudo bem. — Fiz uma pausa, umedeci discretamente os lábios e o encarei. — *Edwin*. — Meu coração disparou e senti um enorme prazer em pronunciar seu nome naquele momento. Não disse mais nada, temendo estragar a repentina emoção e contentamento tomando conta do meu peito. Ele parecia satisfeito com minha resignação.

— Temo ter que dispensá-la, Anne — lamentou com sua tranquilidade corriqueira. —Não tenho nenhuma tarefa para dar a você. Talvez seja melhor encontrar algo para se divertir por aí.

— Sério? — Fiz um bico, demonstrando meu desagrado em ser despachada novamente. Ele riu da minha expressão e apoiou as duas mãos na mesa, reflexivo.

— A não ser que... — Levantou-se concentrado, caminhando em direção a uma gaveta da enorme mesa. Retirou de dentro dela uma pasta preta, voltando-se a mim. Já ao meu lado, deixou a pasta sobre a mesa e baixinho me informou: — Este é um projeto pessoal. Eu preciso de sua discrição quanto ao seu conteúdo. — Sua mão repousou sobre o objeto, protegendo-o de alguma forma.

— Claro, não se preocupe. — Observei seus olhos buscarem segurança nas minhas palavras. E eu me derreti naqueles olhos castanhos tão próximos a mim. — Pode confiar, Alte... Edwin.

— Tudo bem. — Ele deu a volta na mesa, retornando ao lugar onde outrora estava. — Essa pasta contém informações sobre algumas instituições de grande importância assistencial para Cibele. Abrigos, hospitais, centros de apoio... A sua tarefa: você deverá ler as informações e escrever uma carta pessoal para cada um deles, levando uma palavra de apoio e gratidão pelos serviços prestados. Sinta-se livre para escrever o que desejar.

— Preciso escrever no nome do senhor? — indaguei curiosa, desejando abrir e ver o conteúdo da pasta e quais eram as instituições mencionadas. Eu amava pessoas cuidando de outras pessoas. Histórias assim sempre despertavam um calor no meu coração e eu cria vir de Deus e seu chamado.

— Não, não — ele negou e organizou alguns papéis a sua frente. — Será em nome do palácio Real de Kent. Pode escrever como algo pessoal, com o fim de representar o mesmo. Entendido?

— Sim.

Abri a pasta com cuidado e havia uma dezena de folhas, cada uma descrevendo algum lugar diferente. Observei detidamente todas elas e depois me voltei para o Príncipe, ainda atento em meu comportamento.

— Algum problema? — Ele questionou ao me ver parada, aguardando.

— Eu vou escrever com o quê?

— Ah, lógico! Esqueci-me disso. Vê aquele armário? — Apontou para a minha esquerda, onde havia um armário de madeira em contraste com a bela parede creme. — Ali dentro tem diversos materiais, pode retirar tudo que precisa.

— Eu posso ficar por aqui, no seu escritório? — questionei esmurrando o entusiasmo para ele não transparecer.

— Fique à vontade — respondeu sorrindo. Talvez eu não tenha obtido sucesso em esconder minha empolgação.

Dirigi-me até o armário e me encantei com a quantidade e qualidade dos materiais dali. Havia os mais diversos tipos de folhas, de cores e gramaturas diferentes, além de envelopes de vários tamanhos e canetas luxuosas. Retirei alguns papéis com a marca d’água do símbolo da nossa nação, julgando serem os melhores para escrever naquela situação, já me sentindo arrebatada pela minha mais nova tarefa. Depois de pegar todo o essencial, retornei à mesa sem olhar diretamente para o Príncipe e me sentei silenciosa para não interromper seu trabalho.

Iniciei as devidas leituras dos documentos. Estava encantada com a descrição de cada lugar, das missões, visões e valores, dos modos de operar, além do objetivo central de acolhimento de cada um. Fui passando as folhas, analisando a histórias das instituições, e uma em especial se destacou. Meu coração se apertou ao ler: “Recomeço. Abrigo cristão para órfãs”.

Minha garganta deu um nó ao pensar nas vidas das crianças vivendo ali. Apesar de crer nas palavras do documento, que afirmavam se tratar de um lugar acolhedor, familiar e cheio de amor, eu sabia, na prática, o sentimento de perda de cada menina amparada naquele local. Apertei os olhos e transferi o papel para o último lugar da fila, retardando a hora de escrever aquela carta, para que pudesse fazer com calma e zelo e me preparar para o devido momento.

Minha primeira tarefa foi com a instituição “Casa acolhedora para pessoas necessitadas”. Aparentemente, ofereciam todo tipo de suporte para quem estivesse em momentos complicados. Havia treinamentos profissionais, distribuição de alimentos para pessoas em dificuldades financeiras, aconselhamentos e assistência a famílias, entre outros cuidados assistenciais, visando o bem-estar da população. Senti uma enorme alegria ao ler sobre aquele lugar e não seria difícil deixar palavras de reconhecimento pelo trabalho executado.

Estava tão absorta e envolvida com a minha incumbência que não me lembrava de onde eu estava e ao lado de quem. Concentrei-me no meu serviço e iniciei a escrita da carta.

De imediato, um provérbio me veio a mente. Desejosa em transcrevê-lo, desviei a minha concentração do papel e levantei o olhar, surpreendendo-me ao encontrar os olhos do Príncipe fixos e atentos a todos os meus movimentos.

— Edwin — expressei com naturalidade, escondendo minha perplexidade por notar sua atenção posta em mim —, você teria uma Bíblia por aqui, para me emprestar? A minha está no meu quarto e gostaria de buscar algumas referências, se não se importa.

A cena a seguir me fez recordar de todo o meu embaraço quando estava perto dele. De repente, era ele quem teve dificuldades em manter sua postura. Gaguejou algumas vezes antes de me negar uma Bíblia, mas estendeu o próprio celular logo depois.

— Eu tenho um aplicativo, tem uma Bíblia aí, se está precisando — explicou já recuperado do seu repentino estado de choque.

— Eu não posso! — respondi sem coragem de estender a mão e pegar aquele aparelho. — É o seu telefone pessoal. Não vou invadir sua privacidade dessa forma.

— Pegue, Anne — ordenou ríspido, não me dando saída para negar.

Minhas mãos inseguras pegaram aquele aparelho já com o aplicativo da Bíblia aberto. Um pouco sem jeito e um tanto envergonhada, busquei o provérbio que eu queria, copiando-o na minha carta.

“Quem trata bem aos pobres, empresta ao Senhor, e Ele o recompensará regiamente!” Pv 19:17

— Pode ficar com ele, caso queira utilizar outros versículos em suas cartas. — Edwin me encarou e foi possível ver novamente uma confusão em sua expressão.

— Obrigada.

Voltei à minha função, mas vez ou outra notava como o Príncipe estava mais agitado do que o normal. Porém, não me deixei abalar e logo estava absorta em minhas palavras sendo escritas na folha de papel. Permiti ao meu coração expressar com carinho a consideração pelas pessoas que dedicavam sua vida por amor a outras pessoas, deixando-lhes palavras de incentivo para seguirem no trabalho, mesmo quando estivessem com alguma dificuldade ou com o desejo de desistir.

Em meia hora, estava na minha quarta carta, tão contente que mal percebi o tempo passar. Nem mesmo havia reparado nos funcionários de volta ao escritório. Meu coração era cheio de gratidão e alegria por ver pessoas tão prestativas em nosso país, dedicando suas vidas ao próximo. Depois do centro de apoio, escrevi para um asilo de idosos, um projeto de incentivo à alfabetização nas áreas rurais, cujo índice de escolaridade era baixo e, por último, para um centro de ensinamentos de cultivo de subsistência, para famílias do campo.

— Está cansada? — Edwin questionou carinhoso quando me viu alongando os braços, tática que eu usava para relaxar quando permanecia muito tempo em uma mesma posição.

— Não, estou bem — respondi e voltei a escrever, com medo dele me dispensar como havia feito no dia anterior.

— Henri, por favor. — Ouvi sua voz dando ordens ao serviçal, mas não desviei minha atenção do papel. — Peça que sirvam nosso almoço aqui mesmo, no escritório. A senhorita Davies me fará companhia hoje. — Senti o peso da alegria proporcionada por aquelas palavras. Eu iria permanecer ali, comeria com ele e estava emocionada por isso.

Dez minutos depois, senti uma presença do meu lado. Virei meu rosto e Edwin estava em pé, oferecendo a mão de apoio.

— Vamos dar uma pausa. Venha!

Olhei para sua mão, depois para seu sorriso e dei ordens ao meu cérebro para não fazer besteira. Segurei sua mão quente e por um momento senti um frio na barriga, uma sensação esquisita, diferente de tudo que um dia eu senti. A mão do príncipe era grande e firme, contrastando com a minha, pequena e delicada, agora apoiada sobre a dele. Fiquei de pé ao seu lado e nos dirigimos até a mesa no canto direito, onde pratos e talheres nos esperavam.

Mesmo depois de quebrar nosso contato, eu ainda sentia o calor da mão dele. Após me ajudar com a cadeira, Edwin sentou-se adiante. Nossos olhos se encontraram e eu me perguntei como eu me permiti estar ali.

Capítulo 20

O pequeno momento de tensão teve fim com a primeira piada de Edwin sobre os talheres e, logicamente, ela me envolvia. Nosso almoço foi servido e ele me liberou de todas aquelas regras, garantindo não rir do meu embaraço.

— Sinta-se à vontade, Anne. Sei como essas coisas são estranhas para quem não está acostumado. Eu não pensarei mal de você se comer a salada com o talher de peixe. — A risada ecoou em seguida, alta e longa.

— Edwin, eu estive pensando em uma coisa. Talvez o senhor possa me arrumar um emprego aqui no palácio. — Fiz uma pausa aguardando ele me dar atenção, pensativo. — Eu faço um excelente trabalho de bobo da corte. Até agora me saí muito bem provocando intensas risadas no senhor. — Espetei um pedaço de tomate e sem me preocupar com a elegância o levei à boca, rindo de sua expressão alegre em resposta a minha brincadeira.

— Seria interessante tê-la aqui. Realmente, meus dias estão sendo mais agradáveis desde sua chegada ao palácio. Eu aprecio muito sua companhia.

— Claro, eu o faço rir e sentir-se inteligente. Sei como sou desastrada, mas não é algo que eu possa controlar. Faz parte de mim, sabe? — Dei de ombros e continuei minha tarefa de espetar a comida com o garfo em contraste a ele, comendo com distinto refinamento.

— Conte mais sobre você. Além de ser desastrada e agir sem pensar por diversas vezes, quais mais surpresas você guarda sobre sua personalidade que devem ser do meu conhecimento antes de me convencer ser uma boa ideia empregá-la? — perguntou, dando-me toda a atenção que dispunha, parecendo realmente empenhado em descobrir mais sobre Anne Davies, a garota maluca que o acompanhava.

— Eu? Não sou uma pessoa interessante. Não há muitas coisas a serem ditas sobre mim. Tenho uma livraria e cuido do meu irmão abençoado. Nada de especial.

— Por falar em Oliver, eu andei pensando. — Ele me encarou absorto, pausando os talheres no prato por um momento. — Seu irmão não me parece um adolescente rebelde. Ele tem se dedicado muito e em tudo por aqui, sempre disposto a ajudar e instruir-se. Não compreendo a motivação de tê-lo levado a agir como o fez.

— Ele não é rebelde! Ele é exatamente como o senhor descreveu. E ainda, amoroso, cuidadoso, carinhoso. Garanto-lhe, não era a intenção dele prejudicá-lo. — Entrei em defesa a Oliver, tomando o cuidado de não revelar os verdadeiros motivos, já que havia prometido a meu irmão não tocar nesse assunto com ninguém, muito menos com o Príncipe.

— Eu não entendo...

— Deveria conversar com Oliver, talvez ele se abra. Mas, eu garanto, essa não é uma atitude própria dele. Nós somos cristãos verdadeiros desde pequenos e sempre nos preocupamos em seguir os ensinamentos da Verdade. Meu pai nos testemunhou sobre como é importante fazer as coisas certas, mesmo quando isso implica em possíveis prejuízos e danos a nossa vida, como consequência das nossas escolhas. Oliver errou, mas se arrependeu e pediu perdão, consertando seus atos. Eu me orgulho de quem ele se tornou.

— Praticamente toda Cibele é cristã — atestou ele e deu um gole em sua taça de água, desviando os olhos para outro lado.

— Dizer-se cristão não significa que verdadeiramente o seja, Alteza. Nós aprendemos com meu pai sobre o verdadeiro cristianismo, de fé e atos. — Edwin estava me encarando com a boca entreaberta, os olhos arregalados e as sobrancelhas levantadas, diante da surpresa com a minha sentença, levando-me a pensar em como eu pude ter passado dos limites, parecendo dizer-lhe algo indevido. — Perdoe-me se estou sendo arrogante, não era minha intenção.

— Não, de maneira nenhuma. Não disse nada errado. — Com um pigarro ele corrigiu sua postura, voltando a apreciar a comida em seu prato. — O seu pai, ele não é de Cibele. Ele veio de onde?

— Eu não me sinto à vontade em falar sobre isso. — Levei a taça à boca, tomei um pouco de água, limpando a garganta, ponderando se existia

confiança o suficiente e se estaria segura em revelar o passado de meu pai. — É algo delicado, perdoe-me.

— Ele pediu abrigo em Cibele, justificando perseguição religiosa — revelou levando um garfo de comida à boca, sem me encarar. Eu esperei espantada ele terminar de comer e explicar como tinha acesso àquela informação. — Eu tenho um pequeno dossiê sobre a vida de sua família. Eu não colocaria qualquer pessoa dentro do palácio sem antes fazer uma minuciosa investigação sobre seu histórico, não seria nem um pouco prudente da minha parte. Para isso temos a polícia secreta — explicou, deixando-me atônita e insegura sobre meus assuntos pessoais de seu conhecimento.

— Se o senhor sabe sobre minha vida, porque faz perguntas? Tenho certeza da eficiência de sua polícia — respondi ríspida, só me dando conta da minha falta de educação depois das palavras terem saído da boca.

— Ei! — Edwin levantou as duas mãos em sinal de defesa. — Também não é assim. Eu não sei, por exemplo, qual seu livro preferido, qual a comida mais gosta, qual filme mais lhe agradou nos cinemas.

— Nunca fui ao cinema. — Atentei-me apenas na última questão. Tentei responder sem demonstrar minha decepção, mas eu não era boa em esconder meus sentimentos.

— E por que nunca foi ao cinema? — indagou interessado em desvendar o motivo da falta de ânimo em minha voz.

— Nunca tive a oportunidade. Não existe uma explicação, eu apenas nunca fui. — Dei de ombros e belisquei um pedaço de batata coberta com uma pasta de queijo deliciosa.

— Permite que eu a leve ao cinema? — Edwin perguntou de uma só vez, parecendo um pouco tenso ao se dirigir a mim.

— Como? — Eu não havia entendido direito suas palavras. Ou havia?

— Na verdade, não é bem um cinema tradicional. Temos uma sala com um telão aqui no palácio. Sei que não será a mesma coisa, porém, posso proporcioná-la uma experiência diferente antes de conhecer um cinema de verdade.

— Eu vou amar! — expressei um tanto animada, precisando me segurar para não dançar ali, na frente dele. — Desculpe, empolguei-me.

— Você não precisa se desculpar quando age como você mesma, Anne. Isso faz eu me sentir menos anormal.

— Anormal? — crispei os olhos, desconfiada.

— Sim. Ninguém me trata como uma pessoa normal, real, com sentimentos e particularidades. Na minha frente, todos mantêm uma postura diferente, tentando me agradar de alguma forma. — Edwin suspirou enquanto deixava o guardanapo sobre a mesa. — É difícil encontrar uma pessoa que seja ela mesma na minha companhia e me deixe ser quem eu sou.

Nossos pratos foram substituídos pela sobremesa, quebrando o clima silencioso instaurado com a confissão do Príncipe. Havia um coração desenhado com calda de chocolate sobre a minha torta de morangos, levando-me a reconhecer novamente o carinho incomum das pessoas da ala dos criados.

— Pelo visto, a senhorita Davies anda sendo mais paparicada neste palácio do que o próprio Príncipe. O chefe mandou um prato especial para Anne? — Edwin perguntou a Dominic, responsável por nos servir, quando notou a diferença de minha sobremesa para a dele, não apenas nos detalhes, mas também na quantidade.

— Sim. Na verdade, essa sobremesa já estava preparada para a senhorita antes do chefe saber que ela seria sua acompanhante. Espero não haver nenhum problema com esse fato, Alteza — explicou Dominic, receoso em ser repreendido pela audácia dos funcionários em me paparicar.

— Não, está tudo bem. Mas passe meu recado ao chefe: eu também gosto de doces!

Eu não consegui segurar a risada alta despertada pelo senso de humor de Edwin, levando-o a rir comigo. Sua forma divertida de encarar os fatos de nada se parecia com sua postura de seriedade e frieza quando não se sentia à vontade. Demorei um tempo a conseguir me recompor, encarando a expressão de Dominic ao entender a piada do Príncipe, tentando a todo custo manter o profissionalismo e não sorrir, juntando-se a nós.

— Se quiser, pode pegar metade, Alteza. Mais tarde eu corro até a cozinha e degusto de um pouco mais das delícias do chefe — ofereci estendendo o prato em sua direção. Por um momento ele hesitou, talvez um pouco impressionado com minha audácia, mas, por fim, retirou boa parte da minha torta adicionando-a em seu prato. — Vou sentir muita falta disso quando eu for embora.

O peso das minhas palavras foi acompanhado por um silêncio inquietante. Na verdade, eu sentiria falta de tudo. Meu coração não desejava partir. Pela primeira vez em anos eu me sentia rodeada de carinho e atenção, não me permitindo pensar em como seria minha vida após o término do tempo de nossa estadia, retornando para o silêncio e a solidão da nossa casa. E seria novamente apenas eu, Oliver e a companhia dos livros.

Nossos pratos foram recolhidos, porém não nos levantamos. Havia algo nos envolvendo, nos forçando a permanecer sentados, compartilhando de uma inquietante cumplicidade, como se algo realmente precisasse ser dito e aquilo causava uma estranha sensação dentro de mim. Comecei a rodar uma mecha de cabelos em meus dedos, esperando o Príncipe reagir, mas ele estava estático, parecendo interessado no meu ato involuntário feito a fim de aliviar minha tensão.

— Eu fiz alguma coisa errada? — interrompi o silêncio, despertando-o.

— Não, porque pensa isso? — respondeu com toda a habitual calma que dispunha enquanto as duas mãos se entrelaçavam por cima da mesa.

— Não sei. Eu tenho tendência a sempre fazer besteira, estava esperando uma repreensão.

— Você já conversou com alguém sobre a morte de seus pais, Anne?

— Por que isso é importante? — Comecei a sentir o incômodo por precisar tocar naquele assunto tão bem guardado dentro da minha alma.

— Você chorou no nosso último jantar. Anne, se precisar se abrir, eu estou aqui para ouvi-la. Eu imagino a dor de perder uma pessoa amada, e perder duas pessoas tão importantes então, não deve ter sido fácil para você. Imagino a dificuldade por sentir-se só e ser obrigada a passar por tudo sem nenhum apoio familiar e precisando ser forte por seu irmão. — Não consegui evitar meus olhos de marejarem ao ouvir suas palavras carregadas de tamanha sensibilidade, como se ele estivesse perscrutando meus anseios. — Talvez você precise colocar isso para fora, e você pode contar comigo. Eu também estou fazendo uma pequena investigação sobre a morte deles.

— Por que está se preocupando com isso? — Senti um nó na minha garganta se formando na tentativa de evitar as palavras saírem.

— Eu fiquei intrigado com a história do seu pai. Eu temo existir alguma ligação de sua morte com o pedido de abrigo em Cibele.

— Não haveria como. Não existe ligação. — Senti a primeira lágrima escorrer em minha face enquanto negava com a cabeça, tentando afastar as lembranças do fatídico dia. — Eles não sabiam do seu paradeiro, ninguém daqui conhecia sobre seu passado. Nem mesmo Oliver tem conhecimento de toda a história. Foi um acidente, um trágico acidente. Mas eu descanso em Deus, sabendo que houve a permissão Dele.

— Anne, eu preciso esclarecer minhas buscas por respostas em relação a isso. Tudo me leva a crer que seus avós sabiam do paradeiro de seus pais. Se houve alguma influência na morte deles, eu farei de tudo para a justiça ser cumprida. Não serei de forma alguma conivente com esse tipo de perseguição a um cidadão fiel de Cibele. — Sua voz soou firme, provocando mais lágrimas em meus olhos.

— Você não precisa fazer isso. Já aconteceu, não podemos voltar atrás. Se tiraram a vida de meus pais, Deus o permitiu e agora eles desfrutam da presença do Senhor no verdadeiro lar. — Limpei minhas lágrimas com as mãos, fungando o nariz, afastando de mim aquela sensação ruim da perda.

— Eu temo por você e Oliver...

— Não podem fazer nada — protestei. — Nascemos cristãos, não nos convertemos.

— Mas eles matam pessoas cristãs, e vocês são descendentes diretos da traição de seu pai a eles. — Edwin suspirou antes de continuar, soando verdadeira a sua preocupação. — Anne, você sabe como nasceu nossa querida nação. O Rei Charles Hawis vivenciou exatamente isso, a perseguição por viver de seus princípios religiosos, precisando deixar o Reino Integrado com urgência e, como consequência, nossa ilha abriu as portas para todos os cristãos do mundo que sofriam algum tipo de injúria pela sua fé, para que pudessem cultuar a Deus e a Cristo aqui, sem medo. Até hoje, em Cibele, nós sustentamos esse tipo de apoio e há muitos cristãos como seu pai, escondidos, com novos nomes, acolhidos e vivendo em nosso país. Nós garantimos segurança e um lar a essas pessoas, e se houve alguma intromissão de fora para um possível assassinato por perseguição religiosa, nós descobriremos e puniremos os responsáveis.

Deitei a minha cabeça sobre minhas mãos, sentindo o desconforto provocado pela angústia, o pesar rompendo o choro entalado em minha garganta. Todos os bons momentos com meu pai, fortalecendo-nos e nos

impulsionando a seguir nossa fé regressaram em forma de dolorosas lembranças e tudo que eu precisava era de um dos seus abraços.

Mas eu não os tinha.

Senti uma mão tocar meu ombro com delicadeza, mas não me levantei. Afundei ainda mais minhas mãos no meu rosto, enquanto chegava à seguinte conclusão: Edwin estava certo, eu precisava colocar para fora, entretanto, ainda não estava pronta.

— Anne, tome. — O Príncipe apertou suavemente meu ombro. Eu levantei cabeça e encontrei um lenço estendido em minha direção. Peguei-o e enxuguei meu rosto, não conseguindo conter as numerosas lágrimas. Ele se abaixou diante de mim, até os seus olhos acharem-se na mesma altura que os meus. — Eu estou aqui para ajudá-la.

— Obrigada, de verdade. — Funguei o nariz várias vezes tentando controlar minhas emoções, ciente de estar completamente desolada na frente do Príncipe.

— Você quer fazer um passeio pelo jardim? Para se acalmar? — Assenti com a cabeça, ainda sentindo uma lágrima silenciosa e teimosa escorrer pela minha bochecha. Edwin se levantou e sua mão estava lá novamente, firme, oferecendo um apoio irrecusável. — Venha, eu a acompanho.

Quando nossas mãos se tocaram, senti uma ligação diferente, um vínculo de afeição verdadeira pareceu se estabelecer entre nós dois. Uma paz inexplicável inundou meu coração, acalentando minha alma, e era como se Deus me dissesse: *Eu estou com você, filha*. De pé, Edwin me ofereceu o braço, conduzindo-me em silêncio até a área externa.

Caminhamos um pouco por entre os jardins, sentindo o sol tocar nossa face, em completo silêncio. Aos poucos o choro e a dor foram substituídos por uma sensação de proteção e aconchego. A mesma sensação de estar em casa me acometeu por inteiro quando paramos de frente a fonte jorrando água para os lados.

— Eu estou bem. Muito obrigada, Edwin. Por tudo — agradeci suavemente utilizando um tom de voz baixo, mas suficiente para que ele me entendesse.

Minha mão estava dentro de seu braço direito, apoiado sobre o mesmo. E naquele momento, a mão esquerda do Príncipe se repousou sobre a minha, segurando-a com delicadeza, passando a força necessária para eu entender que tudo ficaria bem.

— Tem algumas cartas me esperando. — Sorri olhando-o nos olhos, esquecendo-me de como eu deveria me manter sã o suficiente para não me perder por inteira nele.

Capítulo 21

Passei a noite praticamente em claro, rolando de um lado a outro da confortável cama dos meus aposentos reais. Minha mente trabalhava arduamente, ponderando sobre todos os acontecimentos do dia. Por um instante, eu comecei a vislumbrar um pouco do cuidado de Deus com minha vida. Apesar de todos os dissabores, Ele estava me revelando o quanto me amava e zelava por mim.

Além disso, sentir a dor da perda de meus pais foi algo inegavelmente bom. Eu engoli o sofrimento por muito tempo, tentando a todo custo negar sua existência, para manter-me sã. Lembro-me de que, no enterro deles, abracei Oliver, nos seus poucos onze anos de idade e, ainda sem acreditar na partida dos dois, prometi a mim mesma ser forte por ele. Meu irmão precisava de mim, eu precisava ser sua fortaleza.

Eu tinha dezoito anos, desamparada, ignorando meu próprio pesar, permitindo-me chorar escondida apenas em raras situações, tarde da noite, sozinha, quando sentia falta do beijo de boa noite de mamãe, ou das risadas de meu pai.

E então, quatro anos depois, o Senhor me levou a encontrar consolo no último lugar onde um dia eu pudesse imaginar estar. E havia usado a última pessoa do mundo que um dia eu pensei estar próxima.

Ah, Edwin!

Fechei meus olhos e sorri enquanto as recordações surgiam como uma avalanche, misturando-se com as deliciosas sensações de estar próxima a ele. Senti um frio na barriga quando seu convite para me levar ao cinema no sábado me veio à memória, lembrando-me de como ele era um homem extremamente gentil.

Não esperei o café ser servido para sair do meu quarto. Eu desejava encontrá-lo depressa e ansiava sentir a mesma sensação de proteção do dia

anterior. Aquela ligação diferente estabelecida entre nós.

É assim quando se tem uma amizade verdadeira! Sempre desejei ter um amigo de verdade, e agora posso experimentar isso com o Príncipe!

Eu estava quase cruzando o último corredor já perto do escritório dele, contente ao constatar que Edwin havia liberado minha passagem, quando Helena surgiu do nada, parecendo brotar do chão, bem na minha frente.

— O que está fazendo aqui, senhorita? Já lhe adverti para manter distância do escritório do Príncipe. Não se atreva a incomodá-lo, ele é um homem muito ocupado.

— Ele está me esperando. — Parei e encarei a mulher em sua postura perfeita. Quando terminei de pronunciar minha última palavra, um sorriso irônico e talvez um pouco maléfico cresceu lentamente no rosto de Helena.

— Talvez a senhorita esteja um pouco enganada. Sua Alteza não está aqui. Ele partiu hoje cedo e só retornará no domingo. — Ela ajeitou os cabelos, apenas para sustentar sua pose de autoridade, já que não havia nenhum fio fora do lugar. Seu olhar superior continuou a avaliar minha expressão de decepção. — Pode dar meia volta e retornar a seu quarto, de onde não deveria ter saído.

Eu poderia ter dado uma resposta afiada, e talvez Helena até merecesse, mas a angústia tomou o espaço da felicidade outrora dominando cada pontinho do meu ser.

Poxa, ele viajou e não me falou nada? E nosso cinema de sábado?

Frustrada, dei meia volta e me retirei, cabisbaixa, pensando no dia anterior e chegando à conclusão de que havia me precipitado. Talvez Edwin só tivesse se compadecido por ter percebido minha condição: uma órfã, com dificuldades para pagar as próprias contas, desajeitada, fazendo tudo errado.

Resolvi retornar ao quarto e considerei continuar o serviço proposto por ele. Ainda restavam duas cartas em branco e uma delas era do abrigo. Eu queria escrever com tranquilidade — embora tranquilidade fosse a última palavra utilizada para descrever minha alma naquele momento —, seria melhor me empenhar na tarefa, preenchendo um pouco o vazio instaurado com a nova constatação.

Meu café estava na mesa, mas madame Samovier não se encontrava no quarto. Provavelmente estaria a minha procura. Belisquei alguma coisa e

me sentei na cama com os documentos em mãos. Precisei reler repetidas vezes para tentar me concentrar, chegando a conclusão de que, definitivamente, não tinha cabeça para aquilo.

Meu Deus! Por que eu estou assim? Edwin não me deve nada. Por que então estou tão decepcionada?

Talvez, no fundo, eu já soubesse a resposta, mas não me permitia acreditar. Ele estava mexendo em um lugar secreto, íntimo e reservado, no recôndito do meu ser, onde ninguém nunca havia entrado, com exceção da minha família.

Determinada a não avaliar com mais exatidão a extensão da minha afeição, tomei o caminho rumo ao bosque, onde poderia me refugiar e entregar toda aquela confusão de sentimentos e pensamentos a Deus. Poderia também pedir ao Senhor consolo e luz para indicar a verdade sobre a morte de meus pais. Se o palpite de Edwin fosse correto e eles tivessem sido assassinados a mandado dos meus avós, eu teria um motivo a mais para me alegrar. Eles teriam morrido por causa de sua fé, e, apesar da dor da perda, o consolo de saber como não negaram ao Senhor seria algo que eu levaria como testemunho para o resto de minha vida. Eles seriam para sempre minha inspiração!

— Oi. A senhorita está bem? — Estava próxima da horta quando ouvi a voz atrás de mim e antes mesmo de me virar, Zac já se encontrava do meu lado.

— Oi, Zac. Eu estou, quer dizer, não estou muito certa da minha plena capacidade em definir meu estado atual.

— Deseja conversar? — Neguei com a cabeça, em pânico de precisar tocar novamente naquele assunto e ele me ofereceu o braço, demonstrando mais uma vez o cuidado comigo, deixando clara a possibilidade de eu desfrutar do prazer de sua companhia. — Eu estou te procurando desde cedo. Mas parece que nos desencontramos.

— Pode ser. Nesse lugar enorme é fácil qualquer um se desencontrar. — Nós começamos a caminhar sem um rumo pré-definido.

— Anne, Edwin solicitou que lhe transmitisse um recado. — Ouvir aquelas palavras acenderam em mim muitas expectativas outrora frustradas e precisei me controlar para não suspirar de alívio. — Ele pediu para informar que teve um pequeno contratempo e precisou se retirar com urgência para Hawis, sendo assim, não teve tempo de avisá-la. Nós

praticamente trombamos um no outro no estacionamento quando ele partia e por isso ele conseguiu me passar o recado.

— Tudo bem — falei transparecendo uma falsa calma, embora estivesse me agitando por dentro. Ele havia se importado comigo, sim, ele havia!

— E também confirmou o programa de vocês no sábado. Ele assegurou voltar a tempo. — Zac sorriu e nem percebi como eu estava empolgada, até ele mesmo comentar. — Qual o motivo de tanta euforia?

— Eu não... Não estou com nenhuma euforia. Só achei legal saber. Ele volta a tempo e então eu estarei pronta. Eu não sabia... Ah, Zac! Por favor, não me deixe envergonhada. — Senti a face queimar enquanto me confundia nas palavras, embaraçada por não ser capaz de esconder meus sentimentos.

— Mais uma coisa: Edwin recomendou me encarregar de você e atender todas as suas necessidades. Ele também liberou o acesso ao escritório pessoal dele, caso deseje continuar o serviço inacabado de ontem. Anne, diga-me uma coisa. — Zac parou e suavemente me girou com as mãos, posicionando-me de frente a ele. — Você já compreendeu o motivo de estar aqui?

Fitei seus olhos castanhos, e apesar de serem lindos, eles não produziam em mim o mesmo impacto dos de Edwin. Por um instante, fui incapaz de responder alguma coisa, enquanto um pensamento súbito surgiu, mas o dispensei em seguida, com medo de dar espaço em meu coração para ideias sem cabimentos.

— Há mais ou menos três meses eu fiz uma oração a Deus, Zac — revelei quando consegui elaborar uma resposta. — Pedi a Ele ajuda e direção. Sentia minha vida estagnada desde o telefonema no qual um policial me informou da tragédia envolvendo meus pais. Eu me via presa ao passado, sozinha, insegura, precisando me libertar. Também queria ser útil ao Senhor de alguma forma. E acho... Na verdade, agora eu tenho certeza, de ser esse o motivo. Ele respondeu minha oração. Deus tem nos dado muitas revelações, a mim e a Oliver, e é incrível como tantas situações estão começando a fazer sentido. Eu tenho visto o zelo Dele e entendido que Ele não nos abandonou e está cuidando de nós.

— Você não percebe, não é mesmo? — Meu amigo balançou a cabeça, um pouco impaciente por eu ser incapaz de interpretar suas suposições. — Por favor, prometa-me uma coisa?

— Ei, você ficou sério de repente. Estou com medo de te prometer algo.

— Só me prometa... Só me prometa... — Zac virou sua cabeça para o outro lado segurando-se para não dizer além do que deveria. Depois de um tempo, voltou-se para mim novamente, dessa vez sorrindo. — Anne, por favor, fique atenta a tudo a sua volta! Existe algo acontecendo e você deve abrir seu coração para compreender. Eu imagino o quão difícil deve ser para você enxergar e assimilar a forma como tudo acontece aqui, mas eu sei! — Seu dedo indicador estava apontado para o próprio peito. — Eu sei!

— Não estou entendendo nada, Zac. Você está encenando? Está zombando de mim, imitando-me? Aliás, não sei se sabe, mas sou excelente atriz. — Empinei o nariz.

— Sério? Não acredito nisso! — exclamou descrente, enquanto amarrava os cabelos longos em um péssimo rabo de cavalo.

— Tudo bem, darei a você uma pequena amostra. Diga-me uma pessoa e a imitarei. — Zac semicerrou os olhos, ainda não crendo na minha capacidade e nos meus dons artísticos. — Qual é, Zac? Sou excelente dançarina e ótima interprete — revelei já fazendo uma das minhas dancinhas divertidas, balançando os ombros de forma desajeitada, desafiando-o a me acompanhar.

— Não vou dançar com você, se está esperando isso!

Fingi não ouvi-lo e continuei meu desempenho, de forma bem divertida, arrancando gargalhadas dele. Movimentava os braços e ombros, encarando-o.

— Duvida de minha capacidade? Pergunte a Oliver! Eu imito qualquer pessoa, só preciso conviver um pouco para captar suas peculiaridades e traços fortes.

— Está bem! Chega dessa dancinha ridícula. Você está me fazendo sentir vergonha alheia de você. — Zac segurou meus braços, mas ignorei, continuando no ritmo imaginário da minha cabeça. Segurei sua mão e o puxei, obrigando-o a se remexer enquanto eu produzia um som ritmado com a boca. — Não acredito que eu estou fazendo isso.

Em pouco tempo nós estávamos rindo e fazendo palhaçada, sem notar como havíamos despertado a curiosidade de alguns funcionários, chamando bastante atenção para nossa movimentação engraçada, só nos dando conta disso quando os aplausos ecoaram a nossa volta.

Virei-me em direção as palmas, quase petrificada, mas quando visualizei os sorrisos e incentivos à nossa volta, sem aviso prévio continuei minha dança mais excêntrica, fazendo jus ao meu papel de bobo da corte.

Enquanto dançava ouvindo a gargalhada alta de Zac ao meu lado, uma ideia repentina surgiu. Parei e iniciei minha desenvoltura como artista, ciente de ser possuidora do dom de interpretar, algo que eu fazia com esmero desde pequena, aperfeiçoando-me a cada dia, enquanto imitava as pessoas nas minhas brincadeiras.

— Por favor, senhorita. Não deveria estar aqui, deveria estar limpando o chão onde pisa. — Referi-me a uma das funcionárias com uma vassoura na mão, imitando a mulher que há pouco tempo me mandava voltar para meus aposentos, a *gentil* Helena. Com o mesmo andar, replicando seus gestos, os quais eu já tinha reparado muito bem, aproximei-me de outro funcionário. — E o senhor, saiba que o Príncipe Edwin está viajando, mas confiou a mim seus segredos mais profundos. Devem retornar aos seus serviços!

O som das risadas foi geral. Ciente de minha excelente desenvoltura, curvei-me em agradecimento pelos elogios e aplausos recebidos. Eu me retirei ao lado de Zac, ouvindo-o contar empolgado de como eu tinha acabado de promover a ele uma das maiores diversões de sua vida, com minha excelente interpretação da governanta, levando-me a constatar o quanto ela era “querida” no palácio.

— Você é uma graça, Anne. — Zac apertou minha mão sobre seu braço.

— Eu sei, nasci para fazer os outros sorrirem, assim como você.

— Disso eu não tenho dúvidas! Vai para a biblioteca? — questionou já tomando o caminho para o local.

— Não tem lugar melhor para estar hoje. — *Hoje, porque eu descobri um lugar bem melhor, na companhia de alguém muito especial!*

Capítulo 22

Madame Samovier permanecia com o olhar atento no meu andar, de um lado para o outro, na antessala de meus aposentos. Era impossível esconder minha ansiedade e, do mesmo modo, era impossível ela esconder a satisfação por me ver naquele estado.

— Anne, minha querida, acalme-se. Ele está chegando — Madame Samovier me repreendeu serena. — Ele já está em Kent.

— A senhora tem razão. — Sentei na poltrona, apertando as mãos, mas levantei em seguida, sendo impossível me conter. — Não consigo me acalmar. Sou uma pessoa ansiosa. Que horas são agora?

Olhei para Samovier, que permanecia exalando sua habitual tranquilidade, parecendo se divertir com minha inquietação. Ela não esboçou reação após minha pergunta, e antes mesmo de cobrá-la a resposta, duas batidas ecoaram na sala. Sentei no sofá e Madame se dirigiu até a porta, completamente satisfeita por ver o quão ansiosa eu estava.

— Madame Samovier! — Ouvi a voz carinhosa de Edwin dirigindo-se a amável senhora, embora não pudesse vê-lo porque ela bloqueava a minha visão.

— Querido, Edwin. A senhorita Davies está a sua espera — ela lhe disse e percebi uma dose de amor e atenção especial ao se dirigir a ele.

Madame Samovier deu passagem a Edwin e eu já estava de pé. Ambos não contemos sorrisos quando fizemos contato visual. Senti uma cumplicidade ressurgindo, como se fossemos amigos íntimos de longa data.

— Alteza. — Aproximei dele e fiz uma reverência, ensaiada por longas horas em frente ao espelho durante os dias de ausência do príncipe no castelo, deixando claro minha satisfação por revê-lo.

— Senhorita Davies. — Ele tomou minha mão e depositou um beijo entre meus dedos, deixando-me totalmente alheia aos acontecimentos ao

meu redor, inclusive da presença de Samovier, nos observando encantada. — Podemos ir para sua primeira aventura no cinema?

— Estou muito empolgada!

— Então é melhor os dois se apressarem. Anne estava muito angustiada com seu atraso, Alteza. Leve-a depressa. — Madame Samovier fez alguns gestos com as mãos, nos expulsando do quarto.

Olhei para o chão tentando disfarçar minha vergonha por Samovier ser tão transparente e direta, e me dirigi até Edwin com passos rápidos. Quando cruzamos a porta encarei-o, mordendo os lábios involuntariamente.

— Então, me conte como foram seus dias enquanto estive fora — perguntou enquanto me oferecia o braço, mas dessa vez mais informal, combinando com a roupa também pouco pomposa que trajava.

— Bem chatos — confessei sem ponderar na escolha das palavras. — Quero dizer, não fiz muitas coisas. Praticamente fiquei o tempo todo na biblioteca organizando os livros. Também terminei as duas cartas restantes e deixei na gaveta da sua mesa como pediu.

— Deixaram você passar sem problemas?

— É... — Lembrei-me de Helena me impedindo de prosseguir, mas pensei ser melhor não dizer nada. — Foi tranquilo. E você? Conte-me sobre sua viagem. Devem ter sido dias bem produtivos ao lado de sua família e com o *conselho* — pronunciei com ênfase minha última palavra.

— Bem chatos — expressou como eu, sorrindo. — Estou pensando seriamente em levar a senhorita para me ajudar com meus trabalhos enfadonhos.

— Claro, vai empurrar para mim todas as partes desagradáveis da vida de Príncipe. Não, obrigada. Pode ficar com seu serviço, Alteza. — Fiz uma mesura com a cabeça, negando sua sugestão.

— Veja bem, você se dá tão bem com essas burocracias. Pode assumir o cargo em meu lugar e eu cuido da sua livraria.

— Com certeza não daria certo! Nem um nem outro. Não sei se percebeu, mas não sei me portar decentemente. Seria um fiasco atrás do outro.

— Pense pelo lado bom, Anne. Teríamos um rico conteúdo para as notícias dos jornais e revistas de fofoca.

Interrompi meu andar, forçando-o a parar assim que suas palavras fizeram sentido para mim. Encarei-o fingindo uma indignação, mas não foi possível sustentar minha expressão séria ao encarar seus olhos e as covinhas

aparentes no rosto devido ao sorriso aberto. Meus lábios tremeram e um sorriso escapuliu.

— Qual a pena estipulada para o assassinato do Príncipe? Assim, caso alguém deseje se vingar das brincadeiras e insinuações dele? — questionei e fiz menção de andar, mas ele não me acompanhou, obrigando minha mão a se afastar de seu braço.

— Devo me preocupar com esse comentário? — questionou alarmado, endireitando as costas enquanto olhava para os lados, deixando-me confusa. — Será necessário pedir minha guarda pessoal para me acompanhar? Corro eu, algum risco?

Cruzei meus braços em frente ao corpo semicerrando os olhos, tentando sustentar a pose de quem não estava nem um pouco satisfeita com a dose extra de bom humor do Príncipe. Sua expressão grave durou pouco tempo e ele sorriu, continuando a andar, deixando-me para trás, frustrada por ele não oferecer o braço novamente. Caminhamos lado a lado em silêncio. Eu estava gostando muito dos novos sentimentos manifestos em minha alma pela presença do homem ao meu lado.

Chegamos diante de uma enorme porta. Com as duas mãos Edwin empurrou a madeira, revelando uma sala muito grande com um telão enorme ao fundo. Havia algumas poltronas luxuosas na cor vermelha com detalhes dourados. Demos alguns passos e eu senti o carpete suave sobre meus pés.

— Espera! — declarei impedindo Edwin de continuar. Segurei em sua mão, assustando-o com meu ato despretensioso. Sem me atentar a sua reação, tomei o apoio necessário e desabotoei as sandálias de meus pés, sentindo o carpete felpudo tocando minha pele. Era uma sensação deliciosa.

Soltei a mão do Príncipe, mas ainda era possível sentir as reações daquele toque na minha pele, formigando o local onde segundos antes a mão dele se mantinha unida a minha. Segurando minhas sandálias, caminhamos lado a lado até as poltronas mais próximas da tela.

— Eu não sabia qual estilo de filme você se agrada, então optei por um nacional. Tudo bem para você? — Eu senti uma apreensão vinda da parte dele e me agradei em perceber como eu não era a única a não saber como reagir em certos momentos, como quando não temos a certeza de manter o controle de nossas emoções. Concordei com a cabeça evitando pronunciar alguma palavra e denunciar minha descoberta. — Escolha um lugar. Vou buscar pipocas e pedir para iniciarem a transmissão.

Edwin saiu e eu o acompanhei com o olhar, sem ao menos notar como meu rosto sustentava um sorriso, causado pela minha satisfação plena com a maravilhosa oportunidade que eu estava tendo. Olhei ao redor procurando o melhor lugar e, sem pensar duas vezes, puxei algumas almofadas em direção ao chão e me deitei, apreciando a suavidade do carpete.

As luzes diminuíram na sala e o telão se acendeu. Meu coração disparou, eu estava emocionada. Demorei a notar Edwin em pé do meu lado. Ele me olhava deitada no chão, boquiaberto, talvez um pouco chocado em ver uma dama esturricada no piso. Sentei e estendi as mãos para pegar o balde de pipoca trazido por ele.

— Se importa se eu ficar aqui? Eu e Oliver temos o costume de assistirmos a TV deitados no chão. — Olhei para seu rosto quando ele me entregou o balde e então imaginei ter passado dos limites. — Desculpa, já vou levantar.

— Não! — protestou, retirando calmamente os sapatos dos pés, revelando as meias pretas. — Assim me parece mais divertido!

Edwin sentou ao meu lado e retirou o casaco em seguida. Não consegui deixar de observar a cena dos braços, que a propósito eram bem másculos, ficando a mostra.

Anne, sua sem vergonha. Tire seus olhos daí agora mesmo! Meu Deus do céu! Olha o que eu me tornei.

Enfiei pipocas na minha boca e virei o rosto para a tela num movimento brusco. Eu não sabia nem ser discreta depois de ser indiscreta. O filme começou e, aos poucos, fui relaxando, compartilhando o mesmo balde de pipocas e nos deitando lado a lado depois. Durante todo o longa-metragem — a propósito, uma excelente escolha com minha atriz preferida —, trocamos comentários calorosos sobre as cenas e a mensagem do enredo. Conversamos com tanto entusiasmo, que eu não sei se foi possível captar todo o conteúdo exibido no telão.

— Eu vou buscar nosso lanche — informou quando a tela se apagou e as luzes se acenderam, levantando-se e calçando os sapatos. — Não saia daí.

— Não sairei, Alteza.

Meu coração estava saltitando, rodopiando e pulando de *bungee jump* enquanto avistava a cena maravilhosa do meu Príncipe, alguns

minutos depois de sua saída, caminhando até mim com uma bandeja nas mãos e sentando-se ao meu lado.

— Espero ter acertado na escolha — disse e pousou a bandeja no piso, entre nós.

— Hambúrguer? — Espionei as caixas contendo o símbolo da lanchonete mais famosa de Cibele. — Eu amo! Muito mesmo! Não poderia ter escolhido melhor.

Sorrindo com satisfação, Edwin se serviu e me deu liberdade para fazer o mesmo. Comemos ali, no chão, compartilhando nossos gostos pessoais em uma conversa animada, com uma pitada de desastre — o molho do meu sanduíche escorrendo e deixando uma pequena mancha na minha saia, piorando quando eu tentei limpar com o guardanapo. — A cada segundo eu o achava mais incrível e admirava mais suas palavras. Não foi difícil formular a imagem que o Príncipe transmitia para mim. Ele era um homem tão diferente, tão cheio de virtudes escondidas dentro de um coração puro, atrás de uma fachada falsa de autoritarismo.

Edwin era incrível e eu estava em apuros.

— Anne, eu preciso te perguntar algo, mas não sei se devo. Temo passar dos limites da minha liberdade, mas eu estou muito preocupado com você — ele se expressou com cautela, observando se haveria alguma mudança em minha expressão após fazer a pergunta seguinte. — Você ficou bem? Depois... Eu fiquei apreensivo em como você se sentiu quando lhe revelei em meu escritório sobre a investigação da morte de seus pais.

Parei por um instante, reflexiva, admirada pela questão levantada, denotando sua preocupação com meu estado emocional. Respirei fundo, concentrando em toda a minha determinação dos dias anteriores em entregar para Deus minhas aflições, anseios e sofrimentos, lembrando-me também de como chorei todas as noites depois daquela revelação.

— Eu estou bem — garanti. — Não posso negar a dor, ela existe e é real. No entanto, tem se mostrado de alguma maneira proveitosa e boa para minha alma, mesmo parecendo não ser. Deus tem me revelado sobre Seu cuidado para comigo e Oliver. Esses dias eu tenho meditado muito na Palavra Dele sobre fé e perseverança sobretudo quando nada parece fazer sentido e a escuridão tenta cegar nosso entendimento.

Edwin manteve-se pensativo por um breve tempo antes de se levantar em um impulso. Calçou os sapatos e me ordenou a fazer o mesmo

enquanto vestia sua jaqueta. Quando meus pés estavam cobertos pelas sandálias, ele já de pé, estendeu a mão, cheio de expectativas.

— Venha comigo! — expressou-se determinado, com a mão em minha direção.

Quando a segurei, Edwin me levantou sem grandes dificuldades. Sorriu e iniciou uma caminhada apressada, ainda estando nós unidos pelas mãos.

— Aonde vamos? — questionei tentando acompanhar sua passada para não ser literalmente puxada.

— A um lugar especial — respondeu sem dar mais satisfações.

Iniciamos a subida dos degraus no mesmo ritmo. Chegamos ao terceiro pavimento e eu estava ofegante, desacostumada com a marcha acelerada dos passos. Paramos de frente ao cômodo misterioso, que outrora eu o havia visto sentado. Nossas mãos se desuniram e ele começou a apalpar os bolsos.

—Espere aí — recomendou e seguiu até seu quarto, deixando-me de frente para a porta do local onde Edwin parecia guardar algum segredo.

Pouco depois ele chegou com uma chave nas mãos, destrancando a porta e, tocando levemente em minhas costas, encaminhou-me para dentro. Eu dei um passo, insegura, olhando para o armário, imaginando muitos vestidos lá dentro enquanto as palavras de Zac surgiam em minha mente, alertando-me para me afastar de Edwin e de seus mistérios.

— Entre, Anne. Não se preocupe — instruiu, deixando a porta aberta atrás de nós.

Ainda um pouco temerosa, obedeci às ordens e meus olhos vasculharam o aposento. Tudo em volta parecia simples em relação ao restante do castelo. Dei um tímido passo a frente e meu olhar se repousou em uma pequena mesa ao lado da poltrona no centro do quarto. Mas foi um livro de capa preta em cima dela que tomou para si toda a minha atenção. Olhei para ele, em seguida para o Príncipe e sorri.

— Seu livro preferido! — exclamei e ele concordou com a cabeça, entusiasmado.

Caminhei até o local e segurei o livro com carinho. Uma folha caiu e quando apanhei no chão, Edwin a puxou de minhas mãos.

— Isso é pessoal — informou e percebi como estava um pouco inseguro, enfiando o papel dobrado no bolso.

— Posso abri-la? — questionei tocando na capa da Bíblia que eu segurava com delicadeza.

Depois de receber a resposta positiva, sentei-me na poltrona e folheei as páginas, admirada com os esboços de estudos escritos por todos os cantos nas folhas mal conservadas. A letra que eu supus ser de Edwin era uma caligrafia perfeita. Abri em alguns versículos, os quais considerava importantes para mim e sorri satisfeita ao vê-los marcados.

— Não é só isso — Edwin me assegurou retirando a Bíblia de minhas mãos e repousando-a de volta na mesa ao lado. — Quero lhe mostrar outra coisa.

Apreensiva, vi o enorme armário se abrir. Meus olhos quase saíram das órbitas quando avistei inúmeros títulos de literatura cristã, distribuídos lado a lado em prateleiras completamente organizadas.

— Por isso não vai à biblioteca — afirmei levantando e deixando minhas mãos seguirem o percurso dos livros dispostos ali. — Meu Deus, isso é muito valioso! Edwin... — Não consegui proferir nenhuma palavra mais, encantada com a riqueza recém-descoberta.

— Essas prateleiras são os livros já lidos por mim. — Apontou para as da parte superior. — Aquelas duas são os da minha lista de leitura. Eu sempre dou preferência para a Bíblia e isso me retarda um pouco na leitura. Queria ter mais tempo para me dedicar.

— Eu posso? — perguntei sugerindo retirar um dos livros do armário.

— Claro!

Minhas mãos puxaram o clássico *O peregrino*. Eu tinha uma versão daquela obra, mas não em uma capa tão bonita. Abri e cheirei, folheando as páginas, completamente tomada por uma emoção sem limites. Caminhei até a poltrona e me sentei, sentindo uma lágrima quente escorrer pela minha face, mas dessa vez de felicidade. Nostálgica, me lembrei de papai contando, da sua forma única, as histórias daquele livro e sorri enxugando o rosto umedecido.

— Isso é precioso demais. Porque esconde? — questionei assim que Edwin se sentou ao meu lado.

— É uma longa história. Achei melhor assim, sinto-me seguro por aqui — respondeu sem dar mais explicações e senti ser necessário não interrogá-lo. — Você descobriu meu segredo!

— Um deles. — Então me dei conta qual seria *o prêmio* por aquilo. — Vai me mandar embora? — indaguei sentindo o golpe no estômago ao pronunciar aquelas palavras.

— Você quer ir? — Inseguro, encarou-me.

— Na verdade, não. Eu estou feliz aqui. Gostaria de ficar pelo tempo proposto no nosso acordo, se não se importar, claro.

— Eu não me importo. Fique o tempo que desejar. — Sua resposta carinhosa levou alívio ao meu coração.

— Sabe, Alteza. Temos o mesmo gosto literário. Nosso livro preferido é o mesmo.

— Eu já imaginava. — Sorriu mais uma vez. — Por isso a trouxe aqui.

Desviei os olhos dele e iniciei a leitura em voz alta, entoando as palavras do livro, sendo ouvida atentamente pelo Príncipe Edwin, a terceira maior autoridade de Cibele, que tinha acabado de me revelar algo profundo sobre si, mexendo com todas as partes do meu coração.

Capítulo 23

Com a minha Bíblia abraçada contra meu peito, subi lentamente os degraus da escada, ainda inquieta, me perguntando se deveria prosseguir com meu plano inicial. Olhei para a janela e senti os raios de sol, ainda fracos pelo horário da manhã, tocarem minha pele, aquecendo-me e me dando ânimo para continuar.

Era meu segundo domingo no palácio e algumas coisas me faziam falta. Então, tomei coragem e me aproximei da porta do *cômodo secreto* de Edwin. A fresta era pequena, mas foi possível vê-lo sentado no sofá, lendo. Estendi a mão para bater na porta, mas desisti. Dei três passos para trás, ponderando sobre minha decisão. Eu poderia entrar e fazer uma grande bobagem, ou poderia entrar e fazer alguma coisa útil para minha vida com Deus.

Com a pequena coragem surgindo, fui até a porta e dei dois suaves toques na madeira. Edwin olhou para trás um pouco impressionado por me ver ali.

— Anne? — Recuperado do susto inicial, sorriu e com seu gesto formal de sempre permitiu minha entrada. — Aconteceu alguma coisa? — perguntou enquanto eu me aproximava e seus olhos pararam sobre o livro preso entre meus braços.

— Na verdade... — Mordi meu lábio sem ter certeza se eu queria mesmo dizer algo. Então não disse. Fiquei parada em frente ao sofá, imóvel e muda.

— Eu devo me preocupar? — questionou se afastando um pouco, deixando um claro espaço para eu me assentar na poltrona ao seu lado. — Você está doente, Anne?

— Não. Posso ser sincera? — manifestei baixo, forçando-o a se inclinar em minha direção para me ouvir melhor.

— Claro, por favor, seja sincera. — Olhou-me bem atento. — Há algo te atormentando?

— Eu pensei... Eu tenho sentido falta de ir à Igreja. Tudo bem, eu não era a pessoa mais comunicativa, nem conversava com quase ninguém por lá. Era praticamente invisível, admito. Mas, sinto falta de estar com pessoas buscando a Deus. Não sei se irá me entender, mas eu realmente gosto de... — Alisei meus cabelos, nervosa. Eu nunca conseguia me expressar direito. — Como descobri que você também... Bom, pensei, hoje é domingo, é um bom dia de estudar a Bíblia e orar com alguém. — Encarei seu rosto e me dei conta de como eu precisava parar de ser eu mesma às vezes. — Acho melhor eu ir embora. Perdoe-me por incomodá-lo. — Terminei mais um dos meus ridículos discursos, mas não me retirei. Permaneci parada agarrada a minha Bíblia, esperando alguma reação de Edwin.

— Você precisa de companhia, é isso? — Ele fechou a Bíblia e parecia perdido nos próprios pensamentos. Eu fiz uma pequena afirmação com a cabeça e continuei na mesma posição. — Você está me pedindo para... Você quer orar comigo?

— Sim. Você nunca orou com ninguém?

Edwin demonstrava estar um pouco constrangido com a minha pergunta. Briguei comigo mesma por fazê-la e comecei a bolar alguns planos na minha mente para sair dali, o mais depressa possível.

— Na verdade, não. Eu sempre oro sozinho. Nunca parei para pensar em ter uma pessoa junto comigo — confessou ainda embaraçado.

— Eu vou me retirar! — Virei sentindo meu rosto ruborizar. *Péssima ideia, Anne. Péssima ideia!*

— Mas, Anne — parei de andar ao ouvir sua voz grave dizendo meu nome, apesar de carregar um pouco de incerteza —, seria uma boa ideia tentar. Por favor, me diga como isso funciona.

— Você está falando sério? Nunca orou com ninguém? Nunca? — questionei entonando tanto o *nunca* que me arrependi depois ao notar como Edwin pareceu desconcertado com minha pergunta.

— Eu já orei com outras pessoas, mas não dessa forma. Oro com minha família antes das refeições, orações em momentos importantes. Eu nunca orei assim, acompanhado de uma pessoa sem um motivo específico — respondeu com calma, pensando bem nas palavras que proferira.

— Eu estou sendo muito atrevida por ter vindo aqui e falado isso? — Parei em frente ao sofá ainda na dúvida se continuava ali ou fugia igual uma louca.

— Você é bem atrevida o tempo todo. Mas isso a torna diferente. Sente e me conte mais sobre suas intenções — ordenou e sorriu em seguida, percebendo como me deixou completamente envergonhada. — Sente-se, Anne — instruiu, dessa vez, carinhoso.

Obedeci, acomodando-me ao seu lado. Cruzei minhas pernas por cima do banco e me virei para ele.

— Eu sempre orei por você! — declarei firme.

— Como? — A voz saiu entrecortada devida a surpresa contida.

— Todo os dias oro pelas minhas autoridades, e você, tecnicamente, é uma delas. — Edwin sorriu, me deixando à vontade novamente. — Eu aprendi com meu pai a orar pelo nosso país, desde cedo. Mas agora terei um motivo a mais para orar pelo meu Príncipe. — Terminei de falar sem perceber o duplo sentido das minhas palavras. Edwin parecia tão surpreso como eu por ter falado aquilo.

— Qual motivo?

— Eu o conheço pessoalmente agora, e sei como você é de verdade. Se me permitir, o chamarei de amigo, se não for ultrapassar muito as linhas da minha liberdade. — Virei meu corpo todo em direção a ele, ainda com os pés cruzados em cima do assento.

— Você tem sido uma boa amiga, Anne — informou, provocando em mim uma imensa satisfação por saber que nosso sentimento era recíproco.

— Então, como amiga, vou ensiná-lo como se ora juntamente com um amigo.

Estiquei minhas duas mãos, esperando ele segurá-las, mas em vez disso, ele olhou para elas totalmente perdido. Pigarreei e com um gesto pedi novamente as mãos dele, como se fosse a coisa mais normal do mundo. Em Cibele, segurar as mãos como eu propunha não era um contato típico de acontecer entre as pessoas, assim como os abraços, raros, a não ser dentro da mais profunda intimidade. Porém, papai era um ser extremamente carinhoso e tátil. Para mim, aquilo era algo natural, principalmente depois do Príncipe ter me guiado pelas mãos na noite anterior. E com ele eu sentia uma incrível cumplicidade, não me permitindo perceber quão impróprio aquilo poderia ser.

Receoso, Edwin uniu nossas mãos. Eu estava tão preocupada em me dirigir ao Senhor, que não percebi como aquele ato poderia significar algo. Apertei de leve sua mão.

— Posso começar? — questionei com meus sentimentos intensos, ansiosa por iniciar minha oração.

— Pode — respondeu ainda sem ter certeza do que viria depois.

Fechei meus olhos e, com toda sinceridade do meu coração, orei por ele. Como sempre, pedi sabedoria, direção, graça e a fé do Senhor na vida dele. Empolgada, orei pelos seus pais e irmãos. Depois pelo conselho, pelos funcionários do palácio e naquela altura nem me lembrava de quem estava acompanhando minhas palavras. Depois de orar até pelas plantações de nosso querido país, abri meus olhos, encontrando Edwin ainda de olhos fechados, concentrado no que eu falava.

— Você pode orar agora. — Interrompi seu momento, fazendo-o me encarar. — Não sei se deixei espaço para você orar por alguma coisa, porque eu me empolguei. Mas se precisar de ajuda, posso dar algumas dicas e sugestões — disse e ri da minha própria bobeira.

— Eu vou retribuir a oração, então. Não sei se sou bom nisso como você, mas tentarei — assegurou-me sério e compenetrado.

Nós fechamos os olhos novamente e ele começou a orar. Ele se dirigia a Deus com uma simplicidade tão linda, com uma intimidade adquirida em anos de busca. Quando seus lábios pediram por minha vida e de Oliver, era impossível não sentir o significado daquilo. Eu sabia quão sério era o cargo que ele ocupava e parecia relevante receber uma oração vinda dele. Alguma coisa ali era muito mais importante do que aparentava.

Mais curta do que a minha, Edwin finalizou sua oração. Nossos olhos se abriram juntos e eu soltei minhas mãos da dele, abrindo minha Bíblia da forma mais natural possível, como acontecia nos cultos familiares em minha casa.

Iniciei a leitura e me afundei na Palavra. Edwin do meu lado fez o mesmo, mas eu pude perceber como ele estava um pouco perturbado. Afastei de mim a ideia das minhas bobagens terem o deixado aflito e voltei a me concentrar.

Ele já tinha fechado sua Bíblia e olhava para o armário a nossa frente, compenetrado, quando eu terminei de meditar na Palavra.

— E então, quais serão suas atividades de hoje? — perguntei animada quando fechei o livro, provocando um sorriso no rosto dele, cuja

expressão outrora era distante.

— Eu preciso revisar um documento, ler as cartas escritas pela senhorita e tenho mais alguns pequenos contratempos para resolver.

— Vai trabalhar no domingo? Você não se diverte, Edwin? — Coloquei as duas mãos na cintura, indignada por ele não se dar um tempo de descanso.

— Aqui em Kent, raramente. Mais quando estou com Esra, ele me leva para algum lugar, à força, mas no fim sempre acabo me divertindo — contou balançando a cabeça, talvez incrédulo por alguma lembrança provocada por suas palavras.

— Eu espero conhecer esse seu irmão. Meu príncipe é um pouco doidinho como eu?

— Com certeza. Vocês juntos, não sei se sairia alguma coisa boa. Prevejo muitas confusões! — declarou cruzando os braços em frente ao corpo, tentando me intimidar, mas falhando com seu sorriso.

Depois de achar graça do comentário dele, levantei e insinuei minha retirada.

— Vou deixá-lo. Já atrapalhei muito vindo aqui sem avisar. Preciso contar para Oliver sobre o cinema. — Peguei minha Bíblia, voltei a abraçá-la e caminhei até a porta.

— Ele nunca foi ao cinema? — Edwin se levantou, seguindo em minha direção.

— Também não, nunca. — O Príncipe abriu a porta, me dando passagem. — Preciso provocá-lo com isso, sabe como são os irmãos — declarei piscando para ele.

Edwin caminhou ao meu lado, descendo as escadas em minha companhia. Quando chegamos ao andar do meu quarto, me virei para ele.

— Vou guardar minha Bíblia e depois procurar Oliver e atormentá-lo um pouco. Foi uma ótima manhã, Alteza. — Fiz uma reverência e ele não respondeu.

— Acompanho você!

Sem eu esperar, Edwin se posicionou ao meu lado, oferecendo o braço, algo que estava me deixando mal acostumada. Andamos alguns metros e, como todos os dias, cumprimentei com um “Bom dia” os dois guardas imóveis a nossa direita. Edwin parou, e deu alguns passos para trás, obrigando-me a fazer o mesmo.

— Por favor, respondam a senhorita — ordenou aos dois, a voz tão forte, diferente de quando se referia a mim.

— Bom dia, senhorita Davies — o mais novo respondeu hesitante, sem ter certeza se deveria dizer aquilo.

— Vocês estão bem? — perguntei achando divertido ver a expressão dos dois.

— Sim. E a senhorita? Recuperou-se da saudade do Sr. Steve? — questionou o segundo e mais baixo e eu entendi bem a que se referia. Eram eles, os dois guardas na porta do quarto do Príncipe, quando contei da minha cenoura preferida.

— Meu Deus! Vocês se lembram disso! — Soltei-me de Edwin, muito contente com o senso de humor deles. — Acredite, eu superei a falta dele. Aqui tenho muitas pessoas para conversar.

— Sim, nós sabemos — respondeu, deixando-me mais animada com aquela conversa.

— Diga-me, qual o nome de vocês? — indaguei, sob o olhar confuso e questionador de Edwin.

— Sou o John — o primeiro disse, fazendo-me sorrir.

— Sou Stevan — respondeu o segundo com uma mesura de cabeça.

— Bem, sou a Anne, apesar de já saberem disso. É um enorme prazer conhecê-los. — Olhei em direção a John que mantinha o olhar sério, notoriamente preocupado com a vigilância de Edwin, sem ter certeza de como agir fora do protocolo. — Você me parece ser pai. Aposto como tem uma filha, uma princesa. — O homem sorriu, confirmando minhas suspeitas. — Como é o nome dela?

— Sara. Ela tem seis anos.

— Sara! Por Deus, eu sabia. Bem, quando eu voltar para a livraria, leve a Sara lá. Darei um livro de princesa a ela. — O homem concordou com a cabeça e eu me virei em direção a Edwin que permanecia observando, atento, toda a minha interação com os homens de guarda. — Foi bom conversar com vocês. Em breve nos veremos novamente.

— Respondam a senhorita Davies sempre que ela se direcionar a vocês — Edwin instruiu-os.

— Sim, Alteza. — Os dois fizeram uma reverência e nos dirigimos ao meu quarto.

— Obrigada por tudo — falei quando chegamos. Pressionei meus lábios, um pouco sem jeito em me despedir.

— Você gostaria de ir ao cinema hoje novamente? Eu pensei em convidar Oliver e Zac para nos acompanhar — perguntou inseguro enquanto eu reagia com meu habitual entusiasmo.

— Seria incrível!

— Vou para meu escritório resolver o que precisa ser feito e aviso a Zac. Encontro você no fim do dia — atestou buscando minha mão e depositando um beijo com sua formalidade de sempre.

— Obrigada, Alteza. — Fiz uma reverência curta quando soltou minha mão e abracei a Bíblia logo depois, tentando esconder o tremor suave que me acometeu. Ele respondeu com uma mesura e se virou. — Edwin — chamei-o e ele parou, olhando para mim novamente. — Se precisar de ajuda, pode me chamar!

Ele respondeu um “sim” com a cabeça e, alegre, tomou seu caminho, deixando-me completamente atordoada com as sensações novas surgindo de novo.

Capítulo 24

Desci as escadas no horário marcado pulando de dois em dois degraus, ansiosa para encontrar Oliver e Zac no salão principal, como combinamos.

— Ei, princesa — Zac me repreendeu quando estava nos últimos degraus. — Vá com calma ou terminará se espatifando no chão.

— Não me lembro de quando te dei liberdade para me chamar de princesa — reclamei quando me aproximei dos dois jovens que me aguardavam.

— É só uma forma de me expressar — Zac disse e olhou para Oliver, um olhar cúmplice, rodeado de segredos.

— Digam logo o que vocês dois estão aprontando! — Pressionei-os a me contarem o que significava aqueles olhares, enquanto abraçava Oliver, cheia de saudades.

— Não é nada. Apenas brincadeiras do Zac. — Oliver beijou minha testa me envolvendo em um abraço e eu me senti amada com seu gesto protetor.

No instante seguinte, Edwin surgiu no salão e parou, ainda na porta, observando o ato de carinho entre eu e meu irmão. Zac virou-se ao ouvir o barulho e nós três o reverenciamos. O Príncipe não estava tão despojado como na noite anterior, mas não vestia o terno completo, deixando-o menos informal. Nossos olhos se encontraram e eu não contive o sorriso. O vínculo que tínhamos nasceu em tão pouco tempo, uma intimidade estranha para mim, e tinha certeza que para ele também, que eu ainda não conseguia avaliar o motivo para algo daquela magnitude ter acontecido.

Além do mais, Edwin despertava estranhas reações, como o frio na barriga que surgiu naquele momento.

— Prontos? — questionou logo depois de retribuir meu olhar carinhoso. — Já está tudo organizado nos esperando.

Soltei Oliver e dei alguns passos apressados, alcançando Edwin antes dos meninos. O príncipe parecia um pouco mais desconfortável do que na noite anterior e logo entendi que o motivo era a presença dos nossos companheiros.

— Qual filme Vossa Alteza escolheu? — perguntei em um tom mais brincalhão, tentando deixá-lo à vontade.

— O Peregrino — respondeu sorrindo e entendi muito bem o recado. Eu havia comentado sobre meu desejo de assistir na telona a interpretação de um dos meus livros preferidos.

— Excelente decisão! — exclamei e continuei caminhando do seu lado, sem me lembrar de Oliver e Zac logo atrás de nós. Mas os dois não faziam muita questão de interromper nosso contato, muito pelo contrário, inclusive diminuíram seus passos, aumentando a distância entre nós.

Entramos na sala e logo me apressei em tirar os sapatos e deitar no chão abraçando a almofada, sob os olhares condenadores de Oliver, não acreditando em como eu poderia ser tão sem modos na frente do nosso Príncipe. Zac olhava e ria da minha irreverência, e eu não me segurei, jogando uma almofada na cara do meu irmão.

— Anne, comporte-se! — Oliver me repreendeu e não consegui deixar de rir ao vê-lo me tratar exatamente como eu o tratava.

As luzes diminuíram, a tela se acendeu e Edwin se aproximou com baldes de pipocas, sentando-se naturalmente ao meu lado no chão, deixando Oliver e Zac atônitos.

— Vem logo, Oliver — chamei-o batendo a mão no chão ao meu lado. Ele sentou-se, ainda incrédulos com a cena presenciada, e Zac sentou ao lado de Edwin.

Depois de assistirmos o filme em silêncio e compenetrados, continuamos sentados no chão da sala. Eu queria criar um ambiente agradável e descontraído para nós quatro e Zac pareceu entender meu recado, pois talvez sentisse o mesmo que eu, aquela atmosfera formal demais nos rodeando. Curvando-se um pouco a frente, ele sorriu e olhou para o Príncipe, com o olhar de quem tramava algo.

— Edwin, já viu as imitações da Anne? — Zac perguntou, pegando-me de surpresa com o assunto, tornando-me o centro das atenções a meu contragosto.

— Imitações? — Edwin perguntou e me encarou, o olhar avaliativo, tentando desvendar pela minha expressão a que o amigo se referia. — Não.

Como assim?

— Anne é a melhor atriz de Cibele! — Oliver afirmou orgulhoso, deixando-me vermelha e envergonhada por exporem uma das facetas da Anne desinibida e que não pondera as consequências de seus atos.

— Não é bem assim — falei tentando desviar a atenção dos três de mim. — Ei, nem vem. Não vou imitar ninguém agora. — Levantei as duas mãos, impedindo-os de antemão a fazerem qualquer pedido. Pensando em dar o troco, olhei de relance para Zac antes de entregá-lo. — Você já ouviu Zac cantar, Alteza?

— Golpe baixo! — Zac protestou, captando bem onde eu queria chegar.

— Você canta, Zac? Porque nunca me disse? — Fiquei feliz por conseguir desviar a atenção de Edwin de mim, que então indagava o motivo de não saber do talento do amigo.

— Canta e toca muito bem — Oliver esclareceu, dando um tapinha no ombro de Zac.

— Na ala dos criados ele sempre nos dá oportunidade de apreciar seus singelos shows, encantando a todos ao redor — confessei deixando Edwin ainda mais admirado com a nova descoberta.

— E vocês sabiam dos dotes do Príncipe Edwin na pista de dança, considerado um dos melhores dançarinos de Cibele? — Vi no olhar de Zac o brilho da vitória por conseguir expor Edwin da mesma forma.

— Você dança, Alteza? — perguntei e todos nós olhamos para ele, que agora parecia inibido.

— E vocês tem conhecimento de como Oliver é um excelente pintor? — Edwin desconversou com naturalidade, sendo impossível segurar as risadas, quando nos demos conta do rumo da nossa conversa idiota.

— Eu não sei se posso fazer essa pergunta, Alteza, mas nós vamos comer? Eu estou faminto! — Oliver indagou quando nos recompomos das risadas, levando uma das mãos à barriga.

— Obviamente. Nosso jantar está nos esperando no jardim principal — Edwin respondeu, fazendo o rosto do meu irmão se iluminar, provavelmente pensando na comida deliciosa que nos esperava.

Oliver foi o primeiro a ficar de pé, seguido de Edwin e Zac. Eu fiquei para trás calçando meus sapatos e quando fiz menção de me levantar, três mãos se ofereceram para me dar apoio.

— Meu Deus! — Tampei minha boca tentando impedir uma gargalhada alta enquanto via os três recolherem as mãos, rindo timidamente da nossa situação constrangedora.

Por fim, Oliver me auxiliou e nós caminhamos até o jardim, os quatro embarcados em uma conversa sobre a mensagem do filme exibido. Quando avistei o tecido vermelho no chão e algumas cestas sobrepostas, senti uma enorme felicidade invadir minha alma, como se diversos pontos do meu corpo pudessem irradiar uma espécie de prazer, se espalhando pela corrente sanguínea, até chegar a meus lábios, moldado em um sorriso. Edwin havia prestado atenção em minhas palavras e, aparentemente, tentava me agradar realizando alguns dos meus desejos bobos confessados em alguma de nossas conversas.

— Espero ter suprido suas expectativas — ele sussurrou ao meu lado, de uma forma que apenas eu o ouvi.

— Obrigada. — Olhei em seus olhos e tentei representar o quanto aquilo significava para mim. — De verdade, obrigada.

— Anne — Oliver me chamou empolgado —, lembra-se quando mamãe dizia que um dia faríamos um piquenique sob as estrelas?

— Claro, não tem como esquecer, Oliver. — Fechei meus olhos me deleitando com tantos sentimentos, curiosamente, invadindo meu coração. Eu estava tão mexida, não apenas pela nostalgia ao me recordar de nossos sonhos em família, mas, principalmente, pelo ato de carinho demonstrado unicamente a mim.

Sentei e abracei meus joelhos enquanto Dominic abria as cestas, dispondo sobre o tecido diversas delícias retiradas de dentro do objeto de vime. Os demais fizeram o mesmo e eu não consegui desviar meus olhos de Edwin, vendo-o se alegrar com o prazer proporcionado a mim e a meu irmão. Ele era um homem incrível, eu não tinha dúvidas.

— Anne, você gosta de dançar também, não é? — Ouvi a voz de Zac ao meu lado, mas ela parecia distante.

— Oi? — respondi ainda sem conseguir assimilar as palavras dele.

— Você me fez passar vergonha outro dia no jardim me forçando a acompanhá-la na sua dancinha primitiva. Todo mundo só comenta disso agora: a dança da senhorita Anne e do Zac. — A colocação dele me trouxe de volta à realidade, principalmente depois de notar o olhar curioso de Edwin sobre mim.

— Anne tem uma dancinha para tudo — Oliver contou e revirou os olhos, talvez se recordando de uma das inúmeras vezes que o forcei a pagar algum mico junto comigo. — E consegue levar todo mundo a dançar com ela.

— Ainda não a vi dançando, Anne. — Edwin não perdeu a chance de entrar na brincadeira enquanto servia-se de suco.

— E se depender de mim não verá. Isso não é algo a se fazer na frente de um Príncipe.

— AH! — Edwin gritou, assustando todo mundo com sua reação inesperada. — Você faz coisas piores na minha frente. Duvido que sua dança seja tão ruim assim.

Envergonhada e incapaz de responder aquela acusação verdadeira, abaixei a cabeça, buscando no chão a saída para meu constrangimento. Zac ofereceu suco, em meu socorro, enquanto entrava em algum assunto qualquer para dispersar o clima instaurado. Edwin, preocupado em ter me ofendido, a partir dali, procurava os meus olhos a todo instante, piorando ainda mais minha situação embaraçosa.

Nós comemos e nossa conversa logo tomou rumos diferentes. Estávamos bem à vontade e a temperatura agradável nos proporcionou uma noite deliciosa. Enquanto apreciava nosso delicioso momento de comunhão, constatei como há tempos não vivenciava tempos tão alegres como naqueles dias.

— Anne, já foi no labirinto do Palácio? — Oliver me perguntou animado. — É enorme e muito lindo.

— Sério? Eu não fui lá. — Olhei imediatamente para Edwin, suplicando com o olhar para me apresentar o local, ciente de que era ele quem comandava nossos passos na noite.

— Se quiserem, podemos ir, sem problemas.

Edwin se levantou, mas daquela vez Zac e Oliver olharam para o outro lado, deixando bem claro que deixariam para o Príncipe a tarefa cavalheiresca, oferecendo-me a mão.

Nós quatro fomos juntos até o local onde as paredes verdes de um enorme labirinto se tornaram visíveis em meio aos encantadores jardins. Logo, o desejo de correr lá dentro, pelos corredores vivos, imaginando-me em uma das milhares histórias que um dia invadiram minha mente criativa, fizeram meu peito bater mais forte com a pequena possibilidade de torná-las reais.

— Vamos apostar quem chega ao centro primeiro? — Zac sugeriu empolgado.

— Não será possível, Zac. Eu e você sabemos o segredo do labirinto. Seria injusto com a Anne e o Oliver. — Edwin se manifestou em nossa defesa, mas percebi algo dentro dele se acendendo com a proposta.

Zac o encarou, como se já tivesse a resposta pronta, antes mesmo do Príncipe se manifestar.

— Perfeito, eu levo o Oliver, você a Anne. Apostaremos uma corrida e veremos quem é o melhor.

Os dois homens se colocaram frente a frente, trocando olhares provocativos por alguns instantes.

— Você sabe que eu sempre ganho de você, Zac — atestou Edwin retirando o casaco e pendurando sobre o galho de uma das muitas árvores do jardim.

— Sinto muito, senhor, mas eu creio que esqueceu como se chega ao centro — Zac retaliou, e apesar do tom de voz ser desafiador, vi o quanto os dois se divertiam com aquilo.

— Veremos. Fico com a entrada norte. Boa sorte para vocês! — Edwin apertou a mão de Zac fechando o acordo e os dois se afastaram. — Venha, Anne.

Vi Zac e Oliver descerem empolgados para a entrada sul e Edwin sorria, chamando-me para mais perto dele.

— O que foi isso? — perguntei ainda sem entender o clima entre os dois.

— Desde criança nós apostamos corrida no labirinto. — Edwin sorriu, lembrando-se de uma época, talvez, sem tantas cobranças. — Mas ele está certo, não sei se me recordo bem do segredo. As chances de eles chegarem primeiro são bem maiores. Por isso, vamos correr. O mais rápido possível — certificou-se se eu tinha entendido o quão importante era vencer e só se deu por satisfeito após eu assentir.

Ouvimos os gritos de Zac e Oliver distante, avisando estarem a postos. Edwin segurou minha mão e os três gritaram juntos. Mal tive tempo de reagir e estávamos correndo pelos corredores verdes e vivos, iluminados por refletores que deixavam o local surpreendente. Viramos tantas vezes para direita, esquerda, direita novamente que me perdi facilmente. Edwin me puxava, esquecendo-se de certificar se meu condicionamento físico estava em dia para aguentar o ritmo pesado no qual nos encontrávamos.

De repente ele parou em uma só freada. A voz de Zac e Oliver estavam próximas. Edwin me encostou a parede de folhagens na curva mal iluminada, colocou-se ao meu lado, abaixando e me instruindo a fazer o mesmo, levando o dedo aos lábios, pedindo silêncio. Instantes depois meu irmão e seu companheiro passaram correndo por nós, gritando como loucos sem notar nossa presença. Edwin sorriu me encarando.

Em milésimos de segundos eu me vi transportada para um sonho, ali, com ele. Eu não sabia o porquê, mas algo se tornou diferente exatamente naquele instante, abaixados no canto do labirinto.

— Acho que eles se perderam. Vamos! — sussurrou baixinho, levantando-se comigo. — Já estamos chegando. Zac errou algum caminho. Vamos, rápido!

Ainda arfando corri atrás dele e em mais duas ou três curvas chegamos ao centro. Havia uma pequena fonte e um espaço gramado com um banquinho branco charmoso no meio. Abaixei e apoiei as mãos em meus joelhos, respirando fundo para recuperar o fôlego. Edwin encostou-se a parede e respirava profundamente também.

— Meu Deus, você não pode fazer isso comigo, Edwin. Não sou uma atleta para conseguir seguir você assim. — Levantei deixando as costas eretas e puxei o ar com desespero para meus pulmões, tentando assim acalmar as batidas frenéticas do meu coração.

— Você foi muito bem. Zac se perdeu — proferiu rindo quando ouvimos a vozes dos dois gritando mais próxima de nós.

De novo aquelas sensações me tomaram, eu estava em casa. Nós dois nos encaramos e ficamos assim, sem dizer nada. Senti-me tomada pelo momento de tal forma que me desliguei de tudo a minha volta. Estávamos a cinco passos de distância um do outro, mas parecia que eu estava ao seu lado. Era quase possível enxergar nossa ligação ali. Palpável. Real. Intensa.

— Anne, eu...

— Sacanagem! — Zac gritou quando entrou no mesmo espaço onde nos encontrávamos, trazendo-nos de volta para a realidade. — Eu me perdi!

— Eu te disse, eu sempre venço! — Edwin deu tapas nas costas de Zac e Oliver repetia o mesmo movimento que eu pouco antes, as mãos apoiadas nos joelhos, tentando recuperar o fôlego.

Depois de trocas de provocações entre todos e a proclamação da nossa vitória, sentamos no banquinho branco de madeira e apreciamos a noite estrelada ali de dentro. Zac e Edwin contaram histórias da infância

deles, sempre denunciando as trapalhadas de Esra e as confusões nas quais se metiam. Eu olhava para o Príncipe e ele parecia tão diferente. Na minha percepção, na maioria das vezes, quando nos víamos, ele parecia incompleto, mas daquela forma, contando casos do passado, parecia outra pessoa. Uma pessoa comum, sem cobranças, sem medos, sem algo que eu ainda não tinha descoberto o incomodando.

E foi depois dessa compreensão que eu me comprometi a intensificar minhas orações por ele. E por mim...



Depois de uma noite incrível, eu parei para pensar sobre os recentes acontecimentos a minha volta e cheguei a conclusão de que minhas atitudes estavam passando dos limites. Aparentemente, eu havia me esquecido da condição de Edwin. Ele era um dos Príncipes de Cibele e, mesmo firmando nossa cumplicidade, era irreal eu tencionar obter sua amizade. Eu voltaria para casa em duas semanas e tudo tornaria a ser como antes, sem castelos, sem companhia, sem diversões. Seria ilusão acreditar no contrário. Era me agarrar a uma ideia inconcebível, muito distante da realidade.

Pensando nisso, resolvi usar o pouco bom senso disponível na vida de Anne Davies e não tornar as coisas mais complicadas para o futuro próximo. Passei a manhã arrumando o restante da biblioteca, faltando muito pouco para cumprir com meu objetivo de deixar a seção devidamente organizada. Almocei na cozinha, desfrutando da companhia do querido Chefe Harris, por quem eu nutria a cada dia mais uma afeição especial pela dedicação que tinha comigo e, também, com as queridas meninas da cozinha, sempre atenciosas e com palavras carinhosas direcionadas a mim.

Mais tarde, mesmo com o coração apertado, mas disposta a dar espaço para Edwin, munida de um livro, procurei no Palácio um local calmo onde eu pudesse passar meu tempo de lazer em boa companhia — diz-se lendo um livro. Encontrei uma janela no segundo andar, na ala oposta onde ficava meu quarto. A vista dava para um dos jardins que eu mais gostava, repleto de flores coloridas em meio a árvores frondosas, produzindo sombras ideais para se assentar e apreciar a vista. A janela tinha um vão entre a parede e o vidro, deixando um espaço perfeito para me encaixar e desfrutar da minha leitura com tranquilidade.

Perdi a noção do tempo enquanto estive lá. Já havia mudado de posição inúmeras vezes, e estava deitada no vão, com os joelhos

flexionados para cima quando ouvi alguns passos se aproximando. Meu coração acelerado denunciou de quem eram os pés que surgiram na minha visão por baixo do livro.

— Senhorita Davies, poderia me informar o motivo de seu sumiço no dia de hoje? — A voz de Edwin soou como música para meus ouvidos, forçando-me a desligar minha mente da leitura e encará-lo.

— Alteza. — Fiz um esforço para que soasse o mais formal possível, ainda mantendo o respeito pela posição que ele ocupava, tentando assim retomar a realidade que nos cercava. Entretanto, o sorriso dele não me ajudava. — Não aconteceu nada, apenas não quis incomodá-lo. Meu bom senso me alertou de como ando sendo um pouco inconveniente.

— Inconveniente? — Seu semblante mudou de repente, levando-me a crer ter dito uma das minhas bobagens, como sempre.

— Sim. Veja bem, eu tenho agido de forma um pouco... Eu não sei bem a palavra para me expressar corretamente, mas preciso aprender a me comportar da forma esperada para alguém na minha posição. — Mordi os lábios inferiores e me sentei, lembrando de que parte do pacote das minhas decisões era me portar com decência perto dele.

— Eu a magoei ontem? — perguntou de uma só vez, os olhos tristes denunciando o sentimento de culpa.

— Não! Por que teria me magoado? A noite foi maravilhosa. — *Até de mais!*

— Talvez eu tenha dito algumas coisas que não foram do seu agrado. — Edwin parecia realmente preocupado quando se sentou ao meu lado, olhando para os lados antes de me encarar. — Eu estava brincando ao expor seus deslizes quando está comigo. Não foi intencional e eu não deveria ter dito aquilo, principalmente na frente de Oliver e Zac.

— É isso? Você está incomodado por isso? — questionei um pouco incrédula por ele estar se remoendo por algo tão bobo. — Edwin, você não me magoou. Eu sei bem como eu sou e sua insinuação foi verdadeira.

— Mas eu não deveria ter dito. Perdoe-me, eu a expus. E hoje você não apareceu em nenhum lugar onde eu estava. Alguma coisa está errada, eu sei.

— Você sentiu minha falta? — indaguei divertida e somente depois pensei bem nas minhas palavras. Porém, o sorriso de Edwin, sincero, como eu tanto gostava, afastou de mim qualquer arrependimento.

— Eu estou começando a me acostumar com suas aparições repentinas. Estranhei o fato de não ter surgido na minha frente em algum lugar sem eu esperar.

Fechei meu livro, deixando-o de lado e me ajeitei melhor, em uma posição confortável, ainda dentro do vão da janela. Edwin se virou e ficamos frente a frente. Ele parecia triste e me senti culpada por ser responsável por deixá-lo naquele estado.

— Por favor, não fique assim, você não fez nada de errado. Eu estou bem, apenas vim me deleitar nas minhas leituras. Não é que eu queira ficar longe de você... Quero dizer, o problema não é você, entende? — Edwin deu um fraco sorriso, levando-me a crer que algo realmente não estava certo. — Aconteceu alguma coisa?

— Cansaço das obrigações — confessou e esfregou as mãos, encostando o corpo na parede. — Às vezes, eu gostaria de não precisar me preocupar sobremaneira com tantas coisas de uma só vez. São muitas obrigações, muitas responsabilidades. Eu me sinto muito cobrado.

Olhei em seus olhos e fui tomada por uma enorme satisfação por ele compartilhar aquilo comigo. Era a prova do meu erro. Ele estava desfrutando de nossa amizade, assim como eu. Imediatamente, orei em silêncio, pedindo a Deus sabedoria para lhe dizer algo reconfortante.

— Edwin — iniciei meu discurso lentamente, tentando buscar as palavras certas para ajudá-lo de alguma forma —, não deve ser simples, de fato. O peso da coroa não deve ser fácil de carregar.

— Não mesmo! Eu odeio aquele acessório. Meu Deus, pesa em nossa cabeça de tal forma... — respondeu de forma brincalhona, mas denotando um fundo de verdade em suas palavras. — Eu fujo de usá-la sempre que possível!

Cruzei meus braços e encarei suas feições, deixando claro minha impaciência por ter sido interrompida. Ele fez um sinal com as mãos, pedindo trégua.

— Você é sempre assim, engraçadinho? Já sei, a resposta é não, pelo contrário, você é sempre sério. — Agora era ele quem cruzava os braços, imitando-me. — Posso dizer algumas coisas?

— Se eu disser “não” você dirá mesmo assim, tenho certeza.

— Você tem suas obrigações, tem que lidar com o peso do seu cargo, mas, veja bem, as pessoas ao seu redor não são diferentes de você. — Olhei para ele, séria, sem considerar a sua provocação anterior. — Todos

nós, de alguma forma, sustentamos nossas responsabilidades também. Podem não ter a mesma perspectiva que as suas, porém, diversas vezes são tão difícil quanto. Olha só, você pode carregar nas costas os encargos de um país, mas aqui, no palácio, existem muitas pessoas lidando com o encargo de uma família, precisando suprir todas as necessidades dos seus.

Fiz uma pausa, e Edwin parecia absorto com minha sentença. Percebendo ter alcançado meu objetivo, continuei.

— A Dulce, por exemplo, ela é incrível. É uma das ajudantes na cozinha. É uma menina nova e mesmo assim suporta muitas atribuições, algumas adversas. A mãe tem uma disfunção na coluna e o pai morreu quando ela ainda era criança. Tem três irmãos mais novos, e o salário dela é responsável por sustentar as despesas da casa. Só que ela é portadora de uma alergia respiratória e o contato com a fumaça a afeta muito. Volta e meia ela tem crises na cozinha e precisam ampará-la. Mas, mesmo sofrendo, ela está lá, trabalhando, com a consciência de que a família depende dela.

Notei como minhas palavras surtiram efeito sobre Edwin. Sem desviar os olhos dos meus, ele permanecia concentrado e refletindo, o que me deu o incentivo necessário para prosseguir.

— Temos também o senhor Montes, o jardineiro. Ele tem 70 anos, deveria estar em casa desfrutando de sua velhice, mas, por problemas em seu direito social, ele precisa continuar trabalhando, evitando deixar essa incumbência para a esposa, uma senhora de idade também. Eles não têm filhos, outra dificuldade da vida deles. Não posso me esquecer do John, o guarda. Ele tem uma família, e não fazia parte de seus planos se tornar guarda do palácio. O sogro dele tinha esse cargo e morreu defendendo uma família em perigo anos atrás. A esposa do John sofre ao vê-lo fardado e saindo para o trabalho, pois se lembra da perda do pai. Mas foi a oportunidade que ele teve de servir ao seu país e suprir o seu lar.

Encarei Edwin, cheia de compaixão.

— Você entende? Todos nós, independente de nossas ocupações, temos compromissos a zelar e sacrificamos algo, sofremos também em nossas missões. Você pode ter algumas incumbências mais massacrantes, mas também tem as vantagens de sua vida de Príncipe.

— Que seriam?

— Você nunca saberá o que é o desespero de precisar pagar uma conta e não ter nem um centavo para cumprir com suas obrigações —

brinquei, mas era uma brincadeira sobre a qual eu entendia bem o significado. — Não vai sentir fome, não vai precisar se preocupar com suas roupas, não precisa limpar seu quarto e existem tantos outros privilégios que eu poderia listar, e não tiro o seu merecimento, sem dúvidas vocês são dignos desse tratamento diferenciado por entregarem suas vidas ao país.

— Você e Oliver passam por dificuldades financeiras, Anne? — questionou preocupado e sério, diferente de como se portava em todas as nossas outras conversas.

— Depende. Deus sempre supre, de uma forma ou de outra, e nunca passamos por grandes necessidades, como fome. Mas, sim, andamos sempre na linha tênue de precisar de um milagre de Deus. Só depois de um tempo eu entendi o valor real das coisas. Não compreendia a cobrança de meus pais sobre nossos gastos. Agora, tomando essa responsabilidade para mim, eu entendo. — Edwin estava com a expressão distante e imaginei ter falado além do devido, expondo minhas intimidades. — Mas, não se preocupe, Edwin, nós estamos bem. O Senhor não me abandonou, graças a Deus.

— E quais seriam as vantagens de ser a Anne, órfã, passando dificuldades para ser a supridora do lar?

— Essa é fácil! Não preciso usar sapatos de salto alto, nem andar engomadinha como você — gracejei apontando para o colarinho engomado dele.

— Claro, isso realmente é um grande problema. — Edwin sorriu novamente, como eu gostava, ajeitando a gravata no pescoço, deixando de lado a expressão preocupada.

— Alteza, me perdoe a honestidade, mas você nunca saberá o que é usar uma roupa confortável, deitar no sofá sem se preocupar com sua postura, comer tranquilamente na sala enquanto assiste a TV e lamber os dedos depois, um por um — aleguei quase confessando meu crime, mas rindo descaradamente depois.

— Verdade. E eu não consigo nem sentir falta disso, pois nunca fui permitido agir assim. — Balançou a cabeça me acompanhando na risada espontânea. — Se eu lamber meus dedos, serei repreendido como se tivesse sido o responsável por iniciar uma guerra mundial.

— Então, faremos o seguinte — propus e inclinei meu corpo em sua direção. — Um dia, você sai de fininho desse castelo e passa o dia na nossa humilde casa. Eu permitirei que faça isso e muito mais. Poderá comer

usando apenas um talher, não será necessário manter a pose perfeita, não precisará estar engomadinho, comerá fora de hora, pode usar um boné no lugar da coroa e jogar vídeo game com Oliver, sem precisar ponderar sobre suas responsabilidades — concluí satisfeita por fazê-lo sorrir, aparentemente inclinado a aceitar minha proposta.

— Minha vida não é tão chata assim, como você pensa. Eu também me divertido, sobretudo na companhia de Esra.

— Certo, então me mostre suas diversões. Tudo que eu vejo são regras e pompas, das quais está clara a minha total falta de experiência. Deus sabe o que faz, eu não nasci para ser princesa! Não saberia me portar, seria uma decepção.

— Você aprenderia também, não é tão difícil assim — defendeu-se e parecia um pouco frustrado com minha observação.

— Certo, eu aprenderia. Seria ensinada desde criança e não poderia fugir. E me tornaria *uma Edwin* versão feminina, dondoca, cheia de regras de como me portar.

Edwin me encarou e seus olhos pareciam dizer mais quando encontraram os meus.

— Não consigo imaginar você diferente do que é. Você é incrível assim, não precisa dessas regras chatas.

Eu não estava preparada para aquelas palavras. Meu coração gelou e minhas faces começaram a arder diante da perspectiva de um elogio tão sincero vindo dele. Quando percebi o estado de minhas bochechas avermelhadas, tudo piorou e fiquei totalmente constrangida. Edwin olhou imediatamente para a janela, ciente de meu estado, tentando me deixar confortável de alguma forma.

— Eu tenho um serviço para você hoje. Aliás, deve durar alguns dias. Se desejar ser útil, vou considerar muito sua ajuda — proferiu ainda olhando através do vidro.

— Claro, Edwin. Eu adoraria ajudá-lo.

— Tudo bem. — Ele se levantou e só então consegui olhar novamente para ele. — É no meu escritório. Tenho algumas gavetas precisando de organização, e você se sai muito bem com isso. Eu vi a biblioteca.

— Obrigada pelo elogio. Eu irei para lá.

— Mas antes — disse, me impedindo de levantar de uma só vez —, tenho uma coisa para você. — Edwin enfiou a mão no bolso e em seguida

tomou minha mão direita, abrindo-a. Colocou uma chave na palma de minha mão, fechando-a logo depois. — Você pode ir ao quarto e retirar do armário qualquer livro para ler durante seus dias por aqui. Depois de escolher, leve a chave para o escritório.

— Você está falando sério, Edwin? — certifiquei-me, totalmente eufórica, de que aquelas palavras eram reais.

— Sim, você tem minha permissão. Busque os livros, leve ao seu quarto e me encontre na minha sala.

Edwin sorriu e fez uma mesura enquanto eu me levantava, ainda maravilhada com aquela chave e com a permissão de desfrutar dos melhores livros do mundo. Ele se despediu e quando estava saindo, o chamei. Ele se virou de novo e eu sorri.

— Você também é incrível, e não seria assim sem suas regras chatas.

Nossos mútuos sorrisos me fizeram sentir nossa cumplicidade nos rodeando novamente. Ele partiu, deixando-me tomada de emoções apertando aquela pequena chave entre meus dedos.

Capítulo 26

Três dias se passaram e eles não poderiam ter sido melhores. Eu passava todos eles, praticamente, na companhia de Edwin em seu escritório, organizando gavetas e armários com diversos tipos de documentos, fazendo algo que eu de fato amava.

Dessa vez não fiz questão nenhuma de não atrapalhar, pelo contrário, falava sem cessar com Edwin, forçando-o a parar a todo o momento para me dar atenção ou deixar algum de seus sensatos comentários. Nossos laços estavam cada vez mais fortes e nossa intimidade crescia de uma forma muito impressionante. Eu gostava mais dele a cada dia enquanto descobria mais de seu coração e personalidade.

Eu já não me importava em agir como eu era de verdade nem mesmo durante nossas refeições, contrastando claramente com os modos perfeitos do meu Príncipe. Mas, mesmo com toda a distância dos nossos mundos, nós nos dávamos bem, principalmente quando compartilhávamos algo sobre a Palavra e nossas experiências com o cristianismo.

Era quinta, eu descia para ir de encontro a Edwin logo após o almoço quando quase trombei com uma das meninas da limpeza.

— Dulce, o que você está fazendo aqui? — indaguei ainda mais surpresa quando notei que ela, por quem eu nutria muito carinho, trajava um uniforme diferente do habitual das ajudantes da cozinha.

— Senhorita Davies, eu mudei de ocupação — respondeu com um enorme sorriso de satisfação em seu rosto.

— Mudou? Como assim?

— O Príncipe em pessoa me chamou em sua sala ontem pela manhã e me ofereceu outro cargo. — Ela olhou para os lados antes de sussurrar. — E ainda tenho um salário melhor.

— Ele fez isso? — perguntei ainda mais maravilhada por confirmar minha admiração, como Edwin verdadeiramente se importava com as pessoas.

— Sim. Ele chamou o chefe Harris na sala dele e todo mundo temeu o que viria dessa conversa incomum. Mas, segundo o chefe, o Príncipe Edwin pediu referências sobre meu trabalho. E você sabe como Joshua é comigo, ele me elogiou para Sua Alteza, então fui convocada e me foi oferecido outro cargo que não afetasse minha alergia.

— Isso é incrível!

— Não é? E tem mais, além do aumento no salário, ele me deu um cartão pessoal com uma indicação médica para eu poder tratar essa alergia e poder ter uma melhor qualidade de vida. Anne, ele me proibiu de trabalhar com produtos fortes e me colocou para fazer limpeza em locais ventilados, como os salões — Dulce me contava com os olhos brilhando. — Eu não sei como ele soube das condições da minha saúde, mas Deus sabe e sou grata por isso.

— Eu estou feliz por você, Dulce. Muito mesmo! — Abracei a menina querida que eu já tinha como amiga, sentindo os olhos quererem externar meus sentimentos. — Você está feliz com isso?

— Anne! Por Deus, muito! Apesar de sentir falta da cozinha e do chefe, eu estou contente com minha nova função. E você pode me encontrar sempre, mesmo eu não estando mais por lá.

— Claro, claro. Estaremos sempre nos encontrando pelos corredores enquanto eu estiver por aqui. — Enxuguei a lágrima que escorreu em meu rosto em meio a um sorriso.

— Deixe-me trabalhar agora. Eu não posso fazer feio no meu primeiro dia no novo cargo.

Dulce piscou para mim e saiu apressada. Observei-a se afastar, e ela parecia flutuar de felicidade, assim como eu. Saber que pude, de alguma forma, fazer a diferença na vida dela me deu uma sensação de dever cumprido. Meus dias no Palácio já faziam algum sentido.

Demorei a conseguir reagir, mas continuei meu caminho, ainda um pouco alheia a tudo. Tomei o rumo em direção ao escritório de Edwin, mas percebi quando John e Stevan fizeram um movimento, e um deles pigarreou, dando a entender o desejo de direcionarem a palavra a mim.

— Senhorita Davies — John se pronunciou inseguro —, desculpe-me interrompê-la.

— Anne, John. Já lhe disse, meu nome é Anne. Não me interrompeu. Precisa de algo?

— É que a Sara... Bem, minha pequena me fez prometer entregar isso — explicou, retirando um papel rosa dobrado de dentro do bolso e estendendo em minha direção. — Ela é bem persistente quando quer, e preciso cumprir minha promessa.

— John! — exclamei encantada enquanto pegava de suas mãos o papel. — Meu Deus, estou emocionada! Diga a Sara o quanto eu amei seu presente e em breve espero retribuí-la com um livro.

— Ela ficará feliz com isso, tenho certeza — falou e fez uma mesura, assumindo a posição de guarda a seguir.

Continuei minha caminhada abrindo o papel e me encantei quando vi a letra ainda em formação, junto de um lindo desenho, o qual julguei ser minha representação, já que em cima havia escrito: “Para a princesa Anne, de Sara.”.

Meus olhos brilharam ao ver a delicadeza do ato de carinho, levando-me a crer que meu nome era mencionado na casa do guarda a quem eu passava boa parte dos meus dias conversando e contando da minha vida nada interessante. Aparentemente, aquele gesto também havia feito a diferença em mais uma vida.

Estava em frente ao escritório e eu não precisava dizer mais nada, pois já era conhecida no local. Minha presença foi anunciada na sala do Príncipe. Entrei ainda compenetrada observando o papel, não dando atenção a Edwin em pé, aguardando para fazer as honras.

— Anne? — ele me chamou quando percebeu o quanto eu estava absorta com o desenho.

— Oi? — respondi e encarei-o, sem esconder minha alegria e satisfação plena com os acontecimentos da manhã.

— O que é isso? — indagou dando a volta em sua mesa e aproximando-se de mim, enquanto o pescoço se esguiava em direção ao conteúdo de minha atenção.

— Um desenho. A Sara, filha do John, mandou para mim.

— Deixe-me ver? — questionou pedindo o papel, sem desviar os olhos do objeto rosa em minhas mãos.

— Ela é uma gracinha. — Entreguei o papel e encarei a expressão de Edwin.

—É... — Ele alternou o olhar entre o papel e meu rosto. — Parece bastante. Nem foi preciso seu nome para perceber ser você. Está idêntica! — disse gracejando com o desenho da pequena.

— Obviamente, não é nenhuma obra de arte. — Tomei o papel das mãos do Príncipe, deixando claro minha objeção por sua gracinha. Ele sorriu e me deu atenção, apoiando-se a sua mesa com os braços cruzados em frente ao peito. — Ela tem seis anos. Você deveria conviver mais com crianças e aprender sobre pureza. Eu me achei linda aqui! — Apontei para o papel observando os traços tortos e desproporcionais. — Os cabelos, veja, são iguais aos meus.

Edwin continuou me olhando, rindo das minhas expressões, sem mudar em nada sua postura informal. Ele, definitivamente, não deveria fazer aquilo, porque o deixava muito, mas muito charmoso e lindo! E eu precisei desviar minha atenção para as prateleiras para não denunciar meus pensamentos indevidos em meu rosto rubro.

— Você conseguiu as etiquetas que solicitei ao senhor, Alteza? — *Sim, Anne, trate-o com formalidade, é o melhor a fazer e esquecer de vez a cena anterior.*

— Sim — afirmou apontando para a mesinha ao meu lado, onde se encontravam caixinhas com etiquetas adesivas. — Uma excelente ideia, vai me ajudar a manter isso organizado.

Assenti com a cabeça e iniciei meu trabalho, tentando não dar atenção aos sinais do meu corpo, como os intensos furacões rodando em minha barriga. Edwin se sentou e voltou-se aos seus documentos, deixando-me organizando a bagunça daquele lugar.

Minha mente retornou a processar os pensamentos que haviam invadido-a durante a noite em relação ao meu futuro. Eu estava começando a me preocupar realmente com o fato de não ter dinheiro para pagar minhas contas, e também me dei conta de que meus clientes poderiam encontrar as portas fechadas e não retornarem mais, acreditando no encerramento de nosso negócio. Com essas constatações surgindo, ponderei se não seria melhor retornar para casa e acabar de vez com o sonho, voltando para a minha dura realidade, temendo tornar tudo mais difícil com o adiamento do inevitável.

Enquanto escrevia nas etiquetas a relação dos documentos, meditava e orava a respeito disso, mantendo-me totalmente silenciosa e quieta,

diferente de todos os outros dias. Edwin pareceu notar, e como sempre, preocupou-se em ter me ofendido.

— Eu estava brincando sobre o desenho. — Assustei-me, levando a mão ao meu coração, ao ouvir sua voz do meu lado, bem próxima.

— Que susto, Edwin! — Virei-me em sua direção e ele retirou de minhas mãos a pasta marrom, colocando-a de lado.

— Não foi minha intenção magoá-la. Eu estava brincando. A pequena desenhou você muito bem.

— Por que está falando isso? Eu não estou magoada — indaguei confusa, dando um pequeno passo para trás, mantendo uma distância segura do homem maravilhoso ao meu lado.

— Você está quieta e silenciosa. Eu devo ter feito algo para você se afastar assim e manter essa postura incomum.

— Alteza — sorri, encarando-o —, eu quem sou sempre repreendida, esqueceu? Sou eu quem faz as besteiras por aqui. Você não fez nada, Edwin. De verdade, não se preocupe.

Tentei pegar a pasta de volta, mas ele me impediu, segurando delicadamente meu braço.

Não faça isso, Edwin! Não faça isso, por Deus!

— Fale o que está atormentando você então. Vamos conversar. — A mão, ainda segurando meu braço, puxou-me e me guiou até o sofá, obrigando-me a sentar ao seu lado.

— Eu só estou um pouco preocupada. Mas isso não é motivo para atormentar você — falei rapidamente e tentei me levantar, mas novamente fui impedida.

— Onde está a parte de *sermos amigos* proposta por você? Faz parte de uma amizade confidenciar problemas e confiar no auxílio do outro.

— Por falar nisso... — Olhei para Edwin sem ter certeza se deveria continuar. — Eu vi a Dulce na nova função dela.

— E isso está te deixando preocupada? — Suas sobrancelhas arquearam e me dei conta de como já estava conhecendo as expressões dele o suficiente para saber que ele se encontrava confuso.

— Não. Eu estou feliz por você ajudá-la. — Percebendo estar sem saída, resolvi confessar. — Eu estou preocupada com minha livraria. Pronto, é isso!

— Com sua livraria? Por quê?

— Saímos de lá correndo no dia em que viemos para o palácio. Não tive tempo de organizar nada e não faço a mínima ideia de como se encontra minha casa e meus pertences. Eu não coloquei um aviso na porta dizendo quando voltaria a atender, informando das nossas “férias”. Edwin, eu não posso fechar as portas ou eu e Oliver não teremos como pagar nossas contas. E minha casa deve estar suja e bagunçada. Meu Deus, nem sei como deixei tudo por lá! — Comecei a pensar nas comidas deixadas na geladeira e no caos de tudo, estando tanto tempo longe depois de me retirar sem uma prévia organização.

— Você não é minha prisioneira, Anne. Nunca foi, na verdade. Pode ir até sua casa e livraria organizar tudo que precisa. — Seus olhos exibiam o carinho e cuidado do qual estava começando a me acostumar, e isso não era uma coisa boa, de certo não. — Depois retorna.

— Está falando sério?

— Claro! Você poderia ter me dito antes e eu permitiria sua saída. Não iria me opor quanto a isso. Além do mais, você e Oliver são meus convidados agora, ambos têm me ajudado e serão recompensados pelo serviço prestado em prol do seu país.

— Não! Isso eu não concordo. Oliver está pagando pelas suas atitudes erradas e eu já estou sendo recompensada com todas as mordomias proporcionadas em meus dias aqui. Eu não faço mais do que minha obrigação em ajudá-lo, Edwin — protestei e consegui me levantar antes dele perceber. Eu estava muito agitada e não conseguia controlar minhas emoções.

Parei perto da mesa e me virei em direção a ele. Por um momento ele me pareceu frustrado. Depois de alguns segundos em silêncio, ele abriu o semblante novamente.

— Você quer ir hoje? — Levantou-se e caminhou de volta a sua cadeira. — Eu peço um carro para levá-la no fim do dia e trazê-la de volta depois.

— Seria maravilhoso! Talvez eu me acalme depois de me certificar que está tudo bem e fique menos preocupada.

— Tudo bem, providenciarei um carro para você.

Olhei para Edwin e senti o desejo de abraçá-lo e agradecê-lo por tudo, mas me contive, sabendo como aquilo seria impróprio. Voltei para meu serviço e um pouco depois ouvi Edwin solicitar um carro para me levar até em casa no fim da tarde.

Eu estava entretida quando Henri entrou na sala.

— Alteza, o Rei na linha três — o homem anunciou e parecia compreender o significado daquela ligação para o Príncipe.

— Obrigada, Henri — Edwin agradeceu, mas a impaciência estava contida em sua voz.

Fiquei quietinha, quase imóvel, observando Edwin pegar o telefone um pouco contrariado. Demorou alguns segundo para levar o aparelho até o ouvido.

— Oi, pai. — Ouvi-lo dizer aquilo me fez rir, pensando que era o meu Rei, o Soberano, do outro lado da linha. Edwin permaneceu calado ouvindo a contra gosto o pai dizer algo. — Elliot não me ouve. Eu disse a ele naquele dia. Não faz sentido eu fazer minha parte se vocês não ouvem minhas conclusões. Eu não vou... Não, eu não vou fazer isso, já deixei bem claro. — Seu tom de voz demonstrava impaciência e eu comecei a me incomodar por estar lá presenciando a cena. — Nada que você diga me convencerá o contrário.

Aproveitei o silêncio e caminhei até a porta, disposta a dar privacidade a sua discussão. Quando estava saindo, Edwin fez um sinal silencioso com as mãos, lamentando a situação. Eu o acalmei como pude e me retirei, fechando a porta em seguida.

Caminhei até meu quarto me dando conta de quem Edwin era e de tudo que o envolvia, lembrando-me de suas lamentações com o peso de suas responsabilidades. Não era fácil, definitivamente. E ele parecia estar sempre sozinho, lutando contra algo na imensidão de seus encargos.

Havia algo que eu ainda não tinha descoberto sobre meu Príncipe. Algo que o feria de alguma forma e o fazia fechar-se para o mundo, impedindo-o de demonstrar a beleza de sua personalidade, de seu coração e de sua alma.

Eu estava de fato disposta a entrar naquele mundo desconhecido e descobrir o que o atormentava, para tentar, de alguma maneira, ajudá-lo? Talvez sim, afinal, como ele mesmo havia dito, para isso servem os amigos.

Capítulo 27

— O senhor pode retornar, não quero tomar seu tempo, sei que demorarei algumas horas. Eu pego um táxi quando acabar — instrui o motorista quando paramos em frente à livraria.

— Senhorita Davies, Sua Alteza pediu para aguardá-la. Não será um problema esperar — o homem insistiu, parecendo preocupado em descumprir as ordens do Príncipe.

— Por favor, vou me sentir pressionada sabendo que o senhor me espera aqui e não terei paz para completar minhas tarefas. Eu estarei bem, pegarei um táxi e seguirei direto ao Castelo. De verdade, não se preocupe. Caso precise, eu explico ao Príncipe a situação quando retornar.

Mesmo contrariado e um pouco inseguro, o homem partiu. Eu não me sentiria confortável sabendo que ele aguardava do lado de fora. Olhei pela porta de vidro e tudo parecia em ordem dentro da livraria. Entrei pela porta lateral, subindo as escadas de acesso ao segundo andar, onde ficava nossa pequena casa. Quando abri a porta, constatei que eu estava correta em minhas suspeitas: Tudo era uma verdadeira bagunça.

As roupas e objetos espalhados pelo chão, do jeito como os deixamos em meio a correria antes de partirmos com urgência para o Palácio. O piso estava imundo e tinha uma louça suja quase apodrecendo na pia. Senti algo bom por estar na segurança do meu lar novamente, apesar do cheiro ruim exalando pelo ar. A foto de nossos pais no quadro, no meio da parede da sala, me trouxe boas recordações e fez minha alma sentir o aperto da saudade mais uma vez.

Sem pensar muito, iniciei a árdua tarefa de organizar minha casa e fazer uma boa limpeza, tornando o lugar habitável novamente. E a labuta durou cerca de duas horas. Quando terminei, o sol já havia se recolhido no horizonte. Peguei na minha bolsa a pequena lista de Oliver, cheia de

pedidos e, mesmo com meus avisos sobre a falta de necessidade de tudo aquilo, já que voltaríamos para casa em menos de duas semanas, fiz como ele solicitou e reuni os objetos requeridos, colocando tudo em uma mochila.

Tomei meu banho e, satisfeita com o trabalho realizado, desci até a livraria. Reuni as contas antigas com as novas, retiradas da caixa de correio, coloquei-as em cima da mesa e abri cada uma, tentando não me preocupar com o valor imenso de nossas dívidas. Conferi a data de chegada de pedidos de livros e passei ainda algum tempo organizando tudo no local, também fechado às pressas.

Fiz um cartaz informando a data do nosso retorno de “férias” e colei na porta, sentindo-me um pouco aliviada por ter conseguido me organizar e garantir mais alguns dias de estadia no Palácio. Peguei minha bolsa, a mochila de Oliver e caminhei até a porta da livraria. A rua estava deserta. Em decorrência do horário, o comércio local estava fechado, restando apenas a calma e a tranquilidade costumeiras das ruas de Cibele. Decidi, então, caminhar um pouco até o mercado, onde acharia um táxi disponível àquela hora.

Estava passando a chave na fechadura quando me recordei de ter deixado um livro meu em cima da mesa. Eu sabia que Edwin não possuía aquele exemplar, por isso levaria para presenteá-lo. Deixei a mochila na entrada, peguei o livro e, quando me virei, assustei-me com duas figuras enormes já do lado de dentro da livraria. O primeiro caminhou em minha direção e o segundo permaneceu mais perto da porta, fechando-a.

— Então, gatinha, onde está a grana? — A voz grossa soou, acordando-me para a realidade. Eu estava sendo assaltada.

— Eu não tenho dinheiro — balbuciei sentindo os pelos do meu corpo se arrepiarem, uma sensação que me causou intenso terror.

— Não esconda o jogo. Estamos apenas nós aqui e é fim de mês. Passa o dinheiro agora e damos o fora sem fazer nada com você — ameaçou levando a mão ao bolso, destacando um objeto por dentro do casaco, levando-me a crer que estavam armados.

— Por favor, eu não tenho dinheiro nenhum. A livraria estava fechada, meu caixa está vazio. — Senti minhas pernas bambearem e comecei a orar desesperada pedindo auxílio de Deus silenciosamente.

— Ora, se não tem dinheiro, terá que nos pagar de outra forma, então. — Com um sorriso nojento e malicioso no rosto, tomou minha bolsa e

passou ao comparsa. — Celular, joias, dinheiro. Pega tudo, porque eu não vou sair aqui de mãos vazias. Não mesmo!

— Por favor... — supliquei quando vi o homem me avaliar, passeando os olhos pelo meu corpo e, por fim, fixando seu olhar nos meus ombros.

— Eu acho que encontrei um pagamento melhor! — ele informou com um brilho malicioso nos olhos.

O assaltante não hesitou nem por um segundo antes de sua mão nojenta e asquerosa ir de encontro à manga do meu vestido. Eu petrifiquei e meus pés enraizaram no chão. Entrei em estado de choque e, apavorada, fechei os olhos, sentindo as lágrimas transbordarem e correrem pelo meu rosto. Quando ele abaixou uma das alças, deixando meu ombro à mostra, senti um calafrio gélido transpassar meu corpo, um prenúncio do que aconteceria a seguir.

Entretanto, o toque seguinte não veio. Pelo contrário, senti-o se afastar. Abri meus olhos, mesmo com certa relutância, e avistei Edwin desferir um soco no rosto do homem. Ainda em choque, assisti ao Príncipe golpear mais algumas vezes o assaltante com o dobro de seu tamanho. Edwin estava em vantagem, demonstrando saber bem o que estava fazendo, até o segundo entrar no meio da briga. Mesmo sendo atingido algumas vezes, conseguiu acertar os dois brutamontes nojentos com êxito.

Quando fui capaz de sair do estado de pânico no qual me encontrava, pensei em gritar por ajuda, mas antes que qualquer palavra saísse da minha boca, três guardas reais entraram e ajudaram a imobilizar os malfeitores.

Edwin se curvou, com as mãos no joelho. Depois levou uma mão até a boca e constatou que havia sangue saindo de um ferimento. Quando se virou para mim, eu estava imóvel, tremendo intensamente. Senti meu corpo amolecer e minha visão embaralhar. Engoli em seco, pronta para desabar quando Edwin caminhou em minha direção.

Os braços dele me envolveram. Naquele momento, era tudo o que eu precisava. Edwin me apertou contra seu corpo e eu enlacei sua cintura, soluçando desesperada, só então me dando conta do que acabara de ocorrer.

— Você está bem? Eles te feriram? — perguntou, afagando minhas costas, sem afrouxar o abraço, passando-me a segurança necessária para não desabar de vez naquele instante.

— Não — sibilei com o rosto abafado pelo seu peito, enquanto as lágrimas encharcavam sua camisa.

— Alteza, está tudo bem? — Ouvi uma voz firme questioná-lo, preocupado.

— Sim, Mark. Por favor, leve esses dois para a delegacia. Eu mesmo farei questão de abrir todas as apurações contra eles — Edwin respondeu sem me soltar.

— Meu celular — falei, tentando me controlar. — Está no bolso dele.

Edwin se afastou e virou-se em direção aos seus homens.

— Peguem os pertences da senhorita Davies — ordenou aos guardas. — Leve-os e, por favor, enquadre-os em crime contra a realeza, roubo, atentado a vida. Diga ao delegado que a punição deles é uma questão pessoal para mim.

— Alteza, nós não sabíamos que era o senhor. Não teríamos batido se soubéssemos de quem se tratava — um dos homens suplicou ainda ajoelhado, as mãos algemadas, quando se deu conta de onde havia se metido.

— Claro — Edwin declarou irônico. — Mas, estava a ponto de cometer algo terrível e inaceitável contra uma senhorita. Vocês são de Susan, não é mesmo? — questionou visivelmente irritado. Os homens assentiram. — Leve-os para longe daqui!

Um dos guardas pegou meus pertences de volta, enquanto os outros dois encaminhavam os elementos para o carro. Edwin retirou o paletó do terno e colocou sobre meus ombros, abraçando-me forte novamente. Só então notei o meu estado e levantei a manga do vestido, lembrando-me daquele homem vindo em minha direção disposto a me tocar.

— Anne, você está bem? Eu estou aqui, não vai acontecer nada com você — disse enquanto segurava meu rosto com as duas mãos, tentando me acalmar em meio ao choro. — Vamos para casa.

Edwin me apertou contra seu peito, como se quisesse se certificar de que eu estava inteira, antes de se virar e me guiar com um braço envolvendo meus ombros até a porta. Eu estava agindo no modo automático, simplesmente obedecendo às ordens dele. Ele instruiu a alguém que fechasse a livraria e pegasse minhas coisas enquanto eu esfregava meu rosto, tentando raciocinar e me acalmar.

Quando entramos no carro, seus braços ainda me rodeavam e eu deitei a cabeça em seu peito, chorando em silêncio.

— Por que você pediu ao motorista que retornasse ao Palácio, Anne? Meu Deus, se alguma coisa tivesse te acontecido...

— Me perdoe — murmurei me sentindo culpada.

— Não é culpa sua, não é. Por favor, não fique assim — dizia enquanto me abraçava mais forte. — Vai ficar tudo bem. Graças a Deus não aconteceu nada pior.

Sentir o carinho dele foi me acalmando e, aos poucos, percebi onde eu estava: nos braços de Edwin, protegida por ele, inebriada por seu cheiro. Nunca havia estado tão perto de alguém como naquele momento, e por mais estranho parecesse, eu estava me sentindo muito bem ali, segura dentro do seu aconchego.

Quando as lágrimas cessaram e consegui me acalmar de fato, raciocinando e usando a razão, levantei minha cabeça e tentei me afastar de Edwin, mas ele não deixou. Em um ato involuntário, me apertou, como se eu fosse fugir dali. Senti algo diferente e especial. Eu estava sendo protegida e cuidada por alguém a quem eu tinha um apreço enorme.

— Você está melhor? — Edwin me perguntou no instante em que o carro parou em frente a porta principal do Palácio.

— Sim, eu estou mais calma. Obrigada, Edwin. — Abracei-o mais uma vez, já que não iria conseguir expressar com minhas palavras a gratidão por tê-lo ali comigo.

Descemos do carro e ele continuou ao meu lado, dando-me a sensação de estar protegida. Entramos e um pequeno alvoroço criou-se ao nosso redor. Em poucos minutos Oliver chegou acompanhado de Zac. Meus olhos vermelhos e inchados, o rosto ferido do Príncipe e o braço dele ao meu redor, fizerem meu irmão entrar em desespero.

— Anne, o que aconteceu? Meu Deus, você está bem? — Oliver correu ao meu encontro.

— Estou bem, não aconteceu nada. Foi só um grande susto — tentei tranquilizá-lo e, de certa forma, também a mim.

— Zac, peça à Samovier para subir para o quarto da Anne, por favor. — Edwin me soltou quando Oliver me abraçou com força, ainda muito preocupado.

— Claro, Alteza. — Zac fez uma reverência e se retirou, mas antes me olhou aflito e cheio de compaixão. Era claro que estava angustiado por

me ver naquele estado, assim como Oliver.

— Melhor levá-la para o quarto. — Edwin voltou a passar o braço sobre meus ombros e, junto com Oliver, levou-me para meus aposentos.

Eu estava bem mais calma quando Madame Samovier chegou trazendo um chá para eu beber. Sentei na cama sendo amparada por todos, enquanto Edwin explicava, sem muitos detalhes, os acontecimentos. Zac estava na porta, completamente apreensivo. Permiti sua entrada e me encontrei rodeada pelas pessoas que eram, ultimamente, de maior importância na minha vida.

— Eu estou bem — garanti. — Foi um susto, mas eu estou bem. Não se preocupem. Vou tomar um banho, me deitar e descansar. Amanhã acordarei renovada. — Forcei um sorriso, tentando me controlar para minha afirmação fazer sentido.

— Vou preparar um banho quente para a senhorita. — Samovier se retirou depois de apertar minhas mãos, dando-me força.

Oliver e Zac se entreolharam e, sem nenhuma palavra, meu irmão se levantou, depositando um beijo demorado em minha face.

— Eu volto mais tarde para ver como você está. Se precisar, eu fico aqui com você — disse expressando sua apreensão.

— Eu estou bem, de verdade. Não se preocupe. Foi só o susto da hora, já passou — assegurei, vendo Oliver se afastar.

Zac, ainda na porta, apertou os lábios sem falar nada, mas seu olhar foi o suficiente para eu saber de seu carinho e atenção. Eles se retiraram, deixando Edwin sozinho, em pé, na minha frente.

— É melhor você cuidar disso. — Apontei para seu rosto e ele tocou os lábios feridos.

— Eu estou bem, mas preocupado com você.

— Eu também estou bem — afirmei confiante e me levantei, aproximando-me dele. Retirei o paletó e entreguei em sua mão. — Só preciso de um banho e descansar um pouco.

— Vou deixá-la, mas volto mais tarde — falou aflito, apertando as mãos no paletó, ainda demonstrando a desconfiança sobre minha segurança e bem estar.

— Obrigada, Edwin.

Sem planejar de antemão, eu me aproximei e o abracei novamente, sentindo a necessidade de retribuir o carinho que ele havia demonstrado ao cuidar de mim. Ele correspondeu à minha demonstração de afeto, dessa vez

um pouco sem jeito. Depois de nos afastarmos, ele se retirou, ainda hesitante por me deixar sozinha.

Eu tomei um relaxante banho de banheira, tendo a companhia de Madame Samovier. Depois de tomar o chá, eu deitei na cama, sentindo a cabeça doer e os olhos pesarem devido ao choro intenso. Eu não queria pensar em nada, não queria me lembrar da situação, e por isso coloquei uma música de louvor em meu celular, fechei meus olhos com esperança de acordar renovada e esquecer a situação traumatizante pela qual eu havia passado.

Deitada e coberta, com o quarto à meia luz, eu ainda podia sentir o abraço forte e protetor de Edwin.

Assim eu adormeci.

Capítulo 28

A intensa claridade produziu pequenas pontadas de dor em toda a extensão da minha cabeça quando acordei no dia seguinte. Fechei os olhos imediatamente quando uma delas, em minha testa, denunciou como o choro intenso havia me afetado. Murmurei e me remexi na cama, percebendo a presença de alguém deitado ao meu lado.

— Bom dia, Anne. Você está melhor? — Fechei os olhos após constatar Oliver bem perto. Ele me aconchegou em seu braço, suprindo a minha necessidade de consolo.

— Morrendo de dor de cabeça — respondi me acomodando no abraço acolhedor do meu irmão. — Mas eu estou bem, acho. Você me conhece, eu vou superar, como sempre.

— Eu fiquei em pânico quando te vi ontem, Anne. Não suportaria perdê-la! Você é o que me restou na vida. Eu não tenho palavras para agradecer ao Príncipe Edwin. Nunca conseguirei ser grato o suficiente — Oliver confessou e não pude evitar sorrir.

— Eu também amo você, Oliver. — Beijei a face do meu irmão compreendo sua preocupação como prova do amor dele, e nos abraçamos mais forte. Éramos tudo um para o outro e ambos compreendíamos a nossa ligação.

— Quando voltei ontem você estava dormindo. Madame Samovier recomendou não acordá-la. Segundo ela, você dormiu muito rápido. Eu, Zac e Edwin ficamos meia hora vigiando seu sono. Por fim, decidi dormir aqui com você, caso precisasse de mim. Só assim convenci o Príncipe a voltar para o quarto dele.

— Eu apaguei mesmo, e foi bom. Não quero me recordar da noite passada. Só de pensar eu sinto meu estômago revirar ao relembrar daquele homem nojento tentando encostar as mãos em mim.

— Então não pense, por favor. Não quero vê-la mal. Vamos esquecer tudo isso.

Oliver beijou meu rosto e ficamos juntos, em silêncio. Depois de um tempo, percebemos estar na hora de levantar e desenrolar nossa vida. Oliver desceu, enviando Samovier para assumir seu lugar. No carrinho do meu desjejum, havia chá e um analgésico.

Depois de alimentada e consolada pela mulher, garantindo-me o quanto todos ficaram receosos com meu estado, arrumei-me, assegurando-a de que tudo já havia passado e eu me recuperaria rapidamente.

Desci agarrada nos braços da senhora e fui para o lugar onde eu precisava ir.

Meu nome foi anunciado e a porta aberta. Edwin se encontrava em pé e caminhou em minha direção assim que me viu. Quando chegamos perto um do outro eu não tive certeza de como agir. Queria abraçá-lo novamente e dizer como ele foi importante para mim, mas sabia que não era uma atitude ideal, então apenas sorri sem graça.

— Eu passei pelo seu quarto hoje, mas não quis acordá-la. — Ele tomou minha mão e a segurou entre as suas. — Como você está?

— Eu estou bem. Meu Príncipe me salvou — assegurei sorrindo.

— Para isso servem os Príncipes, não é mesmo? Para salvar as donzelas indefesas — disse e beijou minha mão, dessa vez com carinho, não a soltando mesmo quando voltou a me olhar.

Fitei seu rosto e vi os sinais da briga recente: marcas roxas e avermelhadas e um corte nos lábios; havia um discreto curativo perto do supercílio. Fiquei comovida, sem saber quais palavras usar.

— Você se machucou. Eu me sinto mal por ter colocado você nessa situação.

— Não sinta, por favor. Faria isso novamente, mesmo se fossem dez homens. Não deixaria fazerem mal a você, ainda que custasse minha vida.

A sentença provocou em mim um turbilhão de emoções. Seu olhar demonstrava o quão reais eram seus sentimentos. Tentando disfarçar minha reação ao ouvir aquilo, sorri.

— Você luta muito bem, daria conta de dez homens, tenho certeza — gracejei, esperando mudar o foco de nossa conversa. — Não sabia desse seu lado guerreiro, Alteza.

— Eles deram sorte de eu não estar com minha espada — retrucou e soltou minha mão, divertindo-se. — Faz parte da minha criação como

Príncipe me capacitar nas mais diversas modalidades. Uma dessas é saber como me defender. Se um dia Cibele entrasse em uma guerra eu precisaria estar à frente, pode ter certeza. — Edwin se afastou, seguindo para sua cadeira, apontando para mim o assento diante dele. Nós tomamos nossos lugares e constatei como ele continuava lindo, mesmo ferido.

— Então, eu só posso agradecer a você por ter me defendido também. Nunca me esquecerei, de verdade. A partir de hoje, você será meu herói! — exclamei e sorri, mas Edwin não pareceu achar graça do meu comentário.

— Me sentirei melhor se seu herói continuar sendo Cristo, Anne. Deixe-me ser apenas quem Ele escolheu usar para protegê-la. — Fiquei surpresa e comovida com sua resposta. Calei-me, pensando nas sinceras palavras ditas e em como elas contribuíam para a minha crescente admiração por quem ele realmente era.

— Então, será assim — assegurei, falhando na tarefa em não admirá-lo ainda mais.

Depois de um tempo em silêncio, Edwin me olhou pensativo. Parecia querer sondar meus pensamentos de alguma forma, forçando-me a olhar para o outro lado e tentar esconder meu constrangimento.

— Anne, os dois homens serão punidos da forma correta e justa. Porém, eu não estou feliz por minha atitude. Sei que agi em sua defesa, e isso não conjura minha reação como crime, porém, eu estava com muito ódio e talvez tenha exagerado um pouco. Eu poderia ter apenas os advertido e chamado minha guarda, mas não suportei a ideia de vê-los fazendo mal a você. Eu estou um pouco constrangido por ter me envolvido em uma briga. Eu nunca tinha batido em ninguém, e o pior, não consigo me arrepender disso.

Eu achei graça do comentário dele, apesar de Edwin ter falado com muita seriedade. Tampei a boca, tentando de alguma forma disfarçar o sorriso tremendo em meus lábios, mas falhei, obviamente.

— Você ri, mas não é você quem terá que dar explicações pelo rosto todo marcado. Imagine eu, em frente ao meu pai e ao conselho, explicando como me envolvi em uma briga e fui atingido? E o pior, não poderei nem mentir e dizer que eram vinte homens muito fortes. — Edwin entrou na brincadeira, gracejando de seu próprio estado e eu agradeci por isso. Tornava nosso clima menos tenso.

— Mas, eram dois bem maiores, contra um. Você se saiu muito bem! — Fizemos silêncio, nos encarando por um momento. — Edwin, por que você estava lá? Como me encontrou na hora certa?

— Eu estava preocupado. — Suspirou, tomado pelas péssimas lembranças da noite anterior. — Perguntei sobre você, mas ninguém tinha informações concretas. Então, tive notícias de que o motorista havia chegado sozinho. Interroguei-o e ele me contou como o dispensou. Eu fiquei muito incomodado, inquieto e resolvi ir até lá. Desci sozinho para não chamar atenção e o resto você já sabe. Meus guardas viram a movimentação e graças a Deus se aproximaram. Até agora eu não entendi o motivo por você ter dispensado o carro.

— Eu não sabia, não imaginava. — Relaxei os ombros, me sentindo derrotada. — Eu me sentiria pressionada a agir depressa sabendo que havia alguém me esperando. Edwin, não foi proposital, me desculpe.

— Não, Anne. — Edwin se levantou não escondendo suas emoções alteradas. — Não me peça desculpa, por favor, não faça isso. Em nenhum momento passou pela minha cabeça ser culpa sua. Você não merece isso. — Terminou virando-se de costas para mim, encarando a janela com as mãos cruzadas para trás.

Permaneci sem saber como reagir. Estava pensando em deixá-lo sozinho para não perturbá-lo, mas ele interrompeu meus pensamentos virando-se novamente. Seus olhos castanhos pareciam brilhar ao se aproximar, abaixando-se, ficando frente a frente comigo.

— Você se sente bem para permanecer aqui comigo? Eu gostaria muito de ter você por perto hoje, fará eu me sentir melhor.

— Se você tiver algum serviço para mim, porque suas gavetas e prateleiras já estão todas organizadas — respondi, sentindo um frio em minha barriga por encará-lo tão de perto. De repente, um desejo incontrolável de estar dentro de seu abraço me acometeu e precisei fazer algum movimento com minhas mãos para disfarçar minha vontade de senti-lo junto a mim novamente.

— Eu encontrarei algo, não se preocupe.

O Príncipe se levantou e, sem eu esperar, deixou um beijo carinhoso em minha testa. Agradeci por estar sentada, porque meu corpo reagiu de imediato após aquela demonstração de afeto.

Porque eu estou tão feliz assim? Meu Deus, Anne! Você deveria estar traumatizada, não feliz.

— Então farei como desejas, Alteza. — Fiz uma reverência, ainda sentada, tentando disfarçar a alegria despertada pelo gesto dele.

Não demorou muito até ele encontrar documentos para eu revisar. Permanecemos trabalhando juntos, almoçamos juntos e só me retirei quando ele precisou de se ausentar para uma reunião importante com representantes de diversas áreas sociais de Cibele.

Saí do escritório depois de ouvir muitos pedidos de desculpas por parte dele em ter que me deixar sozinha, mas acalmei-o, garantindo que eu estaria tranquila durante sua ausência.

Encontrei Oliver e Zac na área externa. Meu irmão me abraçou quando me viu. Zac sorriu, aproximando-se, aliviado por me ver com o semblante alegre.

— Vim apenas dar um beijo em você, irmão. Vou subir para meu quarto para ler um pouco.

— Eu a acompanho — Oliver declarou e Zac assentiu, como permitindo nos afastar.

— Perfeito, então. Vejo você mais tarde, Zac. Vou jantar com vocês.

— Ficarei esperando — disse em meio a um sorriso de lado.

Eu e Oliver subimos trocando palavras de carinho e nos lembrando de segredos só nossos, buscando unir nossos laços novamente, sentindo o peso do medo causado pela noite anterior pairar sobre nós. Quando chegamos ao quarto, sentei-me na cama e ele no sofá a minha frente. Estava detalhando minha conversa com Edwin e como ele havia me impedido de declará-lo meu herói, fazendo eu admirá-lo ainda mais. Estava empolgada, como sempre, gesticulando com as mãos e contando tudo com muito entusiasmo. Meu irmão abriu um sorriso largo antes de soltar algo inesperado.

— Você está completamente apaixonada pelo nosso Príncipe, Anne — afirmou convicto, sem dar nenhum espaço para qualquer questionamento ou negação da minha parte.

— Como? — perguntei surpreendida pela sua declaração tão honesta e clara.

—Você está apaixonada por Edwin. Nunca pensei vê-la assim, mas é muito real.

— Claro que não! — defendi-me de imediato e ri de nervoso depois, tentando me justificar. — Edwin é apenas um amigo muito querido para mim.

— Não, não! — Oliver negou com a cabeça, oferecendo-me um de seus sorrisos astutos. — Você o considera muito mais do que um amigo, minha irmã.

— Oliver...

— Anne, Zac é seu amigo — atestou com muita calma, enumerando nos dedos as perguntas seguintes. — Seu sentimento por Edwin é o mesmo? Sente por ele o mesmo que sente em relação a Zac?

Encarei Oliver, absorta pelas palavras proferidas com tanta segurança. Em segundos, as cenas de meus encontros com o Príncipe e os sentimentos causados por eles invadiram meus pensamentos como uma avalanche varrendo qualquer sombra de dúvidas, levando-me a analisar seriamente cada traço de verdade daquela afirmação.

— Não, não é a mesma coisa — confessei e senti o desespero por confirmar em voz alta as certezas de Oliver.

— Você o ama, Anne. Está na cara.

— Ah, Oliver! — Caí de costas na cama com as mãos na testa, tentando lidar com aquela descoberta. — Por que você me contou isso?

— Te contei? O quê? Sobre você estar apaixonada? — indagou incrédulo, tentando compreender a minha pergunta sem nexo.

— Sim! Agora, como vou olhar nos olhos dele sabendo que estou apaixonada? Eu não vou conseguir nunca mais estar na presença dele.

— Anne! Meu Deus, eu não posso ter te revelado algo íntimo seu. — Oliver levantou as duas mãos, ainda sem acreditar na minha reação. — Você não tinha percebido seus próprios sentimentos?

— Oliver, eu não posso estar apaixonada pelo Príncipe, isso é ridículo. — Sentei novamente na cama e encarei meu irmão, desesperada. — Você deve estar errado. *Eu* devo estar errada.

— Anne, não tente negar o óbvio. Todo mundo já percebeu, não é segredo para ninguém o carinho mútuo que sentem um pelo outro. O assunto mais comentado na área dos criados é sobre a mudança de Edwin desde nossa chegada. Todo mundo enxerga como vocês se gostam. Na verdade — Oliver dizia com a voz firme, parecendo estar chamando minha atenção —, só vocês dois não perceberam isso ainda.

— Não, isso é irreal. Apenas nutrimos um carinho e uma cumplicidade diferente. Eu não tenho pretensões em ter nada além com Edwin, apenas uma amizade sincera e verdadeira. Não, eu não posso estar apaixonada, eu... Oliver, pelo amor de Deus, isso não está certo!

Oliver desatou a rir, como se estivesse escutado uma piada muito engraçada, mas era meu estado de apreensão e nervosismo o motivo da chacota. Levantei e comecei a andar pelo quarto, refletindo bem sobre aquele assunto, tentando achar uma brecha para me convencer de que aquilo era um erro, abafando os sons da risada dele com meus pensamentos.

É! Eu o amo. Não, não! É só amizade. Mas... Com Zac não sinto a mesma coisa, e eu gosto muito do Zac. Edwin desperta em mim emoções singulares, incomuns. Será que isso é amor? O amor que tanto falam? Mas não faz sentido, ele é o Príncipe! Eu não seria idiota de entregar meus sentimentos a ele.

—Seria irreal.

— Irreal? O que seria irreal, Anne?

— Nada, apenas expressei meus pensamentos em voz alta. Esquece isso. Aliás — segurei Oliver pelos braços e o levantei, empurrando-o em direção à porta —, você poderia sair daqui e esquecer essa nossa conversa. Eu preciso ficar sozinha.

— Ore bastante, Anne. Ou devo dizer: Alteza.

Sua insinuação fez crescer o meu nervosismo e, brava, expulsei-o do quarto, apontando, rígida, para a saída. Mas minha seriedade não o impediu de sair de lá rindo e tranquilo, sem se afetar com as durezas de minhas palavras e da minha expressão. Na verdade, ele havia alcançado seu objetivo de me irritar.

Quando me encontrei só, deitei na cama, jogando o corpo pesado sobre o colchão macio e chorei. Eram muitas informações de uma só vez, tentando romper, à força, as barreiras erguidas em meu coração. Quando consegui acalmar minha alma, orei desesperada, clamando a Deus para tirar de mim qualquer resquício daquele sentimento, não permitindo meu sofrimento ou o de Edwin.

Depois de um banho e refletir em tudo pausadamente, criei uma resolução, que deveria ser seguida a risca, caso eu de fato desejasse agir com a devida cautela em relação a minha recente descoberta: eu fugiria de encontrar meu Príncipe como pudesse.



— Senhorita Davies, Sua Alteza a convoca para o café da manhã, servido no salão principal. — As palavras invadiram meu estômago, causando uma sensação horrorosa de mal estar e um gosto amargo em minha boca.

— Ah, bem, eu...

— Por favor, senhorita. O Príncipe foi bem efusivo quanto a transmitir o recado corretamente — interrompeu-me, mostrando em seu rosto o terror por imaginar minha possível recusa. — Eu estaria em uma má situação...

—Não, por favor! Não desejo isso. Irei me aprontar e desço em alguns minutos.

A expressão de alívio no rosto do homem, acompanhada de três ou quatro pequenas reverências foram suficiente para dissipar o desespero iminente que me acometeu quando ouvi o motivo de ele estar na porta dos meus aposentos. Ele se retirou e caminhou depressa, talvez temendo minha mudança de ideia. E era certo que, se eu tivesse tempo, pensaria em uma excelente desculpa para não encarar o homem dono do meu amor recém-descoberto.

Aprontei-me rapidamente tentando não considerar meus sentimentos, entretanto, a frase reveladora de Oliver voltava a todo o momento em minha mente e me peguei tentando planejar um motivo de fuga para voltar para casa. Contudo, no mesmo instante, a ideia de retornar para a livraria se tornou aterrorizante ao me recordar dos acontecimentos terríveis pelos quais havia passado.

Desci as escadas com minhas mãos suando. Eu ainda não tinha visto Edwin após sondar os mais profundos anseios da minha alma e ter concluído que ele havia tomado conta de cada espacinho do meu coração.

Eu estava orando desesperada ao Senhor para me livrar daqueles sentimentos impróprios e mal percebi quando cheguei diante da porta da sala de jantar.

Eu não ouvi meu nome ser anunciado porque estava preocupada demais, instruindo-me mentalmente em como deveria agir.

Não olhe diretamente para ele, finja estar tudo normal, mas, principalmente, não fale bobagens!

Meus olhos curiosos, porém, encontraram Edwin do outro lado da mesa, de pé, com a expressão de espanto por eu aparecer repentinamente. Como uma estátua, permaneci imóvel em frente a porta, tentando resgatar em minha memória quais palavras exatamente o criado havia dito quando solicitou minha presença no café, tentando confirmar se eu havia entendido algo errado.

Ele não me chamou?

— Que surpresa boa tê-la comigo logo cedo! — Voltei a realidade ao ouvir o som de sua voz e só então distingui Edwin vindo em minha direção, cada vez mais perto, sem esconder a satisfação por me ver. — Mas, como soube que eu estava no Palácio?

— Edwin, você... Me... Chamou — balbuciei as palavras com intervalos enquanto seus lábios encontravam minha mão, afogando-me em um mar onde os mais diversos, deliciosos e prazerosos sentimentos submergiam meu coração.

— Eu chamei? — O Príncipe me olhou de esguelha, desconfiado, analisando se era uma brincadeira ou algum dos meus costumeiros atos importunos.

— Bom dia! — Ouvi uma voz masculina desconhecida atrás de mim. Era uma voz grave, mas havia um toque carinhoso no timbre. — Ora, nossa convidada veio nos dar o prazer de sua companhia no café da manhã, querido irmão.

— Está explicado! — Edwin exclamou impaciente e, ainda segurando minha mão, lançou um olhar de repreensão ao irmão, agora posicionado ao meu lado. — Anne, esse é Esra, seu príncipe mais novo.

Eu ainda estava mergulhada no mar de emoções com o carinho de Edwin e precisei pedir socorro a minha mente, para que meu corpo emergisse e reagisse. Esra se projetou a minha frente, praticamente tomando minha mão de Edwin e beijando-a cheio de charme.

Naquele momento eu imaginei estar sonhando, tendo em meu campo de visão as duas figuras masculinas mais lindas de todo o universo.

— Fico feliz por ter aceitado meu convite — Esra disse com os olhos vidrados em meu rosto, e só então entendi o motivo de toda a confusão. — Meu irmão tinha razão...

— Esra — Edwin o interrompeu num rompante —, vamos nos sentar. — Esra foi praticamente arrastado pelo irmão até seu assento e um dos mordomos me encaminhou até uma cadeira diante dos dois.

Droga! Isso não vai dar certo! Não vai dar certo...

Não tive coragem de levantar meus olhos e, naquele momento, os talheres de prata me pareceram muito interessantes. Analisei os detalhes e mesmo com o olhar baixo, percebi Edwin repreendendo o príncipe caçula assiduamente.

O café foi servido após uma breve oração de Edwin, mas eu me sentia incapaz de comer. Minha garganta parecia fechada e meu estômago reclamava por eu estar naquela ocasião constrangedora. Enquanto me serviam chá, olhei rapidamente para Edwin e meus medos se dissiparam nos seus olhos castanhos. Um sorriso contido estava presente em sua face e eu não pude deixar de retribuir sorrindo timidamente.

— Então — Esra interrompeu nossos olhares, forçando-me a lhe dar atenção —, foi a senhorita quem fez meu irmão se envolver em sua primeira briga? Nunca pensei em escutar algo sobre Edwin atingir alguém com um soco no rosto, e ainda por cima me contar com tanto entusiasmo sobre o feito.

— Não exagere, Esra — protestou Edwin, lançando um olhar bem ameaçador ao irmão mais novo, mas sem surtir nenhum efeito.

— Conte-me, Anne. Como foi? Eu o imagino ajeitando o terno e pedindo licença, educadamente, antes de acertar a cara do rapaz com um soco bem dado, porque eu sei como ele é excelente em nocaute — gracejou, reproduzindo os modos perfeitos de Edwin, fazendo-me rir de sua exagerada imitação.

— Na verdade — comecei um pouco sem graça, recebendo a atenção dos dois —, eu não estava em meus sentidos, então, por esse motivo não posso defender Edwin. O importante, para mim, é que ele me salvou e eu nunca esquecerei isso! — Terminei tentando demonstrar com meu olhar minha eterna gratidão a Edwin e seu carinho demonstrado

diariamente comigo. Aquilo fez meu coração doer, pois me lembrei de que eu nunca o teria perto como meu coração desejava.

— Perdoe-me, Anne. Não me dei conta de como esse assunto pode ser doloroso e constrangedor.

Após as desculpas de Esra, um silêncio inevitável pairou sobre nós três. Abaixei a cabeça e me servi de algumas frutas, ainda sentindo o mal estar incomodando. Tentei ao máximo evitar olhar na direção dos dois Príncipes, mas não conseguia me manter distante do olhar de Edwin por muito tempo. Os seus olhos eram como um imã de amor, puxando-me, levando-me a desejar estar mais perto.

— Senhorita Davies, como está sendo sua estadia no palácio? Conte-me o que tem feito. Se conheço bem Edwin, você não deve ter se divertido nem um pouco durantes seus dias por aqui. Aposto como ele não a apresentou a nenhum dos lugares onde de fato você pode encontrar um pouco de lazer neste castelo! — Esra quebrou o silêncio, completamente disposto a zombar do irmão.

— Na verdade, temos passado dias muito agradáveis no escritório ou na biblioteca. Mas, quanto a isso ele acertou em cheio, uma vez que minha diversão preferida é a leitura. E ultimamente tem sido também alegrar o Príncipe com minhas atitudes excêntricas e atrevidas — respondi provocando em Edwin o sorriso que eu tanto amava, iluminando seu rosto e fazendo as lindas covinhas surgirem.

— Obviamente, não poderia esperar outra coisa dele a não ser ficar enfurnado em um escritório. Mas não se preocupe, eu lhe mostrarei como se divertir. — Esra terminou seu discurso dando uma piscadela encarando o irmão em seguida. — Devo lembrá-lo de nosso passado animado, quando você ainda era capaz de cometer alguns desvios?

— Você está realmente disposto a expor uma imagem negativa minha para a Anne, não é verdade, Esra?

— Eu adoraria saber desse passado animado, Alteza — atestei, causando satisfação ao Príncipe mais novo em poder tagarelar sem interrupção e despertando a atenção de Edwin por meu interesse nele.

— Edwin sempre foi assim, preocupado com tudo e com todos. Desde criança, sempre quis fazer o certo. Porém, ele não se cobrava tanto, e quando viajávamos para Kent, junto com Zac, nós aprontávamos um pouco...

— Vocês aprontavam! Se me lembro bem, eu permanecia avisando-os dos riscos de seus atos impróprios — Edwin interrompeu, mas parecia se divertir também com aquele assunto.

— Lembra quando invadimos a cozinha? Daquela vez você estava de acordo, inclusive ajudou no plano! — Os dois sorriram ao lembrar-se do passado. Esra foi encorajado a continuar, encarando-me. — Edwin montou todo o esquema para conseguirmos entrar na cozinha sem sermos notados. Depois de roubar um monte de doce, nós seguimos para o terraço e comemos todos eles, e isso, eu garanto, não foi uma boa ideia.

— Não mesmo! Foi trágico!

— Mas nunca descobriram quem foram os responsáveis pelo sumiço da sobremesa para o almoço com o conde Wishenster — Esra declarou vitorioso.

— Não me orgulho disso, Esra. Foi errado, muito errado! — Edwin rebateu, mas estava rindo tanto quanto o caçula.

— Então, Edwin esconde um passado tenebroso cujo um de seus atos era roubar doces na cozinha? — Semicerrei os olhos, encarando-o enquanto questionava sua integridade.

— Infelizmente meu passado me condena em muitos aspectos. Nem sempre fui tão bonzinho assim — Edwin explicou e eu compreendi a referência a sua conversão ao cristianismo verdadeiro.

— Não, querido irmão, você sempre foi bonzinho. Agora você quer se superar, apenas isso. Qualquer dia se tornará discípulo de Jesus!

A brincadeira não provocou sorrisos como Esra esperava. Eu e Edwin levávamos muito a sério o assunto cristianismo, e talvez o Príncipe mais novo não tivesse percebido isso.

Depois de mais um intervalo na conversa, Esra continuou sua tarefa de contar sobre o passado deles. Ele fazia questão de frisar sobre a personalidade de Edwin quando relatava as situações engraçadas em que eles se meteram. Nós três rimos por longos minutos, e eu estava adorando saber mais sobre o homem responsável por despertar o sentimento mais belo de todos em meu coração.

Eu amava Edwin, e naquele momento tive plena certeza disso.

— Senhorita Davies, eu sinto, mas preciso me retirar. — Esra se levantou e se colocou ao meu lado, tomando minha mão e depositando um beijo demorado e cheio de charmes e intenções. — Mas creio não ser possível permanecer por muito tempo longe da senhorita, uma vez que

estaremos juntos durante esta semana. Espero ter o prazer de sua companhia para lhe apresentar diversão verdadeira.

Esra olhou para Edwin, que reprovava as atitudes do irmão com o olhar. Ele sorriu após constatar sua expressão e olhou no fundo dos meus olhos, beijando minha mão novamente. Seus olhos e seu rosto eram lindos. Ele possuía uma beleza extraordinária e um charme sem igual. Eu já havia reparado em sua forma de andar e em seus gestos na TV, mas ao vivo era tudo muito mais intenso. Porém, nada disso despertava em mim o frio na barriga que o olhar, o toque e o carinho de Edwin despertavam.

Quando, enfim, o irmão se retirou, Edwin me encarou um pouco preocupado.

— Amei o Esra, Edwin. Todo o seu relato sobre seu irmão é real. Ele é uma graça! — afirmei, tentando despreocupá-lo, mas, talvez minha sentença tenha surtido o efeito contrário do esperado. — Eu vou me retirar — informei levantando, obrigando-o a fazer o mesmo —, não estou nos meus melhores dias. Se não se importa, gostaria de passar o dia no quarto, lendo e descansando.

— Você está bem? — perguntou preocupado, caminhando em minha direção.

— Sim, apenas um pouco indisposta. Mas vai passar.

— Deve ser devido ao ocorrido. É normal sentir-se assim depois da situação traumática na qual se encontrou. Você sabe que se precisar de mim, eu estou aqui para ajudá-la, não sabe? — O Príncipe segurou minhas mãos com cuidado, fazendo-me sentir segura com aquele singelo gesto.

— Sei sim. Você se tornou meu protetor, porque meu herói é Cristo. — Sorri para ele, temendo falar algo impróprio e revelar meus sentimentos. Com minhas palavras, ele se encorajou a beijar minha mão. — Eu gostaria de pegar alguns livros novos, já terminei aqueles e pretendo dedicar o dia de hoje à leitura.

— Claro, Anne. Você pode pegar quantos quiser. Eu te acompanho até lá.

Enquanto caminhava de braços dados com Edwin, por um momento sonhei em fazer aquele trajeto todos os dias da minha vida, sempre ao seu lado. Porém, apesar de o ato despertar desejos de um amor verdadeiro, julguei ser impróprio, uma vez que em minha mente eu já sabia a resposta para aquilo.

Eu nunca poderia ser sua esposa.



— Este aqui é maravilhoso! Retrata a vida de alguns dos heróis da fé. Eu aprecio tanto a fé e o amor deles, seguindo a Cristo mesmo em meio a tantas dificuldades e perseguições. São verdadeiras inspirações de cristãos. — Edwin me estendia um livro e recomendava, empolgado, a leitura do mesmo. — Se gostar, possuo a história detalhada de cada um deles separadamente. São livros maiores e mais completos.

— Lerei este primeiro. — Segurei o exemplar junto dos outros dois já em minhas mãos.

— Tenho plena certeza de que concordará comigo após a leitura desses três. Eles são maravilhosos. O cuidado de cada um desses homens em servir a Deus, a disposição em obedecer. São exemplos para mim.

Afastei-me um pouco e deixei os livros em cima da mesa, ao lado da Bíblia do Príncipe. Encarei Edwin e fiz a pergunta entalada em minha garganta desde quando descobri seu amor real por Cristo.

— Edwin, porque você se esconde? Você é uma pessoa maravilhosa, a cada dia descubro mais sobre o quão incrível você é, mas eu não compreendo o motivo de você... Parece querer se afastar, reservar-se por completo. Por que isso?

Ele me encarou e não foi difícil perceber como aquilo era algo doloroso de expor. Suas mãos foram parar no bolso do terno, enquanto tentava encontrar as palavras certas para dizer— Não precisa responder, se não quiser. — Caminhei até ficar de frente para ele, sabendo que eu não deveria perder aquela oportunidade. — Mas eu... Eu realmente aprecio a sua amizade e estou pronta para me abrir com você.

Senti a primeira lágrima escorrer, e ela parecia me sufocar de alguma forma. Eu não queria, mas precisava fazer aquilo. Era necessário desabrigar a dor do meu coração, exteriorizar a aflição dos meus piores dias

de angústia. E o Príncipe parecia a pessoa mais compreensiva que eu já havia conhecido, além de ser também um irmão em Cristo.

— O sentimento era intangível, produzindo a sensação de que eu me encontrava em outra dimensão. Parecia um sonho, na verdade, um pesadelo. Porém, no fundo eu sabia: nunca mais acordaria, nunca mais sairia dali, do espaço angustiante chamado luto. Eu me julguei incapaz de ser feliz novamente sem eles. Eu... Eu...

Meus olhos arderam por tentar, a todo custo, segurar as lágrimas. Chorei, por fim, deixando a dor reprimida sair sem nenhum empecilho. Cheio de compaixão, Edwin me abraçou, demonstrando sua sensibilidade e empatia, exatamente como eu precisava.

— Foi a pior notícia da minha vida! — confessei permitindo-me ser confortada. — Eu não consegui entender, Edwin. Não compreendi como aquilo poderia ter sido permitido por Deus. Eu lamentei durante dias por não estar naquele carro. Meu desejo mais profundo era estar com eles, desfrutando do céu e da presença de Cristo, sem a dor da perda e da saudade, sem a preocupação sobre o nosso futuro. Era para estarmos com eles naquele carro, mas por minha culpa não estávamos.

Enquanto as lembranças do implacável dia, quando minha vida se tornou um tenebroso breu, surgiam, o choro se intensificava. Edwin me apertava em seus braços e me consolava como podia, e eu agradeci por saber, pela primeira vez desde quando meu mundo tinha virado do avesso, que alguém estava se preocupando comigo de verdade. Quando me acalmei um pouco, afastei-me o suficiente para encará-lo.

— Eles tinham ido visitar uma irmã da Igreja. Sempre se preocupavam com todos ao seu redor. Você me lembra muito eles, talvez por isso goste tanto de você. — Esbocei um sorriso triste, arrancando um sorriso carinhoso de Edwin. — Eu implorei para mamãe para ficar em casa, sabendo que aquela visita demoraria e eu estava muito cansada. Minha mãe permitiu, desde que ficasse com Oliver. Ela pediu para eu cuidar dele, Edwin. Mas como sabia da minha perdição nas leituras, fez eu prometer me responsabilizar por ele direito, sem esquecê-lo. E eu prometi! Eu prometi tomar conta do meu irmão com todo meu esforço e cuidado, sem desviar meus olhos dele nem por um momento.

— Você tem cumprido sua promessa muito bem — Edwin assegurou, apertando um dos meus braços, entendendo como o peso das

minhas últimas palavras para mamãe eram tão grandes e significativas para mim.

— Quando me disseram que eu precisava decidir sobre nosso futuro, eu sabia que não poderia abandonar Oliver e corri atrás da minha emancipação para poder ter a tutela dele. Eu não permitiria que o levassem para longe, afastado das nossas lembranças e do nosso lar. Mas, mesmo parecendo forte, eu sofri muito, muito mesmo. É uma dor inexplicável e eu não podia compartilhar ela com ninguém.

— Foi um acidente, tenho quase certeza disso — declarou quando eu me silenciei. — Sua família paterna, aparentemente, não sabe sobre vocês. Ainda não concluímos o relatório, mas, a princípio, foi uma fatalidade: o carro perdeu os freios e não pareceu, pela vistoria, ter sido alterado de forma criminosa.

— Deus os queria lá, e por eles eu não sinto. Sei onde estão, eles combateram o bom combate, seguiram no Caminho e chegaram na cidade celestial. Obrigada, Edwin. Obrigada! — Dei um longo suspiro. — Saber disso me alivia de certa forma.

— E me alivia também.

Eu ainda chorava, aconchegada no abraço de Edwin. Eu precisava colocar para fora, de uma vez por todas, toda a dor reprimida.

— Eu demorei muito a conseguir dar meu primeiro sorriso e me permitir fazer algo prazeroso. De alguma maneira eu me sentia culpada, acreditava não ser digna da felicidade novamente, ao mesmo tempo em que não conseguia orar. Foi Oliver quem me lembrou do Senhor e dos conselhos de nossos pais, um dia, quando me pediu para ler a Bíblia para ele. Nesse dia eu entendi como dependia do Senhor, e no meu quarto orei e me encontrei na cruz. Foi algo surpreendente. Uma paz sem precedentes invadiu meu coração e a partir de então eu consegui, aos poucos, voltar a viver. Mas não foi fácil. Eu me senti sozinha muitas vezes e isso doía muito, Edwin. Sentir-me só, sem ninguém para me compreender.

— Sei como você se sente. Também me sinto só, Anne — Edwin confessou, se afastando, e olhou em meus olhos. — Eu preciso te dizer algo.

Soltei meus braços dos seus e, apesar de me distanciar, eu fiquei contente por ainda estar perto o suficiente para sentir seu carinho protetor. Edwin me olhou, condoído, antes de começar a falar.

— Quando Oliver invadiu meu quarto, eu fiquei bem furioso, além de decepcionado, por ter que lidar com aquela situação constrangedora de um adolescente ter conseguido invadir o Palácio e chegar lá sem ser visto. A investigação me levou até a história de seu pai. Perseguido pelos próprios pais por querer Cristo acima de todas as coisas. Você sabia que na religião na qual ele foi criado, ele é considerado um inimigo por se converter a Cristo? E, por esse motivo, a família deveria matá-lo por traição, caso ele não negasse a Jesus como seu Senhor.

— Sim, ele me contou sobre isso.

— No dossiê pelo qual pediu asilo aqui em Cibele, havia o testemunho completo dele, as entrevistas com o consulado e parte da investigação do passado, esse constatado como verdadeiro e dando a ele a resposta positiva. Eu passei a noite orando e lendo a história surpreendente de seu pai. Ele foi um grande homem. Uma das partes que mexeu comigo foi quando seus avós descobriram sua conversão e a Bíblia dada por um colega cristão. Ele foi espancado, ossos quebrados, e o amigo sofreu ameaças sérias por compartilhar sua fé com um não cristão. Anne, seu pai fugiu de casa, sem levar nada, com o corpo ferido, e passou dois anos fugindo. O mais incrível foi ver como Deus o curou e o sustentou mesmo durante toda a perseguição.

— Sim, ele me dizia como vivenciou vários milagres, inclusive com a polícia secreta atrás dele. Quando Deus o levou a conhecer a história de Cibele, ele teve a certeza da direção que deveria tomar — revelei, sentindo uma sensação gostosa por compartilhar lembranças sobre meu pai.

— Exatamente. Eu fiquei por muito tempo pensando nisso e analisando as fichas dele. Eu temi pelos filhos, no caso, você e Oliver. Busquei informações no departamento de imigração por perseguição e disseram haver a possibilidade de ter sido um assassinato e vocês estarem sob ameaça iminente. Esse foi um dos motivos pelo qual trouxe vocês para o Palácio. Queria protegê-los enquanto investigava a fundo a morte de seus pais — Edwin confessou e só então percebi como segurava minha mão com carinho.

— Então, você me trouxe para cá... Não foi por Oliver? — indaguei, tentando encaixar as peças.

— Na verdade, sim. Eu estava orando por vocês e pensando como honrar a morte de seus pais e punir seu irmão sem precisar levar isso até Hawis e ao conhecimento dos meus pais. Pareceu-me uma boa ideia,

sabendo por tudo que passaram. Não queria ser rígido demais, mas gostaria de alertá-lo sobre suas consequências. Eu não sou bobo, há algo mais nessa história. Oliver não faria isso a troco de nada.

— Eu estou surpresa! — exclamei, ainda sem acreditar nos motivos reais pelos quais eu estava no Palácio.

— Eu deveria ter revelado a você desde o princípio. Eu já sabia um pouco da sua história e de sua família, mas eu não imaginava como você se tornaria tão importante para mim — disse, puxando minha mão e me envolvendo novamente, talvez temendo uma reação negativa minha.

— Eu me sinto bem melhor podendo falar desse assunto abertamente com você, Edwin — atestei, sentindo meu coração bater acelerado, enquanto seu cheiro e o calor de seu corpo me envolviam.

Desfizemos nosso contato e ficamos em silêncio por um tempo. Ele demonstrava me compreender, mesmo sem eu dizer nada. Edwin parecia querer me garantir estar protegida e não mais sozinha, como temi por tanto tempo. Sem eu esperar, ele orou por mim.

“Senhor, agradeço por sua misericórdia, por sua bondade e por cumprir seus propósitos de forma grandiosa, mesmo quando não compreendemos. Peço-lhe agora pela Anne e pelo coração dela. Senhor, se é da Sua vontade, cure-a. Faça-a sentir sua presença e seu cuidado. E se permitir, deixe-me ser usado para ajudá-la, assim como ela tem me ajudado.”

Respirei fundo, tentando não confundir as palavras daquela oração. Não seria possível meu sentimento ser correspondido, visto a condição elevada de Edwin em relação a minha. Ainda estava tentando assimilar aquilo tudo quando Edwin apertou minha mão e eu ouvi sua voz.

— Anne, eu preciso lhe confessar mais uma coisa — expressou de uma só vez, tomado de uma coragem repentina para falar. Senti quando minhas pernas paralisaram e os furacões voltaram a girar em minha barriga.

— Tudo bem — foi o que consegui responder.

— Há muito tempo não compartilhava um momento como esse com alguém. A última vez foi com o senhor Samovier. Ele estava doente, e meu coração se apertou em vê-lo sofrendo. Eu o amava, como um segundo pai, então o abracei com toda minha força, tentado impedi-lo de partir. Eu não me lembrava de como confortar e abraçar alguém pode ser importante.

— Você não abraça seus familiares assim? — indaguei um pouco emocionada com aquela revelação, afastando-me delicadamente.

— É complicado... — respondeu, coçando a cabeça, desfazendo nosso contato. — A família real não se comporta exatamente como uma família tradicional. Embora minha mãe tenha um pouco mais de sucesso, eu não costumo ser tão íntimo a ponto de... Bem, você sabe.

— Mas, como cristãos, o contato e intimidade deveria ser natural, eu acho. Pelo menos, em nossa casa era. Estávamos sempre unidos.

— Anne, as coisas na minha família não são como na sua. Infelizmente, existem situações muito mais complicadas de serem explicadas. — Apesar de me encarar, suas mãos demonstravam como aquele assunto o incomodava.

— Eu me abri com você e espero poder passar a segurança necessária para você fazer o mesmo — afirmei, afagando seu braço de forma instintiva.

Edwin sorriu abertamente. Eu me perdi nele e já nem me lembrava das minhas dores e traumas. Eu queria estar para sempre ao lado dele e naquele momento nenhum impedimento me parecia ser suficiente para nos afastar.

O afago foi interrompido, quando ele segurou minha mão. Estava pensativo e eu imaginei que escolhia as palavras certas para usar. Entretanto, antes de dizer qualquer coisa, ouvimos passos bem próximos, então Esra apareceu.

— Edwin eu... Opa! — Edwin soltou minha mão em um impulso, tomado pelo susto e nos afastamos de uma só vez. — Desculpe se atrapalhei algo — disse piscando para o irmão. — Mas estamos atrasados, você perdeu a hora!

— É verdade. — Edwin olhou as horas no celular e confirmou o atraso. Eu segurava os livros firme em minhas mãos, tentando despistar minha situação embaraçosa. — Eu tenho que partir, Anne. Continuamos nossa conversa outra hora.

— Temos uma reunião muito importante — Esra afirmou vindo em minha direção. — Apenas por isso ele a abandonará, posso assegurar.

— Esra, por favor, vamos — Edwin o chamou impaciente.

— Tudo bem. Vou passar meu dia no quarto, como informei. Até amanhã, Alteza.

Fiz uma reverência aos dois e passei entre eles, caminhando apressada e com o olhar no chão.

Anne, o que você pensa estar fazendo? Você está dando uma liberdade não permitida para uma pessoa cujas expectativas são totalmente diferentes da sua! Edwin não é uma possibilidade para você, mesmo possuindo o abraço mais aconchegante de toda a terra!

Cheguei ao quarto e me joguei na cama. Soquei o colchão algumas vezes, completamente insatisfeita por me deixar levar pelos meus sentimentos e não conseguir reagir ao carinho e atenção de Edwin.

— Por favor, Senhor, tira esse sentimento de mim! Eu não consigo me afastar dele. Eu não quero me envolver mais. Ajude-me, por favor, me ajude!

Comecei a travar uma luta intensa a partir daí, para não permitir que sentimentos e lembranças da presença do Príncipe invadissem minha mente e coração, mas eu perdia a luta na maior parte do tempo.

Capítulo 31

Acordei e senti meu estômago se revirar. Olhei as horas e constatei que ainda era cedo. Sentei na cama, porém, quando meus pés tocaram o chão, senti um desejo enorme de retornar para debaixo das cobertas. Com dificuldades e me sentindo um pouco fraca, troquei minhas roupas e saí do quarto, determinada a ir até a ala dos criados e pedir Madame Samovier algum chá para aliviar a sensação de mal-estar.

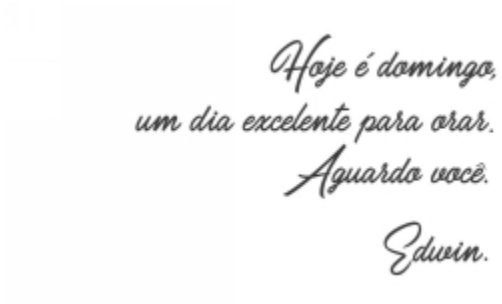
Desci as escadas e me arrependi completamente por ter me levantado. Apoiada ao corrimão eu me virei, resolvida a retornar para a minha cama, entretanto, fui impedida por alguém que me chamava com bastante empenho.

— Senhorita Davies, que bom te encontrar. — Era Henri, secretário pessoal e braço direito de Edwin. — Sua Alteza pediu-me para encontrá-la quando saísse de seus aposentos e entregar-lhe isso.

— Qual das duas Altezas? — questionei, endireitando minha postura enquanto pegava o papel nas mãos do homem.

— Príncipe Edwin, senhorita — Henri respondeu, sorriu, fez uma mesura e se retirou.

Subi os degraus e abri o bilhete apenas quando já me encontrava novamente no segundo andar.



O prazer de ler aquilo fez o pequeno incômodo desaparecer por alguns instantes. Sem ponderar nas possíveis consequências, continuei subindo os degraus rumo ao andar reservado aos quartos da monarquia. Mas, à medida que meus pés alcançavam o andar superior, o enjoo voltava com força, fazendo-me parar para respirar profundamente, tentando encontrar alívio para o desconforto.

Continuei caminhando, apoiada nas paredes, até encontrar a porta do quarto de estudos de Edwin. Dessa vez eu não o peguei desprevenido. Ele estava sentado de frente para a porta, provavelmente aguardando minha aparição. Porém, possivelmente não esperava se deparar comigo tão pálida. Levantou-se de súbito e só então me dei conta do meu real estado.

— Por Deus, Anne! O que você tem? — Edwin se aproximou já estendendo o braço para me segurar.

— Não sei, eu não estou me sentindo muito bem. Nem um pouco, na verdade — respondi tentando me manter em pé, mas a fraqueza e o enjoo aumentavam na medida em que os minutos se passavam e eu continuava de pé.

— Por favor, sente-se aqui. — Apoiei-me em seus braços e deixei-o me guiar até o sofá, onde encontrei repouso para meu corpo febril. — Você está pálida. O que está sentindo?

— Enjoo, tontura, fraqueza. Eu só preciso me deitar e descansar.

Tombei o corpo para o lado e me curvei, tentando achar algum conforto para o incômodo. Não me recordo bem como as coisas aconteceram depois de me jogar no sofá, gemendo. Apenas me lembro de Edwin me levando para outro aposento e eu correndo para o banheiro, colocando para fora toda

comida ainda restante no estômago. Eu estava demasiadamente fraca para andar. Edwin me encontrou caída ao chão, encostada na parede do banheiro.

— Anne, o doutor está aqui, vai te examinar. Venha, deixe-me ajudá-la.

Com carinho, o Príncipe apoiou meu braço sobre seus ombros, encaminhou-me para dentro do quarto e me deitou na cama, afastando-se logo depois. O médico me avaliou e respondi suas perguntas como pude. Meu braço foi furado, sangue recolhido e minutos depois eu estava com uma bolsa de soro acima de minha cabeça. O remédio injetado na veia começava a fazer efeito, levando o enjoo, mas trazendo um sono profundo junto.



Abri meus olhos com dificuldade, pois as pálpebras estavam pesadas. Olhei ao redor, ainda fraca e dopada. Edwin estava sentado em uma mesa próxima, lendo alguns papéis. Ao perceber que eu havia acordado, aproximou-se e sentou ao meu lado, segurando minha mão.

— Está melhor?

— Não sei. Eu estou com muito sono, muito fraca.

— É por causa do medicamento. Descanse, então, você vai ficar bem.

Edwin beijou minha testa e eu adormeci novamente.

Algumas horas depois, eu acordei. Demorei a me localizar e lembrar o que havia acontecido. Olhando pela janela constatei ser fim da tarde dada a pouca luminosidade vindo de fora. Sentei na cama e percebi a ausência do soro. Massageei o lugar onde outrora havia um acesso venoso no braço, aliviada por estar melhor, apesar de ainda fraca.

— Anne, querida, como você está? — Madame Samovier se aproximou enquanto eu ainda tentava compreender onde eu estava e como o tempo havia passado sem eu perceber. Ouvir sua voz e visualizar seu semblante me trouxe certo alívio.

— Fraca e com fome. Onde eu estou?

— No quarto de Sua Alteza — Madame respondeu com um sorriso contido. — Aliás, ele está dormindo logo ali.

Com um gesto de cabeça, Madame indicou onde Edwin estava. Deitado em um sofá luxuoso, ele dormia com os braços cruzados em frente ao peito.

— Ele não saiu daqui nenhum minuto — contou baixinho enquanto ajeitava meus cabelos, prendendo-os. — Está preocupado com você. Mas,

segundo o doutor, não é nada. Ele acredita ser algo relacionado ao seu emocional, já que não houve grandes alterações nos seus exames.

— Por que eu estou aqui, na cama dele? — questionei sem compreender o motivo por estar envolta em cobertores reais.

— Você quase desmaiou quando estava aqui com ele. Você estava no quarto ao lado, Anne? — Assenti com a cabeça, enquanto puxava meus joelhos para próximo do meu peito. — Eu já sabia!

— O que você sabia? — indaguei ao perceber o sorriso de satisfação no rosto de Madame.

— Edwin permitiu sua entrada lá. Agora tudo faz sentido!

— Pare de falar em códigos e seja clara, Madame — instruí um pouco impaciente.

— Anne, minha querida. Eu estou orando por vocês. Edwin precisa de uma companheira e você deveria começar a pensar seriamente em um recomeço de vida, quando tudo será diferente — aconselhou, sentando ao meu lado. — Ouça-me, criança. Deus faz coisas surpreendentes e Ele responde orações.

— Madame, isso não faz sentido. Não se trata apenas do Edwin, mas de tudo isso! — Apontei em todas as direções do quarto luxuoso onde eu estava. — Aliás, eu poderia voltar para meus aposentos e comer alguma coisa?

— Só permitirei sua saída com autorização do Príncipe. Peça a ele, você depende da permissão dele, unicamente. — Madame se levantou e me encarou séria. — Para sua sorte, o seu futuro também não depende de você!

— Madame Samovier... — Minha repreensão saiu mais alto do que eu desejava, e como resultado, acordou o Príncipe.

Madame se afastou e eu me encolhi, tímida por me encontrar em um lugar tão íntimo. Edwin se levantou e foi ao meu encontro. Ele não viu, mas eu sim, o sorriso cheio de insinuações de Samovier quando o Príncipe se sentou ao meu lado.

— Alteza, ela está com fome — a senhora informou com a voz carinhosa.

— Por favor, Samovier, traga algo para Anne comer. O médico deixou as instruções na mesa.

— Com licença. — Samovier fez uma reverência e se retirou muito contente com as circunstâncias na qual nos encontrávamos.

— Posso retornar ao meu quarto? — perguntei assim que Edwin me deu atenção. Ele me encarou confuso. — É que não me sinto bem aqui, é seu quarto, sua cama — tentei explicar, todavia me embaracei ainda mais, retraindo-me por dizer em voz alta meus anseios momentâneos.

— Não se preocupe quanto a isso — foi o que ele respondeu, não deixando saídas para eu insistir. — Você se sente melhor?

Fiz um movimento afirmativo com a cabeça, com os olhos fixos nas mãos do Príncipe. Ele as apertava, unidas sobre o colo.

— O doutor acredita ser emocional e, levando em consideração tudo o que você passou nos últimos dias, faz sentido — informou sobre meu estado, mas ele parecia bastante apreensivo ao se manifestar.

— E porque você está assim? Não gosto de ver meu Príncipe com essa cara. Você é mais legal quando sorri. E, olha — levantei as duas mãos e estiquei minhas pernas, numa tentativa de parecer bem disposta —, eu já estou bem melhor.

— Eu pensei que você gostasse do príncipe carrancudo, autoritário e sério — respondeu, deixando-me contente por conseguir fazê-lo sorrir.

— Não, eu gosto de você sorrindo. E quando sorri muito, como agora, surgem covinhas assim, do lado. — Apontei na minha bochecha os lugares onde elas apareciam, deixando-o ainda mais encantador.

— Você tem me feito sorrir com muito mais frequência, mas não hoje. Aliás, ultimamente você tem me deixado bem preocupado.

— Não é intencional, eu garanto — afirmei acompanhando seu sorriso.

— Você tem sido resposta das minhas orações, Anne. Há muito tempo eu pedia ao Senhor para me revelar sobre alguns assuntos específicos, e Ele enviou você, dissipando algumas de minhas dúvidas.

Eu senti milhares de borboletas levantarem voo dentro da minha barriga quando ouvi aquilo.

Será que Samovier estava certa? Será?

Até então eu não pensava existir possibilidade de Edwin me considerar de outra forma que não fosse como amiga, mesmo sendo possível perceber o sentimento explícito de carinho por minha pessoa. Mas, amor, a ponto de me desejar ao seu lado, eu não tinha pensado nessa probabilidade. Não seria insensatez da minha parte imaginar tal sentimento sendo recíproco?

— Bom, o Senhor usou você também, então estamos quites — declarei, disposta a dissipar aqueles pensamentos antes de fazer alguma bobagem.

— Você tem razão. Porém, eu estou devendo a você uma confissão. Fomos interrompidos ontem. Quando estiver melhor, vamos conversar sobre isso.

— Tudo bem. Eu já estou me sentindo bem melhor, amanhã acordarei renovada.

— Tenho certeza que sim.

Samovier entrou com uma bandeja contendo chá e algumas torradas. Edwin instruiu a levar até a cama sem sair do meu lado. Com calma e sendo observada pelo Príncipe, bebi o chá e comi duas torradas, o suficiente para fazer meu estômago reclamar. A querida senhora tomou a bandeja e se retirou do quarto. Algo em seu semblante me fez acreditar que demoraria a retornar.

— Você quer tomar um ar? Acha possível andar? — Edwin perguntou, levantando-se.

— Aonde? — questionei curiosa, tentando desvendar suas intenções.

— Aqui na varanda. Talvez ar puro faça bem para você. Vou pegar um casaco.

Enquanto Edwin foi até o enorme closet, eu coloquei as pernas para fora da cama, me ajeitando como podia. Eu devia estar em péssimo estado, pouco condizente com aquele homem lindo do meu lado. Ele retornou e me ajudou a vestir um casaco de couro marrom bem maior do que eu.

— Ficou grande, mas será suficiente para te aquecer. — *Meu coração apaixonado já está me aquecendo, Edwin. Mais do que você imagina!*

Com o apoio dele, caminhei devagar, ainda sentindo a fraqueza presente. Nós ultrapassamos uma porta e a vista revelada era de tirar o fôlego. A varanda, não muito extensa, mas aconchegante, trouxe-me um novo ânimo. A noite ainda se iniciando exibia as estrelas no céu. As luzes do castelo evidenciavam os jardins iluminados. O ar puro realmente me fez bem, fazendo o mal-estar dissipar lentamente, à medida que eu inspirava e sentia a brisa da noite.

— Você tem uma vista privilegiada. — Soltei-me de Edwin e encostei-me ao parapeito.

— Eu sei. Porém, infelizmente, não posso apreciá-la com o devido merecimento. Às vezes me esqueço de aproveitar o que realmente importa nessa vida.

Ficamos em silêncio, um ao lado do outro observando toda aquela beleza criada por Deus de forma esplendorosa. Fechei meus olhos quando

uma rajada de vento tocou minha pele, renovando minha disposição.

Lembrei-me das palavras de Madame Samovier e comecei a refletir sobre aquilo, cuidadosa para não falar nada em voz alta e denunciar meus sentimentos mais profundos e aterrorizantes. Talvez, tudo havia acontecido da forma como aconteceu para que eu pudesse conhecer Edwin. Recordei-me de Zac querendo me alertar para algo bem abaixo do meu nariz, provavelmente falando sobre o Príncipe.

Será possível, Senhor? Será que a oração feita por mim, anos atrás, quando pedi para o Senhor guardar meu coração até encontrar meu marido, seria Edwin o eleito? Mas, Deus, ele é muito para mim. Não apenas o homem Edwin, abençoado, gentil e carinhoso. Mas ele é um príncipe e eu sei, não estou pronta para ser uma princesa. Eu cometeria tantos deslizes, seria uma negação. Não consigo me ver nessa posição. Por que as coisas precisam ser assim? Por favor, me mostre o caminho a seguir, Senhor. Mostre-me sua direção, mostre-me qual o verdadeiro propósito de eu estar aqui. Sei o quanto meu coração é enganoso, mas sei o quanto o Senhor é bom e dá graça e misericórdia a seus filhos. Esquadrinhe meus sentimentos, sonda meu coração e me guie, Senhor. Leve-me onde o Senhor quer, capacitando-me. E, se estou enganada, tire de mim esse sentimento, desvendando meus olhos para enxergar a verdade do Senhor.

— Anne, eu estou pronto — Edwin disse e apertou minha mão, tirando-me das minhas orações silenciosas.

Capítulo 32

— Pronto? — Virei-me para Edwin sentindo meus músculos se retraindo de tensão.

— Sim, para me abrir. Se estiver se sentindo bem, eu preciso falar também — respondeu e apontou para o banco de madeira acolchoado do lado direito da porta, após eu concordar.

— Estou pronta também, Alteza — brinquei e ele esboçou um sorriso contido. — Quais as revelações importantes o meu Príncipe tem para fazer a sua leal súdita?

— Não sei bem por onde começar. Talvez você ache tudo estranho e não compreenda bem as minhas confissões — declarou e me encarou, os olhos castanhos olhando dentro dos meus, alcançando a profundidade de minha alma. — Nem tudo é como aparenta ser.

— Tudo bem, Edwin. Nada do que você disser vai mudar minha opinião sobre você. — Consegui fazê-lo sorrir e, satisfeita, completei. — Ou sobre suas covinhas.

— Você deveria ter conhecido o senhor Samovier. Ele era um homem incrível!

— O pai do Zac? — questionei e não deixei de notar o olhar desconfiado de Edwin para mim.

— Sim, ele mesmo. — Edwin fez uma pausa com os olhos fixos em algum ponto a sua frente. — Quando eu era criança, todos os dias eu me dirigia até a ala dos criados para ouvir as histórias contadas pelo senhor mais carismático de Cibele — contou esboçando no sorriso o prazer provocado pelas lembranças. — Eu me sentava sobre seus pés, junto com outras crianças, e mergulhava nas histórias bíblicas contadas com entusiasmo e amor. Eu cresci ouvindo dele quem era o Senhor, Anne.

— Que legal! O Zac quase não fala sobre o pai dele. Eu não sabia como ele tinha essa importância toda para você.

— Foi um golpe duro quando ele nos deixou, e para Zac não foi fácil. Foram dias difíceis — Edwin exprimiu com tristeza e se calou. Eu entendia bem como era difícil falar sobre a perda de alguém querido.

— Sei como se sente. — Eu queria abraçá-lo para tentar consolá-lo, mas temia alimentar ainda mais o sentimento crescente em meu peito, esse que não era nem um pouco prudente, então me contive.

— Eu tinha 14 anos quando, em uma noite fria, segui em silêncio até onde Samovier estava. Ele abriu a porta para mim, satisfeito com minha aparição, demonstrando o afeto em seu sorriso. Lembro-me como se fosse hoje, eu o encarei e disse sério: "Eu preciso de Jesus na minha vida, perdoando os meus pecados, lavando-me, como o senhor ensinou." Ele me levou até uma sala reservada e lá eu confessei todos os meus pecados. Pode parecer estranho para você, mas existem certas cobranças em minha vida, desde minha concepção, e é muito mais complicado do que parece assumir meus erros. Doeu muito, eu precisei quebrar meu orgulho e assumir minha imperfeição e dependência, mas eu entendi o quão pecador eu era e precisava do perdão do Senhor.

Eu olhei para Edwin, cujo rosto ainda possuía marcas da briga recente e me apaixonei mais por ouvir aquilo. Suas doces palavras foram um incentivo a mais para fazer toda a minha alma desejar uma resposta positiva de Deus em relação aos meus questionamentos sobre meu futuro. Sem dúvidas, ele expunha, entre tantos outros atributos, a qualidade mais linda dele: o coração voltado ao Senhor, e também suas atitudes cristãs verdadeiras.

— Eu me arrependi, entendi o quão fraco era e precisava do Senhor e naquele dia fui encontrado!

— Isso é tão lindo! Tão perfeito! Eu fico emocionada ao ouvir histórias da redenção e do poder da Cruz de Cristo.

— Anne — Edwin virou o corpo em minha direção um pouco aflito —, eu temo muito por Cibele. Apesar de nosso país ser constituído sobre os pilares do cristianismo, de nossas leis serem conservadoras e baseadas nas leis Bíblicas, eu temo pelo que tem acontecido. O fato de Cristo ter virado uma religião, e estarem satisfeitos com isso, não conhecendo o verdadeiro Salvador, não possuindo um relacionamento pessoal com Ele, não entenderem a depravação de seus corações, a cruz e o sacrifício perfeito do

Senhor e como isso é fundamental para nossa sobrevivência... Isso me incomoda sobremaneira. O nome do Senhor ser pronunciado, mas os corações estarem distante, como se Cristo fosse um enfeite, o cristianismo uma brincadeira.

— *Este povo me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de mim*. *

— É exatamente isso! — exclamou tentando conter a empolgação por eu compreendê-lo. — Você me entende, Anne.

— Sim, porém, não entendo qual a ligação disso tudo com você se esconder como um cristão diferente de boa parte da nação.

Edwin me encarou muito sério. Parecia haver traços de remorso em sua expressão. Talvez eu tenha tocado em seu ponto de maior dificuldade, e vê-lo assim me cortou o coração.

— Eu sou fraco, assumo — declarou e se virou, jogou a cabeça para trás e escorregou pelo banco, assumindo uma postura de derrota.

— Não, você não é. Quero dizer, você é sim, mas tem algo muito precioso aqui, Edwin — assegurei e toquei suavemente em seu peito, onde se localizava seu coração. — O Senhor é sua força, Alteza. *Porque quando estou fraco, então sou forte**.

Edwin se calou. Olhou para minha mão, ainda repousada em seu coração. Eu a retirei rapidamente, percebendo minha imprudência por tocá-lo. Ele endireitou o corpo e em seguida se apoiou sobre os seus joelhos.

— Sinto-me sozinho, desde quando ele se foi.

— O senhor Samovier?

— Sim. Ele me aconselhava, era meu mentor espiritual. Ele me daria uma bronca por estar fugindo das minhas responsabilidades, tenho certeza.

— Suas responsabilidades? — questionei, sem ter certeza sobre qual assunto ele se referia.

— De cristão. Mas a luta é muito grande e eu estou perdido. — Edwin se virou e me encarou, o rosto expressando o desprazer daquele assunto. — Meus pais... Meus irmãos... Minha família é como aqueles a quem Cristo repreendeu. Eles me acham um fanático por levar a Palavra ao pé da letra. É muito difícil bater de frente com suas autoridades, principalmente quando são as pessoas que você mais ama no mundo.

— Oh, Edwin!

Abracei-o compreendendo, então, sua situação. Tudo fez sentido para mim, com uma clareza sem igual. Edwin se sentia só, como eu. A solidão dele poderia ser diferente da minha, mas doía nele não ter o apoio de seus pais, tanto quanto doía em mim, não ter os meus presente.

— Parece que está no sangue Hawis ser perseguido por causa de Cristo — Edwin falou, divertindo-me com o seu comentário. Ele se afastou e voltou-se a mim. Ele se afastou e voltou-se a mim. — Eu entendo bem o que o Rei Charles Hawis sentiu quando fugiu do Reino Integrado, praticamente sozinho, e entendo o quanto Lies foi importante para ele.

— Com certeza, não foi atoa que Charles entregou o reinado nas mãos de Lies quando decidiu permanecer para sempre aqui na ilha Hawis. Uma pena o Reino Integrado não ter tido a mesma sorte de Cibele e o cristianismo não ser tão presente como é aqui.

— Quanto a isso, nem mesmo Susan mantém a visão cristã. Eu temo por Cibele — Edwin confessou, preocupado.

— Você acredita na ligação entre o fim da monarquia em Susan e o abandono das práticas cristãs como era inicialmente?

— Exatamente, Anne! — exclamou novamente empolgado. — Eu penso haver um motivo para Deus ter permitido Cibele continuar com nossa monarquia. Não tem relação com a minha família, existe algum resguardo da parte de Deus em relação a isso.

— Bom, o sistema monárquico é patriarcal e conservador. De certa forma, protege o país e as leis — concluí naturalmente e Edwin sorriu abertamente. Ah, aquelas covinhas...

— Mas estamos sofrendo muita pressão por parte de um determinado grupo para modificarmos as leis, segundo eles, arcaicas. E eu temo por isso, Anne. Meu pai e Elliot não entendem a importância de mantermos Cristo. Bom, eles não querem mudar as coisas como são, entretanto, a motivação maior não é pela preocupação com os preceitos do Senhor, com os mandamentos de Deus, e sim culturalmente, para manter viva as tradições — Edwin proferiu e se levantou, agitado.

— Edwin — chamei-o e ele se virou, dando-me a devida atenção. — Você não está aqui atoa. Seus olhos estão abertos e eu creio, sinceramente, que Deus tem um propósito com tudo isso. Ao invés de se esconder, só precisa pedir sabedoria para entender como Ele quer que você aja. Você é diferente, e não é só pelo fato de ser um Príncipe, Deus usa

quem Ele quer, como Ele quer. E me parece que Ele escolheu você por algum motivo.

— Você tem razão. — Edwin se aproximou e se abaixou a minha frente, encarando meus olhos. Eu estremeci, e não foi por causa do frio da noite. — Eu tenho orado, buscado desesperadamente a Deus, para Ele me guiar no caminho certo. Minhas orações têm sido incessantes, eu lhe asseguro. Eu preciso de direção para agir, porque infelizmente eu não sou como a senhorita, que age muitas vezes no impulso, sem pensar. — Ele sorriu e eu fiz o mesmo. — Felizmente ou não, eu preciso de segurança antes de dar um passo, seja qual for, porque eu sei como nossos atos e atitudes são extremamente importantes e podem gerar consequências drásticas.

— Então, vou lhe pedir apenas uma coisa — diferente de Edwin, falei sem pensar. — Prometa que não irá se esconder. Todo mundo precisa conhecer o quão maravilhoso é a disposição do seu coração, Edwin. E precisam enxergar o Senhor em você, como eu enxergo.

— Eu prometo tentar — replicou, tocando minha mão com suavidade.

— Já é um bom começo.

— Anne, você entendeu... — Edwin interrompeu a sua fala e sua expressão era complexa demais para eu decifrar. Ele se levantou, mas continuava com os olhos nos meus. — Esquece. Você está melhor?

— Sim, o ar puro me fez bem. Obrigada pela sua preocupação e cuidado. Posso assegurar, Vossa Alteza é um verdadeiro Príncipe!

— E a senhorita ainda não me viu dançando — provocou.

— Isso é injusto, muito injusto!

— Não se preocupe, ainda lhe darei a honra de uma dança.

Olhei para ele tão apaixonada, que temi transparecer meus sentimentos. Para minha sorte, Madame Samovier se aproximou. Ela pigarreou, tomando nossa atenção para si.

— Alteza, lamento interromper, mas temos um problema — a senhora declarou com o semblante mostrando sua insatisfação.

— Qual o problema? Esra? — Edwin olhou para a mulher, concluindo a participação do irmão em algo relacionado ao problema referido. Samovier negou com a cabeça.

— A senhorita Thomas acabou de chegar e está à sua espera no saguão.

Edwin riu de nervoso. Eu observei a expressão dele, em seguida de Madame sem compreender exatamente quem era senhorita a Thomas e porque ela era um problema.

— Por que ela está aqui e por que eu não fui informado disso antes?

— Alteza, ela chegou de surpresa. Segundo ela, o Sr. Thomas está em negociações em Cibele e ela aproveitou para visitá-lo.

— Samovier, ligue para Hawis e confirme essa informação e descubra se tem o dedo da minha mãe nisso. De toda forma, prepare um quarto para ela e quando puder eu desço.

— Edwin, ela está irredutível. Assegurou que o encontraria, caso o senhor não a recebesse. Creio ser mais prudente o senhor descer e resolver essa pendência com rapidez — Madame disse e me encarou. Compreendi ser a deixa para retornar aos meus aposentos.

— Eu voltarei para meu quarto. Preciso descansar, os remédios ainda estão me deixando sonolenta. É melhor receber sua convidada, Edwin. Não se preocupe, eu estou bem melhor, principalmente agora.

Levantei-me e senti o quanto ainda estava fraca, porém, não deixei isso transparecer. Abracei meus próprios braços e caminhei lentamente até a porta.

— Espere, Anne. Eu a acompanho.

Edwin se adiantou e segurou meu braço, oferecendo-me apoio. Caminhamos lentamente e em silêncio até meu quarto. Já lá dentro, ele beijou minha mão.

— Lamento por isso. A Estela é complicada demais para explicar agora. Madame Samovier lhe fará companhia. Antes de dormir eu retorno para ver como você está. — *Estela*. Não sei o porquê, mais ouvi-lo dizer o nome dela me causou um sentimento de repulsa.

— Você pode pedir Oliver para subir? Quer dizer, pedir alguém para chamá-lo, se não se importar, claro.

Edwin sorriu e me levou até a cama.

— Descansa!

Depois de mais alguns olhares e sorrisos, ele partiu. Joguei-me no colchão, ainda vestindo seu casaco, pensando em toda nossa conversa. Eu estava muito ciente de nosso momento de intimidade e de como havia me afetado. Samovier entrou no quarto e percebendo como eu estava nas nuvens, aproximou-se.

— Agora acredita no que eu disse? — questionou retoricamente.

— Isso tudo é muita informação para mim. — Escondi os olhos com as mãos. — Meu Deus, eu não consigo acreditar no que está acontecendo! Preciso orar, eu preciso orar!

— E tomar um banho relaxante para melhorar um pouco seu estado. Edwin me pediu para ajudá-la, porque daqui a pouco mandará Oliver para fazer companhia a você.

Meu sorriso se abriu de orelha a orelha. Enquanto me despia para entrar no chuveiro, lembrei-me das palavras de Edwin e as tomei como um conselho.

Pensar antes de agir, orar e buscar direção do Senhor. E dada as circunstâncias em que eu me encontrava, eu precisaria fazer isso desesperadamente.

**Mateus 15:8*
**II coríntios 12:10*



Eu nunca havia me apaixonado antes. Bom, não por um homem real. Se bem que Edwin estava longe de ser um *homem real*. Príncipe de Cibele, culto, inteligente, lindo, gentil, cavalheiro, protetor, carinhoso, preocupado e, dentre tantos outros adjetivos, o principal: Edwin era um homem que amava ao Senhor acima de todas as coisas e estava disposto a obedecê-Lo.

Tudo bem, em todos os aspectos ele se encaixava no perfil do homem a quem eu desejava ter como marido, aliás, superava as minhas expectativas. Contudo, havia um *porém*. Acompanhado dele, vinha o cargo, sendo impossível dissipar a importância e o significado disso.

Se Madame Samovier, Oliver, Zac e todas as outras pessoas do Palácio estivessem certas, e Edwin nutrisse o mesmo sentimento por mim — mesmo eu considerando isso uma loucura, visto que eu não tinha nada a oferecer a ele, comparada a sua posição —, as coisas eram ainda mais complicadas.

Minhas orações se intensificaram na noite anterior, após as exageradas insinuações e brincadeiras de Oliver sobre meu futuro, incerto para mim, exato para ele. Quando Edwin apareceu para me dar boa noite, eu vi o tamanho da encruzilhada na qual me encontrava. Eu precisava de uma direção e não confiar em meu coração, mas inteiramente no Senhor.

Quando estava longe dele, era capaz de raciocinar e usar a razão, criando resoluções sobre como me comportar e me afastar enquanto o Senhor não me dava uma luz, mas perto dele tudo era intenso demais, e meus temores apenas aumentavam, na mesma medida em que eu não conseguia me manter distante.

Estava em um desses momentos, pensando em como conseguir me manter sã e não me entregar mais ainda aos sentimentos, enquanto subia ao terceiro andar, completamente recuperada do meu mal estar momentâneo e

intenso do dia anterior. Segurava em uma de minhas mãos a chave do cômodo de estudos, na outra, dois livros. Após devolvê-los nas prateleiras do armário do quarto, fechei a porta e enfiei a chave na fechadura. Antes de dar a volta completa, uma voz estridente e alta me advertiu.

— Senhorita, pare agora mesmo! Quem autorizou sua entrada neste local?

Não ousei me virar no mesmo instante, ganhando tempo enquanto pensava em como revelar ter a autorização de Edwin para aquilo. Tranquei a porta e escondi a chave dentro da palma da mão, virando-me em direção a voz.

— Eu... — Calei-me fitando a figura loira caminhar cheia de elegância, vindo até mim. O rosto demonstrava sua plena insatisfação com minha presença. O lindo vestido e a pose impecável me levaram a crer ser a temível senhorita Thomas. — Eu estou me retirando.

Fiz uma mesura sem encará-la e desviei de seu andar, buscando o meu caminho, disposta a não causar nenhuma confusão que pudesse prejudicar de alguma forma a Edwin. Porém, ela se colocou à minha frente, impedindo-me de seguir.

— Se o *Edwin* souber do seu atrevimento, estará despedida! — exclamou, fazendo-me sorrir com sua intimidação, principalmente na parte em que pronunciava o primeiro nome do *meu* Príncipe.

— Nesse caso — voltei meus olhos em direção ao seu rosto destacado pela maquiagem perfeita —, é dever da senhorita alertá-lo. Tenha um bom dia — disse serena, desviando de seu bloqueio e seguindo meu caminho.

— Pois saiba, isso não ficará assim! Agora mesmo encontrarei Edwin para avisá-lo de seu atrevimento e logo estará no olho da rua. Ouviu-me? — esbravejou enquanto me via andar a passos rápidos. — Mulher atrevida! — Consegui ouvir seu murmúrio, mesmo já descendo os primeiros degraus.

Quando cheguei ao primeiro andar, avistei Oliver e Zac. Precisava avisar Edwin sobre o acontecimento, evitando-o ser pego de surpresa, caso ela o procurasse de verdade.

— Aonde vai, Anne? — Oliver questionou, observando meus passos apressados.

— Sabe onde está Edwin? — Parei e encarei os dois, já esperando a reação de ambos, aquelas expressões cheias de significados.

— Deve estar no escritório. A gente te acompanha — Zac disse e eu entendi bem o recado.

Não foi necessária mais nenhuma palavra. Nós três iniciamos nossa disputa, correndo pelos corredores do Palácio em direção ao escritório de Edwin. O espírito de competição me forçava a usar toda a minha capacidade para tentar não ficar para trás, mas não era o suficiente para a vitória. Quando estávamos no corredor do escritório, com Zac e Oliver a uma distância significativa a minha frente, o Príncipe Esra surgiu de uma porta, forçando-nos a interromper nossa correria.

— O que vocês estão fazendo? — indagou com a expressão séria, as mãos para trás, enquanto alternava o olhar entre cada um de nós.

— Bem, nós estávamos apostando uma corrida — respondi desviando o olhar de seus olhos claros e vibrantes.

— Posso saber o motivo de apostarem uma corrida neste castelo? — perguntou, ainda com a mesma postura. Sua pose não era tão perfeita e firme quanto a de Edwin, porém, ele mantinha o mesmo olhar de autoridade.

— Estávamos indo encontrar o Príncipe Edwin, Alteza. Anne deseja falar com ele — Oliver foi quem respondeu, buscando em Zac algum auxílio e me deixando vermelha no mesmo instante.

— Sinto lhes informar, mas meu irmão não está aqui. — Eu estava vendo um sorriso no rosto de Esra, enquanto ele encarava Zac?

— E onde ele está? — questionei, tentando ler sua expressão.

— No estábulo — gritou empolgado.

Foram necessários apenas alguns segundos, até que eu, Oliver e Zac entendêssemos o motivo do Príncipe Esra ter saído apressado em direção a porta principal. O instinto competitivo se aguçou e nós três saímos correndo. No salão principal, tomei uma rota diferente deles pela saída do lado oeste, cortando caminho pela horta, em um dos caminhos descobertos por mim em uma das minhas andanças. Eu tinha plena certeza de diminuir pela metade a distância até o estábulo passando por lá.

Posso não ser rápida, mas sou esperta, pensei enquanto avistava Edwin ao longe e ouvia a gritaria dos outros três homens ainda distantes.

Corri ao máximo que pude e encontrei Edwin em pé, ao lado de um cavalo.

— Não fale nada, só feche as pernas — instrui ofegante, enquanto me posicionava atrás dele, sem levar em conta a expressão completamente

confusa do Príncipe.

— O que você está fazendo? — Edwin tentou se virar, mas eu o segurei pelas costas, impedindo-o.

— Não se vire — alertei e, apesar de não ver seu rosto, imaginei o sorriso lindo surgir.

— Tudo bem. Fico feliz por ver você bem e animada. — Edwin fez uma pausa antes de continuar. — Você estar escondida atrás de mim tem alguma relação com Zac, Oliver e Esra estarem vindo correndo em minha direção?

Eu ri alto e me encolhi atrás dele. Pude ouvir a voz dos meninos se aproximando e Oliver gritando em seguida.

— Ganhei! — Oliver forçou Edwin a dar um toque em sua mão. — Sinto muito, Zac e Príncipe Esra, mas eu venci essa.

— Cara, você corre muito — Esra disse, arfando.

— É a idade. E eu também estou em forma. — Ouvi Oliver se gabar.

— E onde está a Anne? — Zac perguntou.

Edwin colocou a mão para trás e eu a segurei. Era para ser apenas um toque, porém, significou muito mais para mim.

— Esta aqui? — Edwin me puxou e eu sorri para os rapazes, enquanto dava alguns pulinhos.

— Como? — Os três me olhavam surpresos, tentando entender como eu havia chegado antes.

— Conheço um atalho — respondi empolgada. — Quem venceu os três homens? Quem?

No instante seguinte, comecei uma das minhas danças ridículas, expressando através dela a minha felicidade e considerando minha esperteza. Como se não bastasse os braços e as pernas se agitando, a cabeça girando desconexa, emitia alguns sons com a boca, criando o ritmo perfeito para a sincronia do meu corpo.

— Anne, não faz isso! A dancinha da comemoração, não! — Oliver implorou, envergonhado com minha atitude inusitada.

— Era disso que eu estava falando! — Zac apontou para mim, encarando Edwin, cujo sorriso era o mais sincero do mundo.

— Qual é? É apenas uma dança! — defendi-me, sorrindo, mas parei logo em seguida.

Os quatro homens me encaravam com um misto de expressões. Não tinha certeza se achavam graça ou se envergonhavam da minha

espontaneidade.

— Tudo bem, eu já parei! — atestei e revirei os olhos, cruzando os braços, indignada por me repreenderem ou rirem de mim, silenciosamente.

— O que você estava querendo com Edwin, Anne? — Esra perguntou com um sorriso suspeito, encarando o irmão logo depois.

— Ah, verdade! — exclamei quando me lembrei do motivo de toda aquela correria. — É porque eu encontrei a senhorita Thomas e... — Silenciei quando percebi os olhares curiosos de todos e não sabia como expor aquela situação sem ser de uma forma constrangedora. — Ela quer falar com você, Alteza, eu só vim para avisá-lo.

— Esra, você não me prometeu dar um jeito nela? — Edwin questionou o irmão, completamente insatisfeito com minha revelação, perdendo toda a postura elegante dele.

— Eu estou tentando, mas ela não quer me ver nem pintado de ouro. Não que eu tenha oferecido exatamente isso...

— Ah! — Edwin arfou, movimentando as mãos, impaciente. — Não me faça saber de suas cantadas baratas, por favor.

— Tudo bem, não vou te revelar meus truques de conquista — Esra retrucou, com um sorriso malicioso no rosto.

— Quem é senhorita Thomas? — Oliver perguntou para mim, completamente confuso com aquela discussão.

— Aquela mulher ali — Zac informou, apontando para a entrada principal do Palácio, onde Estela surgiu, em busca de Edwin.

— Eu vou me deserdar! Sério, mamãe passou dos limites — Edwin esbravejou, escondendo-se atrás de uma pilastra como podia. — Vamos sair daqui?

— Bosque? — Zac perguntou e a expressão dele, de Edwin e Esra se iluminaram, cheias de cumplicidade.

Edwin segurou minha mão, e lá estava eu, sendo arrastada novamente. Eu não posso negar em como estava feliz e satisfeita com aquela aproximação. Esse era um dos momentos em que eu esquecia todas as minhas dúvidas e receios. Eu só queria ficar com ele.

Adentramos pelo bosque após os portões serem abertos a pedido dos Príncipes. O caminho, inicialmente era largo, calçado de pedras e ladeado por diversas flores silvestres. Eu estava encantada com aquele lugar e com as árvores escondendo pássaros em seus galhos. Oliver, como eu, admirava todo o local, o qual parecia íntimo para os outros três homens.

À medida que adentrávamos o bosque, em silêncio, o caminho ficava mais estreito, até se tornar uma trilha apertada, onde não havia mais o conforto do chão calçado.

— Vá à frente, Anne — Edwin instruiu, soltando minha mão.

Mantive-me entre Zac e Edwin. O caminho se tornava cada vez mais difícil, enquanto subíamos uma colina dentro da mata. Em determinado momento, nos deparamos com uma pedra alta finalizando a trilha. Nós paramos e eu imaginei ser o fim da caminhada, entretanto, Esra subiu em uma árvore e uma corda surgiu do nada.

— Nós não vamos subir aí, não é? — questionei rindo, tendo a certeza da resposta negativa, enquanto Esra amarrava a corda em um galho, criando um apoio para "escalar" a pedra.

— Vale a pena, a vista é linda — Edwin me incentivou, e eu observei Esra subir com facilidade, apoiado pela corda até alcançar a parte de cima da pedra, a cerca de três metros de altura.

— Edwin, eu não consigo. Sinto muito, eu estou de vestido, isso não vai dar certo — neguei, sentindo o medo me dominar.

— A gente te ajuda. Não é tão difícil assim. — O sorriso e o olhar carinhoso dele me convenceram sem muito esforço.

Em alguns minutos, montaram um esquema para eu conseguir subir. Depois de ouvir a instrução de onde colocar os pés por cinco vezes, obtivemos êxito na empreitada e continuamos nosso caminho por mais alguns metros até chegarmos ao topo de algo parecido com uma montanha.

A vista era simplesmente encantadora, apesar de não estarmos em elevada altitude. Imaginei o pôr do sol visto daquele lugar enquanto admirava algumas casas além dos portões do Palácio.

— É incrível, não? — Edwin se posicionou ao meu lado. Olhei para ele e sorri ao vê-lo descontraído. — É nosso lugar preferido, desde criança. Elliot veio algumas vezes também, porém, eu, Esra e Zac sempre subíamos aqui. Era nosso esconderijo.

— Talvez ainda seja — brinquei.

— Tem razão. E você e Oliver, a partir de agora, fazem parte da *Sociedade das Lagartas* — Esra apareceu do meu lado e afirmou confiante.

— Esra! — Edwin o repreendeu. — Nós fizemos uma promessa de nunca contar isso para ninguém.

— Pisou na bola, Alteza — Zac concordou, também insatisfeito.

— O quê? — Olhei curiosa para Edwin. — O que é *Sociedade das Lagartas*?

— Quando éramos jovens, nós três subimos neste ponto e firmamos um acordo. Aqui, neste lugar, seríamos lagartas para sempre, independente de tudo que nos aconteceria e de nosso futuro. Aqui podemos ser nós mesmos — Esra pronunciou as palavras lentamente, olhando para o horizonte.

— Eu não sei se compreendi. — Balancei a cabeça, sem assimilar a ligação das lagartas com aquela vista maravilhosa.

— Lagartas viram borboletas — Zac me explicou, como Esra, olhando para o horizonte a frente.

Eu avaliei cada um deles, confusa, mas o momento parecia ser intenso para os três, e mesmo sem entender toda aquela história de lagartas e borboletas, fiz como eles e apreciei a vista.

Passamos um bom tempo no topo, ouvindo e compartilhando histórias e lembranças hilárias de nossas vidas. Enquanto nos divertíamos, eu contemplei os três e percebi como ali eles se sentiam livres de cobranças, livres de compromissos e aparências. Edwin se sentou no chão, com a pose mais descontraída e o sorriso mais aberto.

Naquele momento eu compreendi o significado. Naquele esconderijo, no lugar só deles, vivendo o momento deles, eles podiam ser lagartas, ainda que no mundo real precisassem se transformar em borboletas, lindas e exuberantes borboletas.

E foi assim que naquele dia desci daquele bosque admirando-os muito mais.

Capítulo 34

— Anne! Anne! — Oliver adentrou em meu quarto, completamente em êxtase. — Venha ver isso, agora!

— O que aconteceu? — questionei meu irmão, curiosa. Sabia se tratar de algo empolgante, devido aos movimentos circulares das mãos, mania de Oliver quando estava entusiasmado. — Fale logo!

— Você precisa ver isso. — Oliver me analisou dos pés até a cabeça, certificando-se de que eu estava bem vestida. — Agora! Você está ótima assim. Só calce os sapatos.

— Tudo bem. — Assenti ajeitando meus cabelos e calçando as sandálias. Oliver estendeu sua mão e quando a toquei, ele me puxou de uma só vez.

Já estava me acostumando com a ideia de ser arrastada pelas mãos Palácio a fora. Descemos as escadas correndo e pude ouvir a movimentação e gritos lá em baixo. Quando chegamos à sala principal, havia uma roda de funcionários observando Edwin e Esra lutarem, com espadas em punho.

— O que eles estão fazendo? — sussurrei a Oliver, assustando-me com o barulho do metal tinindo quando as espadas se tocaram.

— O Príncipe Esra desafiou o irmão para um duelo — Oliver respondeu, também em tom baixo, enquanto tentava encontrar uma brecha para podermos assistir aos dois.

Rodeamos as pessoas e encontramos um lugar do lado direito da porta, onde poderíamos assistir ao espetáculo da luta. Observei atentamente os príncipes e entendi o que Edwin queria dizer sobre ele não estar manuseando a espada no dia temível do assalto.

— Eu vou vencer e você precisará cumprir com minhas exigências, Edwin — Esra gritou, atacando o irmão pelo lado direito, porém, Edwin se esquivou.

— É injusto o que me pede. Sabe como penso diferente de você — Edwin retrucou, encarando o irmão. O rosto transpirava e só então percebi como estavam sem o paletó do terno e as gravatas.

—Esse é seu problema, Edwin! — Esra avançou mais uma vez, sem sucesso. — Você pensa muito. Você me agradecerá quando eu comemorar minha vitória.

— Você está se precipitando, Esra. Eu creio que é você quem irá cumprir minha exigência — Edwin avançou com fúria, fazendo Esra recuar alguns passos em defesa.

Os dois continuavam com ataques, defesas e contra-ataques e eu precisava vigiar minha expressão para não deixar meu queixo cair, literalmente, ao observar Edwin tão desenvolto e másculo. Só se ouvia alguns murmúrios de apreensão e torcida, e o som da luta.

Em determinado momento, Edwin me avistou e vacilou alguns golpes, precisando se esforçar para se concentrar logo depois. Esra, observando o pequeno deslize, atacou com força.

— É para o seu bem! — Esra bradou avançando com golpes fortes e certeiros — Vai me agradecer por dar um jeito em sua vida!

Porém, Edwin não estava brincando. Ele dominava a espada com muita destreza, desvencilhando do ataque do irmão e, com um só golpe, desarmou Esra, terminando com a ponta da espada em seu peito.

— Não foi dessa vez, meu irmão. Não é assim que as coisas funcionam comigo — provocou, empurrando a espada um pouco mais contra o peito do Príncipe caçula, fazendo-o se inclinar.

— Você venceu! — Esra declarou com as mãos para o alto, sorrindo para o irmão.

Palmas e gritos de comemoração soaram pelo salão outrora silencioso e os dois se abraçaram, sorrindo. Edwin me olhou e num movimento involuntário, eu sorri, piscando algumas vezes.

— Como manda a tradição, nosso querido príncipe vencedor deve dedicar a vitória dele a alguém — aplaudindo, Esra dissertou, incentivando o irmão a dizer suas palavras.

— Eu dedico a minha vitória a nossa querida hóspede, tão especial para mim, senhorita Davies — Edwin comunicou a todos em alto tom, encarando-me com um sorriso sincero e brincalhão no rosto.

Todos os olhares se voltaram em minha direção. O silêncio alcançado com o discurso do Esra, foi interrompido por murmúrios e suaves

sons de suspiros. Senti um calor subindo e tomando conta do meu rosto, que constatei, mesmo sem poder ver, estar mais vermelho do que morango maduro. Olhei para o chão, e tentei encontrar o ar falho em meus pulmões.

Aos poucos, enquanto os dois príncipes conversavam, as pessoas foram se dispersando e voltando a suas tarefas. Quando senti estar mais calma, levantei meus olhos e a cena que visualizei, certamente, seria responsável por várias noites de insônia me perseguindo depois. Edwin vinha em minha direção, com a camisa para fora da calça, o rosto levemente corado pelo esforço, bagunçando os cabelos molhados de suor com as mãos enquanto sorria.

Ai meu Deus!

Tentei desviar o olhar, mas era praticamente impossível. Eu estava hipnotizada com o dono daqueles olhos castanhos.

— Vejo que saiu do seu quarto — Edwin disse quando ficou a minha frente. — Pensei que não a veria nunca mais. Desde ontem está trancada por lá.

— Eu não quero arrumar confusão, só isso — respondi, procurando Oliver do meu lado, mas ele já tinha se retirado.

— Anne, você não precisa fazer isso.

— Eu me sinto melhor assim — olhei para os lados e avistei Esra com a espada na mão. — Você não estava brincando quando disse como lutava bem armado.

— Eu te garanto, eu peguei leve com Esra — Edwin me ofereceu um sorriso charmoso, depois de confessar baixinho. — Faz bem para o ego dele achar que está ganhando.

— Parabéns, então, Alteza. — Fiz uma longa reverência, sabendo que vários olhares estavam sobre nós. — Muito obrigada pela vitória.

— Eu preciso mesmo ir. Necessito de um banho urgente e me aprontar para os meus compromissos enfadonhos do dia. Mais tarde eu passo nos seus aposentos, para conversamos um pouco.

— Tudo bem. Desejo boa sorte em sua labuta. Eu estarei dedicada a leitura de um livro maravilhoso, indicado por alguém que tem bom gosto. — Meu cabelo pareceu interessante naquele instante, e eu comecei a rodar uma mecha em meu dedo.

— Vejo você mais tarde — disse e segurou minha mão rapidamente, apertando de leve.

Esra deu alguns tapas nas costas do irmão quando Edwin se aproximou e os dois se afastaram, carregando as peças de roupa retiradas, animados. Quando eles partiram, saí disposta a voltar para meu quarto. Porém, avistei Estela descendo as escadas, curiosa com a movimentação.

Parei e me escondi como pude ao lado da escada. De lá, conseguia observar toda aquela elegância em cima de saltos altíssimos. Ela aparentava ser um pouco mais nova do que eu. Sua roupa era impecável e ela parecia ter saído do salão, com aqueles cabelos loiros tão iluminados, caindo sobre seus ombros. Mas a beleza física sumia no momento em que ela abria a boca, cheia de ignorância.

— Qual o motivo de tanto movimento? — questionou grosseiramente à primeira funcionária que cruzou seu caminho.

— Suas Altezas estavam em um duelo de espadas — a menina respondeu com a cabeça baixa, evitando encarar a mulher.

— E quem venceu? — indagou um pouco mais calma.

— Príncipe Edwin, senhorita.

— Edwin? — indagou empolgada. — E a quem ele dedicou a vitória?

—À hóspede dele — a funcionária respondeu e eu não pude evitar sorrir de sua esperteza. Ela não queria ouvir os murmúrios e lamentações cheios de grosseria daquela mulher.

Satisfeita com a resposta e alegre demais por pensar se tratar dela, Estela permitiu a menina a seguir o caminho de suas funções. Desceu o restante das escadas e eu sabia qual caminho ela estava tomando. O caminho em direção à companhia do homem a quem eu amava.

Suspirei, sentindo-me um pouco perdida e inferior. Corri para meu quarto, abatida, consternada e desestimulada, com meu coração a doer. Afundei-me na auto piedade, sentindo-me uma derrotada, incapaz de estar à altura de Edwin.

Foi impossível continuar com minha leitura. Ao invés dela, liguei a TV no canal Real e me afundei ainda mais no meu pequeno momento deprimente. Jogada na cama permite-me chorar por alguns instantes.

— Por que, Anne? Por que você foi burra ao entregar seu coração assim? Odeio todas as partes de mim que me permitiram fazer uma idiotice dessas! — lamentei, enquanto escondia o rosto no travesseiro, desejando voltar a alguns dias atrás, para me impedir de me aproximar de Edwin.

Virei-me novamente em direção a TV, e para meu desespero a imagem de Edwin apareceu. Meu coração despedaçou pensando em deixá-lo. Eu precisava reagir, não podia me entregar daquela forma.

Desliguei a TV e me ajoelhei ao lado da cama. Em pequenas frases, clamei a Deus para me direcionar, para mostrar qual caminho seguir, para me dar alguma luz, alguma ajuda. Queria um milagre instantâneo, que Deus tirasse de mim aquele sentimento ou me transformasse na mulher ideal para fazer Edwin feliz. Ele merecia ser feliz!

Mas nada aconteceu.

Então, comecei a clamar por direção. Pedi ao Senhor para abrir meus olhos para enxergar a verdade e a vontade Dele, ao mesmo tempo em que entregava meus sentimentos e Edwin, disposta a renunciar toda a minha vida, para cumprir a vontade de Deus, fosse ela qual fosse.

Ainda estava sentada no chão, quando Samovier entrou empurrando o carrinho. Quando avistou meu estado, jogada ao piso, com os olhos inchados, ela se encheu de compaixão.

— Eu sou a pessoa mais azarada de toda a terra — assegurei com a voz chorosa ao notar como ela me analisava. — Esperei tantos anos, tranquila, para poder me deixar ser dominada por sentimentos inapropriados.

— Querida, amar não é inapropriado — Madame falou com a voz carinhosa, enquanto se sentava ao meu lado.

— É sim, quando uma menina desengonçada como eu se apaixona por um homem como o *Príncipe* Edwin — declarei, dando ênfase ao Príncipe, enquanto me deitava no colo da amável senhora.

—Anne, você é muito mais do que uma menina desengonçada, e eu garanto, o *Príncipe* Edwin já notou isso também. — Suas mãos afagaram meus cabelos e me lembrei de mamãe fazendo o mesmo. — Você precisa entregar nas mãos do Senhor e deixá-lo agir por si só. Deus pode fazer como Ele quiser, e o plano Dele para sua vida será cumprido, Anne. Mesmo você não compreendendo.

— Eu preciso retornar para minha casa, voltar para a minha realidade e só assim poderei pensar sobre tudo isso. Vendo-o todos os dias é completamente impossível enxergar qualquer caminho, Samovier. Eu o amo tanto! — Senti mais algumas lágrimas descerem quando confessei em voz alta meus sentimentos.

Madame Samovier nada mais disse. Ficou ali, dando-me forças e me acalentando, enquanto eu tentava entender toda aquela confusão na qual me encontrava. Quando enfim me acalmei, levantei-me de seu colo e repousei minhas costas sobre a cama.

— Eu nunca me senti assim. Tudo vivenciado nesse último mês tem sido um turbilhão de emoções e não estou sabendo lidar com tantas coisas ao mesmo tempo — falei enquanto esfregava meu rosto, ainda me sentindo deprimida.

— Tudo se ajeitará. O Senhor não a trouxe aqui à toa. Ele tem feito grandes coisas com a presença de você e Oliver no Palácio. Por ora, deixe o Senhor agir. — Samovier se levantou e estendeu as mãos para mim. — Sei de algo que te fará bem.

— Fingir que nada aconteceu?

— Não, minha menina. Doces! Sempre ajudam em momentos assim.

Ouvir aquilo me fez esquecer toda a minha depressão por um momento. Madame Samovier tinha total razão. Eu deveria entregar nas mãos de Deus e confiar, mesmo não compreendendo nada, mesmo não enxergando além do grande buraco negro que estava em frente aos meus olhos naturais.

— Doces sempre são bem vindos! — exclamei, segurando sua mão e caminhando até a mesa, sentindo-me um pouco mais leve.

Capítulo 35

Ouvi duas batidas na porta ainda de manhã. Saí de baixo das cobertas, deixando a leitura de lado e abri a porta, dando de cara com Edwin.

— Você já passou muito tempo dentro desse quarto. Por favor, dê-me a honra de almoçar com a senhorita. — Edwin inclinou o corpo para frente, fazendo uma mesura com uma das mãos apoiada em sua barriga, numa postura impecável.

— Alteza, não esperava o senhor por aqui hoje! — exclamei fazendo uma reverência demorada, distinguindo a minha crescente afeição misturada ao encantamento e entusiasmo, manifestando-se descontroladamente como uma tempestade de verão inesperada dentro de mim.

— Bom, ontem eu fiquei preso com as minhas responsabilidades e Madame Samovier me alertou sobre a indisposição da senhorita durante a noite, portanto, preferi não incomodá-la — Edwin disse e me inspecionou, suspeitando um pouco da veracidade da informação recebida.

— É verdade, eu precisava ficar um pouco sozinha — assegurei ser autêntico o relato da senhora.

— Você quer falar sobre isso?

— Não! — gritei no impulso e ele riu, já conhecendo meu jeito de agir. Recompus-me, então, controlando o tom de voz. — Eu já resolvi esse assunto. Eu acho...

Edwin parecia querer ler meus pensamentos e, por esse motivo, comecei a pensar em um dia triste da minha vida, quando perdi meu brinco preferido dentro do meu quarto e nunca mais o achei, temendo que meus sentimentos fossem descobertos caso ele realmente lesse minha mente.

— E então? — Ele me encarou, esperando eu dizer algo. — Anne, você está bem?

— Sim, só estava me recordando de um dia muito triste da minha vida — informei depressa, acreditando oferecer a desculpa perfeita para meu devaneio, mas não pareceu fazer muito sentido para ele, é claro.

— Você vai almoçar comigo? — perguntou mais uma vez com sua calma de sempre.

— Ah, é! Já tinha me esquecido. Tudo bem, eu vou sim. Mas preciso me trocar, se não se importa.

Me trocar! Droga!

Segurei o ar e olhei para baixo, avaliando meu estado, quando me lembrei de que ainda estava vestindo meu pijama, com o qual jurei passar o dia, disposta a permanecer na cama sem sair do quarto. Fechei a porta na cara do Príncipe quando me dei conta da minha condição.

— Me desculpa, Edwin. Eu não estou vestida apropriadamente! — gritei, encostada a porta, morrendo de vergonha por ter sido vista tão vulnerável como estava.

— Eu achei seu pijama de bolinhas lindo! — Edwin respondeu com a voz abafada pela madeira e pela gargalhada dele.

Abri a porta indignada e o encontrei com os ombros balançando, devido às risadas que ele tentava controlar em vão. Cruzei os braços e me voltei a ele, séria.

— Não teve graça. Você dorme de terno, Alteza?

— Eu vou aguardar você se trocar. Eu espero aqui, sentado. — Ainda tentando segurar o riso e com o olhar fixo no meu rosto, Edwin sentou no sofá da antessala.

Fechei a porta novamente e caminhei até o closet, escolhendo um dos meus vestidos mais bonitos para estar na companhia dele. Tomei um banho rápido, arrumei meus cabelos e me vesti. Contemplei-me no espelho, procurando defeitos na minha aparência, ainda me sentindo um pouco desapontada por nutrir sentimentos pelo Príncipe. Eu não era em nada parecida com a Princesa Cloe, ou como qualquer mulher da nobreza. O vestido floral rodado e a trança me davam um ar mais juvenil, deixando-me menos mulher e mais menina. Resumindo: menos parecida com a mulher/princesa que Edwin precisava ao seu lado.

— Tanto faz — resmunguei para mim mesma, ainda encarando minha imagem simples refletida.

Quando abri a porta, para meu desespero, Edwin exibia seu sorriso precioso, como eu amava.

— Já estava preocupado, ponderando se você tinha se perdido aí dentro — brincou apontando o dedo para o interior do quarto, tentando me deixar mais à vontade, talvez percebendo minha desilusão. — Podemos ir?

— Sim — respondi sentindo meu coração disparar com sua aproximação.

— Por favor, senhorita — orientou-me com um gesto a tomar seu braço.

Nós caminhamos, mas ao invés de descermos os degraus, Edwin me levou para o andar superior. Eu não fazia muita questão de quebrar o silêncio existente durante o trajeto, travando em minha mente uma batalha para tentar afastar de mim, de alguma forma, o deslumbramento por estar perto dele e por sentir seu perfume invadindo minhas narinas e meu cérebro. Apenas quando chegamos em frente à porta dos aposentos dele, dominada pela surpresa, questionei o que estávamos fazendo ali.

— Preparei um almoço diferente hoje — Edwin respondeu, adentrando comigo no quarto. — Você fez eu me lembrar de como me esqueço de aproveitar alguns privilégios da minha vida.

Olhei para a varanda e lá havia uma mesa posta no centro. Uma flor amarela compunha a decoração, combinando com os guardanapos da mesma cor. Olhei para o Príncipe e seus olhos continham um misto de alegria e expectativa, enquanto analisava as minhas reações.

— Te surpreendi? — indagou, abaixando o braço de apoio e segurando minha mão.

— Sim! — *Fica muito difícil fugir dos meus sentimentos com você sendo tão fofo e carinhoso, Edwin.*

— Fico muito feliz, então!

Sem eu esperar, a mão de Edwin me conduziu, fazendo-me dar um giro completo, parando de frente a ele. Eu já tinha falhado de todas as formas possíveis em querer ficar longe e naquele momento eu me senti a Princesa daquele lugar, esquecendo-me até da minha aparência simplória. Faltava apenas a fada madrinha para transformar meu vestido em um vestido de baile para tudo ficar completo.

— Sabe do que me recordei agora? — Edwin perguntou ainda segurando minha mão, encarando-me de frente. — Você havia assegurado, se não me falha a memória, de nunca dançar na frente de um Príncipe, e fez isso na frente de dois.

— Bom, foi um momento de expressa espontaneidade, mas garanto não proporcionar ao senhor a visão das minhas danças bobas novamente,

Alteza.

— Eu achei o máximo! Você precisa me ensinar aqueles passos. Posso acrescentar no próximo baile, tenho certeza que fará sucesso — Edwin brincou, replicando alguns gestos com as mãos, divertindo-me com sua imitação exagerada.

— Eu não vejo a hora de ver sua desenvoltura na pista de dança, Edwin.

— Qualquer dia eu darei a você essa honra — respondeu, puxando a cadeira para eu me assentar. — Mas, por hora, vou me concentrar em aprender seus passos.

— Você dança, luta, manuseia a espada com destreza. Quais dotes e atributos reais você possui que ainda não é de meu conhecimento?

— Eu sou um homem bem dotado — Edwin sentou-se e, desdobrando o guardanapo, respondeu com naturalidade. — Falo cinco línguas diferentes, tenho uma facilidade enorme com contas, sou um bom atirador, apesar de não desejar nunca precisar usar uma arma, gosto muito de lutas esportivas, principalmente as de espada, toco piano, amo equitação e sei fazer um delicioso *scone* para acompanhar o chá da tarde.

— Meu Deus! Edwin, você é mesmo real? — questionei, cutucando seu braço para me certificar de que ele era de verdade.

— Talvez eu seja apenas fruto da sua fértil imaginação, senhorita Davies. — Edwin com um gesto, pediu para servirem nosso almoço.

Enquanto apreciava o delicioso peixe com batatas, eu indagava impressionada ao Príncipe sobre sua extensa lista de qualidades, não perdendo a oportunidade de brincar com alguma delas. Em determinado momento, um pouco antes da sobremesa, Esra foi mencionado em sua habilidade com arco e flecha.

— Vocês parecem ser bem unidos — afirmei, percebendo como Edwin sempre falava com entusiasmo sobre o irmão.

— Sim, é verdade. Apesar de não compreender minhas escolhas e decisões, ele me respeita, assim como eu o respeito, mesmo tendo atitudes das quais eu julgo serem erradas. Mas eu espero pacientemente pelo dia que Esra reconhecerá seus erros e espero não ser tarde demais. Temo que ele faça alguma bobagem incorrigível — Edwin confessou e bebeu um gole de água de sua taça.

— Você diz em relação às mulheres? Ele parece ser um galanteador.

— Exatamente! — exclamou e soltou um longo suspiro, demonstrando se afetar com aquele assunto.

— E a senhorita Thomas? — perguntei, tentando ser o mais espontânea possível, mas falhei, como sempre, pois Edwin me encarou surpreso. — Onde ela está?

— Bem — Edwin sorriu com satisfação —, digamos que meu irmão me desafiou ontem, querendo me forçar a fazer algo precipitado, mas, no fim, ele é quem precisou pagar sua aposta. Estela está agora passeando com ele em algum lugar da cidade e, se a conheço bem, deve estar histérica.

— Eu pensei ter ouvido Esra dizer que ela não queria vê-lo.

— E não quer. Mas ele sabe usar meios persuasivos para convencer as pessoas. Eles não retornarão tão cedo para o Palácio.

— Você a conhece bem? — Levei o copo até os lábios, tentando manter minha falsa despretensão.

— Desde criança. Estela é filha do embaixador do Reino Integrado em Hawis. Ela tem sangue Lies, ainda que não faça parte da monarquia atual. Ela é prima do pai da Princesa Cloe, filha do Duque Thomas, irmão do falecido Rei James.

— Tudo bem, deu um nó na minha cabeça. Mas entendi, ela é alguém importante. Por isso sua mãe quer que você se case com ela...

Anne e sua boca grande!

Edwin me encarou sério. Desviei meu olhar para o prato de comida desejando desesperadamente ser interrompida por alguém. Mas ninguém apareceu.

— É complicado — Edwin, por fim, pronunciou. — Minha mãe não compreende meus motivos para esperar. Ela acredita que eu estou tentando fugir das minhas responsabilidades e, por isso, tenta de todas as formas encontrar algumas pretendentes para mim, mas não faz isso por mal. Estela nunca... — Edwin pigarreou, um pouco incomodado, antes de prosseguir e eu continuei sem encará-lo. — Ela nunca escondeu o interesse dela por mim e minha mãe se aproveita da situação, tentando forçar algo que nunca existirá.

— A vista aqui é linda inclusive de dia! — Mudei de assunto descaradamente, tentando esconder a frustração de ouvir aquelas revelações. Levantei e segui até o parapeito, tentando manter o foco na beleza dos jardins vistos da sacada.

Eu permaneci em silêncio, concentrada em um pássaro voando no céu. Edwin se aproximou e apoiou os dois braços sobre o parapeito ao meu lado.

— Anne? — com a voz suave e um pouco inseguro, Edwin chamou minha atenção, sem olhar para mim.

— Hum? — respondi com um murmúrio, ainda observando a ave, mas sem tanto interesse, já que Edwin tomava para si toda a minha consideração.

— Eu estou em uma situação extremamente complicada. Preciso tomar uma decisão, mas não tenho certeza se estou certo. Eu estou orando, Anne. Oro a todo instante, porque eu não quero fazer algo de acordo com meu próprio entendimento, apenas porque eu sinto. — Edwin deu um longo suspiro. — Eu preciso ser prudente. Você tomaria uma decisão que mudaria toda a sua vida sem ter a certeza de ser a direção certa, o plano do Senhor para você?

— Não, Edwin. — Minha voz saiu falha e eu tinha a plena certeza de que faltava ar em meus pulmões.

— Eu preciso que você entenda uma coisa. Anne... — Edwin se calou e parecia arrependido de ter falado além do que havia planejado. Ele passou a mão sobre os cabelos, deixando claro, com aquele gesto, sua insatisfação por não poder continuar expondo de forma clara e objetiva seus pensamentos.

— Não precisa falar nada, Edwin. Eu compreendo você! Nossas vidas devem estar inteiramente nas mãos de Cristo e a vontade Dele deve prevalecer, seja ela qual for. E eu admiro isso em você, de verdade. Obrigada por ser um exemplo para mim.

Eu não sei de onde aquelas palavras surgiram, mas elas vieram, e eu disse tão segura, tão firme e verdadeira, que Edwin me abraçou. Eu retribuí o abraço, sabendo do meu arrependimento futuro pelo gesto, mas sentindo uma plena satisfação por compreender todo o significado daquilo.

Assim como eu, Edwin buscava do Senhor um direcionamento sobre nosso envolvimento em relação ao afeto surgido com nossa aproximação. E a atitude dele apenas me fazia admirá-lo cada vez mais.

— Perdoe-me se eu falei mais do que devia e confundi você — manifestou depois de nos afastarmos.

— Eu estou acostumada com isso. Minha vida é uma constância de arrependimento por não medir meus atos, esqueceu? — questionei em tom divertido, mudando o clima tenso do momento.

— Impossível me esquecer. — Ele me puxou de volta para a mesa e nos assentamos novamente. — Agora vem a melhor parte. Os doces!

Em pouco tempo, nossa mesa estava repleta de variados tipos de sobremesas. Olhei para Edwin e, provocando-o, peguei uma boa quantidade de creme de chocolate com o meu dedo indicador.

— Você não vai fazer isso! — advertiu quando viu que eu levaria o dedo a boca.

— Não só vou, como você também vai — confirmei as suspeitas dele e ele tampou os olhos, rindo envergonhado enquanto eu provocava a temível guerra mundial pela falta dos meus modos. — Agora você, Alteza. Ninguém vai saber, será um segredo nosso.

Ainda com a mão na testa, Edwin me olhou com incerteza. Eu o incentivei e depois de muito insistir, ele fez o mesmo que eu.

— Isso não é legal! Eu não acredito que fiz isso! — Com o auxílio do guardanapo, ele limpava a sujeira do restante do creme nas mãos.

— Agora eu sou guardiã de um segredo horrível seu. O Príncipe comeu creme de chocolate utilizando os dedos no lugar dos talheres.

Nós dois começamos a rir intensamente. Demoramos a conseguir nos concentrar novamente, e mesmo assim, várias vezes enquanto comíamos os doces, as risadas retornavam, nos divertindo de uma forma boba naquele momento.

Capítulo 36

Depois do nosso almoço, acompanhei Edwin até seu escritório. Ele precisava assinar alguns documentos ainda naquela tarde e fez questão da minha companhia, impedindo-me de retornar para meu quarto.

Estávamos sentados lado a lado, em frente à mesa dele, quando o nome de Helena foi anunciado. Edwin permitiu sua entrada e a mulher não conseguiu esconder a surpresa por me ver ali, sentada junta a ele. Algo nela me incomodava e apesar de não saber dos motivos, eu tinha certeza: a governanta era a única funcionária daquele lugar que não gostava realmente de mim.

— Desculpe perturbá-lo, Alteza — Helena disse e se encurvou em uma rápida reverência. Os olhos frios dela foram postos em mim antes de continuar. — O senhor não me inteirou sobre uma visita e parece existir um grupo esperando no portão principal.

— Ah, é verdade! — Edwin exclamou e pegou o calendário na mesa, conferindo a data. — Perdoe-me, Helena, eu me esqueci completamente de informá-la sobre isso.

— O senhor deve ter se esquecido também o meu pedido de folga para a tarde de hoje. Eu tenho horário, e não posso remarcar minha consulta. Devo pedi-los para retornarem em outra hora? — questionou, tentando controlar a voz autoritária e o desgosto por eu estar presenciando seu diálogo com o Príncipe.

— Não será preciso. Por favor, tire sua folga. Apenas informe Madame Samovier. Ela e Zac podem guiar as crianças na visita — Edwin ordenou e sem esperar resposta da mulher, virou-se para mim, oferecendo-me sua atenção.

— Com licença, Alteza.

Helena se retirou e eu levantei as sobrancelhas, esperando Edwin esclarecer mais detalhes sobre a tal visita, atiçando minha curiosidade.

— Eu acabei me esquecendo de contar para você também. Você se lembra da carta que escreveu para o *Recomeço*?

— O abrigo? — Empolguei-me ao ouvir a menção das crianças órfãs.

— Exatamente. Nós sempre abrimos o Palácio para visitação de escolas e organizações em abril, perto das comemorações pela festa da Chegada. Porém, eu recebi uma ligação e fui informado de como as crianças ficaram emocionadas com sua carta e pediram que eu abrisse uma exceção para trazê-las para visitarem o castelo. Aprovei prontamente, achando uma excelente oportunidade. É bom aproveitar o interesse delas para aprenderem história.

— Ah, que lindo! — expressei emocionada tombando minha cabeça para o lado enquanto encarava Edwin, apaixonada. — As crianças e sua atitude, quero dizer... Que legal.

— Eu li suas cartas e amei todas elas — Edwin me assegurou. — Foram muito importantes para mim também, cada uma delas. Isso é um projeto pessoal, ninguém sabe além de você.

Saber daquilo causou um verdadeiro reboliço dentro de mim. Ele me havia confidenciado algo pessoal, manifestando sua confiança em mim. Não pude fazer mais nada além de suspirar para tentar acalmar meus ânimos. Enquanto me recordava da carta, meu coração foi se aquecendo, como se Deus estivesse trabalhando de alguma forma dentro de mim.

— Edwin, permita-me acompanhar o grupo? — Ele me encarou, surpreso com meu pedido. — Eu sei que você planejou passarmos a tarde juntos, mas seria uma experiência significativa para mim. São apenas crianças e eu conheço o peso carregado de não terem mais os pais por perto.

— Eu nunca negaria um pedido seu. Não se preocupe, pode ir tranquila para seu passeio. — Levantei imediatamente, contente por enfim conhecer as carinhas por quem eu havia orado nos últimos dias. — Quando eles partirem, retorne, preciso falar algo para você.

— Ah, Edwin! Você sabe como eu sou curiosa. — Cruzei os braços, indignada e lancei um olhar ameaçador, fazendo-o rir de mim.

— Sei sim, porém, as crianças estão te esperando — disse e apontou para a porta, provocando-me com suas expressões, mais parecendo um pai lembrando a filha de suas responsabilidades.

— Tanto faz! Nem quero saber mesmo. — Em uma atitude impensada e infantil, coloquei a língua para fora, fazendo-o gargalhar com minha atitude “madura” e brincalhona.

Ainda ouvindo a risada alta dele, retirei-me à procura do grupo. Cheguei ao jardim e meu coração bateu muito forte quando avistei um pequeno grupo composto por duas mulheres e cerca de 10 meninas, aparentando entre cinco e doze anos. Analisei cada carinha e precisei segurar o choro enquanto me aproximava de onde Samovier dava algumas instruções para a mulher mais velha, na faixa dos cinquenta anos, aparentando ser a responsável pelo grupo.

Respirei fundo e encarei os rostinhos cheios de expectativa que observavam encantadas a enorme torre principal do castelo.

— Oi, meninas, eu sou a senhorita Davies. Estou aqui para acompanhar vocês nessa grande aventura pelo Palácio Real de Kent. — Abaixei-me, ficando da altura das meninas, conseguindo a atenção delas para mim. — E vou contar um segredo: aqui mora um Príncipe!

Enquanto as meninas riam e davam pulinhos de alegria, Madame gentilmente me apresentou para a mulher, coordenadora do abrigo. Apresentações feitas, informei a Samovier meu desejo de conduzir as crianças e começamos nosso passeio.

Enquanto as guiava pelos jardins, fiz questão de aprender o nome de cada uma, elogiando-as individualmente. Eram tão lindas e tão jovens! Meu coração se encheu de compaixão por vê-las já vivenciando o pesar de perder quem mais amavam, pessoas tão importantes na formação e crescimento de cada uma.

Depois de me divertir brincando com elas pelos jardins, provocando risadas sinceras e entretendo-as com minhas danças e encenações, nós adentramos pela porta principal. Os olhinhos curiosos rodeavam por todos os cantos do salão de entrada e elas pareciam estar dentro de um conto de fadas, vivenciando um sonho de criança. Lembrei-me da minha primeira vez ali e, assim como elas, dediquei um tempo para desfrutar novamente das belezas do lugar.

— Senhorita Davies — Geórgia, uma pequena dos cabelos loiros e encaracolados me chamou, com sua doce voz. — Onde o Príncipe está?

— Geórgia! — a coordenadora a repreendeu de forma amorosa. Como uma mãe, advertiu: — O Príncipe é muito ocupado, não devemos incomodá-lo.

— Desculpe-me, mestra. — Geórgia abaixou a cabeça um pouco envergonhada.

— Não precisa se desculpar, pequena — informei enquanto me abaixava, até ficar da sua altura e encarar seus olhos puros. — O Príncipe Edwin está ocupado, no escritório dele. Mas quem sabe a gente o encontre passando pelo nosso caminho?

— Como eu vou saber que é ele? — a menina perguntou, fazendo-me rir de sua inocência.

— Bem, ele é muito bonito e está vestido com um terno preto. Se você o vir, vai saber que é ele — assegurei e me emocionei ao conseguir arrancar um sorriso esperançoso da menina.

Continuamos nossa visita e fiz questão de levá-las até a biblioteca, onde passamos algum tempo juntas conversando sobre os livros. Todas amavam as histórias de princesas e me relataram os detalhes de seus contos preferidos. Sentamos no chão enquanto compartilhávamos conhecimentos sobre as rainhas e princesas de Cibele.

— Você conhece a princesa Cloe? — Evie, a mais velha do grupo me questionou, com os olhos brilhando.

— Eu ainda não a conheço pessoalmente, mas ela é tão linda! Será nossa futura rainha. Madame Samovier a conhece — respondi, apontando para a senhora que ficou sem graça quando foi questionada por várias vozinhas de uma só vez. Vendo a agitação instaurada, levantei e convidei as meninas a fazerem o mesmo em socorro à Madame. — Vamos lanchar? Eu estou com muita fome!

Atendendo ao pedido da coordenadora para fazer um piquenique com as crianças no jardim, proporcionei a mim mesma uma imensa alegria com minhas doces recordações. Mamãe amava sentar sobre o tecido ao ar livre para apreciarmos em família uma refeição. Poder compartilhar de um momento tão agradável e alegrar um pouquinho a vida das meninas era gratificante.

No caminho, Geórgia parecia pensativa e, notando sua inquietude, questionei baixinho o motivo de seu silêncio.

— Eu não vi o Príncipe — ela lamentou, fazendo meu coração se apertar.

Sem pensar duas vezes, saí apressada, abandonando o grupo aos cuidados de Samovier.

— Edwin, por favor, preciso de você lá fora! — falei quando irrompi no escritório.

— O que aconteceu? — Edwin questionou enquanto me via caminhando até ele afoita.

— Tem uma menina linda, uma verdadeira princesa, que deseja conhecer o Príncipe. Por favor, faça essas crianças, ao menos hoje, um pouco mais felizes — pedi e estendi a mão para ele, torcendo para que aceitasse minha proposta mal explicada.

— Tudo bem! — Edwin segurou minha mão e se levantou. — Mas já vou avisando, eu não levo jeito com crianças. Nunca sei como agir na presença delas.

— Ora, isso é fácil! Basta você tratá-las como você me trata — repliquei, já o puxando para fora do escritório.

Edwin riu, mas me seguiu. Quando chegamos até o jardim, as mulheres foram tomadas por um grande susto ao avistá-lo, fazendo uma reverência às pressas, ainda em choque. As crianças olharam para nós, ambos parados em frente ao tecido já estendido ao chão.

— Senhoritas, apresento a vocês o Príncipe Edwin — comuniquei, fazendo um sinal com as mãos, indicando o homem ao meu lado.

Ao contrário do esperado, as meninas permaneceram com a expressão indiferente. Olhei para Edwin e ele mantinha a postura de autoridade de sempre. Tentei dizer a ele com o olhar para tentar parecer menos rígido e agir com carinho, mas ele não entendeu nada das minhas insinuações.

— Crianças, quando estiverem na presença de alguém da realeza, precisam fazer uma reverência. Por favor, fiquem de pé e reverenciem o Príncipe — a coordenadora instruiu as meninas e nem as mesuras desajeitadas fizeram o príncipe sorrir, pelo contrário, Edwin parecia nervoso.

— Senhorita Davies — Geórgia me chamou baixinho —, ele não parece o Príncipe.

— Por que não? — indaguei sem compreender o motivo de sua conclusão incoerente.

— Ele não tem uma coroa — respondeu como se fosse algo óbvio, fazendo as outras concordarem com sua afirmação.

Olhei para Edwin, esperando uma reação dele. Depois de muitos olhares, gestos e insinuações ele entendeu meu recado.

— Bom, existem algumas regras e protocolos para que um Príncipe use a coroa, e, infelizmente, a minha está em Hawis — Edwin respondeu sem jeito.

As meninas olharam para ele, sem esconder a decepção por estarem à frente de um príncipe descoroado. Eu segurei o riso assistindo a cena de Edwin, desajeitado, inerte diante dos murmúrios e da frustração das crianças. A coordenadora assumiu a frente da situação, fazendo as crianças sentarem e serviu o lanche para elas. Mas os olhares ainda estavam sobre ele, em pé, com as mãos para trás em sua postura intimidadora. Aproximei-me e fiquei do lado dele.

— Eu pedi para tratá-las como você me trata — sussurrei. — São crianças, não membros do Conselho. Dá para ser o Príncipe fofo e carinhoso que eu conheço e mudar essa sua pose?

— Eu te disse, não sei agir com crianças — replicou, mas mudou a postura, tornando-se menos ameaçador.

— Eu posso ir ao seu escritório?

Edwin assentiu com a cabeça e eu o deixei sem maiores esclarecimentos. Dentro do armário peguei alguns papéis, tesoura e cola, e usei meus dotes artísticos para fabricar uma coroa. Voltei para o jardim e encontrei Edwin conversando com as duas mulheres. Aproximei-me discretamente e ouvi quando elas agradeceram pelo encorajamento e pela importante doação. Meu coração acelerou quando entendi o porquê da gratidão: Edwin havia ajudado financeiramente a instituição. Era esse seu projeto pessoal.

— Problema resolvido, Alteza. — Coloquei a coroa de papel amarelo em cima da cabeça de Edwin, que mudou a expressão, sorrindo da minha solução. — Crianças, o príncipe agora tem coroa. — Ajeitei-me e pigarreei antes de apresentá-lo novamente. — Meninas, esse é Sua Alteza Real, o Príncipe Edwin Hawis.

As meninas abriram sorrisos e cochicharam entre si, achando graça da coroa improvisada.

— São crianças, Edwin. Faça a diferença na vida delas hoje — sussurrei novamente e ele sorriu ao me olhar com ternura.

— Senhoritas, fico contente em ter um grupo de garotas tão bonitas enfeitando nosso jardim. Há tempos o palácio não era visitado por tão belas jovens — declarou tentando ser mais atencioso.

— Príncipe! — uma das pequenas o chamou, levantando o dedinho indicador. Edwin encorajou-a a falar. — O senhor tem uma princesa também?

Como num efeito cascata, todos os olhos voltaram-se a Edwin, aguardando uma resposta, inclusive os meus. Ele pensou por um breve instante antes de responder com seu sorriso precioso e as covinhas a mostra.

— No momento meu Palácio está rodeado de princesas. Podem não ser filhas do Rei Edmund, assim como eu, mas são filhas do Rei dos Reis, o primeiro e único, nosso Senhor. Então, todas vocês são minhas princesas.

As meninas não esconderam a empolgação por ouvirem aquela afirmação preciosa partindo dele. Em meio à agitação, continuaram a lanchar e não demorou para Edwin estar sentado junto delas, fazendo meu coração pular dentro do peito por assistir a cena da entrega dele, dando atenção a cada uma daquelas pequeninas almas.

No fim da visita, após elas se despediram e partiram, ele me olhou cheio de carinho, quando ainda estávamos no jardim.

— Não fui tão mal assim. Não foi tão difícil como pensei.

— Não mesmo, Edwin. Você foi incrível! E ouvir você dizer a elas que eram suas princesas, por serem princesas do Senhor, foi o ponto alto de toda a minha estadia aqui. Eu nunca vou esquecer isso e como me emocionei vendo a carinha delas.

— Você também é minha princesa! — Eu não estava preparada para ouvir aquilo. Prendi o ar e desviei o olhar, sentindo meu rosto arder. Fui tomada pela vergonha e ele percebeu, tentando consertar sua fala e fechar probabilidades de um errôneo entendimento. — Porque é uma princesa do Senhor também, então é minha princesa, como as meninas.

Minha situação piorava na medida em que eu percebia como ficava cada vez mais vermelha e envergonhada. Tampei o rosto com as mãos, desejando desaparecer da frente de Edwin. Ele coçou a cabeça, um pouco sem graça, depois tocou meu ombro, deixando sua mão ali.

— Ei, você não precisa ficar tímida comigo. Eu não queria deixar você envergonhada, sinto muito.

— Não fala mais nada, por favor — supliquei, rindo de nervoso do meu embaraço. — Você pode se virar?

Edwin se esforçou para permanecer sério e segurar o riso contido, mas fez como pedi, ficando de costas para mim. Aos poucos consegui me

recuperar do meu súbito ato de exposição ao ridículo novamente na frente dele. Respirei fundo muitas vezes, acalmando-me lentamente.

— Eu preciso te falar uma coisa — Edwin me informou, ainda sem se virar. — Eu estou indo para Hawis ainda hoje e só volto no domingo.

— Eu vou embora domingo! — respondi sentindo uma decepção por me afastar dele e por frustrar nossos planos para os meus últimos dias ali. — Pode se virar, Edwin.

— Eu sei — falou, virando-se. — Mas eu não tenho escolhas. Tenho três reuniões e não há como fugir. Você pode ficar...

— Já falamos sobre isso! Domingo eu estou partindo. — Neguei com a cabeça sua sugestão, interrompendo-o.

— Tudo bem, eu compreendo e não vou discutir esse assunto novamente. — Edwin suspirou e depois sorriu. — Ainda temos algumas horas. Quer dar uma volta?

Capítulo 37

— Vamos fazer um baile de despedida — Oliver me informou com o rosto transparecendo a empolgação por me dar a notícia. — Está tudo organizado.

— Joshua já se dispôs a cozinhar e juntamos um montante entre os funcionários para arcar com os custos — Zac completou, também entusiasmado.

— Deus! De onde tiraram essa ideia? — Olhei desconfiada, alternando o olhar entre os dois a minha frente e ficou visível que aquele assunto ainda não havia terminado.

— Edwin sempre permite comemorações no refeitório, desde que cumpramos com as regras. Sem bebidas alcoólicas, sem excessos, dentro do horário. Constantemente organizamos alguns bailes entre funcionários. Avril estava comentando sobre nossa última festa, que aconteceu há alguns meses e essa ideia surgiu — Zac explicou paciente, terminando seu discurso com um de seus lindos sorrisos.

— Um baile de despedida! Vamos lá, Anne, anime-se com a gente. Precisamos de você para ajudar nos preparativos — Oliver implorou, segurando minha mão.

— Eu acho uma excelente ideia, sabe como amo festas assim. Entretanto, quero ter certeza de que não terão problemas. Já me sinto mal por terem usado o dinheiro de vocês, não quero carregar a culpa de levarem uma bronca — falei por fim, recebendo um beijo exagerado de Oliver enquanto Zac observava nossa interação.

— Pode confirmar com minha mãe, não há motivo para preocupação. Estão todos muito animados com a perspectiva de uma festa, tendo vocês dois como motivação principal da comemoração. Vocês são

queridos por todos os funcionários do Palácio. — Zac começou a caminhar devagar, levando eu e meu irmão a acompanhá-lo.

— Além do mais, todo mundo acredita que você retornará logo — Oliver sussurrou em meu ouvido, em mais uma de suas insinuações.

— Isso não é algo a ser discutido, Oliver. Por favor, eu já expliquei para você muitas vezes e não quero precisar repetir de novo.

— Não depende de você! Eu compreendi muito bem e não tocarei nesse assunto — Oliver afirmou compreensivo, segurando minha mão.

Nós três continuamos nossa caminhada até encontrarmos Madame Samovier. Antes mesmo de eu questioná-la, a própria senhora iniciou um relato detalhista dos preparativos para a festa dos funcionários no sábado à noite. Todos estavam empolgados, oferecendo ajuda, buscando proporcionar a mim e a Oliver uma experiência diferente na nossa estadia no Palácio. Mencionou com ênfase o fato de eu obter uma admiração geral.

Dei-me por vencida e logo estava envolvida nos arranjos da tão esperada festa. Aquilo era bom para mim, porque passear pelo Palácio sem ter a possibilidade de encontrar Edwin estava sendo bem difícil. Precisava admitir como ele me fazia falta.

— O Palácio vai ficar tão monótono novamente quando vocês se forem — Samovier lamentou entretida com o recorte de alguns tecidos, os quais faziam parte de uma pequena decoração. — Desde quando chegaram tudo tem sido tão mais intenso. Você sabe como torço para que meu palpite esteja certo e esse castelo tenha a presença de vocês para sempre.

Eu poderia repreendê-la por novamente tocar naquele assunto delicado, mas sua declaração contendo tanto carinho me levou a optar de apenas sorrir em troca.

— Quando Esra está por aqui, as coisas também ficam movimentadas, não é? — indaguei, mas na verdade, se tratava mais de uma afirmação.

— Com toda certeza! Esse Palácio precisa de mais pessoas como você e Esra, trazendo mais sorrisos e diversão para esses corredores. Eu não gosto de tudo quieto e silencioso, muito menos de Edwin andando por aí, solitário.

— Sinto a falta dele — confessei, suspirando.

— Eu sei — Madame afirmou e sorriu. — Ao menos carregaram a senhorita Thomas com eles. E espero que não retorne.

— Ela é muito bonita, mas lhe falta muita educação. Não sei para quê classe, se abre a boca e demonstra tanta falta de sensibilidade e delicadeza — declarei com sinceridade, sentindo um profundo alívio por ela não estar mais por lá. — Eu fiz questão de me manter distante depois do incidente no terceiro andar. O que menos quero é confusão e ser alvo de uma senhorita ciumenta. Da nobreza quero distância!

Samovier sorriu se divertindo com minha declaração e eu a acompanhei. Era irônico dizer aquilo, já que eu estava orando, buscando de Deus uma resposta, justamente sobre um dos principais nobres do país.

— Quanto a isso não precisa se preocupar. Edwin não tem olhos para Estela — assegurou Samovier.

— Eu me pergunto qual terá sido a resposta dele quando ela contou sobre mim no quarto de estudos. — Pressionei os lábios, tentando imaginar ele justificando minha permissão para estar em um lugar tão reservado.

— De certo, ele deve ter desconversado. Edwin não revelaria sua importância na vida dele, sem ter a garantia de um envolvimento real entre vocês. Como você mesma disse, esses nobres estão acostumados a ter tudo o que querem, não importa como. Sua Alteza não confiaria uma informação dessas nas mãos de Estela.

— Você fala tão segura sobre o interesse de Edwin por mim — atestei encarando Samovier. — Não deveria fazer isso, a senhora sabe. Como você mesma disse, não existe um envolvimento entre nós e é melhor manter esse assunto dormindo, bem quietinho. Eu temo por meu coração, pelo dele e no momento até mesmo pelo de Oliver.

— Você está certa, Anne. Perdoe-me, minha querida. Eu deveria ter guardado somente para mim os meus pensamentos. Mas, eu não suportava a ideia de vê-la se retraindo, como se não pudesse ser suficiente para ele. — Samovier descansou a tesoura sobre a mesa, inclinou seu corpo em minha direção e me encarou séria. — Sei que te assusta o fato dele ser um Príncipe, mas Edwin é um homem, como qualquer outro. Tem seus defeitos, medos, inseguranças, tudo isso, muitas vezes escondidos dentro de sua pose de autoridade com a qual foi treinado a manter desde criança. Ele é uma pessoa incrível e eu estava orando muito para Deus usá-lo. Eu, Zac, Joshua, John, Steve, Mark, Evie e todos os demais cristãos daqui estamos orando há mais de um ano por ele, clamando ao Senhor para abrir os olhos de nosso Príncipe. Por esse motivo, não consigo crer que Deus não tenha traçado o trajeto de vocês até aqui.

— Uau! — Cruzei minhas mãos sobre a mesa, tomando um fôlego. — Eu entreguei nas mãos de Deus, Samovier. Estava ficando louca por pensar a toda hora nisso. Resolvi descansar no Senhor e oro quando eu penso nele. Mas algo dentro de mim me incomoda. Eu não estou pronta para enfrentar um futuro assim. Edwin pensa ser fraco, mas ele é forte, muito forte. Eu não suportaria essa pressão!

— Ele não sabe o quão importante é o lugar onde ele foi colocado e para que foi chamado. Nosso Príncipe só precisa entender, mesmo que todos estejam contra ele, o Senhor está com ele.

Eu concordei com a cabeça e nós duas retomamos as nossas atividades de recortar o tecido. No meu íntimo eu entendia como Deus havia me conduzido até o Palácio e existia um propósito para tal coisa acontecer, mas dentro de mim, eu apenas clamava para o Senhor não nos deixar tomar caminhos baseados apenas no desejo de nosso coração corrupto.

Os dias que se seguiram até o sábado foram marcados pelas expectativas de todos quanto ao baile. Nos corredores todos discutiam sobre roupas, músicas, a comida e todas as infinidades de possibilidades de acontecimentos para aquela festa.

— Você vai ter que dançar, Anne — Zac me avisou, sentado ao meu lado enquanto conversávamos sobre a *playlist* da festa.

— Se você me fizer companhia, pode ter certeza! Eu adorei essa ideia, de verdade. Faz meus dias serem menos tristes, com nosso retorno tão próximo.

— Você não é a única que está triste com a sua partida. Eu vou sentir muita falta de você e do Oliver — confessou um pouco desanimado.

— Ah, Zac. Você é um amor! — exclamei e sem medir meus atos, eu me inclinei para o lado dele e o abracei. Zac permaneceu imóvel e retraído, em choque pelo gesto inesperado, incapaz de retribuir o abraço. — Eu não mordo, nós somos amigos. Você pode me dar um abraço quando estiver muito feliz — informei quando me afastei dele e encarei seu semblante.

— Eu... Anne, eu sinto um pouco de constrangimento. Isso é estranho — Zac disse e cruzou os braços em frente ao peito, talvez temendo que eu o obrigasse a me abraçar.

— Compreendo. Mas, olhe — procurei os olhos dele —, eu tenho muita consideração por você e pela sua mãe. Vocês se tornaram minha

família, e não só para mim, para Oliver também. Zac, você se tornou uma figura masculina na vida de meu irmão e eu não posso pensar em uma influência melhor para ele. Eu amo muito vocês e não quero nunca me afastar.

O sorriso de Zac cresceu instantaneamente. Ele me encarou por longos segundos. Abriu a boca para falar, mas fechou, parecendo se arrepender antes mesmo de dizer algo. Porém, meu sorriso o incentivou a expor seus pensamentos.

— Nós nos veremos muitas vezes, Anne, visto que eu não pretendo me ausentar dos serviços ao Rei. Nós vamos nos cruzar por esses corredores para sempre. — Zac segurou minha mão delicadamente. — Eu tenho certeza, Anne! Você é a resposta das nossas orações. Desde aquele dia em que você chegou, eu tive a certeza de que Deus está enviando a nossa nova Princesa, e quando eu vi como Edwin se abriu depois de conhecer você, eu não tive mais nenhuma dúvida. Só você não via como estava tudo tão claro.

— Zac! — Tampei o rosto com as mãos, morrendo de vergonha por ele falar tão abertamente para mim sobre os meus sentimentos e de Edwin. — Esse não é um assunto permitido entre amigos.

— Tudo bem — respondeu se divertindo da minha timidez. — Vamos voltar a nossa *playlist.* — Ele olhou em meus olhos e o sorriso brincalhão denunciou o que viria depois. — Alteza!

— Vou fazer você engolir esse *Alteza* no baile — ameacei, mas não pude deixar de me encher de satisfação por ele demonstrar se preocupar comigo. — Só digo uma coisa: você deveria temer, caso suas suspeitas sejam reais.

— Temer?

— Quem vai mandar nesse palácio? — pronunciei, imitando a voz e o jeito de agir de Estela. — Poderei enviar você para a masmorra caso não cumpra todas as minhas exigências.

— Anne, você não existe! Vai ser a melhor princesa do mundo! — Zac disse em meio a gargalhadas.

— Shiiii. — Levei meu dedo indicador até os lábios e com o olhar autoritário ordenei a Zac para se calar. — Chega desse assunto. Nós não sabemos do futuro, então, não darei nada como certo. Eu mesmo não sei se isso é a vontade de Deus e nem mesmo me sinto pronta. Vamos morrer esse papo por aqui, Zac.

— Como quiser. Eu temo a masmorra.

Nós tentamos segurar o riso, mas foi impossível. Aquela brincadeira desencadeou milhares de outras, fazendo as horas que passamos juntos parecerem apenas alguns minutos. Eu estava cheia de gratidão a Deus por me proporcionar momentos tão preciosos como aqueles. Independente do futuro porvir, eu nunca esqueceria nenhum daqueles dias e de como foram todos tão importantes na minha vida.

Quando eu temi ficar muito triste por Edwin não estar em Kent nos nossos últimos dias no Castelo, o Senhor me surpreendeu, proporcionando uma incrível experiência para mim e Oliver. Desde cozinhar ao lado de Joshua, até passar pequenos momentos conversando com algum funcionário no corredor ou no refeitório. Os dias passaram rapidamente enquanto um clima de amor e amizade crescia entre todos, dentro das portas do Palácio Real de Kent.

Deus estava agindo e eu só me dei conta disso quando o dia do nosso baile de despedida chegou. Era para estarmos tristes por partir no dia seguinte, mas uma alegria sobrenatural invadia meu ser enquanto eu sentia cada gesto de cuidado e de carinho, tendo a certeza de que aquilo era a forma como Deus dizia:

“Filha, eu cuido de você!”

Capítulo 38

O vestido nas mãos de Oliver fez meu coração disparar, tomada por doces recordações, invadindo minha mente e proporcionando um prazer sem igual.

— Como você pegou isso? — questionei, ainda com a mão na boca, sem acreditar no que eu via.

— Zac me levou em casa e eu peguei. É para você usar hoje — Oliver explicou me encarando com ternura, aquele olhar tão parecido com o de papai.

Fui de encontro a meu irmão e tomei o vestido nas mãos. Desde criança, eu sempre tive o sonho de fazer uma festa de dezoito anos. Por anos planejei cada detalhe e comuniquei aos meus pais o meu desejo. Queria alugar um espaço grande, convidar todas as pessoas que eles conheciam, minhas poucas amigas, a nossa Igreja e comemorar em grande estilo, num sofisticado baile, com muita dança e trajes elegantes. Seria um dia perfeito, sem nenhum defeito. Contudo, nossa situação financeira não era propícia para uma festa de tal magnitude. Eu fiquei completamente decepcionada por frustrar meu projeto, mas compreendi e aceitei nossa condição.

No dia do meu aniversário, meu pai chegou em casa com um presente: aquele vestido. À noite, devidamente vestida, rodeados por pizza e doces, nós dançamos e nos divertimos na pequena sala de nossa casa, apenas nós quatro. Semanas depois, quando eles partiram, eu compreendi como sonhos de festas eram inúteis quando se tinha algo precioso e de graça sendo oferecido diariamente. Eu nunca me esqueci de agradecer a Deus por ter me dado um aniversário muito melhor do que eu fantasiei.

— Aquele dia foi inesquecível — Oliver interrompeu minhas lembranças. — Eu me recordo como se fosse hoje. Papai rodando você pela

sala, mamãe dançando comigo. Nós enchemos nossas barrigas de sorvete e fomos dormir tarde da noite.

— Ah, Oliver... — Olhei para meu irmão e num gesto instintivo, abracei o vestido, como se fosse possível reviver a ocasião e sentir novamente a presença de nossos pais.

— Você estava tão feliz, Anne. Seu sorriso era dos mais sinceros. Eu só queria... — A voz de Oliver embargou e uma lágrima solitária desceu por sua face. — Eu queria ver você feliz novamente, sorrindo como sorria enquanto papai embalava você e mamãe beijava nossa face.

Meu irmão, indo contra todas as bobas resoluções que ele impôs sobre ser homem e não chorar, estava na minha frente, desabando-se em lágrimas, soluçando, em um ato compulsivo e incontrolável. Larguei o vestido na cama e o abracei, apertando-o com toda força, enquanto chorava junto com ele.

Nosso sofrimento era o mesmo e ele não precisava me explicar seus sentimentos. Eu entendia plenamente como doía cada pedacinho do nosso corpo e alma. Depois de compartilharmos nosso pesar e colocarmos para fora a dor embutida, guardada em uma gaveta profunda de nossas almas, nós nos afastamos. Ambos com os olhos vermelhos.

— Eu amo você, Oliver. E ver você feliz tem me feito muito feliz. A dor existe, mas eu aprendi a conviver com ela, percebendo o consolo do Senhor nas pequenas coisas, dando-nos a força necessária para seguir adiante. Deus está com a gente e Ele tem se revelado a nós. Ele tem sido suficiente.

— Eu sei! Anne, eu não quero você presa à responsabilidade de cuidar de mim eternamente. Eu quero vê-la feliz, vivendo sua vida. Por favor, me prometa ser feliz — Oliver suplicou com os olhos ainda marejados.

— Eu nunca vou deixar de cuidar de você, nem quando você crescer — afirmei beijando a face de meu irmão. Meu olhar se repousou no vestido sobre a cama. — Muito obrigada por buscá-lo. Tomara que ainda me sirva!

— Você ficará linda como naquele dia.

— Agora, chega de choro! — Limpei minhas lágrimas e Oliver sorriu. — Hoje é dia de dança e alegria. Lembrei-me de um versículo — comentei, com o dedo indicador entre os lábios. Peguei minha Bíblia ao lado da cama e li em voz alta para Oliver:

“Eclesiastes 3: 1 a 4. 'Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu. Há tempo de nascer, e tempo de morrer; tempo de plantar, e tempo de arrancar o que se plantou; Tempo de matar, e tempo de curar; tempo de derrubar, e tempo de edificar; Tempo de chorar, e tempo de rir; tempo de prantear, e tempo de dançar;'”

Oliver me observava e eu me perguntei se ele entendeu quão profundo era aquilo. Fechei a Bíblia, ainda meditando naquelas palavras, sentindo como se Deus quisesse me falar algo. Voltei-me para ele satisfeita com aquela revelação vinda do Senhor.

— Nós já choramos muito. Hoje é tempo de sorrir e dançar! Vou me arrumar.

Depois de Oliver, Madame Samovier chegou acompanhada de outras duas funcionárias para me auxiliarem em meu *momento beleza*. Meu cabelo foi preso lateralmente, uma maquiagem leve destacou meu rosto de forma natural. O vestido de noite, preto com detalhes em branco, possuía a saia rodada, com comprimento ideal, um pouco abaixo do joelho, presa pela cintura. Era modesto e me deixava muito feminina. Admirei minha imagem refletida no espelho e não me contive.

— Nunca estive tão bonita assim. Vocês têm as mãos perfeitas — elogiei as meninas olhando-as pelo espelho. — Vocês também estão lindas. Hoje vamos nos divertir, como há tempos não me divirto.

— Tem mais uma coisa. — Madame se aproximou com um sorriso sugestivo de quem estava armando algo e entregou-me um saco de tecido. — Para o *look* ficar completo.

Desconfiada, abri a sacola e ri quando um sapato vermelho de salto se revelou.

— Eu não uso saltos há anos! — exclamei, pensando em negar, mas o olhar esperançoso das meninas não me permitiu seguir adiante. — Tudo bem, vamos de sapatos vermelhos. Sorte não serem tão altos.

Troquei minha sandália pelos saltos e dei umas voltas pelo quarto para me acostumar com eles. Olhei mais uma vez no espelho. Quando Oliver chegou, ele se impressionou com a mulher que ele viu.

— Quanto tempo eu não a vejo tão bonita, Anne. Quer dizer, você é sempre linda, mas está mais produzida do que o habitual, e sem exageros. Eu sou o homem mais sortudo do mundo por poder acompanhar essa gatinha até o salão — Oliver brincou, piscando para as meninas.

— Olha o respeito, menino! — Apertei suas bochechas, beijando-as logo depois.

— Então, vamos? — Samovier chamou e partiu, liderando o restante do grupo.

No topo da escada, apoiei-me nos braços de Oliver, evitando assim uma queda certeira. O fato de estar muito emocionada e a falta de familiaridade com sapatos de salto eram uma combinação perfeita para um desastre iminente. Chegando ao refeitório, a música envolvente nos alcançou, aumentando as expectativas para aquela noite que prometia.

Depois de admirar o resultado da decoração, simples, mas de bom gosto, não perdi tempo, unindo-me a meus amigos no centro do salão, onde uma roda se formava e corpos balançavam no ritmo de uma música bem animada. Zac levou a mãe até o centro da roda e Samovier, meio sem jeito, divertiu a todos com seu gingado modesto.

Em pouco tempo eu estava suando, rindo e me divertindo como não fazia há muitos anos. No meu íntimo eu conseguia sentir, através da alegria do momento, a benevolência de Deus. Aquelas pessoas, aquele lugar, o amor envolvente... Tudo só me apontavam para uma direção: Eu realmente estava em casa.

— Vamos fazer um duelo? — gritei para Zac e Oliver, minha voz abafada pelo som da música.

— Que tipo de duelo, senhorita? — Zac questionou, interessado na minha proposta.

— Duelo de dança, claro. Vem, Oliver! — Com o dedo indicador chamei meu irmão para meu time. — Monte seu time, vamos duelar.

— Você não deveria fazer isso, querida! — Zac provocou.

Em pouco tempo, formamos dois grupos e iniciamos uma batalha de danças. Entretanto, quando se tratava de Anne Davies liderando algo, era óbvio que não sairia do modo tradicional. No lugar de danças perfeitas e bem elaboradas, provocávamos a risada de todos, competindo quem fazia a dança mais boba de toda a noite. Inegavelmente, eu estava entre os finalistas, devido as minhas habilidades como “dançarina”.

Quando, por fim, nós cansamos, eu me sentei, aceitando de bom grado um copo de suco oferecido por uma das meninas da cozinha, recuperando o ar falho. Samovier sentou-se ao meu lado e nós duas contemplamos nossos meninos dançando juntos, animando o restante do pessoal que ainda brincava na pista, embalados pelo som da música.

— Zac é um homem muito especial, Samovier. E Oliver o ama tanto quanto eu. Sem dúvidas, Deus colocou vocês no meu caminho! — declarei e me agarrei ao seu braço.

— Ele é sim. Mas Oliver também é um menino de ouro. Você fez um excelente trabalho, Anne.

— Os dois são, e por isso eu me alegro sobremaneira com essa amizade. Zac será uma referência para meu irmão para sempre. — Fiz uma pequena pausa, observando atentamente Oliver. Seu rosto estava tão expressivo. Percebi como meu coração também estava repleto da mesma alegria que o envolvia. — Sabe, Samovier, eu estou vivendo um versículo da Bíblia.

— Qual? — Seu olhar era cheio de ternura, como sempre.

— Por muitos anos eu clamei para viver esse salmo: “Mudaste o meu pranto em dança, a minha veste de lamento em veste de alegria, para que o meu coração cante louvores a ti e não se cale. Senhor, meu Deus, eu te darei graças para sempre”.* E hoje eu posso dar graças ao Senhor por fazer a felicidade reinar sobre o meu pesar.

Eu e Samovier voltamos a admirar os dois e eu não pude evitar dar um grito após eles executarem um passo complicado em sincronia. Os aplausos soaram por todo o refeitório, todos admirados com o feito.

A animação estava no auge quando a gritaria foi substituída por murmúrios e as pessoas se retraíram quase que instantaneamente.

Virei-me para trás e senti meu corpo gelar, reagindo de imediato ao ver Edwin parado na entrada, alarmado com a cena diante de seus olhos.

— Edwin? — chamei-o num impulso desmedido. Ele então notou minha presença, mas não sorriu, talvez ainda atordoado com o episódio da nossa festa animada.

E agora?

O refeitório estava quase em silêncio, todos retraídos com a aparição inesperada do Príncipe, sem ter certeza de como deveriam agir. Zac, percebendo todo aquele estado de aflição, caminhou até Edwin, sorrindo.

— Alteza, voltou antes do tempo? — questionou quando se aproximou, fazendo uma reverência rápida.

— Fizeram uma festa? — Edwin analisou tudo a sua volta e pousou seu olhar em mim ao questionar.

— Despedida da Anne e do Oliver! — Zac confirmou as possíveis suspeitas do Príncipe.

Eu já estava planejando me levantar e tentar levá-lo dali, inventando mil desculpas para livrar os funcionários de uma bronca, quando Edwin, lentamente, abriu seu sorriso com seu olhar gentil direcionado a mim.

— E não me convidaram? — perguntou brincando, o tom de voz alto o suficiente para ser ouvido por todos.

— Até onde fui informada, o senhor retornaria apenas amanhã — Samovier interveio, carinhosa como sempre. Ela se aproximou dele e beijou seu rosto. — Bem-vindo de volta. Entre, sua presença será um grande acréscimo à nossa festa.

— Vamos voltar a animar, pessoal! — Zac gritou, mas não surtiu o efeito esperado. Estavam todos receosos com o aparecimento repentino.

Edwin se aproximou e eu temi me levantar, ciente de estarmos sendo observados atentamente por grande parte das pessoas no recinto. O Príncipe sentou do meu lado e tudo o que eu mais queria era o barulho de volta, fazendo a tensão diminuir e os ouvidos curiosos serem impedidos de bisbilhotar nossa conversa.

— Estão se divertindo sem mim?

— Com toda certeza estava mais divertido sem você — confessei com certa ironia, provocando o sorriso dele. — Você intimida todo mundo.

— Mas eu não fiz nada! — Ele se defendeu, levantando as mãos.

— A sua pose na porta. Até eu estava com medo — informei, imitando o olhar intimidador dele.

Edwin me encarou com a expressão divertida, sorrindo da minha sinceridade. Eu já não era capaz de negar a falta que suas covinhas e sua presença provocavam em mim. Naquele momento, desejei ter o poder de captar a cena do seu olhar amoroso para guardar dentro do meu coração. Talvez colocá-lo em um potinho bem fechado, para tê-lo para sempre comigo.

— Você quer alguma coisa? O Joshua fez alguns *muffins* deliciosos. Tem também creme de chocolate, mas sou suspeita para falar, porque eu amo creme de chocolate. — Edwin me lançou um olhar desacreditado e eu soube interpretar bem o significado. — O que foi? Você está na minha festa! Eu sou a anfitriã, mesmo estando na sua casa. Eu vou pegar algumas coisas para você, fica aí quietinho.

Enquanto caminhava rumo ao buffet onde estavam as comidas, tentei animar o pessoal, conversando com um e outro, mas não surtiu efeito. A presença de Edwin gerava constrangimento e ninguém queria arriscar a

se expor além do necessário. Ciente disso, eu sabia: não tinha jeito, eu precisaria passar vergonha para conseguir quebrar aquele clima.

Parei no centro, onde outrora fora a pista de dança, ajeitei meu vestido, respirei fundo e encarei Zac e Oliver, deixando clara as minhas intenções enquanto clamava por auxílio. Então, desempenhando uma das minhas melhores performances, comecei a dançar. Contudo, para o vexame ser completo, continuei na mesma animação de antes, mexendo freneticamente braços, pernas e — porque não? — a cabeça.

Após se contorcerem de tanto rir, Zac e Oliver tiveram misericórdia da minha mísera alma e se juntaram a mim, imitando meus passos dessincronizados, mas muito animados. Trocamos algumas palavras e, como combinado, dançamos uma das coreografias ensaiadas por nós com afinco, especificamente para nosso show particular, sem conseguir parar de rir. Apesar de não ousar olhar em direção a Edwin, eu pude imaginar sua reação ao interpretar os olhares e cochichos dos funcionários.

— Não olha agora, Anne, mas Edwin está nesse exato momento tendo uma crise incontrolável de risos — Oliver me informou forçando-me a virar em direção ao Príncipe.

Edwin se contorcia, com as mãos na barriga, rindo descaradamente do meu comportamento. Senti-me ridícula, mas, ao mesmo tempo, aliviada, porque aos poucos todos foram se descontraindo.

— Acho melhor eu o socorrer — informei aos meninos, deixando-os na pista de dança.

Munida de uma bebida e um prato com algumas das delícias feitas pelo chefe Harris, caminhei até o Príncipe com a sensação de dever cumprido, ao observar o clima de descontração assumir seu lugar na festa. Edwin, ao me ver, apertou os lábios numa clara tentativa de segurar o riso, precisando fazer um grande esforço para afastar da mente a lembrança da minha desenvoltura.

— Pode parar de rir. A culpa é toda sua — ordenei, entregando-o o copo e deixando o prato na mesa ao lado.

— É impossível não rir. Nunca mais vou me esquecer de você dançando. Anne, você é muito corajosa! — Edwin agradeceu pelo suco com um aceno de cabeça e eu me sentei do seu lado.

— Você voltou mais cedo!

Que bom, porque eu estava morrendo de saudades!

— Consegui convencer ao Rei a me liberar hoje. Se eu soubesse dessa festa, teria chegado ainda mais cedo — Edwin sorriu e falou baixinho. — Eu senti sua falta.

— Eu também — confessei, fazendo um esforço descomunal para não ficar vermelha.

— É bom saber disso — Edwin afirmou e segurou minha mão de forma discreta. — Hoje vou lhe proporcionar o prazer de uma dança com seu Príncipe.

— Eu não posso garantir que não pisarei em seus pés, Alteza. Mas você pode me acompanhar nos meus passos. Viu como eu danço bem?

Por um momento nós nos encaramos e tudo estava diferente. É como se nossos olhos pudessem revelar, por si só, nossos sentimentos. Eu estava tão envolvida naquele olhar, naquele momento só nosso, que demorei a perceber o carinho de Edwin em minha mão.

**Salmos 30:11e12*



— Anne! Anne!

Os gritos de algumas meninas interromperam meu contato com Edwin. Relutante, ele soltou minha mão e me virei em direção a elas. Os rostos das duas demonstravam arrependimento e minhas faces coraram de leve, quando percebi que talvez as pessoas estivessem nos observando naquele momento só nosso.

— Oi! — respondi, tentando parecer natural e alegre para dissipar o constrangimento.

— Por favor, você prometeu fazer uma imitação — uma delas alegou bem alto, fazendo outras pessoas acompanharem o mesmo pedido quando se deram conta do assunto referido.

Olhei para elas e sabia que eu não teria escapatória. Com Edwin ou sem ele, precisaria cumprir minha promessa, feita em alto e bom som no refeitório um dia antes. Minha fama de boa atriz já havia corrido por todo o castelo e quem ainda não havia tido a oportunidade de contemplar minha desenvoltura, queria ter a chance antes de eu partir.

— Tudo bem, tudo bem! — Abri os braços em rendição e a empolgação tomou conta de todos. Apontei para Edwin antes de me levantar. — Você, não me mate!

Ajeitei o vestido e o cabelo e caminhei até o centro. Desligaram o som e ouvia-se no meio do silêncio apenas uma ou outra sugestão para minha primeira representação.

— Por favor, Anne! Comece com a Olivia Wood — alguém pediu.

Achei uma excelente ideia iniciar com minha atriz nacional favorita. Eu já tinha intimidade em parodiá-la. Decidida a não olhar para Edwin e perder a coragem, iniciei com a cena famosa do filme que levou Olívia à fama em

Cibele. Arranquei risadas de todos e dali em diante fui emendando uma caracterização atrás da outra, divertindo-me muito com todos.

Em determinado momento, encarei Edwin atento a minha desenvoltura e tive uma ideia. Sem aviso prévio, arrisquei imitá-lo com o máximo de detalhes possíveis. Meus gestos similares foram claramente identificados como pertencentes ao Príncipe, que estava quase rolando no chão de tanto rir com minha atuação.

Após os aplausos, dos quais os de Edwin soavam forte, fiz uma mesura, agradecendo e colocando fim no meu momento bobo da corte. Porém, um grito ecoou no fundo.

— Anne, faça agora a senhorita Thomas! — Era Zac, provocando.

Eu neguei com a cabeça, mas outros pedidos seguiram a sugestão de meu amigo. Eu olhei para Edwin, e ele parecia curioso. Sabia que entregaria meus sentimentos ali, imitando a minha "rival", mas não consegui negar aos apelos.

"Encarnei" toda a delicadeza e exuberância da Estela, enquanto caminhava ao redor, jogando meus cabelos para os lados, como ela fazia quando queria ressaltar sua beleza e superioridade. Não conseguia pensar uma frase que não demonstrasse o interesse dela por Edwin, por isso, demorei a declarar algo.

— Agora chega com essa coisa toda aqui — falei com desdém, com a grosseria habitual com a qual ela tratava a todos. — Vamos voltar para a dança.

Joguei mais uma vez meus cabelos e caminhei até meu lugar onde outrora eu estava ao lado de Edwin, ao som de muitos aplausos.

— Agora eu quero ver o Príncipe dançar — gritei quando me posicionei ao lado dele. — Corre por aí um boato de que ele é um bom dançarino, então, eu preciso comprovar a veracidade dos fatos — provoquei, encarando o rosto dele, sorrindo para mim.

— E se eu não quiser? — respondeu minha provocação, cruzando os braços como uma criança quando faz birra.

— Eu conto o segredo do qual eu sou guardiã, em alto e bom som — comuniquei, referindo-me ao creme de chocolate e seu embaraço em quebrar as regras de etiqueta.

— Você é persuasiva quando quer — Edwin atestou e se levantou.

— Eu já me humilhei bastante esta noite, você pode me ajudar um pouquinho — articulei um tanto dramática e estendi a mão, indicando o

local onde ele poderia se exibir.

Meu coração estava descompensado. Ansiosa, assisti-o se posicionar, imaginando de antemão o que meus olhos contemplariam. Zac aproximou-se e juntos demonstraram um excelente desempenho na pista de dança. De início, Edwin permanecia um pouco hesitante e retraído, mas quando o som das palmas acompanhou o ritmo da música, o Príncipe se soltou, ousando arriscar alguns passos diferentes, não ficando para trás dos outros quatro que o acompanhavam. Eu precisei admitir, ele dançava muito bem, o que não era novidade, sendo essa apenas uma entre tantas outras qualidades das quais ele era possuidor.

Depois da primeira dança, outras se seguiram. Os momentos seguintes foram de descontração e já havia muita gente acompanhando a desenvoltura de Sua Alteza na pista de dança, inclusive eu.

— Preciso reconhecer, você dança muito bem, Alteza — elogiei, quando ele retornou para meu lado, depois de se livrar do paletó e da gravata.

— Eu lhe disse, tenho muitas habilidades — Edwin se gabou, fazendo-me rir.

A festa se estendeu por algumas horas. Eu me sentia mergulhada em um oceano de alegria extrema. Ao ver Edwin sendo ele mesmo, na frente de tantos funcionários, acreditei em uma mudança real sobre seus temores, que até então o assolavam. Lembrei-me da promessa feita para mim, sobre ele deixar as pessoas conhecerem quem ele era em Cristo e meu desejo era abraçá-lo e ficar para sempre dentro dos seus braços.

Quando a hora chegou, a festa terminou e as pessoas aos poucos foram retornando a seus aposentos, mas eu não tinha a menor pressa de voltar para o meu, considerando ser a minha última noite ali.

— Quer dar uma volta? — Edwin sugeriu e eu aceitei, segurando em seu braço. — Amei essa festa. Sem dúvidas, muito mais animada e divertida do que os bailes reais.

— Ah, claro. Nos bailes, não existem mulheres como Anne Davies exibindo suas palhaçadas. Eu seria rechaçada pela realeza.

— Você está linda — Edwin elogiou, pegando-me de surpresa. Eu engoli em seco, tentando parecer normal e não atingida em cheio com a declaração sem precedentes.

— Obrigada, Alteza — agradeci e fiz uma mesura. O príncipe olhou para os meus pés e sorriu.

— Você está usando um sapato de salto. Pensei ter ouvido de você que isso era a parte ruim da nobreza — declarou alegre, observando atentamente a minha reação.

— Pois é. Mas me convenceram e até que não foi tão mal assim.

Edwin me conduziu para a varanda principal. A lua estava esplendorosa e as estrelas no céu pareciam brilhar mais, de uma forma especial. Nós paramos no meio do espaço rodeado por flores, emanando seu perfume da noite, e ele se colocou à minha frente.

— A senhorita me dá a honra de uma dança? —Inclinando-se, com sua postura sempre perfeita, estendeu a mão.

— Agora? Quero dizer, sem música? — indaguei, surpresa pelo pedido inesperado.

Edwin apenas sorriu como resposta. Segurei em sua mão, ainda estendida, e meu coração bateu tão forte, que poderia muito bem ditar o compasso daquela dança. Com calma, ele se aproximou e, sem tirar os olhos dos meus, uma de suas mãos foi para minhas costas e a outra guiou a minha para o alto em um encaixe sublime. Quando toquei em seu ombro, Edwin me conduziu graciosamente, como um autêntico cavalheiro, guiando-me por toda a extensão da varanda, sendo observados apenas pelos poucos vaga-lumes existentes, emitindo suas luzes na escuridão da noite.

Descrever aquele momento é mais difícil do que especificar em palavras o sabor do meu doce preferido. Não há termos suficientes para expressar com efetividade o que se passou entre nós, naquele baile reservado, quando parecíamos completos, em um mundinho só nosso. Eu estava admirada com os passos perfeitos dele, a destreza e graciosidade ao me rodopiar e me trazer de volta para seus braços. Eu tinha a certeza de estar desfrutando do maior e melhor sentimento existente no mundo.

Por fim, Edwin acalmou os passos, apenas me embalando lentamente ao som da noite. Estávamos próximos, apesar do espaço decoroso existente entre nós. Encostei minha cabeça em seu peito, ainda sendo guiada pelo movimento de vai e vem de nossos pés. Eu podia sentir seu cheiro e ouvir as batidas de seu coração. Ciente de nunca ter me sentido daquela forma, eu não desejava nada mais além de permanecer assim para sempre. Eu não queria sair dali nunca mais.

— Anne, nós podemos conversar? — Edwin, por fim, quebrou aquele momento mágico entre nós. Entretanto, sua voz demonstrava um carinho sem igual, mesmo parecendo um pouco apreensivo.

— Claro — respondi ao afastar-me dele.

Segurando minha mão, ele me levou até o parapeito de metal, responsável em separar a varanda dos jardins. Nós nos encostamos sobre ele, observando a noite e as luzes refletidas nos jardins.

— Eu tenho tantas coisas para te falar — Edwin confessou de uma só vez, sem me encarar. — Eu sei que você está decidida a ir embora amanhã e eu gostaria de persuadi-la a ficar, contudo, na segunda eu preciso retornar para Hawis. Com a proximidade das festividades, eu fico atolado de serviços, então, talvez o melhor seja você ir para casa, por enquanto.

Fingi não compreender o "por enquanto". Ordenei, silenciosamente, meu corpo a funcionar corretamente, alertando para me lembrar de até mesmo respirar, enquanto Edwin ainda parecia ter muitas coisas a falar.

— Porém, se acontecer algo, mesmo eu não estando aqui, você pode retornar. Tudo bem? — perguntou e me encarou pela primeira vez, querendo se assegurar de que eu tivesse entendido seu recado.

— Não se preocupe — respondi e desviei meu olhar, temendo enrubescer meu rosto.

— E se você precisar de ajuda, Anne, eu estou aqui — Edwin tocou em meu ombro e um furacão surgiu dentro de mim, desses capaz de fazer grandes estragos. Eu precisava encontrar uma saída, antes de ser completamente consumida pelas consequências da desordem interna.

— Eu vou ficar bem, Edwin. Não precisa se preocupar! O Senhor cuida de nós.

— Tenho certeza que sim. — Edwin deu um longo suspiro, voltou a sua posição anterior e demorou um pouco para conseguir falar. — Anne, eu preciso confessar algo para você.

No instinto, olhei para o lado e o avistei com os olhos fechados. Eu senti minhas pernas amolecerem, perdendo o centro da força natural, enquanto inúmeras possibilidades do que seria pronunciado pelos seus lábios embolavam-se em minha mente. Virei-me para frente, atenta a sua declaração seguinte, dita pausadamente.

— Anne, eu estou completamente apa...

Apesar de não olhar diretamente para ele, com o canto dos olhos eu consegui ver sua expressão mudar completamente, da insegurança para confusão. Edwin voltou-se para mim, como se tivesse sendo impedido de continuar a falar.

— Me perdoe, eu... Eu me recordei de algo... Algo que li pela manhã e eu me embaralhei um pouco com as palavras.

A fisionomia do Príncipe demonstrava uma grande perturbação. Parecendo desconcertado e abalado, ele olhou para os lados antes de me encarar novamente.

— Anne, sabe quando somos tomados por uma impressão muito forte de algo? Algo que retorna à sua mente como se fosse uma resposta?

Fiz um esforço descomunal para voltar a respirar normalmente e assenti, compreendendo o que ele queria dizer.

— Hoje pela manhã eu estava meditando e, por algum motivo, essa frase pareceu fazer sentido agora. “Tudo tem o seu tempo” — Edwin exprimiu ainda um pouco cauteloso.

Quando eu assimilei suas palavras, de imediato, o versículo de Eclesiastes que o Senhor havia me revelado mais cedo ecoou em minha mente, claro como uma nascente de águas cristalinas. Por algum motivo, ambos tínhamos sido levados pelo Senhor àquela passagem.

— Tudo tem seu tempo determinado. — Olhei para ele, que parecia um tanto quanto confuso e sorri. — Há tempo para tudo, Edwin — assegurei baixinho e deixei um suave beijo em sua face. — Boa noite, meu Príncipe.

Edwin permaneceu sem reação, como se tivesse sido atingido por algo muito grande, abalando-o por completo. Não aguardei ele esboçar uma resposta, ou exprimir algo. Virei-me e me retirei, deixando-o estarrecido e perplexo.

Quando cheguei ao meu quarto, eu simplesmente não sabia o porquê, mas eu tinha a plena convicção de que Deus estava respondendo nossas orações.



— Essas chegaram da lavanderia agora, Anne — Samovier informou, enquanto adentrava o quarto com uma pilha de roupas devidamente embaladas em suas mãos.

— Obrigada. Só faltavam essas mesmo.

A senhora colocou as roupas na cama, ao lado da minha mala, e nós duas ficamos paradas, avaliando os meus objetos pessoais sendo embalados para minha partida. Suspirei e terminei de apertar, como podia, todos os meus vestidos e sapatos dentro da mala.

— Nunca pensei que voltar para casa pudesse ser tão difícil — comentei, enquanto fechava o zíper da bolsa.

— Sentirei tanta falta de você, menina. — Madame me encarou com o semblante triste.

— Ah, minha querida! Eu também.

Caminhei até ela e nos abraçamos por um longo tempo. Senti as lágrimas surgirem, enquanto eu constatava como aquela mulher havia se tornado tão importante em minha vida. Desde mamãe, nunca alguém havia cuidado tão bem de mim e me dado a devida atenção, necessária para o alento de minha alma.

— Nós nos veremos, sempre! — garanti, segurando a mão dela. — Você é como uma mãe para mim e eu estarei sempre presente, independentemente de qualquer coisa.

— Eu sei disso — respondeu e, como eu, enxugou as lágrimas que escorreram pela sua face. — Oliver já arrumou tudo também. Eu tive que refazer a mala daquele menino, porque ele havia embolado as camisas e eu não aceitei deixá-lo ir com a mala toda bagunçada — informou com uma visível irritação, como se fosse possível repreender Oliver novamente, mesmo ele não estando presente.

— Então, está na hora. Eu não quero chegar muito tarde em casa. Preciso organizar algumas coisas por lá. Amanhã mesmo nós abriremos a livraria, por isso não quero me atrasar muito — falei, tentando convencer a mim mesma de que seria melhor partir o quanto antes.

— Vou chamar alguém para carregar suas malas e avisar Sua Alteza de que estão prontos.

— Obrigada — sussurrei, piscando para ela.

Dei mais uma volta pelo quarto, conferindo se não havia me esquecido de nada. Avistei os dois livros no criado ao lado da minha cama. Faziam parte da minha leitura e me lembravam como tantas coisas mudariam daquele dia em diante. Eu os abracei, um pouco ressentida, quando ouvi duas batidas na porta.

— Oi, posso entrar? — Edwin falou, colocando a cabeça para dentro do quarto.

— Claro, Edwin! —Deixei os livros ao lado da minha mala, sentindo um calor me acometer ao vê-lo se aproximar, recordando-me da nossa proximidade anterior.

— Não quer esperar mais? Ir mais tarde?

— Não se trata do que eu quero, mas do que eu preciso fazer — respondi e pensei como aquelas palavras eram tão pertinentes.

— Tudo bem, eu compreendo. Mas tivemos uma agradável despedida — Edwin riu, trazendo à nossa memória a manhã divertida, quando nós, acompanhados de Oliver e Zac, ficamos por horas conversando no bosque, levando uma bronca depois por desaparecermos sem informar a ninguém.

— Não me esquecerei — respondi e fixei meu olhar no rosto sorridente dele, tentando absorver aquela imagem para sempre, ciente de não vê-lo tanto quanto eu gostaria depois de partir.

Edwin se aproximou um pouco sem jeito. Nós não havíamos estado sozinhos depois da confusa noite anterior, porém, mesmo não tendo sido dito em palavras, era óbvio para nós dois que compartilhávamos o mesmo sentimento, e ter ciência dele, poderia se tornar um tanto quanto constrangedor. Quando estava próximo o suficiente, ele tirou de dentro do bolso uma caixinha.

— Eu trouxe um presente para você — revelou e estendeu em minha direção.

— Para mim? — Peguei a caixa e olhei para ele sem disfarçar a surpresa e a curiosidade. — O que é?

— Abre!

Abri a caixinha cheia de expectativas, sem fazer ideia do que encontraria dentro. Um colar com um pingente em formato de uma coroa se revelou, surpreendendo-me. Eu poderia não ser experiente com joias, mas ainda assim notei como era alto o valor daquele objeto.

— Uau! — exclamei, sem palavras para descrever a sensação provocada por ter uma peça tão valiosa em minhas mãos. Estava pronta para negar, quando encarei Edwin com a expressão mais fofa do mundo, observando minhas reações.

— Eu mandei fazer com o joalheiro real, é uma réplica da minha coroa, para você sempre se lembrar de mim. Posso não estar perto o tempo todo, mas vou estar de alguma forma com você — declarou, deixando-me sem chão depois. — Quer que eu te ajude? — sugeriu, apontando para a joia.

— Por favor — pedi. Edwin retirou o cordão e eu me virei, levantando meus cabelos enquanto ele colocava o colar ao redor do meu pescoço, fechando delicadamente o objeto que embelezava meu colo.

Eu me virei para ele e, instintivamente, segurei aquele pingente com força. Por alguns poucos segundos nós nos encaramos antes de nos abraçarmos.

— Obrigada por tudo, Edwin. Eu nunca fui tão bem tratada em minha vida como fui nesse mês aqui — confessei, ainda segura em seus braços. — Nunca me esquecerei de você e de todos daqui.

— Mas não é para esquecer! Nem mesmo desaparecer. Olha só, Anne — Edwin se afastou e segurou minhas duas mãos. — Quando toda essa loucura da festa da Independência passar, quando as comemorações finalizarem, eu irei visitá-la para aceitar seu convite de comer deitado no sofá, assistindo TV e lambendo os dedos depois.

Eu não contive a gargalhada, ainda rindo, o abracei mais uma vez.

— Vou esperar!

— Quando acabarem as festividades, o conselho praticamente tirará férias até o natal. A não ser que algo muito sério aconteça, eu terei descanso. — Edwin se afastou e quebramos o nosso contato. — Até lá, eu creio que tudo estará resolvido. Então, teremos nosso dia divertido.

— Tenho certeza disso.

Edwin me acompanhou e descemos as escadas. Algum funcionário levou minhas malas e eu encontrei os outros todos no salão de entrada, enfileirados.

— Eles queriam se despedir — Edwin sussurrou no meu ouvido, sorrindo depois. — Eu espero você lá fora.

O Príncipe continuou seu caminho e eu parei, olhando para aqueles rostos tão queridos para mim. Cada um, de alguma forma, acrescentou para que meus dias fossem melhores — exceto Helena, que nem se deu ao trabalho de estar lá.

Oliver chegou correndo e começamos a cumprimentar todos eles, distribuindo palavras de carinho mútuas entre nós, enquanto muitas vezes engoli o choro ao me sentir tão amada. O último era Zac. Eu o olhei, e sem eu esperar, ele me abraçou com força. Eu o amava tanto e tinha a plena certeza da importância dele em nossas vidas dali em diante.

— Se você não for me visitar todos os dias, eu venho e te busco pelos cabelos — ameacei chorando, quando nos afastamos. — Oliver precisa de você, e eu também.

— Eu prometo! — Zac se inclinou e no meu ouvido, sussurrou — Mas espero ver você aqui para sempre, Alteza.

— Eu não ouvi isso, Zac — falei com tom ameaçador e encarei seus olhos, suspirando. — Obrigada por tudo, de verdade.

Zac fez uma mesura, também emocionado. Oliver e ele se abraçaram daquela forma brincalhona, mas cheio de carinho. Eu me despedi mais uma vez de todos, e depois de muito “adeus”, nós fomos até o carro. Oliver entrou primeiro, depois de apertar a mão de Edwin e agradecer com sinceridade. Eu reparei certa confidencialidade naqueles olhares, mas fingi não ter notado.

Edwin abriu a porta para mim. Eu fiz uma reverência, sentindo a dor atingir em cheio meu peito. O Príncipe pegou minha mão, beijou-a e sorriu um sorriso triste.

— Nos veremos em breve! — disse e fez uma mesura.

— Até logo então, Alteza.

Entrei no carro e partimos. Olhei para trás quando atravessamos o portão e um sentimento horrível acometeu meu corpo, como se me avisasse que o sonho havia acabado e eu não me sentiria em casa tão cedo. Segurei o pingente, tentando encontrar ali, forças para suportar a distância.

— Nós vamos ficar bem — Oliver assegurou ao me abraçar.

— Será difícil retornar para a realidade, mas é a vida, não é? Temos muitas coisas para olhar, inclusive sua escola. — Oliver revirou os olhos, e eu sabia o motivo. — Não adianta fugir, você precisa terminar seus estudos. Vamos achar uma solução.

— Tanto faz. — Oliver encostou-se à janela, observando a paisagem mudar.

Doze quilômetros depois, eu estava desembarcando em casa, sendo auxiliada por um funcionário que mesmo depois de eu protestar, educadamente nos ajudou com as malas.

Eu abri a porta de casa, e apesar da tristeza de deixar Edwin e o castelo, estar lá me trazia um imenso prazer, uma sensação de aconchego. Oliver se jogou no sofá, sentindo falta daquilo.

— Iremos nos acostumar novamente — brincou, olhando ao redor. — Existem vantagens em estar no nosso lar. Ao menos não ouvirei os roncos do Zac.

— Vem — chamei, jogando uma almofada na cara do meu irmão. — Temos muitas coisas para organizar. Desfazer as malas, ver se existe comida aqui e nos prepararmos para o dia de amanhã. Não pense o senhor que fugirá de suas obrigações! Apesar de ter me proporcionado o melhor mês da minha vida, eu ainda estou lembrada de suas atitudes, ouviu?

Uma hora depois, nossas coisas estavam organizadas: uma lista de compras feita, comida pronta pedida para ser entregue e Oliver caído no sofá, jogando vídeo game.

— Vou à livraria ver como estão as coisas — falei e senti um arrepio ao me lembrar da última vez em que estive lá.

Oliver nem se deu o trabalho de responder. Eu desci a escada de acesso, entrei pela porta dos fundos e acendi as luzes, olhando em volta. Senti um calafrio quando visualizei a rua escura atrás da porta de vidro. Imediatamente a imagem daquele homem nojento veio a minha mente, trazendo junto a sensação do desespero que senti naquela ocasião. Minhas mãos suaram e meu coração bateu acelerado, enquanto o medo me dominava por completo. Senti uma descarga de adrenalina, o sangue percorrendo nas veias, carregado de desespero.

Comecei a chorar compulsivamente. Uma dor enorme invadiu meu peito, deixando-me sufocada de alguma forma. Afastei-me sem compreender o motivo daquela reação, clamando a Cristo por ajuda.

Demorei um tempo para conseguir me acalmar e subir novamente os degraus até minha casa.

— Anne? — Oliver se desesperou ao me ver tão alterada.

— Eu não consigo — o choro voltou com força enquanto eu deslizava lentamente pela parede, até o chão.

— Anne, se acalme. Por favor, se acalme. — Oliver se ajoelhou ao meu lado e me abraçou.

— Oliver, eu estou tão perdida...

Sem dizer nenhuma palavra, Oliver me consolou, apenas me segurando, afagando meus cabelos e deixando alguns beijos carinhosos em minha testa. Aos poucos me acalmei, dando-me conta de que aquele sentimento sem precedentes havia chegada de uma forma tão repentina e desesperada, causando pânico, fruto de um efeito incontrolável sobre mim.

— Não consigo entrar lá agora — por fim disse.

— Você não precisa. Amanhã vamos juntos e eu vou estar com você todos os dias.

Passamos mais um tempo agarrados e Oliver se disponibilizou para fechar a livraria. Naquele momento, deitados juntos na minha cama, meu irmão assumiu pela primeira vez a sua responsabilidade como homem do lar. Mesmo sem falar nada, senti a decisão ser tomada, enquanto ele me observava pegar no sono.

Capítulo 41

Eu ainda estava perplexa quando entrei na livraria naquela quarta feira. Contudo, algo no semblante calmo de Oliver me fez juntar todas as peças no mesmo instante. Ele já sabia, mas mesmo assim se fazia de completo desentendido. Quando me perguntou como havia sido meu encontro com o reitor, decidi entrar no jogo dele. Mas ao contrário de Oliver, eu era ótima em atuar.

— Ah, Oliver! Eu sinto muitíssimo mesmo — exprimi um tanto derrotada. — O reitor estava irredutível. Ele não quis reconsiderar em nada minhas palavras e afirmou com todas as letras como estava envergonhado com sua postura. Nós estamos em apuros.

— Como é? — agora sim meu irmão parecia surpreso, incrivelmente surpreso, apenas incriminando-o de alguma forma. — Eu pensei... O que ele disse?

— Você não concluirá o nível. Será preciso recomeçar novamente — respondi dando de ombros, enquanto guardava minha bolsa embaixo do balcão.

— Você está maluca?

Olhei para o estado real de aflição dele e fiquei com pena, afinal, mesmo me enganando, Oliver estava cuidando de mim desde quando retornamos do castelo. Crispei os olhos, antes de dar o veredicto.

— Você sabe como o Príncipe interferiu diretamente em suas notas e faltas na escola? — questionei e vi o rosto de meu irmão se transformar da agonia para o alívio.

— É. — Deu de ombros, voltando sua atenção para a revista em cima da mesa. — Eu imaginei.

— Você sabe como me senti quando o reitor disse: “Não precisa se preocupar com o Senhor Davies, senhorita. Recebemos uma carta do

Palácio, onde o Príncipe em pessoa garantiu sobre os serviços prestados pelo seu irmão à realeza nos últimos dias, pedindo para anteciparmos suas férias escolares, devido ao trabalho árduo desenvolvido em prol de Cibele, garantindo, assim, a certeza dos plenos conhecimentos adquiridos durante esse tempo, sendo equivalente ou superior ao que aprenderia em uma sala de aula”? — imitei a voz um pouco esganiçada do Reitor me dando a notícia inesperada.

— Você decorou isso tudo? — Oliver questionou atônito, mas depois, sua expressão se transformou, talvez emitindo certo orgulho. — Pelo visto sou importante para Cibele!

— Oras! Sei bem porque você recebeu tantos elogios assim — falei, dando um tapa na nuca de Oliver. — Por que você não me contou sobre isso?

— Eu queria ver sua reação, porque isso foi um maravilhoso ato de amor de Sua Alteza, em favor de seu provável futuro cunhado — respondeu calmo, como se isso fosse uma verdade universalmente conhecida.

— Por que Edwin interferia assim?

— Ele me procurou e nós tivemos uma longa conversa — Oliver me encarou, com os olhos brilhantes. — Uma longa e construtiva conversa.

— Por favor, estou ouvindo — recomendei Oliver a continuar, sentando ao seu lado e apoiando minhas mãos sobre a mesa, com bastante calma.

— Ele me perguntou o verdadeiro motivo de eu ter invadido o Palácio. Eu contei tudo, mas não revelei o nome dos garotos. Eu falei o que eu estava sofrendo, meus temores, minhas vontades e minha preocupação em retornar — Oliver contou, e algo na sua voz me fez notar certa emoção. — Edwin foi muito compreensível, colocou a mão em meu ombro e disse para eu não me preocupar. Então deu algumas soluções imediatas e pediu para eu prometer estudar em casa enquanto as coisas não se resolvessem.

— Por isso seu súbito interesse em apostilas escolares — concluí o óbvio. Oliver nunca se interessaria por estudos em casa, mesmo tendo mudado muito nos últimos dias.

— Também — declarou, com um sorrisinho sínico nos lábios.

— O que mais?

— Bom, nós conversamos, de homem para homem. Edwin me fez enxergar algumas coisas, mas é papo de homem, não revelarei a você nem

sobre pena de morte, principalmente tendo o aval de seu superior para manter silêncio.

Cruzei os braços em frente ao corpo e formei em meu rosto a expressão mais maternal de todas, tentando persuadir Oliver, sem nenhuma palavra, a me contar exatamente todo o teor daquela conversa. Oliver fingiu não ter visto e voltou os olhos com tranquilidade para a revista.

Estava avaliando se eu achava lindo o fato de Edwin ter aconselhado meu irmão, ou ficava brava por não saber dos detalhes, quando a campainha da livraria tocou e um homem grande e alto adentrou. Meu coração saltou pela boca, senti meu corpo gelar e podia prever o terror se aproximando, quando Oliver segurou minha mão e sussurrou em meu ouvido:

— Está tudo bem, Anne. É só um cliente. Fica tranquila, por favor.

Oliver se levantou e atendeu ao homem, levando-o a seção de livros fotográficos enquanto eu puxava o ar de volta para os pulmões, repetindo em minha mente as palavras do meu irmão.

Está tudo bem. Está tudo bem. Nada acontecerá!

Enquanto eu me acalmava, Oliver fazia sua parte. Não estava sendo fácil estar na livraria, sobretudo quando o sol se punha. A escuridão além das portas de vidro me causava tremores, trazendo à memória cenas das quais eu não gostaria nunca mais de me lembrar. Oliver havia assumido um importante papel quando percebeu como eu estava lutando contra crises de pânico, não me permitindo ficar sozinha mais do que cinco minutos durante o dia para que ele pudesse fazer algo realmente necessário. Meu irmão havia assumido seu lugar como homem da casa, amadurecendo muito nos três dias desde a nossa volta.

O homem se retirou sem levar nada, gerando uma pequena frustração. Poucos clientes entravam, e menos ainda compravam, enquanto as contas chegavam e nós não tínhamos o dinheiro para pagá-las. Eu estava começando a pensar seriamente em recorrer a outro serviço, mas Oliver me impediu, garantindo que ele assumiria a responsabilidade dessa parte. Apesar de rir da inocência dele, eu precisava admitir como ele estava se esforçando.

Meu irmão estava se tornando um homem.

— Anne, olha para mim — Oliver me chamou quando ficou ao meu lado. — Não há perigo. Não precisa se preocupar, não acontecerá nada com você.

— Eu sei... — murmurei concordando de verdade com ele, mas era incontrolável, quando o pânico vinha, eu não sabia como reagir.

— Não enquanto a guarda do Palácio estiver fazendo ronda na nossa rua 24 horas por dia — ele falou e levantou a mão, acenando para um dos homens parado do outro lado da rua.

Eu sorri, lembrando-me de Edwin. Meu coração se transbordou das deliciosas sensações de estar apaixonada, enquanto admirava os seus atos de carinho e preocupação comigo.

Desde nosso retorno, seis homens à paisana se revezavam, fazendo ronda apenas na nossa rua, muitas vezes parados em frente a nossa casa. Oliver, no domingo de nossa volta, havia os reconhecido como homens da guarda do palácio e desde então, eles não saíam da vizinhança. Nós já estávamos nos acostumando e criando laços com eles. Na noite anterior, ofereci chá quente para dois deles, levando algum conforto, agradecida pela proteção.

Por isso, era irreal temer algo. Mas meu coração e minhas emoções não compreendiam isso, sobretudo minhas lembranças, pregando-me uma peça quase diariamente.

— Tem sido difícil, Oliver. Tem sido mais difícil do que encarar o quarto dos nossos pais. Lá, ao menos as lembranças eram boas. Aqui, são terríveis.

Oliver me envolveu em um abraço e eu me aconcheguei nele, sendo impossível não me lembrar de Edwin.

— Avril? — Oliver disse e constatei não ser para mim. Seu sorriso era em direção a porta da livraria.

— Oi, Oliver! — o rapaz sorriu para meu irmão, adiantando-se até o balcão. Eles se cumprimentaram e então ele fez uma pequena mesura em minha direção. — Senhorita Davies.

— Como vai, Avril? — perguntei e o rapaz respondeu com um “estou bem”. — Como estão todos nos palácio?

— Sentem falta de vocês. Isso eu posso garantir, porque não se comenta de mais nada, além do baile e da falta que fazem.

Eu sorri sincera, quase agradecendo por aquela declaração. Ele encarou Oliver, antes de prosseguir.

— Vim comprar livros! — declarou entusiasmado.

— Então, qual tipo de leitura você se interessa?

Foi assim que depois de Avril, pouco a pouco, muitos funcionários do Palácio apareceram naquela semana, sempre com a mesma desculpa: comprar livros. E de fato, depois de conversarem alegremente e declararam todo o carinho deles por nós, gastavam boa quantia de dinheiro levando diversas obras literárias.

— Nós devemos ser muito queridos mesmo — Oliver declarou quando o décimo segundo funcionário, segundo ele um jardineiro, saiu com duas sacolas na mão, contente com seus títulos novos. — Senhor Wilson, até onde sei, não sabe ler.

— Eles têm sido tão fofos com a gente — declarei, mas dentro de mim pairava uma desconfiança de que Edwin era responsável por tantas pessoas estarem gastando parte de seus salários por lá.

E dessa maneira, por dia, ao menos meia dúzia de pessoas faziam compras completamente satisfeitas, sempre comentando algo sobre nossa falta e, vez ou outra, frisando sobre a ausência do Príncipe no castelo.

Aquelas aparições aliviaram a falta de Edwin por perto. Eu sentia, claro, a ausência dele, de seu sorriso, de suas palavras e até mesmo de seu abraço. Porém, eu estava tão tranquila sobre estar fazendo a coisa certa, entregando dia após dia tudo nas mãos do Senhor, que mal conseguia passar muito tempo ponderando sobre meu futuro. Eu estava agradecida pela minha personalidade intensa, não me permitindo passar muito tempo desencadeando em minha mente lembranças apaixonantes sobre o dono do meu coração e sentimentos.

Estávamos perto da hora de fechar as portas e terminar nosso expediente no sábado, quando fui surpreendida pela aparição de John, acompanhado de uma linda mulher dos cabelos encaracolados, num tom de castanho claro, e uma pequena menina cuja trança loira se destacava em contraste aos olhos verdes.

— John! — exclamei, e sem modos nenhum me aproximei daquela linda família. Levei a mão até a boca, tentando esconder meu entusiasmo. — Que bom receber vocês!

— Senhorita Davies...

— Anne!

— Anne — ele corrigiu. — Essa é minha esposa, Phoebe, e minha pequena, Sara.

Depois de cumprimentar com um largo sorriso a linda mulher do meu guarda preferido, eu me abaixei, puxando Sara para um abraço

delicado.

— Como é bom conhecer você, Sara. Eu amei seu desenho! E sabe o que mais? O príncipe Edwin me garantiu que você desenhou com perfeição. — Não no primeiro momento, claro. Mas ele precisou admitir depois de eu muito falar sobre isso com ele. A pequena deu um largo sorriso, tão iluminado como raios de sol.

— Meu pai me falou sobre um presente — ela pronunciou segura de si.

— Sara! — Phoebe a repreendeu, mas parou quando viu meu olhar compassivo.

— E é verdade. Eu pedi a ele para trazê-la, porque vou lhe dar qualquer livro daqui. Você pode escolher! Mas como você é uma princesinha, acredito que a melhor sessão está ali no cantinho! Você quer ir lá comigo? — perguntei, colocando-me de pé e estendendo a mão a ela.

A pequena olhou para os pais em busca de aprovação, e quando John assentiu com a cabeça, ela agarrou minha mão e fomos quase saltitando até a prateleira disposta com os livros clássicos. Enquanto eu a ajudava a escolher, Oliver retornou e atendeu John e a esposa, enquanto eles escolhiam alguns títulos para levarem também — algo que não me impressionava mais.

Sara não me surpreendeu ao escolher o livro da Rainha Ester, inflamando meu peito de orgulho pela minha mais nova amiga e confidente. Nós criamos um laço tão instantâneo que eu podia jurar conhecê-la desde bebê. Talvez, por tanto ouvir da boca do pai orgulhoso os milhões de qualidades da pequena.

— Hoje à noite Suas Altezas retornam ao Palácio — John me informou, antes de eu ter tido a oportunidade de questioná-lo sobre Edwin. — O Príncipe Edwin e o Príncipe Esra estarão se preparando para o desfile de amanhã.

— Claro, o desfile! Havia me esquecido completamente — declarei sentindo um enorme ardor no peito ao pensar na possibilidade de ver Edwin, mesmo de longe, no dia seguinte.

— Amanhã nos veremos logo pela manhã. O percurso dessa vez passará por essa rua — confessou John, e eu não pude evitar corar as faces levemente, entendendo bem o porquê.

— John foi convidado para estar na corporação da frente. Uma grande honra poder representar os homens corajosos que lutaram pela nossa

independência — Phoebe interferiu, orgulhosa do marido.

— Será incrível, então! Estaremos na plateia, com toda a certeza!

Depois de mais algumas trocas de palavras carinhosas, um beijo estalado de Sara em minha bochecha, a família se retirou. A menina balançava a sacola contente com sua aquisição.

Nem bem eles se retiraram pela porta, Oliver me encarou e decretou, sem espaço para dúvidas.

— Ele gosta mesmo de você!

Capítulo 42

Eu mal consegui dormir, tomada por uma imensa ansiedade. Deitada na cama, eu observava meu peito subir e descer seguindo o ritmo de uma respiração lenta e profunda. Quando pensava em Edwin, sentia um frio sem precedentes surgir na barriga. Eu não poderia falar com ele, tampouco me aproximar, mas só o fato de encontrar seus olhos castanhos, ainda que à distância, já me deixava sem ar.

Rolei na cama, tentando encontrar uma posição suficiente para me dar algum conforto, levando-me ao sono, mas o desejo de vê-lo preenchia meus sonhos ainda acordada. Seria uma longa noite!

Com toda certeza, o canal real se tornou o meu favorito depois de retornarmos do Palácio, além de volta e meia estar buscando notícias na internet, qualquer vestígio de informações sobre a realeza. Eu era sempre tomada por uma tremenda euforia quando via uma fotografia de Edwin ou algum relato sobre ele e seus feitos, fosse pelo televisor ou pelo celular, entretanto, algo dentro de mim dizia para eu refrear aquela empolgação, temendo estar depositando muito minhas esperanças no nosso futuro.

Mas eu amava Edwin, e era inevitável pensar nele e nutrir expectativas de algum dia poder ficar definitivamente perto dele, principalmente tendo a certeza de ter o sentimento correspondido.

— Dormiu bem, minha irmã? — Oliver me questionou, mas seu tom era um verdadeiro gracejo da minha condição de tola apaixonada e, naquele momento, sonolenta.

— Eu me recuso a responder seu tom zombeteiro, Oliver. — Sentei-me na cadeira da cozinha, passando uma generosa camada de geleia em um bolinho, tentando manter a ansiedade afastada, substituindo pelo prazer da comida.

— Como se sente vendo-o depois de tanto tempo longe?

Fingi-me de surda, apesar de meus ouvidos estarem bem ligados aos sons da rua.

— Eu estou empolgado — continuou. — Sempre gostei dos desfiles da independência! O momento se torna ainda mais especial com tantas pessoas queridas representando o nosso país, quando se tornou independente do Reino Integrado.

— Eu conheço a história de Cibele, Oliver — assegurei sem muito ânimo, ainda concentrada no bolinho.

— Ah, não mesmo! Você sabe como Cibele e Susan foram divididas? Quando o Rei Charles Hawis partiu do Reino Integrado carregando as duas princesas em direção à Ilha recém-descoberta por seus desbravadores, não imaginou como nosso arquipélago se tornaria um país tão notório — Oliver continuou contando totalmente compenetrado.

— Oliver, eu estou a par da história de Cibele e Susan — tentei interromper frisando novamente meus conhecimentos, mas meu irmão não se intimidou.

— Quando, enfim, colocaram seus pés na província de Matsa, Sua Majestade teve a plena certeza de que chamaria esse local de lar e nunca mais retornaria para o Reino Integrado. — Oliver fez uma pausa, mas continuou empolgado. — Três anos depois, quando Lies conseguiu descobrir os líderes revolucionários e enfim o Reino Integrado se posicionou como um país cristão, o Rei Hawis simplesmente sabia que não podia retornar. E você sabe o motivo disso, Anne?

— Oliver — tentei interrompê-lo novamente para atualizá-lo sobre com quem ele estava falando, justo eu, apaixonada por história, mas meu irmão não me ouviu.

— Provavelmente, porque Deus queria constituir nossa nação e criar um legado para os cristãos perseguidos de todo o mundo. Veja bem, Charles fugiu do Reino Integrado por ter se declarado cristão e contra a própria constituição do país e por isso perdeu seus direitos e privilégios por alguns anos. Mas aparentemente havia algo maior por trás disso tudo, e ouso dizer que um desses motivos era dar um lar a nosso pai e nós podermos viver cultuando a Deus em liberdade.

Olhei para Oliver e só então notei como eu estava realmente surpreendida. Abri a boca para elogiá-lo, mas ele pareceu não se importar com meu gesto.

— Susan e Cibele se dividiram oficialmente em 1720, com a morte de nosso primeiro monarca e o único a reinar por sobre toda a ilha Hawis, Rei Charles. Depois disso, de acordo com seu desejo, Suas Altezas herdaram os dois países, continuando com as fronteiras abertas para a colonização cristã. E é de seu conhecimento, minha irmã, o verdadeiro motivo de Susan deixar a monarquia para se transformar em um país democrático? A Rainha Susan não teve filhos quando seu marido, Rei Robert, morreu, e a decepção por não possuir herdeiros a levou a declarar o desejo de haver plena liberdade para qualquer pessoa habilitada cuidar dos assuntos do reino.

— O que foi um desastre, de certa forma — completei e Oliver assentiu.

— Foi a deixa para duzentos anos depois darem o chamado golpe Robert, retirando o poder completamente da monarquia.

— Estou surpreendida com seu grande e súbito interesse. Nunca o vi assim — declarei realmente surpresa.

— Eu aprendi muito no palácio. Descobri como nossa história é surpreendente e existem elos entre diversos acontecimentos, se interligando de alguma forma. — Oliver fez um gesto, juntando os dedos das mãos, unindo-os.

— Mas espera! — Separei as mãos dele e abri meu sorriso vitorioso. — Agora compreendi o motivo de toda essa explicação! Você está querendo se safar da escola de vez, demonstrando ser um garoto estudioso.

Oliver curvou os lábios em seu sorriso mais malicioso, daqueles de irmão mais novo quando apronta. Ele deu de ombros e ia se defender, mas foi salvo pelo som vindo do lado de fora.

— Ah, meu Deus! É ele! — gritei e puxei o ar de uma só vez.

Nós dois corremos até a sacada, onde teríamos uma visão privilegiada de todo o pelotão. Inclinei sobre a grade, tentando avistar na ponta da rua os primeiros homens a fazerem as honras.

— Olhe, estão vindo! — Oliver comentou, apontando para as pessoas aglomeradas nas portas de suas casas ou na ponta da rua, se afastando para dar passagem ao cordão de isolamento da guarda real.

Ouvimos o som de tambores e trombetas se aproximando. Rapidamente centenas de homens bem vestidos em suas fardas vermelhas impecáveis criaram o acesso isolado para a passagem do desfile. Algumas

mulheres cochichavam, soltando gritinhos, talvez esperando a mesma aparição pela qual meu coração ansiava.

O primeiro pelotão surgiu. John e Stevan estavam lá, mantendo a pose elegante e o olhar orgulhoso, acompanhado de outros companheiros. Oliver me cutucou e indicava o nome de todos — ele os conhecia bem e estava empolgado por revê-los —, enquanto eu não conseguia retirar o olhar do final da rua, esperando *alguém* fazer a curva na Rua do Carvalho.

Eu precisei piscar diversas vezes para acalmar o ritmo da minha respiração. Impecável, em seu traje real, em cima de um cavalo branco, carregando a coroa na cabeça — e eu não pude deixar de pensar em Edwin reclamando do peso dela —, vinha meu Príncipe preferido, ao lado do Príncipe Esra, igualmente vestido, mas montado em um cavalo negro tão belo, digno do homem que levava.

Edwin mantinha uma postura perfeita, a mão segurando as rédeas e apesar do seu olhar superior, sustentava o sorriso tímido, mas simpático no rosto, enquanto acenava em direção à multidão. Esra fazia o mesmo, porém, se inclinava a todo instante fazendo algum de seus típicos comentários, levando o irmão a sorrir um pouco mais.

Instintivamente, agarrei o pingente do meu colar segurando-o com força, replicando um gesto no qual eu havia me acostumado a fazer desde quando retornara do Palácio. Era como eu me sentia segura, mesmo sendo algo sem sentido, por se tratar apenas de um objeto.

Eu ainda o apertava, quando nossos olhos se encontraram.

Ah, se encontraram!

Em fração de segundos, tudo vivido por nós desde quando o vi pela primeira vez em sua sala sustentando o olhar altivo, todos os nossos encontros, palavras e gestos, tudo me atingiu como uma bomba de emoções, dessas capazes de fazer grandes estragos. Precisei me apoiar na grade para conseguir sustentar o peso daquele sentimento tão belo dominando minhas pernas.

Tudo tem seu tempo — foi o que ecoou com força em minha mente.

Oliver me abraçou de lado, tal ato foi despertado pelo meu longo e alto suspiro, enquanto eu tentava reprimir o sorriso, moldando em meus lábios lentamente.

— É incrível, não é mesmo? — Oliver perguntou e eu apenas assenti com a cabeça. — É tão lindo todo o desfile. Um dia quero fazer parte disso — declarou, provocando em mim um olhar instintivo de mãe.

Voltei-me novamente em direção a Edwin. Ele e Esra continuavam acenando para as pessoas, mas ele sempre conseguia menear a cabeça no sentido onde nós estávamos. Não fez nenhum movimento brusco que pudesse denunciar nossas trocas de olhares, tentando ao máximo despistar nossa cumplicidade e nosso carinho mútuo.

Quando, por fim, o pelotão se aproximou e os Príncipes estavam exatamente em frente à livraria, ouvimos um forte grito, acompanhado de batidas graves dos tambores em uma explosão de sons ritmados.

— Eles param de tempos em tempos, para cantar os hinos e relembrarem as paradas durante a viagem do Rei Lumb até a província de Matsa para assinar o tratado de Independência em 1827 — Oliver esclareceu antes de sorrir. — Não me admira terem parado justamente em frente a nossa casa.

O hino foi cantado a plenos pulmões por todos os presentes e eu precisei me concentrar para pronunciar as palavras corretamente, proclamadas como uma perfeita e elaborada oração, enquanto encarava Edwin logo a minha frente cantando com fervor ao lado do irmão caçula. Quando terminaram a cantoria, o pelotão ainda permanecia imóvel. Esra cochichou algo, levando Edwin a sorrir abertamente.

Então, ele me olhou.

Mas me olhou diferente. Não foi rápido como das outras vezes, foi um olhar lento e penetrante. Não foi uma olhadela, ele realmente me encarou, deixando claro sua pretensão em fazê-lo. Todos estavam tão concentrados na fala do mestre de cerimônias gritando várias frases na frente, que Edwin se permitiu demonstrar afeto, ainda de forma discreta.

Eu sabia como apenas os olhos poderiam ser suficientes para insinuar sentimentos profundos como o amor, mas sem pensar, eu movi meus lábios de forma clara e exata, externando os desígnios do meu coração. Sem emitir som algum, pronunciei: “Sinto sua falta”.

Edwin pareceu compreender cada movimento da minha boca, porque as covinhas surgiram e os olhos sorriram junto com os meus.

Nesse exato momento, ainda dentro dos nossos sentidos secretos, o pelotão deu alguns passos e ele precisou se concentrar em seguir o protocolo. Alguns metros à frente, porém, houve outra parada e eu testemunhei Edwin se inclinando em direção a Henri, posicionado ao seu lado de prontidão. Algo foi dito e seu servo fiel se retirou apressado, retornando instantes depois, munido de alguns objetos em sua mão. Edwin

pareceu satisfeito, pegando das mãos de Henri o conteúdo, elogiando-o pelo feito.

— Ele está escrevendo? — indagou Oliver, tão atento como eu e Esra aos movimentos do Príncipe.

— Creio que sim.

Antes de voltarem a andar, Edwin devolveu o objeto — possivelmente uma folha — a Henri, deu-lhe alguma instrução e olhou mais uma vez para trás, encontrando-me completamente derretida a seu olhar e sorriso. Eu podia jurar ter visto-o piscando, mas a nossa distância me impedia de confirmar se era verdade.

Por fim, o desfile continuou pela nossa rua até não estar mais em nosso campo de visão.

Mas Henri surgiu correndo e parou logo abaixo de nossa sacada.

— Senhorita Davies! — ele gritou, fazendo uma pequena reverência. Eu compreendi em seu semblante a necessidade de descrição. Um pequeno sinal foi suficiente para eu e Oliver entendermos o recado.

— Eu busco! — meu irmão sugeriu e se retirou antes de me ver concordar.

Minutos depois, ele retornou carregando nas mãos um bilhete bem dobrado, enquanto Henri corria para alcançar o desfile já bem distante de nós.

— Para senhorita Davies. — Oliver segurou o papel como os mordomos faziam, com as costas eretas, a mão estendida e uma pequena reverência.

Eu tomei o papel da mão dele, sentindo meu corpo flutuar. Um misto de apreensão, felicidade, ansiedade e todas as loucuras possíveis de se sentir estavam presentes, segurando meus pés na terra quando desdobrei o bilhete:



Era o que estava escrito com a caligrafia perfeita de Sua Alteza.

Eu reli aquelas duas palavras ao menos dez vezes até digerir as sensações provocadas. Não sabia como letras soltas pudessem causar um estrago tão grande em um coração apaixonado.

E depois de ler tantas vezes, algo dentro de mim mudou. Eu despertei, como se tudo fizesse sentido naquele momento. O Palácio,

Edwin, as pessoas ao nosso redor. Trinta dias foram suficientes para transformar minha vida.

Trinta dias.

Eu havia amadurecido e me aberto de forma quase milagrosa. Eu falei sobre a morte de meus pais, algo guardado no lugar mais profundo da minha alma, não uma, duas ou três vezes. Edwin, Zac, Samovier, John, Stevan, Joshua e, quando percebi, não era um assunto tão doloroso mais. Havia a saudade, sim, ela nunca terminaria, mas eu aprendi a lidar com ela. Em um mês eu havia falado sobre isso mais do que nos últimos quatro anos.

E não só isso. A Anne Davies fechada, a garota das sombras que eu havia me tornado depois da morte de meus pais, ela havia sumido, enquanto meu verdadeiro eu não temeu reagir, mesmo sobre grande pressão. Pela primeira vez em quatro anos eu me permiti ser fraca e aceitei de bom grado alguém para ser forte por mim. Eu não temi admitir minha necessidade, como qualquer pessoa.

E isso era só o começo da profundidade do que o Senhor havia proporcionado e feito, em cada pequeno detalhe, enquanto eu via ao meu redor centenas de pessoas necessitando de amor e carinho, assim como eu, e me retribuindo com os sentimentos mais variados e nobres.

Eu havia mudado, mesmo não sendo tão óbvio.

E, no instante depois dessa descoberta, eu senti uma pontada tão forte em meu peito, tão real que pensei se tratar de algo físico. Levei a mão até meu coração, percebendo-o alterado, enquanto eu tive a plena certeza de que minha vida nunca mais seria a mesma. Eu compreendi que Deus mostrando que me levaria a um novo lugar, onde nada mais seria como eu via, onde haveria lutas e dores, mas a certeza Dele estar comigo.

Levantei a cabeça, ainda tomada por aquele pressentimento angustiante, e encarei Oliver. Pelo seu olhar eu compreendi que ele sentiu o mesmo.

— Nós ficaremos bem — ele assegurou, puxando-me para seu abraço terno e protetor.



— E então? — Oliver questionou enquanto tamborilava os dedos sobre o balcão de madeira. Sua inquietude não poderia me surpreender, visto que eu mesma esperava a resposta pela qual ele também aguardava.

— Temos o suficiente! — exclamei tomada por uma forte emoção, quando o resultado dos números finais do caixa da semana bateu pela segunda vez. — Com essa quantia, pagamos todas as dívidas desse mês. Oliver, isso é maravilhoso!

— Eu tinha certeza disso! Edwin nunca deixaria algo acontecer com a gente — Oliver replicou jogando-se na cadeira, aliviado.

— Bom, ele pode ter tido grande influência nisso, mas eu prefiro dar todo o crédito ao Senhor, cuidando de nós.

— Tanto faz. No fim, ambos foram responsáveis — meu irmão declarou com a voz arrastada, típica de seu comportamento adolescente.

Olhei para ele e sorri. A imagem do garoto esparramado sobre a cadeira de madeira, com a cabeça inclinada para trás me trouxe grande conforto. Ele havia amadurecido, mas continuava o mesmo Oliver, meu irmão caçula a quem eu tanto amava.

Fechei o livro caixa e o escondi em uma das prateleiras do nosso armário. Ultimamente eu andava sendo bem mais cautelosa, mesmo sabendo das constantes sentinelas enviadas por Edwin em nossa rua. Mesmo com a presença deles, volta e meia eu sentia o pânico retornar. E o Príncipe não poderia manter sua guarda por ali para sempre, eu sabia disso.

Quando me virei, meu coração deu um salto com a imagem do homem atravessando a porta. Mas dessa vez, a sensação invadindo meu ser era de alegria e confiança.

— Zac! — Só percebi que havia gritado quando o nome dele saiu da minha boca com entusiasmo e Oliver se colocou de pé, em um sobressalto.

Em resposta, recebi um sorriso sincero. — Estava ponderando quando você faria sua visita.

— Eu não perderia isso por nada. — Zac garantiu enquanto se aproximava com as mãos dentro do bolso. — Eu também precisava vir vê-los. Porém, eu só consegui uma folga hoje. E sair daquele castelo, nessa época do ano, não é nada fácil.

— Estávamos ontem pensando em arrancá-lo pelos cabelos do palácio — Oliver confessou enquanto os dois davam um firme aperto de mão, seguido de outras batidas sem nenhum nexo para quem estava de fora.

Esse típico comportamento masculino e juvenil.

— Como sua mãe está? — indaguei enquanto minha mão era tomada em um suave e cavalheiresco beijo. — Sinto tanta a falta dela.

— Ela sente o mesmo. Não suporto mais suas murmurações sobre como o Palácio está entediante e parado, mesmo tendo um grande baile para se organizar.

— Um baile, é? — Tentei não fingir muita curiosidade, mas falhei. E isso ficou óbvio com os olhares dos dois homens em minha direção.

— Da independência — Zac explicou.

— Ah! — exprimi e não consegui achar mais palavras, então me calei. Talvez eu estivesse um tanto quanto decepcionada por não poder estar a par e participar de todos os preparativos de uma festa.

— Eu preciso concordar com minha mãe — Zac alegou alternando o olhar entre mim e Oliver. — O Palácio está realmente uma quietude, sobretudo porque Sua Alteza passou grande parte dos dias em Hawis.

— Nós o vimos ontem — declarei e me arrependi em seguida. — No desfile, Edwin e Esra. Nós os vimos desfilando.

Precisei me esforçar para tentar manter a compostura com os olhares insinuadores de ambos e desisti. Ergui as duas mãos para o alto, murmurando qualquer coisa e retornei para trás da bancada, como se ela pudesse me proteger do falatório que eu supus prosseguir.

— Bem, eu vim comprar livros — ao contrário do esperado, nenhuma palavra de zombaria, apenas aquela declaração firme. — Quero levar bastantes, inclusive.

— Por que não me surpreendo com isso? — Oliver brincou, enquanto me encarava.

— Sabe, Zac. — Olhei dentro dos olhos dele. — Eu andei me questionando como tantos funcionários do Palácio resolveram aparecer essa

semana e todos gastaram parte do suado salário em livros — foi uma afirmação, mas como foi seguida por meus braços cruzados sobre o peito e o olhar interrogativo, Zac compreendeu bem meu recado.

— Digamos que vocês são amados por muitos.

— Ah, claro. Mas não suficiente para esse ato tão gentil — repliquei, disposta a saber da verdade, mesmo precisando usar minhas armas de persuasão.

— A grande verdade — Zac se aproximou, inclinando o corpo sendo acompanhado por Oliver ao seu lado —, é que algo incrível aconteceu. O Príncipe Edwin criou uma excelente resolução. Ele chegou a conclusão de que as pessoas precisavam de um incentivo à leitura, então, segundo ele, observando sua quase obsessão por livros, e em uma conversa franca comigo, ele percebeu como era necessário estimular isso entre as pessoas próximas a ele.

— Por que não me surpreendo novamente? — Oliver indagou, entretanto, minha expressão fez Zac reconsiderar a necessidade de respondê-lo.

— Sua Alteza realmente acredita no poder da leitura na vida das pessoas, e por esse motivo deu um abono salarial a todos os funcionários para comprarem livros — concluiu de forma natural, como se houvesse algo normal em todo aquele discurso.

— Ele mandou virem aqui? — perguntei perplexa, meus sentimentos transitando entre a surpresa e a indignação.

— Não, de maneira nenhuma! Edwin nunca faria isso. Ele não é um completo idiota para propor uma coisa dessas para seus subordinados.

— Seja claro, Zac! — ordenei entre os dentes.

— Sua Alteza reuniu todos, informou do acréscimo salarial proporcional ao salário de cada um, e apenas exigiu que tal quantia fosse gasta em livros, de qualquer espécie. — Zac me encarou e um sorriso brincalhão surgiu nos lábios. — Contudo, para um bom entendedor meia palavra basta. E não foi esforço para ninguém gastar essa pequena quantia na livraria de duas pessoas tão queridas para nós.

— Como nosso Príncipe tem bom coração, não é mesmo, minha irmã? Um ato tão nobre e enriquecedor para a vida cultural de seus empregados — Oliver articulou cada palavra cuidadosamente, talvez calculando a distância segura entre nós.

— Com certeza, ele é — respondi sem nenhuma emoção na voz.

— E eu estou aqui para fazer minha compra. Mas, ao que parece, nosso Príncipe me pressionou a ser o leitor mais assíduo de todos os funcionários. Por isso fui agraciado com uma quantia maior — Zac explicou, dando dois passos para trás, talvez temendo alguma reação contrária minha.

— Você não gosta de ler! — exclamei e percebi como Zac tentava se manter sério a todo custo, ainda que o canto dos seus lábios estivesse tremendo.

— Pois é. Eu aleguei isso a Edwin. — Zac desviou seu olhar do meu e encarou Oliver. — Por favor, escolha para mim. Não me importo com o gênero. Tenho um valor e levarei em livros!

Eu abri a boca para protestar aquele absurdo, mas Oliver tratou de levar Zac, munido de uma cesta, para a sessão de livros mais distante de onde eu estava. Os dois foram enchendo o cesto, sem prestar muita atenção nos títulos.

Encarei aquela cena e sorri. Eu estava um pouco indignada por Edwin arrumar uma forma de ajudar depois da minha recusa, mas, no fundo, eu estava encantada com aquele gesto de atenção, e — porque não — amor.

Ouvindo alguns cochichos dos dois homens no fundo, eu tratei de encontrar algo para fazer. Não queria pensar muito em nada daquela situação, então, melhor seria encher a mente com outros assuntos.

Mas depois de ler a lista do estoque cinco vezes e não me lembrar de nada, percebi que meu esforço era em vão. Não conseguiria, de forma nenhuma, afastar de mim a sensação causada pelas revelações de Zac.

Ele havia arrumado uma forma de cuidar de mim. E uma forma da qual eu não poderia negar.

Eu sorri e resolvi não fazer nenhuma tempestade diante daquilo. Mas a verdade era que, desde a terrível sensação na varanda no dia do desfile, eu estava evitando pensar em qualquer coisa relacionada ao meu futuro.

E Edwin significava um futuro incerto.

— Fizeram boas escolhas? — perguntei quando Oliver colocou o cesto cheio de livros em cima do balcão.

— Com toda certeza eu ficarei bem mais culto depois dessas indicações.

— Ah, com toda certeza. Branca de Neve e os sete anões será bem útil — aleguei, retirando o livro de dentro do cesto.

— Conheço crianças — Zac deu de ombros.

Meu irmão se adiantou para realizar a soma daquela compra sem sentido, porque a cada livro revelado, estava claro como a intenção de

nosso amigo não era em nada ler. Provavelmente eles nunca sairiam da sacola.

— Ah, antes que me esqueça. — Zac revelou mais intenções e me deixou intrigada quando retirou do bolso um envelope. — Sua Alteza pediu, encarecidamente, que a senhorita Davies fizesse um pequeno favor para ele.

Zac estendeu o envelope e eu não pude olhar em seu rosto. Murmurei algo comigo mesma quando percebi o tremor de minha mão, enquanto ela fazia o caminho até as mãos de Zac, onde um envelope com o selo real me chamava atenção.

Quando o objeto estava em meu poder, eu senti meu coração disparar. Estava prestes a guardá-lo, para ler sozinha e saborear o conteúdo, mesmo sem saber do que se tratava, quando Zac me interrompeu.

— Preciso levar a resposta. Você precisa ler agora — esclareceu com um brilho diferente no olhar.

Abri a carta dando discretos passos para trás, sem ao menos perceber. Quando, por fim senti a parede atrás de mim, fingi não ter notado como havia me afastado e, sem tirar os olhos do papel, decidi ignorar os risinhos de Oliver.

“Caríssima, Senhorita Davies,

Sinto incomodá-la com meus assuntos, porém, não conheço outra pessoa capaz de me auxiliar nesse devido momento.

Lembra-se de meu projeto pessoal — acredito que sim, sendo a senhorita a responsável por agregar saldos positivos a tantas pessoas por quem eu nutro uma admiração por seus grandes feitos — e da necessidade de discrição para tal?

Gostaria de pedir que agisse em meu favor novamente, se me é possível pedir tão grande ato.

Há, em Kent, uma organização de auxílio para crianças com doenças incuráveis, intratáveis ou em estado terminal. Sei da delicadeza do assunto, por isso recorri a você, a quem eu tanto admiro pela bondade demonstrada ao próximo.

Prosseguindo, essa organização presta assistência em alguns hospitais e mantém uma casa de apoio para as famílias.

Chegou ao meu conhecimento a necessidade de algumas melhorias em certos quesitos para a distração dos pequenos portadores de tão grande sofrimento. Por isso, achei de grande valia ajudá-los de alguma forma. E,

não é novidade para nenhuma pessoa, o quanto a senhorita conhece o prazer proporcionado pela leitura. Pensei, por um breve momento, como seria uma excelente ideia fazer uma generosa doação dessa espécie de entretenimento para aqueles que sofrem, muitas vezes acamados e sem forças para outras atividades.

Por isso, agradeço de antemão a ajuda, porque sei que a senhorita será incapaz de recusar esse ato de amor ao próximo, porque reconheço suas virtudes em relação a isso e não é de seu feitio agir de forma diferente.

O Sr. Samovier fará o pagamento para as despesas das literaturas e eu confio inteiramente em sua capacidade de discernir quais os melhores títulos. Providenciarei o transporte da encomenda até os devidos destinatários.

Com amor e em Cristo,

Sua Alteza Real, Príncipe Edwin Hawis."

— Eu não tenho nada a ver com isso — defendeu-se Zac. — O Príncipe apenas pediu para realizar o pagamento e levar sua resposta positiva até ele.

— Porque ele tem tanta certeza de minha solicitude em ajudá-lo? — perguntei tentando parecer durona, mas não convenci nem mesmo a mim.

— Eu preciso mesmo responder? — Zac curvou os lábios em um de seus sorrisos maliciosos, enquanto Oliver soltava uma gargalhada ao meu lado.

— Ah! Quer saber? Eu farei. — Encarei Zac fuzilando-o com os olhos — Pelas crianças — frisei.

— Bom, se possível, para amanhã. Sua Alteza tem pressa em resolver esse assunto.

Cocei a cabeça tentando compreender o motivo do tempo corrido, mas Zac não me deu atenção. Ao contrário, virou-se em direção a Oliver e efetuou o pagamento de sua compra. Eu ainda estava balançando a cabeça desacreditada, quando Zac estendeu uma *nota real* com um valor exorbitante impresso nela.

— *Uou*! — Meu irmão levou a mão até a boca, os olhos arregalados.

— Eu não posso aceitar isso — comuniquei balançando a cabeça.

— Isso não se refere a você, Anne. Eu sinto dizer, mas, nesse caso, não acredito que Edwin esteja pensando em ajudá-los. É uma causa bem mais nobre — afirmou, entregando a Oliver o documento. — Você não pode negar o bem feito para pessoas realmente necessitadas.

— Eu... — tentei argumentar, mas não era possível. Mesmo ainda desconfiando que aquele valor fora muito bem pensado antes de chegar até nossas mãos, eu conhecia o caráter de Edwin e não duvidava de sua bondade e real preocupação com a tal organização.

Zac aproveitou nossa surpresa e, munido de suas compras, fez um gesto carinhoso, se despedindo.

— Zac — chamei-o ainda abalada com tudo. — Diga a ele que eu o agradeço. Por tudo!

Ele assentiu, deixando seu sorriso preencher todo o ambiente antes de se retirar. Oliver estendeu o documento para mim e sorriu.

— Temos trabalho a fazer! — comuniquei buscando uma folha de papel, disposta a fazer uma lista para enfim separar os livros.

**Nota real – Semelhante a um cheque, o papel era responsável por realizar todos os pagamentos relacionados à realeza de Cibele. Tal documento era trocado no banco, sendo armazenado como prova dos gastos da monarquia, caso algum dia fosse necessário alguma investigação*.



Oliver havia se retirado para efetuar os pagamentos de todas as nossas despesas e eu havia permanecido na livraria terminando de embalar os últimos livros que seriam levados por um carro real a qualquer momento.

Por estar sozinha, eu permaneci mais ligada nos movimentos da rua e meu coração se encheu de gratidão novamente a Edwin quando vi Antony, o guarda de plantão, do outro lado com os olhos cravados na nossa fachada.

Fechei a última caixa e me levantei, esfregando as mãos, satisfeita com o trabalho realizado. Sorri imaginando a alegria proporcionada àquelas pessoas desprovidas de saúde, forjando planos para ajudá-los de alguma outra forma.

Enquanto caminhava até o balcão, olhei para os pequenos buracos nas prateleiras e, apesar de ser de meu conhecimento a necessidade de refazer o estoque, eu simplesmente não conseguia. Minhas mãos se recusavam em fazer o trajeto até o telefone, ou ao computador, para realizar a compra e repor todos os títulos faltantes. Algo dentro de mim se agitava quando pensava na possibilidade de precisar repor tudo.

Estava olhando para o enorme desfalque de livros na sessão de literatura infantil quando percebi uma agitação na rua. Imediatamente olhei para Antony e constatei que ele continuava parado no mesmo lugar, mas bem mais alerta. Nos instantes seguintes, um carro oficial parou em frente à livraria e alguns homens da guarda real desceram rapidamente, atentos a todos os lados, criando um cordão de isolamento até a minha porta.

Meu coração ainda estava tentando se recuperar do susto quando outro carro estacionou e a janela do automóvel revelou a presença mais doce de toda Cibele. A porta se abriu e um aglomerado se criou ao redor, composto principalmente por mulheres, ansiosas em ver a bela figura do Príncipe.

Edwin se adiantou, dando atenção às pessoas a sua volta, como se estivesse ali casualmente.

Eu estava congelada e encantada por vê-lo, sem saber como reagir, enquanto ele ajeitava o terno por pura mania, porque não havia nada ali fora do lugar ou desalinhado. Com seu sorriso diplomático exposto no rosto, ele adentrou seguido de dois de seus homens.

— Importa-se, senhorita, de fecharmos as portas? — Edwin indagou em sua pose perfeita e com a voz completamente séria, digna da autoridade que era.

— Claro que não — respondi, adiantando alguns passos em direção à porta, mas Edwin me deteve com um gesto de sua mão.

— Deixe-os — ele ordenou e então pude ver seu sorriso, que apenas eu contemplei. Um de seus homens fechou a porta e se colocou ao lado de seu companheiro, de costas para o Príncipe, vigiando a entrada. — Estou em uma visita oficial, mas não quero especulações sobre qualquer outra coisa.

— Claro, Alteza. — Tentei permanecer séria quando compreendi o recado nas entrelinhas. Fiz uma longa reverência e com o canto dos olhos vi diversos olhares e rostos se contorcendo para enxergar além das portas e da vitrine. — A que devo a honra de uma visita tão especial como a do senhor?

— Vim buscar os livros encomendados. — A voz de Edwin saiu suave. Eu podia ver nos olhos dele nossa cumplicidade, mas de fora, apenas enxergavam o Príncipe em alguma atividade para além dos muros do castelo. — E, claro, ter uma desculpa para vê-los. — Edwin olhou para os lados e voltou-se a mim. — Onde está Oliver?

— Saiu para pagar algumas contas — respondi e percebi pelo olhar dele a necessidade de ser mais discreta e informal, ao menos nos movimentos. Apontei para um canto, onde cinco caixas de papelão aguardavam para serem levadas. — Sua encomenda está pronta, Alteza.

— Muito obrigada por sua gentileza. — Edwin deu alguns passos e se aproximou, apontando em direção ao balcão. — Mas eu tenho outro problema.

— Outro problema?

— Sim. Ontem, eu... — Edwin interrompeu a fala quando ouvimos um barulho de batidas na porta.

Nós nos viramos e Oliver estava visivelmente nervoso por ser barrado em sua própria casa. De certo, não conhecia os homens que acompanhavam Edwin naquela tarde. Com um gesto, o Príncipe permitiu a entrada de meu

irmão e eu me virei de forma que não pudessem ver meu rosto se contorcendo em um sorriso.

— Como o senhor gosta de estar no comando, Alteza. Até mesmo na minha própria livraria — gracejei, apenas para provocar Edwin, de pé, ainda de frente para o grupo de mulheres ansiosas para vê-lo.

— Senhor Davies. — Edwin ignorou meu comentário e formalmente estendeu a mão em direção a Oliver. Porém, eu pude ver o esforço para manter os lábios retos, provavelmente resistindo à tentação de me responder.

— A reverência, Oliver — adverti e meu irmão obedeceu no mesmo instante, se curvando depois de apertar a mão do Príncipe.

— A que devemos a honra de Vossa Alteza? — Oliver questionou, um tanto surpreso e talvez... Preocupado?

— Vim apenas buscar minha encomenda. Porém, estava falando com a senhorita Davies sobre nosso recente problema.

— Prossiga — instrui e nós três nos posicionamos perto do balcão, o mais longe possível de qualquer ouvido maldoso.

— Ontem eu entrei na minha biblioteca e notei algo: ela está diferente. Há algo faltando por lá.

— Ah! — Oliver exclamou e o sorriso malicioso, seguido do olhar em minha direção foi suficiente para denunciar os pensamentos insinuativos dele.

— Eu acredito ser a falta de alguns títulos. Eu pude observar que algumas de minhas coleções estão incompletas. Eu vim em busca desses livros — falou e sorriu. Nossos olhares conversaram e eu compreendi tudo. O recado estava claro, ele sentia minha falta.

— E como poderemos saber quais livros o senhor necessita, Alteza? — questionei, virando-me para o lado contrário da pequena multidão curiosa.

— Isso é bem interessante — Edwin informou, retirando de dentro do casaco um papel um pouco amassado. — Eu tenho uma lista aqui e os livros estão descritos, inclusive com uma pequena observação sobre a falta deles.

Oliver pegou a folha estendida e olhou para mim.

— Essa letra é da Anne — falou surpreso, tentando compreender o porquê eu havia feito ao menos vinte interrogações na frente de *Orgulho e Preconceito*.

— Alguém roubou meu exemplar de Orgulho e Preconceito, porque eu tenho certeza de já ter o visto na biblioteca há tempos atrás. Bom, eu

preciso agradecer a boa alma responsável por fazer essa lista, assim, poderei comprar *todos* — e frisou o todos — os livros da lista.

— Todos, Alteza? — questionei contraindo os lábios. Edwin assentiu. — Sinto lhe informar, mas nossos estoques estão um pouco desfalcados.

— Boas vendas? — Edwin então se permitiu brincar.

— Entretanto — olhei para ele juntando minhas mãos e ignorando o comentário sarcástico —, farei o possível para encontrar *todos*.

— Eu ajudo! — Oliver saiu com a lista nas mãos diretamente em busca de Orgulho e Preconceito.

— Quem em sã consciência possui uma biblioteca sem um exemplar de um dos maiores clássicos da literatura inglesa? Austen merecia um pouco mais de consideração, Alteza.

— Não sou de ler romances, minha cara. Talvez apenas tenha passado despercebido pelos responsáveis da organização do local — justificou-se enquanto se divertia comigo.

— Certamente.

Edwin passou os olhos em volta, analisando os detalhes da livraria, antes de se voltar a mim.

— Creio eu ter algum livro escondido em alguma daquelas prateleiras do fundo, fora da vista das pessoas — Edwin falou tranquilamente sem mudar sua posição.

Olhei instintivamente para a parte de trás da livraria, depois para ele.

— Por aqui, Alteza — instruí com um gesto seco, apontando para os fundos.

Caminhei um pouco a frente dele, e apesar de estarmos a dois passos de distância, eu podia sentir sua presença por perto, fazendo meu corpo reagir de forma estranha. Quando estávamos fora da vista de qualquer pessoa, Edwin se aproximou mais, se colocando ao meu lado.

— Você precisa de alguma coisa? — questionei enquanto ambos olhávamos para os livros dispostos ordenadamente na estante.

— Precisamos de um lugar mais privado — Edwin falou e eu senti sua mão encostar delicadamente na minha, provocando um arrepio em minha pele. — Tem como nos retirarmos daqui sem sermos vistos?

Olhei para Edwin e meus olhos questionavam por si só. Ele sorriu e arrebatou meu coração com as covinhas a mostra.

— Não se preocupe. Só precisamos de um lugar onde não possam nos ver — explicou apontando para a direção onde o aglomerado de pessoas

permaneciam curiosos com aquela visita de Edwin.

Eu olhei para os lados pensando em como sair dali. Não havia como caminhar para a porta dos fundos, porque seríamos vistos. Havia apenas uma pequena despensa, onde ficava nosso estoque, do lado esquerdo, mas talvez não fosse muito prudente seguir até ali.

— Serve — Edwin disparou, quando viu a direção para onde eu olhava. — Vamos, serei breve.

Eu o encarei mais uma vez, tentando obter a certeza das ações dele, e ele não se deu ao trabalho de me responder. Tocou minhas costas e me guiou em direção à porta do pequeno cômodo onde armazenávamos muitos livros, apesar de naquele momento estar mais vazio que de costume.

Eu o abri com delicadeza e acendi a luz. Edwin observou as caixas ao redor antes de me olhar, retirando de dentro do bolso interno do terno um luxuoso envelope.

— Haverá um baile sexta-feira e faço questão da sua presença — explicou estendendo o envelope em minha direção.

— Eu... — abri a boca, mas as palavras não saíram. O envelope foi parar em minhas mãos e eu o agarrei de forma automática.

— Por favor, não deixe que vejam — pediu retirando a mão. — Será um baile fechado, poucas pessoas terão o privilégio de participar, entretanto, você e Oliver são meus convidados de honra.

Comecei a balançar a cabeça negando freneticamente, sem nem mesmo compreender o motivo. Edwin me encarou confuso com minha atitude inusitada.

— Você está bem?

— Não posso! Eu não posso — respondi devolvendo o convite para ele.

Os olhos castanhos penetrantes me encaravam com um pouco de decepção. Ele pegou o convite e o colocou em cima de uma caixa.

— Não daria certo, de qualquer forma. Eu não posso — falei novamente, dando de ombros.

O Príncipe estava me encarando e eu senti um calor me envolver. Só então percebi nossa proximidade, efeito do pouco espaço vazio disponível naquele pequeno cômodo. Nossos olhos se encontraram e novamente me vi envolvida naquele mundo só nosso. Só ouvíamos nossas respirações quando ele segurou minhas duas mãos.

— Anne, você ainda não compreendeu? — Balancei a cabeça negando sem pensar no que eu deveria responder. Na verdade, nem tinha

compreendido sua pergunta. Edwin sorriu e me puxou, me envolvendo em um suave abraço. — Eu preciso de você lá, isso é muito importante.

Não sei o porquê, mas me vi obrigada a concordar de alguma forma. Talvez porque o momento era tão intenso, não me permitindo nada mais além de assentir.

— Se precisar de ajuda com a roupa eu posso...

— Não! — interrompi, afastando-me. — Eu consigo resolver isso.

Edwin beijou minha mão e sorriu, conseguindo uma resposta imediata minha.

Eu suspirei. Suspirei apaixonada sem nem ao menos perceber.

E lá estávamos nós novamente. Ele comprimiu os lábios, tentando não colocar para fora seus pensamentos, os quais eu suspeitava ser parte de seus sentimentos.

— Eu preciso retornar — declarou desgostoso, por fim.

— Você tem razão! — Afastei-me como pude. — Seria estranho seu sumiço.

Eu estava mais perto da porta, e por esse motivo fui à frente. Porém, antes de atravessar o marco, Edwin segurou minha mão e me forçou a virar. Havia angústia em seus olhos e eu pensei que ele fosse explodir de alguma forma.

Edwin precisava falar. Contido, ele não podia e eu percebi isso.

— Eu estarei lá — garanti tentando aliviar a tensão presente.

— Por favor, é importante — frisou.

— Eu estarei, confie em mim.

Então me desvencilhei da mão dele e saí apressada em direção a prateleira onde eu tinha certeza haver ao menos dois livros dos quais a biblioteca do palácio não possuía. Em poucos segundos ele surgiu do meu lado e caminhamos em direção ao balcão, onde Oliver já havia empilhado uma enorme quantidade de livros.

— Não precisa mais, Oliver — eu sugeri a meu irmão parar de abusar da boa vontade do Príncipe.

— Está perfeitamente bom. Eles preencherão o vazio.

Edwin efetuou o pagamento e eu não pude protestar, porque não poderia levantar suspeitas. Depois ordenou o carregamento das caixas com a encomenda e compras daquele dia, antes de se despedir.

— Eu espero vocês na sexta — ele falou baixinho, fazendo uma pequena mesura.

— Boa tarde, Alteza — respondi alto, reverenciando.

Quando ele saiu e todo o movimento se dispersou, meu irmão me lançou seu olhar inquisitivo.

— Onde vocês estavam?

Ignorei aquela pergunta, porque eu sabia onde Oliver queria chegar. Busquei o convite dentro do estoque e enfiei na minha bolsa. Só o abriria à noite, quando tudo se acalmasse e meu corpo voltasse a obedecer às ordens do meu cérebro para reagir da forma natural, inclusive meu coração, para bater menos acelerado.

Orgulho e Preconceito, livro da autora Jane Austen.



Olhei para as minhas mãos apoiada em meu colo e notei como elas estavam frias e um pouco trêmulas. Minha mente estava fixada em todos os possíveis desastres futuros, frutos de meu excelente hábito de fazer besteiras na frente da nobreza.

— Você está tão linda! — Oliver interrompeu meus devaneios, pressionando minha mão, gentilmente. — Anne, você ficou perfeita, uma verdadeira princesa.

— Obrigada — agradeci oferecendo a ele o meu sorriso mais sincero. — Você está muito elegante também. Gostaria de saber quem arrumou esse terno tão bem alinhado para você. Vestiu como uma luva!

— O Zac, obviamente! — meu irmão me informou e consegui ver Zac, sentado à frente, manear a cabeça, tentando a todo custo esconder um sorriso. — Eu não saberia escolher algo de tão bom gosto.

— E está parecendo um verdadeiro cavalheiro — elogiei ajeitando a gola da camisa, num gesto instintivo e materno.

— Como o Edwin? — Oliver estreitou os olhos aguardando minha resposta.

— Sem dúvidas você está muito mais bonito do que o Príncipe — afirmei, mas Oliver não se convenceu com meu elogio.

— Vou fingir que acredito — replicou revirando os olhos, levando-me a sorrir.

Olhei a paisagem pela janela me recordando dos últimos dias, definitivamente haviam sido dias intensos. Depois de receber aquele convite inesperado minha vida tornou-se insana. Desde a corrida para ir em busca de um vestido digno de uma festa oficial no Palácio, mas que ao mesmo tempo não me forçasse a vender um rim para pagar pela peça — e preciso observar como as últimas compras na livraria, feitas pelo próprio

Príncipe, foram responsáveis por financiar minha vestimenta —, até a minha preparação para aquela noite.

Para meu alívio, Madame Samovier me acudiu quando implorei por ajuda. Não sabia como me comportar, como reagir em meio a tantas pessoas de classe social elevada a minha. Ela e Zac passaram algumas horas da folga deles ensinando a mim e Oliver, regras de etiqueta e comportamento. E para completar seu brilhante serviço, ela conseguiu algumas incríveis funcionárias para me ajudarem com os cabelos e a maquiagem, me transformando em uma verdadeira *Lady*.

Eu não parecia eu mesma quando visualizamos o resultado de todo esforço pelo espelho.

— Você não fica atrás de nenhuma daquelas mulheres vestidas cheias de pompas. Está perfeita! — Zac assegurou quando veio nos buscar. Só havia uma explicação para ele ter conseguido sair do Palácio em um dia movimentado daqueles. Edwin queria garantir minha ida, a todo custo.

Quando o carro parou na entrada principal do Palácio, senti meu corpo estremecer e meu coração gelar. Havia muitos automóveis, de onde desciam homens e mulheres trajando elegantíssimas vestes, deixando claro sua posição social elevada.

Suspirei, tentando assim trazer algum alento ao meu coração, aceitando o apoio de Oliver para descer. Olhei ao redor e, acanhada, constatei que aquele não era meu lugar, não dessa forma. O castelo era, sem dúvidas, mais divertido quando pessoas simples sorriam afetuosamente para mim.

— Posso garantir, Anne, Edwin só se importa com sua presença nesse momento — Zac cochichou em meu ouvido percebendo meus temores. — Não se assuste, vocês se sairão bem.

— Obrigada, Zac — respondi sorrindo, cheia de gratidão pelo apoio de meu amigo mais sincero, ainda que não gostasse do assunto sendo exposto com tanta naturalidade entre nós.

— Senhorita! — Zac tomou minha mão e deixou um beijo sobre meus dedos. — Tenho compromissos, mas caso precise de qualquer coisa, por favor, não hesite em me chamar. Estarei a seu dispor.

Zac fez uma reverência e se retirou a caminho da entrada secundária. Respirei fundo muitas vezes e só então notei Oliver avaliando o local e me desesperei quando percebi sua apreensão em estar ali.

— Por favor, Oliver. Eu preciso de você — supliquei, obrigando-o a olhar para mim.

— Certo — Oliver pareceu reagir e voltou a ser meu irmão despreocupado, oferecendo o braço. — Veja essas pessoas. Todos tão chiques. Aposto que existe alguma princesa por aqui.

— Com toda certeza, ao menos a princesa Cloe estará presente — dei alguns passos e puxei o ar com força, me acalmando mentalmente. — E o Rei e a Rainha. Ainda dá tempo de desistir? — Encarei meu irmão, torcendo para ele concordar em darmos meia volta e retornarmos para a segurança do nosso lar.

Oliver apenas sorriu e continuamos caminhando lentamente até a entrada. Nós adentramos o palácio e o salão de recepção estava com um amontoado de funcionários prontos para retirar casacos, atender aos pedidos ou apenas bajular aos convidados. Quando nossos queridos amigos nos identificaram, era quase impossível não notar no rosto deles uma expressão de surpresa e emoção por nos verem vestidos daquela forma.

Meu vestido estava longe de se parecer com as peças únicas e excêntricas usadas pelas outras mulheres da festa, porém, eu estava perfeitamente adequada para a ocasião. Optei pelo simples e delicado, mas não perdendo em nada no quesito elegância.

Todo o meu vestido era de um tom azul acinzentado e a saia em tule apresentava alguns tons em azul anil, fundindo-se com o restante da peça. Na parte superior, havia uma delicada renda, envolvendo todo o meu colo, deixando parte da pele acima dos seios a mostra com a ausência do forro no local. Meus cabelos foram presos de uma forma mais natural, deixando de lado os tradicionais coques justos, e expondo um penteado mais despojado, contudo muito bem elaborado.

Nós fomos guiados por um funcionário desconhecido e imaginamos ser ele um dos muitos trazidos do Palácio de Hawis para ajudar na organização daquela festa. Paramos à porta do salão de baile. Nas minhas andanças pelo palácio, nunca havia adentrado ao grande salão, por estar sempre fechado, então tudo seria uma novidade para mim.

— Senhor e senhorita Davies — anunciaram nosso nome em alto e bom som.

— Preferia entrar com discrição — sussurrei no ouvido de Oliver, apertando cada vez mais seu braço, sentindo a tensão dominar meu corpo.

— Sorria, minha querida. Apenas sorria.

Nós atravessamos a porta e, apesar de alguns olhares curiosos em nossa direção, desejosos em desvendar quem eram as duas novas figuras

adentrando o espaço, a maioria não deu muita importância para nossa entrada. Era claro que o sobrenome Davies não era digno de dispensarem suas preciosas atenções.

Caminhamos seguindo o conselho de Zac, permanecendo nas beiradas do recinto, tentando parecer o mais invisível possível. Oliver não perdeu a chance de parar num lugar estratégico: ao lado da mesa de petiscos, composta das mais variadas e deliciosas iguarias.

— Como essa nobreza tem um gosto um tanto peculiar, Anne. Veja o cabelo daquela mulher! Dá para um passarinho fazer um ninho ali dentro — Oliver comentou forçando um sorriso simpático, apontando com o queixo na direção onde uma mulher com um cabelo assustador pousava como uma modelo, tentando chamar atenção para si e seu visual excêntrico.

— Não é à toa que eu não me encaixo nesse estilo de vida — respondi sorrindo, mas logo comecei a vasculhar o salão em busca de rostos conhecidos.

A quem eu quero enganar? Estou à procura do Príncipe! O único por quem me importo.

O salão principal era lindo. Como o restante do Castelo, possuía as paredes na cor creme e era ornamentado com detalhes dourados em todas as janelas e pilastras de sustentação. Naquele dia em especial, estava ainda mais encantador. Toda a decoração era branca com detalhes em vermelho, a cor da nossa nação, representando o sangue do Cordeiro, responsável por nossa redenção e a pureza.

Observei diversos nobres circulando pelo local, trocando gentilezas e cumprimentos entre si, mas não havia nenhum membro da realeza presente, segundo constatei. Estávamos em um lugar privilegiado, obtendo a vista de todo o salão. Eu e Oliver passamos alguns minutos nos divertindo, comentando sobre as roupas, cabelos, maquiagens e acessórios desnecessários, e podemos constatar que a grande maioria da nobreza gostava de exagerar quando o assunto era demonstrar seu status diante de outros afortunados.

Toquei em meu pingente, a única joia que eu carregava e sorri aliviada por ele ainda estar ali. Desde quando o ganhei, não o retirei e, mesmo após as diversas tentativas das meninas buscando me convencer a usar outro colar que combinasse com meu vestido, eu não poderia substituir aquele. Ele já fazia parte de mim e era como eu me sentia próxima a Edwin.

Estávamos eu e Oliver bebericando o champanhe em nossas taças, rindo da nossa falta de conhecimentos sobre bebidas fortes, quando um murmurinho tomou conta do local. Todos se viraram em direção a uma escada e senti a ansiedade tomar conta do meu corpo quando meus olhos também seguiram o restante da multidão.

Obviamente ele não vai conseguir dar atenção a você, Anne. Mas ao menos posso vê-lo.

Um homem de fala firme e totalmente vestido de preto anunciou a entrada da família real. Os primeiros a aparecerem no alto da escada foram nosso Rei e nossa Rainha. O salão inteiro se curvou em delicadas reverências, demonstrando o respeito às nossas autoridades. A Rainha Margareth era o exemplo da beleza e elegância. Sem todos os outros apetrechos que as damas da nobreza insistiam em usar, ela conseguia se realçar entre os demais com luxo e elegância. O Rei Edmund utilizava o traje oficial, a casaca vermelha com uma faixa branca transpassada e um lindo broche cravado com o símbolo de Cibele, um cordeiro, no centro do objeto de ouro.

Logo atrás, o Príncipe Elliot e a Princesa Cloe formavam um casal diferente. Mesmo trajando suas roupas oficiais, o herdeiro do trono não deixava seu jeito irreverente de lado. Lembrei-me de Edwin me contando como o pai se irritava quando o irmão mais velho ousava, e dessa vez, parecia fazer isso no penteado incomum dos cabelos. Ao contrário, sua esposa Cloe estava encantadora e perfeitamente produzida segundo os padrões oficiais. Sem exageros, mas digna de ser a mulher responsável em ditar a moda de Cibele.

Passaram-se alguns minutos até anunciarem os dois Príncipes solteiros e, essa condição de ambos, causava um efeito notório nas mulheres presentes, principalmente as que se encontravam nas mesmas condições, igualmente desimpedidas. Quando eles apontaram no alto da escada, pude jurar ouvir vários suspiros, entre eles, o meu. Os dois eram muita beleza para apenas um lugar. Ao contrário do herdeiro, ambos trajavam um casaco diferente, indicando a posição inferior ao irmão. Porém, era vermelho e tinha a insígnia presa, junto com outras medalhas pessoais.

Esra era digno de toda excessiva admiração que despertava, com aqueles olhos claros cintilantes e o sorriso malicioso, típico de quem estava gostando de chamar a atenção das mulheres ao redor. Até sua forma de andar exalava charme e conquista.

Mas, meus olhos só conseguiam se concentrar no homem ao seu lado.

O *meu* Príncipe estava impecável, nada parecia estar fora do lugar em seus trajes. Seu cabelo estava cuidadosamente penteado e a barba feita, revelando todos os detalhes do seu rosto perfeito. Ao contrário do caçula, ele mantinha o olhar sério, fechando-se por completo para qualquer tipo de investida das muitas mulheres que dariam qualquer coisa para se jogarem aos braços dele.

— E aí está o *seu* Príncipe — Oliver se inclinou e cochichou em meu ouvido, fazendo meu rosto corar imediatamente.

— Não tenho esperanças em tomar nem um pouco da atenção se Sua Alteza neste salão lotado de pessoas com quem ele tem obrigações. Quando eu tiver a garantia que ele nos viu, nós podemos voltar para nossa casa e para o nosso mundo real, onde não existe salmão defumado.

— Mas pense pelo lado bom, Anne. Teremos o resto da vida para nos divertimos, com conteúdos intermináveis para nossas resenhas, que esse baile e toda a nobreza nos proporcionaram — Oliver gracejou e eu precisei concordar com ele. Nós riríamos para sempre sobre os cabelos e roupas exageradas das pessoas ao nosso redor.

Continuei com minha atenção depositada na família real. Eles caminhavam pelo local, recebendo e cumprimentando os muitos convidados.

— Olhe, Anne, John e Stevan! — Oliver apontou, empolgado, para o outro extremo de onde estávamos. — Podemos ir lá, cumprimentá-los. Você melhor do que ninguém sabe falar com estátuas.

Oliver não esperou eu responder. Colocou minha mão sobre a curva de seu braço e andamos em direção aos nossos queridos amigos, circundando o salão. Paramos apenas quando estávamos ao lado deles.

— Olá, queridos! — cumprimentei contente, mantendo meu olhar para Oliver. — Linda festa, não é mesmo? Estou encantada com a decoração.

— Por favor — Oliver continuou e, para quem estava de fora, nós parecíamos conversar entre nós —, deem minhas lembranças ao Scott. Não sei se o veremos esta noite.

— Quem é Scott? — indaguei surpresa por ainda não ter ouvido o nome dele saindo da boca de meu irmão.

— Ah! — Oliver coçou a cabeça sem saber como responder. — É um dos chefes da segurança do Palácio.

— E porque você nunca mencionou sobre ele para mim?

Nós ouvimos alguém pigarrear, interrompendo nossa pequena conversa — que mais parecia uma discussão de irmãos —, e constatamos ser um alerta vindo de John, ao meu lado.

— Mas o que...

— Senhorita — uma voz masculina, pertencente a um homem incrivelmente bonito e forte soou ao meu lado. — Eu a conheço?

— Perdão? — Encarei-o tentando compreender porque ele estava interessado em conversar comigo.

— Não consigo identificar seu rosto. Receio nunca tê-la visto em algum baile ou atividade social e, com toda certeza, se estivesse em um deles eu a notaria — ele disse enquanto jogava seu cabelo castanho escuro para trás, ciente de ser possuidor de um charme incomparável, quase igual ao do Príncipe Esra.

— Senhorita Davies. — Apressei em me apresentar antes de mais indiretas como aquela. — Esse é meu irmão, Oliver Davies.

O homem sorriu ciente da minha escapulida a seu galanteio. Apertou a mão de meu irmão e em seguida beijou a minha, com bastante delicadeza.

— É uma honra conhecê-la. Permita-me dizer quem eu sou. Príncipe Devon, do Reino Integrado.

Um Príncipe! Céus, como reagir? Reverência? Não! Samovier instruiu nossa obrigação apenas com a Monarquia de Cibele.

— Alteza, o senhor é irmão de nossa futura rainha? — Oliver veio ao meu auxílio, quando viu meu embaraço.

— Infelizmente, meu jovem, nem sempre podemos fazer escolhas, e escolher nosso parentesco é uma dessas situações que a vida se encarrega de decidir por nós. Mas, sim, sou irmão da Cloe — respondeu num tom divertido, mas deixando claro que aquele comentário era uma forma utilizada para quebrar o gelo existente entre nós.

E depois disso, seguiram-se outras brincadeiras. Durante os seguintes minutos em que mantivemos uma conversa, descobri como os membros da realeza podem ser divertidos. Para a minha sorte, o Príncipe Devon praticamente passava o tempo todo falando de si, do seu país, de suas conquistas e das alianças feitas nos últimos tempos. Sem emitir interesse por nossa simplória vida, fomos capazes de mantermos o fluxo de assuntos em segurança por vários minutos.

E nesse tempo, pude me distrair de Edwin.

Capítulo 46

— Vocês gostariam de beber algo? — Príncipe Devon perguntou, quando percebeu estarmos à vontade ao seu lado, depois de ter repetido duas vezes uma hilária — e duvidosa — história de uma aventura entre ele e seu cavalo nas montanhas do norte do Reino Integrado.

— Não, estou bem, obrigada — respondi mostrando a taça de champanhe, a qual eu não havia consumido nem um terço do conteúdo durante toda a nossa conversa.

— Eu lhe trarei algo melhor para beber — ele replicou retirando a taça da minha mão quando compreendeu que eu não tomaria o restante da bebida.

Eu assenti, sentindo-me aliviada vendo-o se afastar. Eu estava gostando da conversa, mas não gostaria de dar mais espaço para ele. E o Príncipe Devon parecia estar bastante interessado em um passeio pelos jardins em minha companhia.

— Vamos sair daqui? — perguntei a Oliver quando o Príncipe sumiu de vista.

— Por favor! — Oliver concordou, pensando o mesmo que eu. — Ele quase estava comendo você com os olhos.

— Não exagere!

— Não estou exagerando.

Ouvindo a afirmação segura de meu irmão, fiz questão de apressar meus passos e tentamos nos misturar ao máximo na multidão.

— Onde Edwin está? Precisamos cumprimentá-lo e partir. Eu não quero mais meia hora de conversa com outro nobre, arriscando precisar dar detalhes sobre nossa vida. — Olhei ao redor com a máxima decência possível e encontrei Edwin e Esra próximos a nós. — Será falta de educação ir até lá?

— Obviamente — Oliver respondeu segurando meu braço, talvez temendo minha disparada em direção aos Príncipes. — E não queremos chamar atenção. Vamos esperá-los aqui. Estamos a salvos daquele homem por enquanto.

— Espero que Edwin se aproxime logo.

Como se estivesse ouvido meu murmúrio, Edwin olhou em nossa direção. Eu senti um arrepio em todo o meu corpo quando os olhos dele se demoraram nos meus. Ele não demonstrou nenhuma reação, virando-se tranquilo em direção a Esra ao seu lado. Eu não sabia como poderíamos conversar sem chamar atenção e, confesso, fiquei frustrada por ele não poder demonstrar seu afeto com a mesma intensidade em que demonstrava quando estávamos apenas nós dois.

Trinta minutos depois, que podem muito bem ter sido apenas cinco, visto que eu não estava em condições de raciocinar, enfim avistei a figura bela e elegante do Príncipe caminhando na direção em que eu estava. Suas mãos estavam para trás, e por onde ele passava olhares indiscretos de mulheres o rodeavam.

Mas ele vinha olhando apenas para mim.

— Uau! — Edwin exclamou quando se posicionou exatamente a minha frente. Em seguida, começou a avaliar ao nosso redor. — Uau, que salão maravilhoso!

Foi impossível não rir de seu gracejo, mesmo morrendo de vergonha. Ele se lembrava bem do nosso primeiro encontro e de como fui pega de surpresa pela sua extraordinária e inigualável beleza.

— Com toda certeza, Alteza — respondi e fiz uma reverência tentando ser o mais delicada possível.

Oliver se apressou em cumprimentar Edwin e em total descrição, saiu, alegando estar em busca de comida.

— Você está encantadora — Edwin beijou minha mão, sem tirar os olhos de meu rosto. — Simplesmente a mais bela de todas as mulheres.

— Obrigada — agradeci e puxei suavemente minha mão, sentindo-a formigar pelo contato com a pele e os lábios de Edwin.

— Eu estou feliz que tenha vindo. Espero que compreenda como sua presença é muito importante para mim, Anne. Quero apresentá-la para minha mãe.

Mãe? Mãe? A Rainha?

— Eu acho que essa não seria uma boa ideia. Você sabe como eu sou um desastre na frente de pessoas importantes — respondi e ele riu. — Por favor, Edwin, não faça isso comigo — supliquei baixinho.

— Você se sairá muito bem, eu não tenho dúvidas. — Edwin não esperou minha reação, tomando meu braço. — Você sabe que é obrigada a cumprir as ordens de suas autoridades, não é verdade?

Não olhei em seu rosto, temendo me expor mais ainda ao ridículo quando minhas faces estivessem vermelhas.

— Eu bem sei que você não gosta de obedecer, mas é o protocolo — Edwin se inclinou levemente e falou baixinho no meu ouvido.

— Alteza, isso não é hora de elogiar meus atributos. E veja bem, estão todos olhando para nós. — Sentia meu coração pedindo socorro a cada passo dado ao lado dele.

— Provavelmente se perguntando quem é essa esplêndida jovem sendo acompanhada pelo Príncipe.

— Devo sorrir? — questionei tentando ser o mais discreta possível, ignorando o murmurinho ao nosso redor.

— Como quiser, querida.

— Você não está sorrindo — concluí depois de olhar brevemente em seu rosto.

— Não costumo sorrir em eventos assim. Deixo todo o charme para Esra.

Pressionei os lábios tentando esconder o sorriso espontâneo que nasceu como resultado da brincadeira de Edwin. Esra distribuía sorrisos e olhares ao redor do salão desde o início do baile. Nós continuamos caminhando e eu fiquei aliviada por não ter tropeçado, porque andar, ainda que uma curta distância, com aqueles saltos e com a perna bamba não era tarefa fácil.

— Devo fazer uma reverência? Edwin, eu estou nervosa!

— Acalme-se, Anne. Faça a reverência e deixe minha mãe conduzir a conversa — ele me instruiu, um pouco antes de chegarmos onde a Rainha estava acompanhada de duas outras senhoras. — Majestade, posso ter um minuto de sua atenção?

— Edwin, meu querido. Sabe que eu sempre tenho tempo para meus filhos — ela respondeu com um sorriso materno. Seu olhar se repousou em mim, antes dela dispensar educadamente as duas acompanhantes. — Nós continuaremos nossa conversa quando meu filho esgotar toda a cota de seu precioso tempo em minha presença.

Eu não consegui não sorrir. Pelo visto, o bom humor era marca da família. As duas fizeram reverências e se retiraram em segundos. Edwin olhou para mim, depois para a mãe.

— Gostaria de apresentar a Anne. É uma amiga muito querida, aqui de Kent. A responsável por tornar meu escritório mais organizado — Edwin sorriu aberta e verdadeiramente pela primeira vez naquela noite.

Fiz uma reverência e tive a plena certeza de não ser nem um pouco graciosa. Esperava alguma instrução de Edwin, mas ele mantinha-se calado, apenas sorrindo e observando sua mãe me avaliar por inteiro.

— É uma honra conhecê-la, Majestade. Seu filho fala muito da senhora — arrisquei bajulá-la.

— Apenas coisas boas, eu espero. Às vezes os filhos podem ter uma visão distorcida dos pais — a Rainha se divertiu e parecia com vontade de apertar as bochechas do filho, com aquele olhar materno carregado de afeto.

— Obviamente, apenas falo coisas incríveis sobre a senhora. Eu não me arriscaria ir contra minha Rainha — Edwin respondeu com um tom igualmente carinhoso. — Sei como pode ser bem severa quando deseja.

— Bobagem — ela respondeu, balançando uma mão no ar, sem esconder a diversão no seu olhar. — Mas voltemos a sua amiga. Ela deve ser o centro da nossa conversa e não merece ouvir nossas trocas de farpas, Alteza.

— Ah, não. Estou me divertindo muito vendo os dois conversarem — respondi imediatamente, antes de me tornar o centro das atenções.

A Rainha olhou nos olhos do filho e por um instante eu li em sua expressão como ela desejava compreender quem eu realmente era. Porém, Edwin não mudou em nada seu semblante tranquilo e eu fiquei no meio daquela indagação familiar, sentindo-me perdida.

Seria muita falta de educação se eu saísse correndo, deixando para trás a Rainha e o Príncipe?

— Quem são seus pais? — por fim ela desistiu de buscar resposta no filho e se virou a mim.

— Eles faleceram, Majestade.

— Oh! Sinto muitíssimo.

E nesse instante eu precisei unir todas as minhas forças para não chorar. A Rainha estendeu as duas mãos e segurou as minhas em um gesto carinhoso, visivelmente constrangida por ter me feito falar de um assunto delicado.

— Não, tudo bem. Já faz quatro anos.

— Mas a senhorita é tão nova — ela falou, avaliando meu rosto. — Isso deve ter sido muito difícil.

— Anne tem uma livraria, mamãe — Edwin interrompeu a nossa conversa, talvez se recordando das vezes em que eu desabei em um sofrido choro quando falamos sobre meus pais.

— Ah, verdade? — A mulher pareceu compreender o recado e soltou minha mão, mostrando-se animada com aquela recente informação.

— Sim. — Cruzei as duas mãos em frente ao meu corpo, sem saber como reagir diante daquele momento constrangedor.

— Ela cuida do irmão, Oliver Davies. Um rapaz muito inteligente e com um futuro brilhante pela frente, ouso dizer que obterá grandes conquistas.

— Oliver! Ele deve estar me procurando — comentei, olhando discretamente ao meu redor, torcendo para que aquilo se tornasse realidade e ele me resgatasse dali.

— Davies — sua mãe repetiu nosso sobrenome. — Não me recordo de nenhuma família Davies. Exceto do procurador de Mayin.

— Não, mãe. O pai dela é estrangeiro — Edwin interferiu.

— Verdade? E o que o trouxe ao nosso país?

Eu senti um nó se formar na minha garganta e não sabia como responder. Pisquei e mantive os olhos fechados por um pouco mais de tempo, tentando encontrar uma boa resposta para ser dada.

Edwin, salve-me!

— Mamãe, creio que estamos quase na hora da dança oficial — Edwin mudou completamente o rumo da conversa em meu socorro.

— Com certeza, estamos sim — A Rainha assentiu, parecendo se esquecer da pergunta anterior.

— A senhorita dança? — Edwin se virou a mim e questionou.

— Não sei. — *Não sei? Anne, acorda!*

— Você não sabe? — E foi nesse exato momento que ele escolheu se divertir com minha cara. — A senhorita me passa a impressão de ser uma dançarina qualificada, não sei o porquê sinto isso quando olho para você.

— Depende da dança, Alteza. Creio não possuir a graça necessária para encantar seus convidados com a visão de uma dança a dois. Com certeza seria humilhante para ambos.

— Compreendo. Nesse caso, devo devolvê-la ao seu irmão e ir em busca de um par para me acompanhar. A senhora me dá licença, Majestade? — pediu, tomando a mão da Rainha e depositando um beijo sobre seus dedos.

— Eu faria companhia à encantadora senhorita Davies, observando os casais bailarem, mas seu pai me convocará para uma dança, então, temo deixá-la só.

— Eu estarei bem assistida por meu irmão — garanti fazendo uma reverência antes de tomar o braço de Edwin.

Nós estávamos saindo, quando a mãe dele o chamou.

— A Estela adoraria ser sua acompanhante na primeira dança, Edwin. Ela está ao lado da Cloe.

Edwin sorriu forçado e fez uma pequena mesura, enquanto eu senti meu estomago se revirar, tomada por uma emoção, causada por puro ciúme. Nós demos alguns passos antes dele perguntar baixinho.

— Tem certeza que não sabe dançar valsa?

— Não! Não! — repeti para frisar bem o desastre previsível caso ele insistisse. — Seria um vexame e na frente de tanta gente importante.

— Salve-me da Estela, por favor — ele suplicou, mas havia um tom de brincadeira em sua voz.

— Você pode encontrar outra jovem, caso não deseje dançar com ela. — Parabéns, Anne. Demonstrando sua insatisfação e ciúmes com a senhorita em questão.

— É exatamente o que pretendo fazer quando devolvê-la a Oliver.

— Por favor, Alteza. Me leve para a outra extremidade — pedi quando vi o Príncipe Devon conversando com meu irmão. — Longe de Oliver!

— Ah, Devon — Edwin falou com desgosto na voz. — Ele te incomodou? Ele é uma péssima influência para Esra — informou já desviando de nossa rota inicial. — Eu não posso te deixar só.

— Deixe-me em qualquer lugar e pronto. Eu consigo me virar.

— Sim, eu sei. Conheço você muito bem — ele respondeu com a voz carinhosa, fazendo minhas pernas vacilarem. —Você está bem?

— Sim, Alteza. Não vou demorar por aqui. Quando Oliver conseguir se desvencilhar do homem, nós partiremos — informei e Edwin falhou um passo.

— Bem — ele voltou a andar lentamente —, gostaria de falar com você, mas queria esperar o fim da festa, quando as pessoas não estarão mais tão

preocupadas com a vida dos outros.

— O senhor quis dizer: quando estiverem bêbadas o bastante para se esquecerem das pessoas ao seu redor.

— Por aí — respondeu e olhou em meu rosto sorrindo. — Daqui duas horas, talvez.

Edwin beijou minha mão quando eu estava segura, longe do Príncipe do Reino Integrado e me deixou, passando pelo lado oposto de onde Estela se encontrava. Quando ele estava fora da minha vista, aproveitei a oportunidade e saí de fininho pela porta de entrada. Para minha sorte, quem vigiava a outra porta de acesso ao Palácio era um dos funcionários conhecidos. Quando pedi para me deixarem ir até a biblioteca, minha passagem foi permitida sem questionamentos.

Caminhei apressada passando pelos guardas sem ser impedida. Quando atravessei a porta da biblioteca escura, senti-me em casa novamente. Acendi apenas as luzes baixas e corri para as prateleiras em busca de um livro. Se não podia partir imediatamente, eu poderia passar meu tempo fazendo algo melhor do que encarar a nobreza e todas as suas pompas.

Escolhi um livro, sentei confortavelmente em uma das poltronas e embarquei em minha leitura, esquecendo-me do momento.

Já estava no décimo capítulo de um romance, quando ouvi passos vindos em direção à biblioteca. Vozes entoavam pelo corredor. Dei um salto da poltrona e olhei em volta, em pânico. Poderia ser o Rei, a Rainha, o Príncipe Herdeiro, ou um homem bêbado, ou alguém pronto para me repreender por estar lá. Eu poderia estar completamente encrencada e ainda colocar Edwin em problemas.

O barulho aumentava e sem conseguir pensar direito, escondi-me atrás de uma prateleira, em um pequeno espaço, suficiente apenas para me ocultar. Respirei fundo, puxando todo o tecido da minha saia para aquele espaço evitando assim ser descoberta. As vozes estavam cada vez mais próximas e eu torcia internamente para não se tratar de um casal de amantes.

Tudo o que eu não queria era ser testemunha de qualquer ato impróprio.

Então, ouvi o barulho da porta se abrir e as luzes se acenderem.



— Ela está maravilhosa, como uma princesa deve ser. — Ouvi a voz de Esra entonar pelo local, parecendo bastante animado.

— Simplesmente encantadora. — Edwin concordou, com seu jeito gentil de elogiar as pessoas. Por um momento me senti incapaz de mexer qualquer parte do meu corpo, imaginando quem era essa pessoa a quem eles elogiavam com entusiasmo.

— Ah, irmão. Estou feliz por você. — Fechei os olhos e engoli em seco ao ouvir Esra felicitando Edwin.

Eu poderia saltar de trás da prateleira naquele instante, sabendo que os dois não se importariam com minha presença e no máximo se divertiriam por eu ter me escondido. Mas a conversa animada dos dois me impediu de reagir. Meus pés estavam travados no piso e minhas mãos apertavam a saia de meu vestido com força.

— Você se declarou para ela? — Esra perguntou e eu prendi a respiração, esperando a resposta de Edwin. Se fosse positiva, eu estava enganada e tudo havia sido uma grande confusão. Ele só gostava de mim como uma amiga.

— Ainda não — ele respondeu e suspirou, e eu soltei o ar aliviada.

Eu precisava sair dali, tinha a plena noção disso. Meu cérebro gritava para eu dar um passo ao lado e me expor, fazendo graça com a situação de ser pega por eles. Mas depois de ouvir aquela conversa, eu estava encrencada e precisaria encarar Edwin. E, definitivamente, eu não estava pronta.

Encolhi-me como pude, torcendo internamente para eles se calarem e retornarem de onde vieram.

— Você vai perdê-la. Meu Deus, como pode enrolar tanto? — Esra perguntou e ouvi o barulho de uma cadeira se arrastando sobre o piso.

— Esra, a Anne é diferente de todas essas mulheres que você conhece. E nós já conversamos inúmeras vezes e você compreendeu e concordou com minha forma de pensar. Eu não posso simplesmente me declarar...

Anne? Ele disse Anne? Qual a chance de existir outra Anne na vida dele? Ah, meu Deus, eu preciso sair daqui!

— Diga a ela — Esra aconselhou e sua voz era firme, soando como uma ordem.

— Eu vou dizer, eu vou dizer. — Ouvi o barulho de outra cadeira se arrastando antes de Edwin continuar. — Eu já tentei outras vezes, mas sempre algo me impede. Eu não sei explicar e nem sei se compreenderá, mas existe algo me barrando de alguma forma. — Ouvi um suspiro longo. — Talvez Deus esteja me alertando por ainda não ser o tempo. Tudo isso pode ser um pouco precoce. Você sabe como são tantas responsabilidades. Seria um passo muito grande, não pode ser tão simples assim.

Deus! Deus! Deus! Tampei minha boca temendo soltar um grunhido.

— Edwin, preste atenção em mim. Sou seu irmão e conheço você melhor do que ninguém. Eu, nesses vinte e cinco anos de convivência, nunca o vi assim. É claro que é simples! Você a ama, não é mesmo?

Houve um silêncio ensurdecedor e eu estava em dúvida se desejava mesmo ouvir a resposta.

— Eu a amo, você sabe que a amo. Mas é complicado chegar e dizer isso a ela. Não é assim tão simples. — Meu coração parou de bater por um breve instante, enquanto eu tentava processar aquela informação.

— Vou te ensinar como fazer: Anne Davies, eu te amo. Pronto, é simples assim!

— Você sabe como é difícil para *eu* dizer isso? Não estou acostumado a declarar para as pessoas meus sentimentos tão abertamente. — Ouvir aquilo aqueceu meu coração. De repente, eu desejei correr para os braços dele e confortá-lo, declarando meu amor correspondente ao dele.

— Sério? Você sempre declara seu amor por mim. Não me parece ter dificuldades em fazê-lo — Esra brincou, provocando o irmão.

— Só por você.

— Pela mamãe? — indagou ainda se divertindo com aquela conversa.

— Por você, pela mamãe e pelos Samovier’s. Minha lista de declarações de amor é bem pequena — Edwin respondeu e eu sorri, imaginando seu rosto ao pronunciar as palavras.

— Sério? Pois eu já disse isso para uma porção de garotas.

— Ah, não venha comparar a Anne com essas mulheres a quem você usa e depois descarta, sem se importar com os corações delas, Esra.

Esse é o Meu Príncipe!

— Eu admito, a Anne é uma jovem pura e honrada. Eu nunca me atreveria a conquistar uma jovem como ela e depois abandoná-la. Não sou um libertino da pior espécie, como você diz. Você sabe muito bem que as jovens com quem me relaciono desejam o mesmo que eu — Esra se defendeu.

— Aposto dez milhões como muitas sonharam com um casamento, Esra. Você as ilude e as usa, independente de elas concordam ou não com isso — Edwin repreendeu o irmão com seriedade. — São mulheres, e é seu dever cuidar delas, não tratá-las como objetos.

Apenas depois de ouvir isso, eu percebi como eu havia escorregado pela prateleira e estava quase sentada ao chão. Apesar de estar me sentindo uma intrusa, eu não posso explicar as sensações provocadas em minha alma e em meu corpo por perceber como o amor de Edwin era real e verdadeiro.

Mas apesar de tudo, meu coração carregava um pouco de angústia pela descoberta.

Com certeza não era assim que queria descobrir isso, Edwin. Perdoe-me por isso!

— Mas vamos falar de você, Edwin. Não de mim. — Esra interrompeu minhas lamentações silenciosas. — Você resolverá isso esta noite?

— Tudo o que eu mais quero é dizer: Anne, eu te amo! — Fechei os olhos e senti meu estômago reagir ao ouvir tão sincera confissão. — Oh, como eu desejo isso! Sentir, enfim, o alívio na minha garganta, essa frase está presa aqui, há muito tempo querendo sair. Eu estou sendo muito idiota?

— Claro! Apaixonados são sempre idiotas!

Os dois gargalharam juntos e eu sorri com a boca tampada com minha mão. Eu me sentia exatamente uma idiota naquele momento.

Depois de brincarem sobre isso, eles se acalmaram e Edwin voltou a falar, parecendo um pouco amargurado por confessar seus sentimentos.

— E se eu estiver enganado, Esra? Eu tenho muito medo. — Foi quando eu senti meu coração querer travar, porque eu sentia o mesmo.

— Se enganar? Com a Anne? — Esra riu alto. — Você nunca se apaixonou, agora acha que está enganado?

— Não, eu não estou enganado sobre amá-la. Eu tenho medo de não ser ela a mulher certa e eu estar deixando meus sentimentos falarem mais alto. — Eu ouvi algo parecido com uma pessoa se levantando, seguido de passos firmes ecoando pelo piso. — Você não vai compreender isso.

— Eu já tive sentimentos por algumas mulheres. — Houve uma pausa. — Apesar de sua expressão dizer que duvida de mim.

— Desejo não tem relação nenhuma com um sentimento puro e verdadeiro como o amor, Esra.

— Case-se, porque sei que você só vai experimentar suprir seus desejos masculinos e carnais com uma aliança no dedo, tenha suas experiências e me diga se não é um sentimento. Ah, é sim, um sentimento muito profundo. — Esra parecia estar se divertindo com aquilo. Tampei meus ouvidos tentando não ouvir aquela conversa, mas os Príncipes não pareciam se importar em tecer seus comentários em um tom baixo.

— Seu libertino sem vergonha! Você sabe muito bem que eu não estou atrás disso. Não estou em busca de suprir desejo nenhum.

— Ah, mas vai buscar, eu garanto. E quando encontrar, não vai querer fazer outra coisa por muitos dias.

Eu deveria estar vermelha como um pimentão e, mesmo não estando à vista de ninguém, escondi meu rosto nas mãos, não querendo ouvir mais nenhuma palavra sobre aquele assunto constrangedor.

Onde me meti? Estou a cada minuto mais encrencada.

— Eu sei, eu sei — Esra continuou, e imaginei estar respondendo o olhar repreensivo do irmão. — Só acho que...

Esra fez um silêncio repentino, mas Edwin pareceu não se importar com sua pausa brusca na fala.

— Eu vou falar com ela hoje à noite, quando as coisas se acalmarem — Edwin declarou, dando fim na conversa, me trazendo alívio por terminar aquele momento torturante. — Alguns convidados já partiram. Eu não a encontrei no salão agora, se não já teria dado um jeito de podermos conversar com tranquilidade e privacidade. Talvez ela se assuste, ou fique acanhada.

— Você deve dar um tempo antes de ir atrás dela. Nós já nos ausentamos por um longo período — Esra aconselhou e parecia sério, pela primeira vez.

— Você está certo. E é melhor voltarmos, antes que nosso pai mande escoltas atrás da gente.

— Vá na frente, eu tenho alguns planos com uma jovem senhorita que conheci esta noite.

— Ah, Esra! Eu ainda oro para você compreender as consequências de seus atos, e mude sua forma de pensar.

— Ore bastante irmão, ore bastante.

Edwin murmurou alguma coisa e eu ouvi os passos dele se afastando. Apesar de estar aliviada pelo fim de todo a conversa tensa pela qual me vi obrigada a presenciar, comecei a entrar em pânico pensando ter de acompanhar o encontro romântico e sexual do Príncipe Esra.

Eu ainda estava tentando processar todas aquelas revelações na minha mente, respirando repentinas vezes para acalmar meu corpo, sentindo o chão duro e frio onde eu estava sentada com os joelhos flexionados, quando vi dois pés dentro de um sapato preto muito bem engraxado ao meu lado.

— É melhor sair daí, antes que ele note sua ausência.

Não consegui olhar para cima e encarar o rosto do Príncipe Esra, mas segurei em sua mão, estendida em meu auxílio, ajudando-me a ficar de pé. Quando saí de trás da prateleira, constatei meu estado de apreensão e vergonha. Minhas faces ardiam e eu senti um desejo desesperado de nunca ter entrado naquela biblioteca quando constatei a necessidade de dar uma explicação. Entretanto as palavras não saíram da minha boca.

— Ele não a viu, senhorita. Na verdade, eu só a vi há poucos minutos, quando uma parte de seu vestido ficou à mostra — o Príncipe explicou sereno, ainda segurando minha mão trêmula.

— Perdão, Alteza. Eu não queria bisbilhotar. Estava aqui fugindo do baile e ouvi o barulho dos senhores entrando. Fiquei com medo e... e...

Engasguei e minha voz não saiu. Senti uma lágrima quente e silenciosa saltar de meus olhos e escorrer pela minha face. Todo o meu corpo tremia e as forças se esvaíram, fazendo-me temer o futuro por um breve momento.

— Acalme-se, mulher. Eu confio em você! Foi uma grande e incrível coincidência e eu não me importo com sua intromissão, visto que o

teor da nossa conversa toda girava em torno da senhorita e de assuntos de seu interesse — Esra tentou me acalmar, guiando-me até uma cadeira próxima.

— Eu não deveria ter ouvido isso — declarei quando me sentei e tampei o rosto com as mãos. — Eu não deveria ter ouvido! Era algo íntimo do Edwin, eu não podia...

Esra retirou minhas mãos do rosto, segurou as duas com carinho e se abaixou até ficar na mesma altura que eu, frente a frente. Ele se parecia tanto com o irmão assim de perto.

— Não importa, Anne. Eu prometo não contar nada ao Edwin. Se você achar necessário revelar a ele, o faça, mas apenas quando sentir-se pronta. — Esra apertou minhas mãos suavemente, obrigando-me a encará-lo. — Você o ouviu dizendo que irá procurá-la daqui a pouco, então é melhor recompor-se e retornar ao salão, ou ele notará sua ausência. Venha, eu a levo.

Esra esperou pacientemente eu me acalmar. Levantei da cadeira, ajeitei meu vestido e aceitei seu apoio tomando seu braço. Caminhamos juntos até o salão de baile e mais adiante, quando encontramos Oliver, Esra despediu-se com um beijo cavalheiresco em minha mão, oferecendo a meu irmão uma desculpa qualquer pelo meu sumiço. Ele já estava a uma distância considerável quando se virou e piscou para mim, cúmplice dos acontecimentos intensos da minha vida.

— Você está bem, Anne? — Oliver questionou quando observou meu estado, completamente absorta em meus pensamentos.

— Sim, apenas meditando — respondi deixando claro minhas intenções em não dar mais explicações.

Oliver compreendeu meu recado e me deixou em silêncio. E eu permaneci assim, sem pronunciar nenhuma palavra, completamente alheia ao som das pessoas ao meu redor.

Minha mente naquele momento parecia um mar revolto, em dia de grande tempestade, com ondas gigantes quebrando sobre rochas, provocando o caos e a beleza durante um só acontecimento. Senti minha boca amargar quando constatei como eu estava confusa, mesmo diante da descoberta dos sentimentos puros, profundos e verdadeiros de Edwin por mim. O homem a quem eu amava e admirava, nutria as mesmas expectativas e temores em relação a um futuro juntos.

Eu deveria estar feliz, e na verdade eu estava. Mas acima da minha felicidade, havia uma angústia apertando dentro do meu peito, com tamanha intensidade, esmagando toda e qualquer esperança que surgiu quando ouvi Edwin confessar seu amor por mim a seu irmão.

Meu coração estava apertado e eu não sentia paz. Algo não estava certo e eu precisava de uma direção do Senhor.

Tudo tem seu tempo. Tudo tem seu tempo. Tudo tem seu tempo.

Aquela frase surgiu, inesperadamente, quando clamei a Deus para esclarecer meus tormentos, martelando em meu coração e mente a partir de então.

— Oliver, eu preciso dar uma volta, beber alguma coisa — informei meu irmão minhas intenções sem ao menos pensar nas minhas decisões. Eu precisava de um tempo sozinha, longe de tudo e de todos.

— Irei com você!

— Não! — Estendi minha mão em sua direção, impedindo-o de me seguir. — Preciso ficar sozinha, por favor.

Oliver assentiu, provavelmente assustado com minha voz imperativa e meu semblante distante.

Caminhei sentindo meu coração arder, mas havia uma dor inexplicável palpitando junto com cada batida do órgão em meu peito. Algo se rasgava dentro de mim na medida em que eu compreendia o significado dos meus temores crescentes. Caminhei até a porta de acesso a área de fora do salão, buscando a brisa fresca da noite para me confortar, em busca de uma solução de Deus para meus sentimentos.

A parte externa estava vazia. Dois ou três casais pareciam se divertir em um canto afastado, deixando-me quieta. O vento tocou suavemente meu rosto quando me recostei em uma parede, abraçando meus próprios braços.

“Senhor, me revele Sua vontade. Diga-me por que estou tão angustiada, quando deveria estar feliz. Eu amo tanto Edwin, mas compreendo que talvez o meu desejo não seja o mesmo do Senhor, mas estou com muito medo de tudo isso, de todas essas decisões. Mostre-me o que quer dizer com Tudo tem seu tempo!”

Repeti aquela súplica silenciosa e verdadeira diversas vezes, até perceber a presença de duas jovens ao meu lado, bem perto. Constatei ser Estela e outra mulher, tão elegante como ela, conversando alegremente e com intimidade. Elas seguravam taças de vinho nas mãos, as bochechas estavam rosadas e não pareceram perceber minha presença ali.

— Ele se casará comigo, não tem saída — Estela afirmou soltando um risinho enquanto levava a taça até os lábios.

— Ele não queria dar a você a primeira dança — a outra contestou. — Talvez não esteja tão de acordo sobre esse assunto como você.

— Edwin não sente nada por mim, isso é um fato, eu não posso negar. — Virei o rosto, tentando esconder minha curiosidade por aquela conversa depois de ouvi-la afirmar algo de meu interesse. — Mas eu o amo e isso será o suficiente para nós dois. Ele não tem saída!

— Ele não me parece ser um homem que aceitará uma saída como essa, da forma como você sugere. Não acredito que o Príncipe Edwin se casará sem amor.

— Kate, a família real está passando por sérios problemas. A monarquia está entrando em um deprimente estado de alerta e decadência. O povo se revoltará a qualquer hora. Não é segredo para ninguém da minha popularidade entre os cidadãos de Cibele e como uma aliança entre nós será essencial para manter esse país unido — Estela falava pausadamente e com seriedade, levando-me a crer na verdade das suas afirmações.

Edwin havia me dito algo sobre o descontentamento do povo com as leis e o conservadorismo da Monarquia. Isso era realidade.

— Nisso você tem razão. Meu pai não cansa de reclamar em casa sobre como o Conselho tem discutido interminavelmente essa probabilidade de transformar Cibele em uma Monarquia parlamentar para acalmar os nervos.

— Seria o fim de todas as coisas boas de Cibele, nós sabemos disso. — Levei minha mão ao peito, sentindo uma dor enorme ao pensar na probabilidade de uma mudança como aquela. E precisava concordar com Estela, seria o fim de tudo de bom construído em nosso país. — E nossos governantes também estão cientes disso. Você não viu como o Rei praticamente forçou o Príncipe a ficar ao meu lado antes, durante e depois da dança? Edwin precisa se casar com uma filha do Reino Integrado, e devemos fazer uma grande festa popular. Isso acalmará os ânimos por um bom tempo, enquanto procuram uma solução para os outros problemas.

— Como você pode ficar feliz, sabendo que ele foi obrigado a suportar sua presença? — Kate balançou a cabeça sem conseguir acreditar nas palavras de Estela e eu quase abri a minha boca para concordar com ela. Era insano.

— Kate, eu posso não ser uma princesa na prática, mas como elas, fui treinada para uma coisa: servir meu país. E Cibele, hoje, é meu país. Eu fui preparada para sacrificar minha vida e meus sonhos desde pequena. Talvez por isso tenha me apaixonado por Edwin. Já sabia que nosso futuro estaria traçado, querendo nós ou não.

— Eu preciso concordar, seria uma união estável para Cibele. Quando a Princesa Cloe se casou com o herdeiro, a nossa economia cresceu absurdamente, somente pelas alianças feitas no dia seguinte ao enlace — a mulher concordou, levando a taça à boca e bebendo um pouco de seu vinho.

— E sabe como está nossa economia hoje, depois da última safra? Meu pai me disse que existem famílias passando fome no interior — Estela parecia realmente sentida com o fato informado.

As duas fizeram silêncio por um tempo, pensando na situação. Eu seguia o mesmo ritmo, buscando respostas para nosso país e para minha vida.

— Sempre achei que Edwin se casaria com uma plebeia — Kate disse.

— Eu também. Ele ama a mãe e a história dos pais dele — Estela sorriu. — Mas seria catastrófico um casamento nessa esfera na nossa situação atual. O povo está contra a monarquia, não a favor.

— Se não demonstrar força, as coisas se complicarão.

Eu não podia ouvir mais nada daquilo. Não suportava a dor dilacerando meu coração. As lágrimas forçaram a saída em meus olhos e, mesmo eu querendo acreditar muito no contrário, as duas pareciam compreender a situação real de Cibele e eram sinceras em suas preocupações e constatações.

Não era apenas uma conversa de amigas, quando uma se encontrava apaixonada e revelava para a outra as delícias das sensações provocadas pelo amor. Estela tinha compreensão da situação e por mais apaixonada estivesse, ela estava ciente de como as coisas repercutiam no país.

Virei-me delicadamente e retornei para o salão. Precisava ir embora, precisava deitar em minha cama e chorar toda aquela angústia travada em meu peito.

Atravessei a festa tentando ser elegante, mas não enxergava nada além do meu desespero. Quando consegui enfim sair daquele lugar sufocante, caminhei até o jardim mais próximo. Precisava me recompor, procurar meu irmão e partir dali.

Estava na frente da área na qual eu e Edwin dançamos naquela noite de tão lindas lembranças. Olhei na direção onde estávamos quando ele tentou abrir seu coração e então tudo ficou claro. Como se um foco de luz surgisse para iluminar a escuridão de minha alma.

Edwin tentou se declarar, mais de uma vez, e o Senhor havia o impedido. Naquela noite em especial, nós ouvimos sobre o tempo de Deus.

O tempo de Deus, diferente do nosso.

Rasgando minha garganta, um soluço inesperado precedeu minhas lágrimas de aflição e amargura.

E eu chorei.

Capítulo 48

Um tormento imensurável inflou em meu peito. Eu não sabia como, mas eu sabia: eu não poderia me tornar nada além do que eu já era. Anne Davies, uma órfã responsável por seu irmão mais novo. Não havia um futuro reservado para mim ao lado do homem a quem eu amava, o único, em todos os meus vinte e dois anos, capaz de despertar em mim o amor de mulher por um homem.

— Anne? — A voz atrás de mim soou em meus ouvidos alto como um trovão, alertando sobre a tempestade que estava por vir.

Enxuguei as lágrimas do rosto, engoli o soluço e me virei lentamente. Mas não estava pronta para vê-lo, seu sorriso tão perto e iluminado pelas luzes dos refletores, pronto para dizer as palavras pelas quais nós dois esperamos, ansiosos, serem ditas.

Mas ao deparar com meu semblante e o pequeno sorriso forçado a todo custo para ali permanecer, a expressão suave do meu Príncipe se tornou carregada. Edwin deu dois passos e segurou minhas mãos, buscando meus olhos com os seus.

— Meu Deus, Anne, o que aconteceu? Por que você está chorando?

Eu queria poder me abrir e dizer-lhe a minha aflição sentida naquele momento, a angústia por saber que nossos caminhos foram cruzados, mas não estavam predestinados a se unirem como nós desejávamos. Porém, eu me calei. Era impossível explicar com palavras minhas emoções e incertezas.

— Eu a vi atravessando o salão, mas demorei a encontrá-la. — Edwin percebeu meu estado inerte, apenas o encarando, tentando a todo o custo segurar as lágrimas ardendo em meus olhos. Com um rápido movimento, ele me puxou para um lugar onde estávamos protegidos de

olhares alheios, entre árvores do jardim. — Diga-me, Anne, porque está assim?

Balancei a cabeça e elevei os ombros, sem conseguir formular uma frase ou mesmo um gesto que apresentasse um sentido sobre meus tormentos, enquanto as lágrimas teimosas escorriam pela minha face, caindo sobre o solo, antes que eu pudesse enxugá-las com minhas mãos.

E foi impossível não me afetar ainda mais quando Edwin me envolveu em seus braços.

— Fizeram algo com você? Por favor, diga-me, Anne! Foi o Devon? — questionou aflito, apertando-me contra si, protegendo-me como fez no dia quando me salvou das mãos daqueles delinquentes nojentos.

— Não, Edwin — respondi apertando meus braços em volta de seu corpo, tentando assim acreditar que eu estava errada e nós poderíamos ficar ali, para sempre juntos. — Eu apenas preciso ir para casa.

Edwin compreendeu minha dificuldade. Tentando me confortar, ele me apertou mais contra seu corpo, acariciando minhas costas com sua mão firme friccionando o vestido sobre minha pele.

— Anne, eu imagino como isso deve ser assustador — ele sussurrou em meu ouvido, com a voz suave, como de um pai acalentando os temores de sua filha. — E eu gostaria muito de poder resolver tudo, de verdade. Como eu gostaria que tudo fosse diferente e não houvesse castelo, coroa, obrigações.

Edwin se afastou um pouco, segurando meu rosto com as duas mãos. Seus olhos transmitiam uma intensidade diferente, como eu ainda não havia enxergado em outras ocasiões, quando me encarou.

— Queria que... — Ele suspirou e me aconchegou em seu peito, repousando seu queixo sobre minha cabeça. — Queria que fosse apenas eu e você.

Ele parecia me embalar, apertando-me em seus braços. E isso teria o poder de me acalentar, se meus problemas não fossem exatamente a necessidade de partir para longe dele.

— Eu gostaria muito de poder me abrir e dizer tudo, mas eu não posso, não antes de poder te oferecer um futuro. — Edwin beijou meus cabelos e eu senti nossos corações baterem juntos, acelerados, num mesmo ritmo.

Estávamos envoltos em amor, mas um amor impossível, eu sabia.

— Você precisa estar pronta — ele murmurou baixinho.

Ainda apoiada sobre seu peito, o qual se encontrava encharcado devido as minhas lágrimas depositadas ali, concordei com a cabeça, mas constatar aquilo, de forma nenhuma me acalmou. Senti como se uma faca atravessasse meu coração e o partisse em milhares de pedaços.

— Edwin, eu preciso ir embora — declarei com a voz embargada pelo choro e pelo pesar de precisar pronunciar aquelas palavras tão verdadeiras. Eu precisava partir o mais rápido possível.

— Eu sei — Edwin concordou. Sem eu esperar, ele se afastou um pouco, apenas o suficiente para ficar cara a cara comigo, deixando um beijo em cada uma de minhas mãos, enxugando as lágrimas do meu rosto em seguida. — Pedirei Zac para levá-la.

— Obrigada — agradeci, mas não consegui me mover, nem tive intenção de protestar quando ele me puxou pelas mãos novamente para si.

Nós permanecemos mais um tempo abraçados e em silêncio. Mesmo sabendo que partir era o certo, parecia impossível nos separarmos.

— Eu vou para Matsa e depois para Hawis. — Edwin quebrou o silêncio, como se precisasse dar alguma explicação. — Como eu te prometi, vou resolver todas as minhas questões e obrigações, então, poderemos passar um tempo juntos, tudo bem?

— Eu preciso ir embora! — Minha voz saiu firme e imperativa. Não foi um simples pedido, foi uma constatação de algo vindo do fundo do meu coração.

Edwin se afastou, sorriu e beijou a minha mão.

— Nós vamos ficar bem, Anne. O Senhor está no controle de tudo.

Ele me abraçou de novo, com mais força dessa vez. Foi a despedida mais emocionante que tivemos até então. Nosso contato, um nos braços do outro, durou alguns minutos, em silêncio, e provavelmente duraria a noite inteira, se a voz do Príncipe Elliot não tivesse interrompido nosso momento sublime.

— Edwin! — ele chamou nos forçando a soltar nossos braços e nos distanciarmos. Edwin se virou ao irmão, posicionado atrás de nós, onde a luz revelava a postura intrigante do herdeiro do torno. — Mamãe está esperando por você! É a nossa dança.

— Estou indo, dê-me um minuto! — Edwin pediu encarando o irmão e eu vi um sorriso malicioso brincar no rosto do príncipe mais velho.

— Dou até dois minutos — ele fez um sinal com as mãos, levantando dois de seus dedos —, por que eu sou um bom irmão.

— Você poderia me fazer outro favor, Elliot? — Edwin fingiu não perceber as insinuações e sorrisos maliciosos em nossa direção. — Peça Zac para me encontrar no estacionamento, com urgência.

—Não se preocupe, eu o farei — respondeu e piscou, provocando Edwin.

Nós olhamos o Príncipe se afastar. Ele parecia falar sozinho, rindo sem parar, virando-se algumas vezes para nos observar antes de desaparecer de nossa vista.

— Vem, vou levá-la até o carro.

Edwin colocou minha mão na curva de seu braço e caminhamos lado a lado, em silêncio. Quando chegamos ao estacionamento, ele se virou bruscamente, seus olhos penetrantes encarando os meus, como se pudéssemos ler os sentimentos um do outro.

— Não fale nada, por favor! — pedi quando sua boca se abriu lentamente, prestes a pronunciar as palavras que feririam ainda mais meu ser. — Por favor, Edwin. Não agora! Não, não, não.

Edwin comprimiu os lábios observando minha reação, balançando a cabeça em negativa, disposta a impedir a todo o custo sua declaração. Seria demais para mim ouvir novamente suas confissões de amor e precisar partir.

Foi quando seus olhos se tornaram distantes e ele pareceu compreender minha consternação e, por um instante, eu pensei, vendo os olhos dele, que ele compreendeu tudo, assim como eu.

— Vou orar por nós. — As palavras ditas pareciam arrastadas enquanto ele segurava minha mão. Depois de deixar um beijo em minha testa, ele fez uma reverência e eu o vi se afastar.

Encostei-me no carro para conseguir sustentar meu corpo vendo-o se distanciar cada vez mais.

— Por que, Senhor? Por quê? — balbuciei sem conseguir compreender o motivo de tudo apontar para nosso afastamento, mesmo ainda não tendo a clareza e certeza disso.

Eu ainda estava perdida em meus pensamentos e infelicidade quando Zac se aproximou preocupado. Ele me enfiou para dentro do carro e sem dizermos uma palavra, exceto para questionar sobre a ausência de meu irmão e ele me informar que Edwin cuidaria disso, Zac dirigiu até minha casa.

Quando o carro estacionou na frente da livraria, eu não consegui descer, nem dizer nada. Já não havia lágrimas, porque eu apenas queria

compreender o motivo de tanta dor e sofrimento, o porquê daquela angústia insuportável presente, fazendo meu peito arder.

— Eu vou ficar aqui até Oliver chegar — Zac disse, saindo do carro e abrindo a porta ao meu lado.

Fui guiada por meu amigo até minha casa sem me dar conta de qualquer coisa ao meu redor. Eu sequer percebi a necessidade de dar alguma satisfação ou orientação a Zac. Entrei em meu quarto, me joguei na cama e orei.

Orei como nunca havia orado antes.

— Diga, Senhor! O que quer de mim? Eu preciso de uma direção clara. Eu preciso compreender que se não é para eu ter esperanças com Edwin, como eu vou conseguir enfrentar isso? Como vou vê-lo e dizer não? Como posso negar a esse sentimento forte que me consome? Por favor, dê-me um sinal! Mostre-me a direção, o caminho, a solução.

Depois de suplicar inúmeras vezes, meu celular apitou informando a chegada de um novo e-mail. Atraída por aquilo, abri e a resposta apareceu como uma placa sinalizadora, evidenciando o próximo passo para o caminho direcionado por Deus.

Eu precisaria tomar a decisão mais difícil da minha vida. Vida essa que nunca mais seria a mesma. Precisaria deixar para trás nosso passado, nossas lembranças *e Edwin*. Porém, sem compreender as razões, eu sentia que era exatamente isso o que o Senhor queria de mim.

Levantei-me decidida, saí pela porta do meu quarto e encontrei Zac sentado no sofá, visivelmente preocupado com meu estado. Quando ele me encarou confuso, eu dei de ombros e o informei.

— Vamos embora de Cibele!

Capítulo 49

Encarei os olhos de Oliver, arregalados diante da minha declaração sem precedentes e, naquele momento, sem nenhuma explicação óbvia para tal.

Naquela altura dos acontecimentos, já não havia mais lágrimas nos *meus* olhos. Eu já tinha chorado todas elas no dia anterior, regando o meu travesseiro daquela água salgada, responsável por externar a minha dor interna.

Tanto quanto meu irmão, quando escutou eu decretar nosso futuro com firmeza, Zac havia se surpreendido no dia anterior. Depois ele me viu sentar ao seu lado e friamente detalhar a ele todo o ocorrido, e como eu tinha chegado à plena certeza do caminho a seguir. Zac precisou me amparar em seus braços, comovido pela minha reação, quando por fim concluí a explicação sobre a minha renúncia e disposição a entregar tudo para Deus, caindo em um choro sofrido, com meus músculos se retraindo em busca de alívio, até pegar no sono no colo dele.

E de alguma forma eu havia acordado na minha cama.

Oliver sacudiu a cabeça, contrariado, exigindo que eu entregasse a ele uma boa explicação. Naquele momento eu percebi como precisava ser a Anne forte e determinada, aquela que segurava as pontas quando tudo estava desabando ao nosso redor.

— Você deve estar louca! — Oliver esbravejou, jogando-se sem nenhum cuidado sobre o sofá. — Eu não vou me mudar para Susan. Principalmente agora.

— Eu não estou pedindo sua opinião, Oliver. Você está sobre minha custódia e seguirá comigo para onde eu for.

— Eu não consigo acreditar nisso — ele gritou, se levantando do sofá e adiantando alguns passos em minha direção, demonstrando em seu comportamento rebelde a sua frustração. — E Edwin?

Senti minhas pernas vacilarem e tombei meu corpo para a mesa ao meu lado, usando-a como apoio. Puxei uma grande quantidade de ar para dentro dos meus pulmões, tentando de todas as maneiras me manter resignada.

— Oliver, você se recorda há quanto tempo eu espero por essa vaga? — questionei enquanto o observava cruzar os braços, inquieto. — Desde os meus dezessete anos, semestre a semestre eu preenchi todo o formulário pedindo uma bolsa para esse curso e nunca havia nem ao menos obtido uma resposta, que fosse negativa. E de repente, justo no momento quando eu pedia ao Senhor uma direção específica sobre nosso futuro, eu recebo esse e-mail, garantindo meu lugar na melhor universidade de Hawis, para estudar, como bolsista, *História Literária com ênfase em tradução histórica*. Foi uma resposta de Deus.

— Você vai abandonar toda a nossa vida, construída aqui em Cibele, por causa de um curso? — Meu irmão me inspecionou com os olhos demonstrando a ardente fúria dominando seu ser.

— Não é um curso, Oliver. É o meu futuro! — declarei exasperada por precisar dar explicações para alguém que nem cogitava tentar me compreender.

— Seu futuro é aqui, em Cibele. Ao lado do Príncipe! — Ele usou o tom de sua voz alterado para deixar claro sua objeção, com a acusação sem possibilidade de defesa pulsando em suas veias. Ele estava irado, e eu não podia repreendê-lo por isso.

— Poupe-me, Oliver. Você é Deus agora, para ditar as veredas por onde devo seguir? — questionei sentindo meu coração se dilacerar com a indiferença dele em relação aos meus sentimentos. Soltei o ar lentamente, tentando me acalmar e soar o mais natural e apática possível. — Partimos depois de amanhã. Zac nos levará ao aeroporto.

— Depois de amanhã? Você está maluca? Como vamos nos sustentar? Anne, você realmente está fora de si. E a livraria? E nossa casa? — Oliver gritou, girando as mãos ao redor, apontando para todos os cômodos do lugar onde nós crescemos.

— Eu pedi ao Vicente ajuda para... — Parei por um instante e senti minha coragem fraquejar antes de dizer as palavras com pesar. — Vender a livraria e alugar a casa.

A expressão de Oliver me fez provar o dissabor das minhas escolhas e a mortificação da minha alma com mais intensidade. A situação começava

a penetrar os muros cuidadosamente erguidos dentro de mim, tentando afastar o sofrimento dilacerante que insistia penetrar meu ser e eu percebi minha determinação vacilar, sem encontrar o apoio em quem eu mais amava ao meu lado.

— Você vai vender a livraria? Vai vender para... Realizar um sonho idiota? — Oliver movimentou a cabeça em negação, incrédulo com as minhas decisões. — Você está sendo tão egoísta, não pensando em ninguém mais além de si própria.

Oliver deu as costas para mim, ignorando-me completamente.

Meu coração sangrou e eu me vi impossibilitada de suportar tamanha amargura. Aquela acusação fez toda a angústia voltar, o sofrimento quebrando as barreiras e se instalando por dentro, chegando a provocar dor em meus ossos. Sem conseguir sustentar a força de meus joelhos, desci lentamente até o chão, consternada, enquanto o primeiro soluço me lançou a um abismo profundo de desespero.

Oliver se virou novamente e analisando meu estado deplorável, se aproximou em três longos e ligeiros passos, agarrando meus braços, tentando me sustentar ao menos sentada, enquanto as lágrimas escorriam como uma cortina pelas minhas faces, trazendo a tona todo o sofrimento reprimido por tantos anos.

Não me impedi de extravasar meu pesar, enquanto Oliver me prendia em seu abraço forte e consolador, acalentando-me, enquanto tentava compreender minha súbita mudança de postura.

— Você não quer ir, não é verdade? — ele perguntou quando aos poucos fui voltando à realidade, conseguindo deixar apenas lágrimas silenciosas me dominarem. Eu confirmei aquela angustiante afirmação com um mínimo aceno de cabeça. — Você ama o Edwin...

— Como nunca amei outra pessoa — balbuciei e apertei meus braços ao redor do meu irmão com tanta força que ele não pode esconder a dor provocada pelo ato.

— Por que então devemos ir? Edwin fez algo contra você?

Neguei com a cabeça muitas vezes, certificando-me de deixar clara a inocência do meu amado. Oliver acariciou meus cabelos delicadamente e esperou eu estar pronta para revelar os motivos. Depois de alguns minutos, fui tomada por uma força repentina e me sentei, encostando-me ao lado dele no chão.

— Você se lembra de quando éramos pequenos e você perguntou ao papai o porquê dele ter se permitido apanhar ao invés de simplesmente fingir aceitar a proposta dos pais deles em negar a sua fé em Jesus Cristo? — Oliver assentiu, recordando-se comigo do dia em que nosso pai revelou a ele a sua triste história. — Você ficou sem compreender o motivo dele não ter apenas encoberto a verdade, afirmando que não declararia Cristo como seu Salvador, ou ao menos se defendido quando o homem que deveria protegê-lo o atingia com um pedaço de pau, machucando seu corpo e alma. Lembra-se do que papai respondeu?

— Devemos fazer o certo, em todo o tempo, ainda que traga consequências dolorosas para nós. — Oliver piscou algumas vezes e olhou para os próprios pés. — Mas não compreendo como isso possa ter relação com essa sua ideia maluca de mudarmos para Susan.

— Eu não sei como, mas eu tenho a certeza de que é esse o caminho do Senhor para nós. É para irmos para lá. — Encolhi os ombros, mostrando a minha indefesa diante da minha falta de opção. — Eu não sei porque e, sinceramente, gostaria muito de entender os motivos de tudo acontecer como aconteceu. Mas não aprouve a Ele compartilhar comigo seus propósitos e, mesmo sofrendo, eu preciso fazer isso.

— E Edwin? Ele sabe disso?

Neguei com a cabeça e senti uma lágrima solitária descer suavemente.

— Eu o amo, Oliver. E isso só faz doer ainda mais. Mas me responda: devo seguir meu coração enganoso e corrupto, andar segundo meus sentimentos e meu próprio entendimento? Ou devo fazer o correto, ainda que isso me custe muito mais do que eu penso poder suportar?

Oliver desviou o olhar e segurou minha mão, compadecendo da minha dor, e começando a compreender nossa situação.

— Você deve fazer o certo, Anne. Como nosso pai nos ensinou.

Senti meu estômago se revirar ao pensar no preço pago por meu pai, quando decidiu não negar sua fé e ser espancado até quase a morte, precisando fugir de casa sem levar nada, sendo sustentado pela força do Senhor, milagrosamente, enquanto ferido tomou um rumo desconhecido, que mais tarde o levaria até Cibele.

— Não duvide, Oliver. É por amor que eu sacrifico o meu amor. Nem sempre os finais são felizes, nem sempre a vida segue o rumo desejado por nós, nos dando a vitória tão sonhada. Mas eu preciso, Oliver,

preciso muito crer que Ele é Soberano, tem um propósito em tudo isso e a vontade Dele é boa, perfeita e agradável.

Disposta a trazer de volta a mulher prática e decidida, levantei-me, limpando meu rosto e forçando sorrisos.

— “Porque aquele que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á, e quem perder a sua vida por amor de mim, achá-la-á.” — recitei, convicta, Mateus 16:25. Oliver esboçou um sorriso ao ouvir aquele versículo encorajador. — Eu estou completamente ciente dos sacrifícios feitos ao partir dessa forma inesperada e não espero ser compreendida. Como nosso pai, eu vou partir, sem olhar para trás.

Oliver se colocou de pé e permaneceu calado, sem saber como me consolar, ou talvez buscando uma saída para nosso recente *problema.*

— Você se lembra da Melody? Minha amiga da escola? — questionei quando notei que ele era incapaz de dizer algo.

— Claro, vocês eram muito unidas. — Oliver tinha razão. Era minha melhor amiga de escola, e nos distanciamos porque, além de minha vida ter dado uma reviravolta com a morte de meus pais, ela havia se mudado para Susan, para começar os estudos na universidade.

— Ela foi um amor oferecendo a casa dela para nos acomodarmos até encontrarmos um apartamento. O dinheiro recebido da bolsa da faculdade será suficiente para pagar um aluguel. A Melody também se ofereceu para me ajudar a arrumar um emprego. Nós temos uma pequena reserva devido ao rendimento do último mês e, com a venda da livraria deve entrar um pouco mais de dinheiro. Isso deve bastar até a gente se estabilizar. Vou preparar minha carta de serviço e também já comprei as nossas passagens.

Oliver considerou minhas palavras e pareceu sem argumentos diante de tanta certeza, mesmo no meio da dor. Sem ter mais como reagir, ele deu de ombros, sem esconder sua infelicidade com a decisão.

— Eu vou arrumar minhas coisas então.

— Obrigada, Oliver — agradeci por seu apoio. — Nós temos um peso máximo para levar. Separe o que você precisa de imediato. — Peguei duas caixas grandes de papelão no canto da sala onde havia uma pilha delas, estendendo-as a Oliver. — Nessa caixa, doações. Nessa outra, o que precisa ser guardado, para buscarmos depois. Vicente nos ajudará a despachar tudo mais para frente.

Oliver segurou as duas caixas e saiu cabisbaixo, em direção ao seu quarto.



Sentada no banco do avião, olhando através da janela, Cibele ficando para trás, experimentei uma sensação diferente de tudo. Havia tristeza, pesar, angústia e medo. Mas havia também uma paz sobrenatural e uma pequena certeza de que Deus estava me levando a algum lugar onde minha vida mudaria para sempre.

— Perdoe-me, Anne. — Oliver apertou minha mão com carinho, forçando-me a encará-lo. — Eu fui injusto com você, quando disse que é egoísta.

Eu sorri, um sorriso triste, mas consolador. Segurei as mãos de Oliver e voltei a olhar pela janela.

Minha antiga vida estava ficando para trás, a cada segundo em que o avião se afastava de nosso amado país.

Apesar de toda a confusão gerada com nossa partida, Deus usou pessoas para me compreender e estar do meu lado naquele difícil caminho. Zac havia nos ajudado, ainda que tenha tentando me persuadir a esperar Edwin retornar de suas viagens e compromissos em prol das comemorações da Independência.

Mas eu sabia que se nos víssemos, eu fraquejaria. E, pela misericórdia de Deus, eu tinha um prazo de quatro dias para estar na universidade. Deus organizara tudo para as coisas saírem dentro de Seus propósitos. E para que eu pudesse assim ter forças para obedecer.

Uma carta de despedida, com uma pequena explicação, foi o que consegui deixar para o homem dono de todas as minhas afeições e responsável por me fazer sofrer amargamente em deixar tudo para trás.

Oliver aos poucos foi se recordando de algumas situações nas quais ele havia tido algumas estranhas sensações e enxergou o óbvio: nós realmente precisávamos deixar Cibele. E com isso, a situação escolar dele também estaria resolvida. Ele por fim aceitou, sem esconder sua insatisfação e compartilhando da minha dor, mas deixou claro que retornaria ao nosso país, no dia seguinte ao seu aniversário de dezoito anos.

E nossa despedida, ao lado dos dois Samovier’s que nós tanto amávamos, foi regada de lágrimas silenciosas, incertezas e do Senhor nos

consolando.

Fechei os olhos mais uma vez, sentindo meu estômago revirar e encostei-me a poltrona confortável, repetindo para mim mesma, inúmeras vezes, que havia feito a escolha certa.

Eu havia sacrificado muitas coisas. O Palácio, novos amigos, o carinho de pessoas próximas, o amor, a nossa livraria, o lugar onde guardávamos as últimas lembranças de nossos pais. Mas Cristo, absolutamente, havia sacrificado mais. E se, de alguma forma, Ele desejava que eu abrisse mão de tudo de bom alcançado nas últimas semanas, eu o faria.

Edwin talvez nunca mais fosse uma realidade para mim. Mas eu nunca o esqueceria e me lembraria para sempre de como ele foi importante para meu crescimento.

Fiz uma oração silenciosa, clamando forças e sabedoria e então sorri sincera pela primeira vez desde o baile.

Eu estava embarcando em uma nova vida e, por mais doloroso tudo aquilo fosse, eu encontraria a Vida.

Epílogo

SUSAN, ILHA HAWIS – MARÇO DE 2017

— Oliver, hoje eu não tenho hora para voltar! — gritei da sala, tentando alcançar os ouvidos do meu irmão. Quando não obtive resposta, caminhei até seu quarto e o encontrei embalado por uma música, com os fones no ouvido. — Eu estou indo!

— Oi? — Meu irmão sorriu e desobstruiu o caminho para nossa comunicação, retirando os fones da orelha.

— Não tenho hora para voltar. Tem comida na geladeira, você se vira — respondi e sorri ao analisar sua expressão indignada. — Você tem dezoito anos, já está bem grandinho. Pode muito bem cuidar de si próprio.

— Vai trabalhar, Anne Davies!

Para provocá-lo, deixei vários beijos no rosto dele, esfregando minhas mãos na barba rala espalhada pelo rosto do meu irmão, agora um homem corpulento, devido aos muitos esportes pelos quais se dedicara desde nossa chegada em Susan.

Depois de ser agredida carinhosamente, peguei as chaves do carro e saí rumo ao *Grand Hotel de Hawis.* Eu estava atrasada, mas antes de entrar no carro, o Sr. Romuel, nosso porteiro, parou-me, simpático como sempre, para dar alguma notícia sobre o tempo ou sobre política, como fazia quase todas as manhãs.

— Anne, como está?

— Atrasada! — respondi abrindo a porta do carro.

— Imagino! Bem, tenho certeza que seu chefe não implicará com você. Estamos entrando em ritmo de comemoração, e toda a ilha Hawis,

tanto Cibele, quanto Susan, estão com o coração transbordando de gratidão.

— Afinal, o que seria de nós se nossa amada ilha não tivesse sido descoberta, não é mesmo? — Eu sorri em cumprimento e entrei, fechando a porta do automóvel.

— Teremos uma grande festa esse ano! Você e Oliver verão os fogos? — O senhor de cabelos grisalhos perguntou com carinho e entusiasmo, se preparando para me auxiliar a retirar o carro da garagem.

— O senhor sabe bem que não sou chegada a comemorações. Mas, quem sabe esse ano não abro uma exceção? — respondi e virei a chave, dando a partida.

— Tenha um bom dia, minha querida.

Eu sorri afetuosa, mas por dentro eu senti aquela pontada de dor tão conhecida, que sempre me atormentava, toda vez que algum assunto que me recordava Cibele, festas, bailes e realeza me invadia. Dentro do carro pude orar, pedindo a Deus perdão por me deixar afetar, mesmo depois de Ele cuidar tanto de nós, fazendo coisas surpreendentes nos últimos 27 meses.

Como resposta, meu celular apitou repetidas vezes. Temendo ser alguma emergência do serviço, estacionei o carro e abri a notificação de uma mensagem.

“Preparei uma noite muito agradável para nós, Anne querida. Nosso jantar será em um lugar especial. Eu encontro você no horário de sempre. Com amor e eternamente, Otto M.”

Meu coração se aqueceu ao ler aquela mensagem e me recordar em como Deus havia sido bom para mim e dado graça para enfrentar todas as nossas dificuldades no pior momento da minha vida.

E, com toda certeza, havia pessoas muito especiais que mereciam a devida retribuição, com todo o meu coração. Rapidamente respondi, antes de seguir meu caminho.

“Você sempre me surpreende!”

***Atenção, querido leitor**: Respira, inspira e não pira!*

A história não acaba por aqui. Amor Real é uma trilogia, composta por três livros, dentro do universo de Anne Davies. Acompanhe nossas redes sociais e fique por dentro da data de lançamento do livro Amor Real 2 – Reluzir.

Quer sentir o gostinho do que vem por aí? Fique com o prólogo do segundo título!



— Majestade! Majestade!

Rei Charles Hawis desviou a atenção das duas pequenas princesas, que naquele instante demonstravam um súbito interesse por uma borboleta de asas azuis celeste, cintilando sob a luz do sol, para virar-se em direção aos gritos agudos vindos de um indivíduo masculino arfante. Suas filhas corriam soltas pelo gramado e àquela altura já estavam descalças, com os cabelos desalinhados: duas figuras completamente diferente de como se portavam quando eram mantidas dentro dos muros do Castelo de Flush, no Reino Integrado.

— Diga-me, Berick, existem mulheres mais belas do que Cibele e Susan? — o rei questionou quando seu assistente se aproximou. Ele preferiu ignorar a expressão de urgência no semblante do homem que fazia uma breve reverência.

— Com certeza não, Majestade. Quando forem mulheres feitas, Suas Altezas serão deveras admiradas. — Berick deu um pequeno intervalo para o rei apreciar seu elogio, antes de estender um envelope em direção ao monarca. — Notícias do reino.

— Diga-me que são boas notícias, Berick! — Charles abriu o envelope, mas pelo sorriso do seu homem de confiança, imaginava o que encontraria descrito no papel.

— Lies retomou o poder, senhor. O Reino Integrado está de novo em nossas mãos.

Uma mistura de sentimentos surgiu e intensificou-se no coração do Rei. O momento já era esperado, desde o enfraquecimento dos grupos rebeldes nos meses anteriores. Era questão de tempo para extinguir de vez a desordem instalada pelos grupos Separatistas do Norte que, aproveitando o momento da Grande Mudança, quando o Rei decretou o cristianismo como religião oficial do país, espalharam a discórdia e o caos para tentar tomar o trono.

— Lies já preparou todo o retorno da família real para o Reino Integrado, Majestade. O caminho está livre para assumirem o lugar que é seus por direito. O povo aguarda Vosso retorno com grande alegria.

Lies. O grande e confiável Lies. Um amigo pessoal, que poupara a vida da família real, arriscando a sua própria e assumindo o comando no cenário caótico instalado no país com a rebelião desencadeada após o anúncio do Rei. O cristão amável, responsável por fazer Charles, enfim, enxergar a verdade e compreender os Caminhos do Alto, trilhados por sua amada esposa. Ah, como ele desejava retornar ao passado e ajoelhar-se com ela em oração em favor do Reino, ao invés de zombar de sua calorosa fé.

Charles suspirou. Há tempos ele esperava o momento chegar para tomar a difícil decisão. Quando saíram às presas do Reino Integrado, na Europa, três anos antes, sabendo do iminente risco que corriam, visto que havia uma alta soma de riquezas oferecida pela cabeça do Rei e de suas herdeiras, ele não tinha ideia de como sua vida se transformaria.

A pequena Ilha, descoberta anos antes pelo grande navegador integralense Robert Stuart, havia sido menosprezada pelo Reino, e Charles mal sabia das variedades de riquezas daquela terra distante pertencentes a sua nação. Mas agora, conhecendo pessoalmente a sua colônia, Charles havia se apaixonado pelo lugar e lá teve a chance de recuperar tempos de sua vida que haviam sido perdidos com as constantes cobranças sobre os

problemas do país. E também estava em jogo a felicidade e liberdade de suas filhas, Cibele e Susan.

— Papai! Olhe, eu consigo voar como a borboleta! — Cibele gritou enquanto corria, balançando os braços freneticamente e sentindo o vento tocar o seu rosto.

— Você é uma linda borboleta, Cibele. E você também, querida Susan. — O rei sorriu e levantou-se do chão gramado, usando a mão de Berick como apoio. — Há tempos eu tenho orado por uma direção, Berick. Veja, percebe como elas são livres e felizes aqui?

— Sim, senhor. Suas Altezas estão radiantes. Elas amam a Ilha!

Charles manteve-se em silêncio, observando as filhas por mais um instante antes de assumir sua postura de Rei. Era hora de fazer o que foi preparado a vida toda para fazer: tomar decisões difíceis. Ele caminhou até seu escritório, onde a equipe já estava reunida, preparada para entrar em ação a um simples comando do monarca.

— Escreva imediatamente para o Reino Integrado — ditou o Rei. — É com enorme alegria e satisfação que comemoro a vitória das forças aliadas contra a terrível ameaça à nossa nação. A meu querido Lies, minha eterna gratidão. Informo que, depois de muito orar, tomei a decisão de me estabelecer, junto com as Princesas Cibele e Susan, na ilha Hawis, fazendo desse lugar o nosso lar.

Houve murmúrios pela sala, mas o monarca ignorou e continuou seu discurso, cuidadosamente transcrito para um papel por um de seus assistentes.

— Assumirei minha posição de liderança aqui na colônia e deixo o total comando do Reino Integrado sobre os ombros de meu fiel escudeiro, Lies Lumbb II, em quem eu confio e afirmo ser completamente capacitado para tomar decisões em prol de nosso amado país. Aliançaremos um pacto duradouro entre o Reino Integrado e sua colônia, a Ilha Hawis, de comum acordo, responsabilizando o país pela prosperidade e demais necessidades do nosso atual lar, mesmo após a minha morte. Abriremos a colonização de povoamento da ilha para cristãos perseguidos em todo o mundo, que desejam a liberdade de cultuar ao nosso Deus sem represálias. Nós ofereceremos terra e, juntos, com trabalho, esforço e dedicação, construiremos uma nação forte, autossustentável, onde o Senhor reinará eternamente.

O Rei olhou pela janela, na direção de onde suas filhas ainda brincavam. Elas haviam se transformado desde a chegada à ilha, e estavam constantemente sorrindo, sentindo-se livres para serem felizes.

— Já deixo testamentado a divisão da ilha Hawis em dois reinos aliados. Ao norte, o controle ficará sobre a coroa de Sua Alteza Cibele, e ao Sul, Sua Alteza Susan se tornará a rainha. Quando se casarem, o poder automaticamente será passado para suas mãos, mesmo se porventura eu ainda esteja vivo.

Havia mais a ser dito e muito mais a ser posto em prática. Seria necessário pedir tropas, pessoas dispostas a trabalharem para a expansão da colônia, firmar acordos, criar leis, investir e organizar, descrever detalhadamente os direitos e deveres entre os dois países, fixar a autoridade de Lies e detalhar como seria a atuação do amigo em relação à autoridade do atual Rei.

Charles sabia que havia renunciado o seu posto. Sabia que estava deixando para trás sua antiga vida e entregando poderes maiores que o seu próprio nas mãos de seu mais querido amigo. Mas naquele momento, Rei Charles Cohen Greent Hawis sentiu seu coração ser tomado por uma paz extraordinária e uma alegria sem fim o dominou.

Ele sabia que havia grandes planos para aquela ilha, não apenas em seu coração.

CONTINUA...

Agradecimentos

Primeiramente eu preciso agradecer ao Senhor e dar toda a Glória a Ele. Se não fosse por Ele, eu nunca teria escrito uma linha sequer, muito menos teria este livro impresso. Ele é quem dá o dom da vida, o dom da escrita e me deu a oportunidade de seguir com esse sonho de ter Amor Real impresso. Soli Deo gloria!

Quanto às pessoas que merecem meu sincero agradecimento por terem um papel fundamental para tornar Amor Real um livro impresso, preciso começar com aquele que é um só comigo. Meu marido, melhor amigo, meu apoio, o meu maior incentivador, o que mais suportou meus dias sentada em frente ao computador. Foi ele quem esteve atento às minhas ideias e às histórias mirabolantes desenvolvidas em minha fértil imaginação, mesmo quando eu tinha certeza de que ele não estava nem um pouco interessado em ouvir. Obrigada, meu amor, sem você eu não estaria com esse livro em mãos.

Quero agradecer também à querida Clys Oliveria, autora de O verdadeiro Propósito e revisora de Amor Real. Ela foi a pessoa mais importante no meu processo de amadurecimento na escrita. Com toda a sua paciência, me ensinou, corrigiu, me mostrou como eu me apego a algumas palavrinhas e a seguir, se esforçou para transformar isso aqui em algo realmente belo. Sem a Clys na minha vida eu não sei se conseguiria dar esse passo tão importante. Ela se tornou uma grande amiga e conselheira, além de motivadora. Minha gratidão nunca poderá ser expressa na medida do que sinto. Amo você!

Preciso dizer o quão grata eu sou pelas outras escritoras participantes da coletânea. Elas não são só colegas de profissão, mas verdadeiras amigas. Kell foi a primeira a me dar uma chance, leu meus rabiscos mal feitos, incentivou, falou de mim para suas leitoras. A Aline e a Dudu chegaram de mansinho, mas vieram para somar. Nós passamos horas conversando e trocando ideias de enredos e personagens, além de boa teologia. Mas, acima de tudo, essas meninas se tornaram amigas mais chegadas do que irmãs e eu amo muito o que Deus tem feito através de

todas nós. Seguimos juntas, escrevendo romances um pouco diferentes dos habituais. Quero vocês para sempre comigo.

Milena, minha querida leitora beta, amiga e irmã, incentivadora, aquela que dá ideias maravilhosas, comenta tudo e passa sua empolgação através de áudios ligeiros. Obrigada, você sabe como foi importante em todo o processo do desenvolvimento de Amor Real. Ela foi a primeira a saber da sementinha brotando no meu coração, avisando do que estaria por vir.

Meninas do grupo Feminilidade Bíblica: eu poderia citar nome por nome e revelar como vocês são importantes para mim e parte de tudo isso. Vocês se tornaram parte da minha família. Mas, para não correr risco de esquecer ninguém e não prolongar demais esses agradecimentos, deixo agrupado um obrigada geral, direcionado a cada uma das minhas meninas. Às queridas do Pureza Radical, meu muito obrigada por toda a confiança e amizade desenvolvida nesse nosso tempo juntas. Amo vocês!

Preciso agradecer, claro, a todos os meus leitores do Wattpad e à própria plataforma. Foi lá que tudo começou e onde eu tive uma grande oportunidade. Obrigada a cada um que leu, votou, comentou, deixou uma palavra de carinho e incentivo. Vocês fazem parte de mim!

Deixo um agradecimento especial a Tereza, por ter feito o papel imprescindível de leitora beta, identificando algumas brechas que não tinham sido observadas anteriormente. Obrigada, querida!

Preciso citar as escritoras Jane Austen e Elizabeth Elliot por me inspirarem a escrever romances usando como base para os enredos aquilo que eu acredito. In memoriam.

E por último, mas não menos importante, a você que adquiriu essa obra, deu uma chance para Amor Real e colaborou de alguma maneira para o crescimento dessa escritora: meu muito obrigada!

Inspiração

“Este povo se aproxima de mim com a sua boca e me honra com os seus lábios, mas o seu coração está longe de mim." - **Mateus 15:8**

"(..) receberemos o bem de Deus, e não receberíamos o mal? (..)" - **Jó 2:10**

" Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu."- **Eclesiastes 3:1**

" O coração do homem pode fazer planos, mas a resposta certa dos lábios vem do SENHOR."- **Provérbios 16:1**

"Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá?" - **Jeremias 17:9**

"E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus."- **Romanos 12:1**

"Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito." - **Romanos 8:28**

"Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias, por amor de Cristo. Porque, quando sou fraco, então, é que sou forte." - **II Coríntios 12:10**

"Converteste o meu pranto em folguedos; tiraste o meu pano de saco e me cingiste de alegria, para que o meu espírito te cante louvores e não se cale. SENHOR, Deus meu, graças te darei para sempre." - **Salmos 30:11 e 12**

"Indo um pouco mais adiante, prostrou-se com o rosto em terra e orou: "Meu Pai, se for possível, afasta de mim este cálice; contudo, não seja como eu quero, mas sim como tu queres."
- **Mateus 26:39**

"Porquanto assim afirma o Alto e Sublime, Aquele que vive para sempre, e cujo Nome é Santíssimo: "Habito no lugar mais majestoso e santo do universo; contudo, estou presente com o contrito e humilde de espírito, a fim de proporcionar um novo ânimo ao quebrantado de coração e um novo alento ao coração arrependido!"- **Isaías 57: 15**

"Ó ser humano! Ele já te revelou o que é bom; e o que Yahweh exige de ti senão apenas que pratiques a justiça, ames a misericórdia e a lealdade, e andes humildemente na companhia do teu Deus!" - **Miqueias 6: 8**

"(...) venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu;"- **Mateus 6: 10**

"Entrega o teu caminho ao Senhor; confia nele, e ele tudo fará. Descansa no Senhor, e espera nele; não te enfades por causa daquele que prospera em seu caminho, por causa do homem que executa maus desígnios." - **Salmos 37: 5 e 7**

"Mas buscai primeiro o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas." - **Mateus 6:33**

"Confia no Senhor de todo o teu coração, e não te estribes no teu próprio entendimento."- **Provérbios 3:5**

"É melhor refugiar-se no Senhor do que confiar no homem." - **Salmos 118:8**

"Bendito o varão que confia no Senhor, e cuja esperança é o Senhor. Porque é como a árvore plantada junto às águas, que estende as suas raízes para o ribeiro, e não receia quando vem o calor, mas a sua folha fica verde; e no ano de sequidão não se afadiga, nem deixa de dar fruto." - **Jeremias 17:7 e 8**

"E por que me chamais: Senhor, Senhor, e não fazeis o que eu vos digo?" - **Lucas 6:46**

"Pois eu bem sei os planos que estou projetando para vós, diz o Senhor; planos de paz, e não de mal, para vos dar um futuro e uma esperança." -

Jeremias 29: 11



O Verdadeiro Propósito – Clys Oliveira

O que te faz acreditar que vale a pena confiar nos planos de Deus?

Marcos, um jovem e promissor músico, teve que recomeçar sua vida do zero. Para muitos, uma tragédia, mas na realidade tudo não passava de uma segunda chance de fazer a coisa certa.

Laura é uma dedicada enfermeira, digna de confiança, e totalmente imersa em seu trabalho. O que ninguém sabe é o que ela esconde atrás de seu constante sorriso... Mesmo sendo uma mulher forte, seu coração carrega uma pesada carga de sofrimento.

Duas pessoas de mundos diferentes, que tem seus caminhos cruzados com um propósito. Um tentando ajudar o outro a vencer as adversidades que a vida impõe, através de algo que vai muito além de uma singela amizade.

Juntos, vão aprender que nem tudo acaba no fim, e que sempre pode haver um lindo recomeço.



Orei por você – Kell Carvalho

As expectativas de Jhenny Park sempre foram as mais altas. Durante toda a sua vida, tinha aprendido a esperar o melhor de seu pai celestial, mesmo se o tempo de espera fosse como um longo salto no escuro. Ainda que não pudesse ver o resultado final, Jheny tinha certeza que deus havia preparado o melhor para sua história. Ainda jovem, ela confiou toda a sua vida ao criador, inclusive seu futuro. Todos os dias, uma gravata colorida lembrava-lhe de orar por alguém especial. E tão real quanto o chão sob seus joelhos era a certeza de que seria atendida. Afinal, ela sabia que era ouvida por aquele que é capaz de sondar o coração dos homens.

O que Jheny não sabia era que os planos de deus para sua vida iam muito além do que ela poderia imaginar. Quando orou pedindo a deus por um marido, não esperava que o caminho até sua oração ser atendida seria tão surpreendente. Há milhares de quilômetros de distância, Dylan Fox provava dos terrores da guerra e de um turbilhão de emoções. Confuso com as palavras de um colega de combate maluco e as constantes lembranças de um par de olhos verdes, Dylan viu sua vida mudar de uma hora para outra de uma forma sobrenatural. Por mais estranhos e tortuosos que os caminhos que Dylan se via obrigado percorrer fossem, ele sentia que algo profundo mudar em seu coração.

Entre lágrimas, joelhos dobrados, gravatas coloridas e um discman *velho, Jheny e Dylan descobririam que deus é o melhor escritor de romances de todos os tempos. Afinal, ele é o próprio amor.*



Do Deserto ao Jardim – Aline CM

Marissol Santino foi abandona aos cinco anos pelo pai e desde então sua vida nunca mais foi a mesma. Enquanto sua mãe trabalhava arduamente para sustentá-la, a pequena Sol crescia desamparada, colhendo em abundância as os frutos da ausência de seus pais.

Após tantos anos vivendo em rebeldia, na vã tentativa de suprir suas carências emocionais, a garota é pega em flagrante no meio de um ato inconsequente. Como punição, sol é obrigada a morar em uma cidadezinha interiorana chamada Nova Canaã, com o maior culpado de toda a ruína em sua vida.

Em meio a tantas confusões, tudo o que Marissol mais deseja é sair do deserto no qual se perdeu. Mas para encontrar um caminho ela precisará abrir mão do seu orgulho e confiar toda a sua vida nas mãos do bom pastor.

"Eu sou o bom pastor; o bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas."
João 10:11



Amor e Graça – Dulci Verissimo

Augustus Foss é um jovem que está em busca de descobrir a verdade sobre a morte de sua mãe, sendo assim parte para a cidade de Vilas-Boas. Ana Muniz, é uma jovem que perdeu sua única família. Sem nenhum recurso procura sobreviver em meio ao caos de sua vida. As vidas desses dois jovens se cruzarão fazendo com que eles vivam uma grande história. Nesse caminho, muitas serão as incertezas e os dilemas. Nos fazendo perguntar: será que eles permanecerão? Essa jornada os ensinará o significado do amor de deus, amor ao próximo, perdão, compaixão, resgate e entenderão que é pela graça que podem prosseguir até o fim. Nunca esquecerão de tudo o que aprenderam.

"Mas eu me lembrarei da aliança que fiz contigo nos dias da tua mocidade e estabelecerei contigo uma aliança eterna".

Ezequiel 16: 60.


Acompanhe o trabalho da autora
@mainamattos
@MainaMattos
mainamattosc@gmail.com


AMOR & FÉ
@amorefelivros
coletaneaamorefe@gmail.com